



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde

AS RELAÇÕES INTERGERACIONAIS E A PARTICIPAÇÃO DOS AVÓS NA
FAMÍLIA DOS FILHOS

MAÍRA RIBEIRO DE OLIVEIRA

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da
Universidade de Brasília, como requisito parcial
à obtenção do título de Doutor em Processos de
Desenvolvimento Humano e Saúde. Área de
concentração: Desenvolvimento Humano e
Educação.

ORIENTADORA: Profa. Dra. MARIA AUXILIADORA DESSEN

Brasília, dezembro de 2011



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde

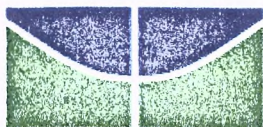
AS RELAÇÕES INTERGERACIONAIS E A PARTICIPAÇÃO DOS AVÓS NA
FAMÍLIA DOS FILHOS

MAÍRA RIBEIRO DE OLIVEIRA

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da
Universidade de Brasília, como requisito parcial
à obtenção do título de Doutor em Processos de
Desenvolvimento Humano e Saúde. Área de
concentração: Desenvolvimento Humano e
Educação.

ORIENTADORA: Profa. Dra. MARIA AUXILIADORA DESSEN

Brasília, dezembro de 2011



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde

TESE APROVADA PELA SEGUINTE BANCA EXAMINADORA:

Maria Auxiliadora Dessen

Profa. Dra. Maria Auxiliadora Dessen - Presidente
Universidade de Brasília – UnB

Deusivânia Vieira da Silva Falcão

Profa. Dra. Deusivânia Vieira da Silva Falcão
Universidade de São Paulo- USP

Alessandra da Rocha Arrais

Profa. Dra. Alessandra da Rocha Arrais
Universidade Católica de Brasília – UCB

Lúcia Helena Cavasin Zabotto Pulino

Profa. Lúcia Helena Cavasin Zabotto Pulino
Universidade de Brasília – UnB

Regina Lucia Sucupira Pedroza

Profa. Dra. Regina Lucia Sucupira Pedroza
Universidade de Brasília – UnB

Brasília, dezembro de 2011.

DEDICATÓRIA

Para meus queridos avós- Tataio, Didita, Marita e Joaquim-, que me transmitiram, direta e indiretamente, os valores que hoje passo para minhas pequenas Ana e Carolina;

E para a minha querida mãe, que teria sido uma avó e tanto.

AGRADECIMENTOS

Aos 60 participantes do estudo, especialmente aos 24 avós, que dividiram comigo histórias e lembranças especiais. O aprendizado que tive com cada um deles foi muito além da coleta de dados: revi meus conceitos sobre a família, o curso de vida, a passagem do tempo e a importância do amor entre as gerações. Essas lições ficarão guardadas para sempre na minha alma, e por isso agradeço com intenso carinho a cada um.

À minha orientadora, Dora Dessen, agradeço pela longa jornada de muita aprendizagem nos últimos seis anos. Quando entrei no mestrado, em 2005, percebia o mundo de uma maneira; hoje, vejo de outra forma o desenvolvimento humano, graças às suas orientações. Por isso, muito obrigada. Agradeço também pela oportunidade de fazer parte da “Equipe LabFam”.

E para esse talentoso grupo, meus mais sinceros agradecimentos. Sem a ajuda da Simone Cerqueira, da Sylvia Senna, da Patrícia Campos Ramos, da Ana Carolina Villas Boas e da Daniela Fontoura, esse percurso do doutorado teria sido muito mais árido e muito menos plural. Pelas revisões, pelas discussões, pelos mais variados tipos de apoios, e pela valiosa amizade, meu muito obrigada.

Agradecer ao meu marido, Rodrigo, por todo o apoio ao longo do doutorado me parece quase impossível. Seu carinho, sua compreensão e as nossas longas conversas foram fundamentais para que eu pudesse completar esse importante momento da minha vida. Agradeço, então, por você simplesmente ser como é, e estar ao meu lado em todos os momentos. Agradeço também às minhas pequenas Ana e Carolina, que desde que nasceram vêm a mãe em frente ao computador... Espero que a minha dedicação sirva de exemplo para o futuro de muito sucesso e felicidade que vocês terão.

À minha “grande” família: minha irmã Laura, meu ombro e ouvido amigo de todas as horas; meu pai, Pedro, pelos valores que soube me passar ao longo da vida, e pelo grande apoio no último ano do doutorado; meu cunhado Rodrigo, por ser um grande amigo; minhas sobrinhas, por alegrarem a minha vida; e minha irmã Raquel, pela presença nos meus anos iniciais de formação. Aos meus sogros Wanda e Ivônio (*in memoriam*), à Tereza e à tia Cecília, meus agradecimentos, por serem avós tão especiais para minhas filhas.

Para meus queridos amigos: Raquel Cairus, Jonathan Lobo, Lorena Bastos, Agrício Braga e Lorena Carvalho. O apoio de vocês e os preciosos momentos de lazer vividos

nos últimos meses foram essenciais para me dar o fôlego necessário nesta jornada. Só quem tem amigos tão maravilhosos como vocês pode entender o valor da rede social de apoio! Agradeço também à Rafaela Noro, que me tratou com a “mágica” do RPG durante o doutorado, aliviando as dores de horas de digitação.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico- CNPq, agradeço pelo fomento durante o desenvolvimento da pesquisa.

Oliveira, M. R. *As relações intergeracionais e a participação dos avós na família dos filhos*. Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, Brasília, 2011, 193 páginas.

RESUMO - Os avós são considerados uma das principais fontes da rede social de apoio da família. Com o aumento da expectativa de vida e as mudanças no papel da mulher, os avós vêm contribuindo cada vez mais para a vida familiar de seus filhos e netos. Apesar disso, poucos são os estudos científicos sobre a transmissão intergeracional e o envolvimento dos avós na vida familiar. Assim, com o propósito de investigar o envolvimento dos avós no núcleo familiar de seus filhos e genros/noras e as relações avós-netos, três foram os eixos norteadores deste estudo: (a) as relações intergeracionais, com ênfase na caracterização dos núcleos familiares dos avós e de seus filhos; (b) os valores transmitidos pelos avós para os pais e dos pais para os filhos, e as concepções de família, avós e neto das diferentes gerações; e (c) as relações entre avós e netos. Com base no modelo Bioecológico de Bronfenbrenner, esse estudo coletou dados com 12 famílias com nível de escolaridade e renda altos, residentes no Distrito Federal, sendo cada uma delas formada por avôs, avós, pais, mães e netos. A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário de caracterização do sistema familiar, um *checklist* sobre a frequência e os tipos de atividades realizadas por avós e netos e três roteiros de entrevistas aplicados aos participantes, com a finalidade de obter informações sobre as concepções de família, a relação avós-netos e as relações dos avós com a geração intermediária. Os resultados indicaram que os avós sempre foram figuras de destaque na família e, ao longo das gerações, eles vêm se tornando emocionalmente mais próximos de seus netos. As duas gerações se apoiam mutuamente, constituindo a principal fonte de suporte uma da outra. Enquanto os avós contribuem com o apoio nas tarefas domésticas e nos cuidados com os netos, os pais contribuem sendo afetuosos e presentes na vida dos avós. Os valores transmitidos pelos avós aos seus filhos são repassados pelos filhos aos seus próprios filhos, particularmente os valores morais e de união da família. Quanto às concepções de avôs e avós, avós e pais responderam que ser avós significa não precisar se responsabilizar pela educação dos netos, enquanto os netos ressaltaram os papéis de cuidadores e socializadores de seus avós. A transição para se tornar avós foi considerada, pela maioria dos avós, como positiva, assim como as características dos netos. Dentre as atividades favoritas realizadas com seus netos, os avós citaram ir ao shopping, fazer compras e lanchar; para os netos, as atividades favoritas eram passear, viajar e sair. Segundo os avós, sua maior contribuição aos netos era o suporte fornecido por meio da presença e da participação em suas vidas. Os avós relataram transmitir aos netos valores morais e a importância da família, valores percebidos pelos netos, de acordo com seus relatos. Os resultados reforçaram a importância das relações intergeracionais para o desenvolvimento do indivíduo e da família, seja fornecendo apoio ou transmitindo valores, ambos essenciais para a manutenção do equilíbrio familiar. Sugere-se que pesquisas futuras mantenham o foco de análise em, no mínimo, três gerações, mas ampliem o conteúdo acerca das contribuições e da participação dos avós na família de seus filhos e netos, para além dos relatos verbais.

Palavras-chave: família, avós, netos, transmissão intergeracional de valores.

Oliveira, M. R. *Intergenerational relationships and the involvement of grandparents in their children's families*. Doctoral Dissertation submitted to the Institute of Psychology, University of Brasilia, 2011, 193 pages.

ABSTRACT- Grandparents are considered one of the main sources of social support network for family. And, with an increasing expectation of life and changes in the women's role, grandparents have been contributing increasingly to the family life of their children and grandchildren. Nevertheless, there have been few scientific studies on intergenerational transmission and the involvement of grandparents in family life. Thus, with the means of investigating the involvement of grandparents in the family household of their children and sons/daughters-in-law, and grandparents-grandchildren relationships, there were three guiding principles in this study: (a) intergenerational relationships, with emphasis on the characterization of family households of grandparents and their children; (b) values transmitted by grandparents to parents and from parents to their own children, the conceptions of family, and grandparents and grandchildren from different generations; and (c) the relationships between grandparents and their grandchildren. Based on the Bio-ecological model by Bronfenbrenner, this study collected data from 12 families with high schooling and income, living in the Federal District, being, each one of them, raised by grandfathers, grandmothers, fathers, mothers, and grandchildren. Data collection was carried out through a questionnaire characterizing the family system, a *checklist* on frequency and types of activities realized by grandparents and grandchildren, and three interview scripts applied to all participants, in order to obtain information on the conceptions of family, grandparents-grandchildren relationship, and the relationships of grandparents with their intermediate generation. The results have indicated that grandparents were always prominent figures in the family, and, across generations, they have become emotionally closer to their grandchildren. In addition, the two generations are mutually supportive, compounding the main source of support one to each other. While grandparents contribute providing support in household tasks and taking care of their grandchildren, parents contribute being affectionate and present in their grandparents' lives. Besides, the values transmitted by grandparents to their children are re-passed by their children to their own children, particularly moral and family union values. Related to conceptions of grandfathers and grandmothers, grandparents and parents responded that being grandparents mean not having to be responsible for their grandchildren's education, while grandchildren highlighted their grandparents as caregivers and having socializing roles. Furthermore, the transition to becoming grandparents was reported, by most of grandparents, as being a positive one, as well as the characteristics of grandchildren. Among the favorite activities realized by their grandchildren, grandparents mentioned going to the shopping mall, going shopping and having snacks; for the grandchildren, the favorite activities were hanging out, traveling and going out. According to grandparents, their major contribution was providing support through their presence and participation in their grandchildren's lives. Moreover, grandparents reported transmitting moral values and the importance of family to their grandchildren, and their grandchildren, according to their reports, could perceive these values. The results have reinforced the importance of intergenerational relationships for the development of the individual and family, whether providing support or transmitting values, and both being essential for the maintenance of family balance. Further researches are suggested, maintaining the analysis focused on a minimum of three generations, but those should expand the content on the participation and contributions of grandparents for the family of their children and grandchildren, going beyond verbal reports.

Key words: family, grandparents, grandchildren, intergenerational values transmission

SUMÁRIO

	Página
DEDICATÓRIA	iv
AGRADECIMENTO	v
RESUMO	vii
ABSTRACT	viii
LISTA DE TABELAS	xiii
LISTA DE FIGURAS	xv
APRESENTAÇÃO	1
INTRODUÇÃO	4
Os Avós em Diferentes Perspectivas Teóricas: um Olhar do Desenvolvimento Humano	4
Perspectivas Demográficas	4
A Perspectiva Evolucionista	8
Os Estudos Transculturais e a Perspectiva Ecológica	10
Os Avós como Rede Social de Apoio das Famílias	15
Os Avós e suas Relações com seus Netos, Filhos e Genros/noras	22
Os Estilos de Avós e as Atividades Desenvolvidas entre Avós e Netos	23
As Relações entre as Três Gerações Familiares: Linhagem, Gênero e Idade	27
A Transmissão de Valores Intergeracionais: Avós, Pais e Netos	31
JUSTIFICATIVAS E OBJETIVOS	36
Relevância Social: os Avós como Fonte de Apoio na Família	36
Relevância Científica: ampliando o Foco de Análise	38
METODOLOGIA	41
O Modelo Bioecológico de Bronfenbrenner	41
O Modelo e Seus Componentes	43
Método	46
Participantes: Avós, Pais e Netos	46
Seleção das Famílias	47
Caracterização da Geração Familiar 1	48
Caracterização da Geração Familiar 2	49
Caracterização da Geração Familiar 3	49
Procedimentos para a Coleta de Dados	50
Os instrumentos	51
Questionário de caracterização do sistema familiar	51
Checklists	52
Entrevistas	52

Estudos pilotos	53
Procedimentos para Análise dos Dados	54
Etapa 1- Análise das Entrevistas de um Grupo de Participantes (avós, pais ou netos) que Respondeu a um Mesmo Roteiro	54
Etapa 2- Elaboração do Novo Sistema Preliminar de Categorias- Para Cada Roteiro de Entrevista	56
Etapa 3- Revisão do Sistema Preliminar e Elaboração do Sistema Integrado (Definitivo) de Categorias- Para cada Roteiro de Entrevista	56
Etapa 4- Validação do Sistema de Categorias Integrado	56
RESULTADOS	58
As Relações Intergeracionais: as Famílias de origem, as Famílias Atuais e as Contribuições entre a GF1 e a GF2	58
Lembranças Marcantes: a Infância, os Pais, as Mães e os Avós	58
As Famílias Atuais: Relações Parentais e Conjugais, Divisão das Tarefas Domésticas e Rede Social de Apoio	66
As Contribuições entre a GF1 e a GF2	74
A Transmissão Intergeracional: os Valores e as Concepções	78
Os Valores Recebidos pela GF1 e pela GF2 por suas Famílias de Origem	78
Os Valores Transmitidos pela GF1 e pela GF2 para suas Famílias Atuais	79
As Concepções de Família, Avô, Avó e Neto	81
As Concepções de Genros, Noras, da Educação dos Netos, das Similaridades e Diferenças dos Avós nos Papéis de Pais e Avós e os Avós Ideais	87
As Relações entre Avós e Netos	92
O Tornar-se Avós: Lembranças e Sentimentos Marcantes	93
Como os Avós Percebiam seus Netos, e como Contribuíam em suas Vidas	94
Quais Atividades eram Realizadas por Avós e Netos?	96
As Contribuições e os Valores Transmitidos da GF1 à GF3	104
Quais Características Familiares Influenciavam nas Relações Avós-Netos?	108
DISCUSSÃO	111
O que os Resultados Sugerem?	111
Como eram as Famílias do Estudo?	111
Como eram as diferentes gerações?	111
Como a GF1 e a GF2 viam sua História Familiar?	113
Como a GF1 e a GF2 Percebiam sua Família Atual?	115
Como se Davam as Contribuições entre a GF1 e a GF2?	117
Quais as Concepções das Três Gerações sobre Família, Avós, Avós e Netos?	119

Como eram as Concepções dos Avós Acerca de seus Genros e Noras e sobre a Educação dos Netos?	121
Como eram as Relações Avós-Netos?	121
Como foi, para a GF1, a Transição para se Tornar Avós?	121
O que Avós e Netos faziam Juntos?	122
Quais as Contribuições e os Valores que os Avós Transmitiam aos Netos?	124
Quais características Familiares se Mostraram Relevantes para as Relações Avós-netos?	126
Sugestões para Pesquisas Futuras	128
REFERÊNCIAS	135
APÊNDICES	151
APÊNDICE A: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	152
APÊNDICE B: Questionário de Caracterização do Sistema Familiar	154
APÊNDICE C: Lista para assinalar (<i>checklist</i>)	177
APÊNDICE D: Roteiros de Entrevistas Semi-Estruturadas (avós, pais e netos)	179
APÊNDICE E: Sistema de Categorias: a Família de Origem e a Família Nuclear Atual dos Avós (GF1)	184
APÊNDICE F: Sistema de Categorias: a Família de Origem e a Família Nuclear Atual dos Pais (GF2)	185
APÊNDICE G: Sistema de Categorias: as Concepções da GF1 sobre Família, Avô e Avó	186
APÊNDICE H: Sistema de Categorias: as Concepções da GF2 sobre Família, Avô e Avó	187
APÊNDICE I: Sistema de Categorias: as Concepções da GF3 sobre Família, Avô e Avó	188
APÊNDICE J: Sistema de Categorias: a Participação dos Avós na Vida do Neto, Segundo a GF1	189
APÊNDICE K: Sistema de Categorias: a Participação dos Avós na Vida do Neto, Segundo a GF2	190
APÊNDICE L: Sistema de Categorias: a Participação dos Avós na Família Nuclear, Segundo a GF1	191
APÊNDICE M: Sistema de Categorias: a Participação dos Avós na Família Nuclear, Segundo a GF2	192
APÊNDICE N: Sistema de Categorias: a Participação dos Avós na Família, Segundo a GF3	193

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Gênero, Idade e Número de Irmãos dos Netos, e Número de Netos dos Avós do Estudo	50
Tabela 2. Frequência e Percentuais Relativos sobre os como era a Família de Origem, Segundo os Relatos da GF1 e da GF2	60
Tabela 3. Percepção da GF1 e da GF2 Acerca de seus Próprios Avós, Quanto às Lembranças Marcantes	65
Tabela 4. As Características das Relações Parentais na Família Atual, Segundo Avós e Pais	68
Tabela 5. Percentual de Tipos de Contribuições fornecidas pela GF1 à GF2, Segundo os Relatos da GF1 e da GF2	75
Tabela 6. Frequência e Percentual de Tipos de Contribuições fornecidas pela GF2 à GF1, Segundo o Relato da GF1	76
Tabela 7. Tipos de Contribuições Fornecidas por Avôs e Avós aos Netos, de Acordo com a GF2, em Frequência e Percentual	77
Tabela 8. Concepções de Avôs e Avós, Segundo a GF1 e a GF2, por Frequência e Percentual de Verbalizações	84
Tabela 9. Concepções de Netos, Segundo a GF1 e a GF2, por Frequência e Percentual de Verbalizações	86
Tabela 10. Características de Avôs e Avós Ideais, em Frequência e Percentual, Segundo a GF2	90
Tabela 11. Frequência e Percentual de Avôs e Avós cujas Características nos Papéis de pais e de Avós eram Semelhantes e/ou Diferentes, de Acordo com seus Filhos	92
Tabela 12. Sentimentos de Avôs e Avós no Nascimento do Primeiro Neto	93
Tabela 13. As Características dos Netos, Segundo os Avós, por Frequência e Percentual	95
Tabela 14. As Atividades Realizadas entre Avós e Netos em Locais Públicos e em Casa, Quanto aos Tipos, em Frequência e Percentual	98
Tabela 15. Tipos de Atividades Favoritas Realizadas entre Avós e Netos, por frequência e Percentual, Segundo a GF1	99
Tabela 16. Tipos de Atividades Realizadas por Avós e Netos na Perspectiva da GF3, em Frequência e Percentual	102
Tabela 17. Frequência e Percentual de Tipos de Contribuições fornecida pela GF1 à GF3, Segundo o Relato da GF1	105
Tabela 18. Tipos de Valores Transmitidos pela GF1 à GF3, Segundo os Relatos da GF1, da GF2 e da GF3	106

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Percentual de tipos de proximidade emocional da GF1 e da GF2 com seus próprios avós	63
Figura 2. Percentual de respostas de avós e pais acerca da qualidade de suas relações conjugais	69
Figura 3. Divisão das tarefas domésticas, por atividades e por realizadores na GF1	70
Figura 4. Divisão das tarefas domésticas, por atividades e por realizadores, na GF2	71
Figura 5. Comparação da divisão de tarefas domésticas na GF1 e na GF2, em percentual	71
Figura 6. Divisão de cuidados com o neto alvo, quando ele estava sob os cuidados dos avós	73
Figura 7. Divisão de cuidados com a criança alvo na GF2	73
Figura 8. Tipos de valores transmitidos pelos avós aos pais, segundo o relato da GF1 e da GF2, em percentual	80
Figura 9. Percentual relativo de concepções de família, segundo a GF1 e a GF2	82
Figura 10. Tipos de papel de avôs e avós segundo os netos, em percentual	85
Figura 11. Percentual de concordância ou discordância dos avós quanto à educação dos netos	88
Figura 12. Considerações dos avós acerca das similaridades físicas ou comportamentais com seus netos, em percentual	96
Figura 13. Frequência de encontros entre avós e netos nos últimos 15 dias, segundo o relato dos avós	97
Figura 14. As atividades pretendidas com os netos, segundo os avós, em percentual	101

APRESENTAÇÃO

Com as mudanças ocorridas nas últimas décadas nas sociedades ocidentais, como os avanços da medicina e as melhorias nas condições de alimentação e higiene, as pessoas estão vivendo cada vez mais. É comum encontrarmos, com maior frequência, aquelas que vivem após os 90 anos de vida, tanto na população oriental quanto na ocidental. Os dados brasileiros, constatados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE (2010), indicam que a expectativa de vida vem aumentando gradativamente no País: em 1980, o brasileiro vivia, em média, até os 62,6 anos de idade; em 1997 ele vivia até 69,3 anos e, em 2009, chegava aos 73,17 anos. Além disso, a população de pessoas de 60 anos ou mais aumentou 47,8% na última década, e hoje os brasileiros com mais de 65 anos são 5,8% do total do país (IBGE, 2011). Frente a esta nova realidade, não apenas mais pessoas têm a possibilidade de se tornarem avós como passam a viver esse papel por mais tempo, gerando mudanças nos paradigmas das relações familiares (Attar-Schwartz, Tan, & Buchanan, 2009; Bentley, 2007; Coall & Hertwig, 2010; Segalen, 2005) e nos padrões de comunicação na família (Geurts, Poortman, Tilburg, & Dykstra, 2009; Soliz, Lin, Anderson & Harwood, 2005).

Embora ainda predomine uma imagem estereotipada dos avós nos dias atuais, pensá-los como pessoas idosas, aposentadas e limitadas às atividades domésticas já não é mais o caso (Barth, 2004; Marangoni, 2007). Atualmente, os avós podem ter uma vida repleta de atividades, com muitos deles mantendo-se ativos profissionalmente, não dependendo dos filhos e dos netos (Goodman, Potts, Pasztor & Scorzo, 2004).

Os avós exercem importante atuação na família, sendo, muitas vezes, os principais componentes da rede social de apoio dos pais, divorciados ou não (Henderson, Hayslip Jr., Sanders, & Loudon, 2009). Os avós são, também, as principais fontes de apoio das famílias durante os primeiros estágios do grupo familiar, isto é, quando os seus filhos formam a sua própria família e têm filhos nos estágios iniciais da infância (Lopes, Prochnow & Piccinini, 2010; Oliveira, 2007). Este apoio continua na adolescência e na fase adulta de seus netos, tornando inegável a colaboração dos avós para a manutenção do equilíbrio e da estabilidade da vida familiar.

Os avós são, portanto, parte ativa da família contemporânea, e os estudos realizados acerca das relações familiares devem incluí-los (Taylor, Robila, & Lee, 2005). A produção científica, no entanto, não vem acompanhando as alterações ocorridas no cotidiano das sociedades, no que tange aos estudos sobre as relações entre avós e seus netos (Mitchell,

2007). Se a produção estrangeira ainda é incipiente, a literatura brasileira é quase inexistente (Falcão & Salomão, 2005). Tanto a Psicologia como a Sociologia, as principais produtoras de conhecimento acerca da família, durante muito tempo ignoraram os avós na pesquisa científica, enfocando apenas os casais e suas relações com seus filhos (Kemp, 2007).

Entretanto, apesar de escassa, a literatura sobre a participação dos avós na vida de seus netos vem crescendo, e esse interesse, iniciado nas últimas três décadas do século passado, foi motivado, especialmente, pelas mudanças na família, com destaque para o divórcio dos pais, e o conseqüente aumento da participação dos avós na vida familiar (Winston, 2006).

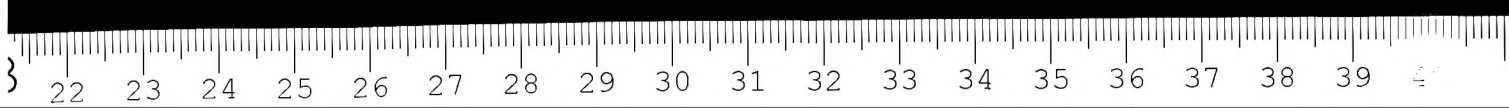
Grande parte das pesquisas tem como foco os avós guardiões, que são os principais cuidadores de seus netos (Fuller-Thomson & Minkler, 2007; Lumpkin, 2008); porém não só os temas de investigação vêm sendo expandidos, como também os participantes dos estudos: se anteriormente o foco estava nas avós, hoje ele vem sendo ampliado também para os avôs, além de incluir os netos e seus pais (Bullock, 2004; Kemp, 2007; Quadrello & cols., 2005). Aos poucos, os estudos nessa área vêm sendo direcionada para uma perspectiva mais sistêmica da família, integrando os seus diversos membros nas investigações realizadas (Silverstein & Giarrusso, 2010).

Frente à necessidade de estudar as relações existentes entre avós e netos na família contemporânea, esta pesquisa tem como foco descrever o envolvimento dos avós no núcleo familiar de seus filhos e genros/noras e a relação avós-netos. Para isto, ênfase será dada às atividades realizadas por avós e netos, à transmissão intergeracional de valores, à contribuição entre as famílias e às concepções dos participantes acerca de família, avô, avó e neto.

Participaram desse estudo 12 famílias residentes no Distrito Federal, sendo cada uma delas constituída pelos avós maternos ou paternos, seus filhos biológicos, genros/noras e seu neto/neta, que tinha entre 4 e 11 anos de idade. Os avós e a família dos netos residiam em locais diferentes, não havendo situação de coabitação, seja na mesma casa, seja no mesmo terreno.

Avós, pais e netos participaram de uma entrevista semiestruturada, que visava caracterizar a história de vida, a relação avós-netos e a sua participação na vida familiar. Um questionário de caracterização do sistema familiar foi respondido por um dos membros de cada geração familiar. Tanto o avô quanto a avó preencheram, ainda, um *checklist* com questões sobre a freqüência e o tipo de atividades realizadas com seus netos.

Pretendemos, com os resultados do estudo, estimular pesquisas futuras com uma amostra mais significativa, de modo que possam fornecer subsídios para as políticas públicas direcionadas aos avós e às famílias, uma vez que os avós requerem suporte e, ao mesmo tempo, são importantes fontes de apoio para as famílias de seus filhos e netos.



Este capítulo introdutório aborda questões relativas aos avós sob a perspectiva do desenvolvimento humano. Na primeira seção, o papel dos avós na vida familiar é discutido, dando-se ênfase às perspectivas demográficas e evolucionista, aos estudos transculturais e ecológicos e aos avós como rede social de apoio das famílias. A segunda seção enfoca as relações mantidas entre avós, seus netos, seus filhos e genros/noras, destacando os estilos dos avós e as atividades desenvolvidas por eles e seus netos, além das relações entre as três gerações, considerando as questões de linhagem, gênero e de idade de avós e netos, além da transmissão de valores intergeracionais.

Os Avós em Diferentes Perspectivas Teóricas: um Olhar do Desenvolvimento Humano

Nesta seção serão apresentadas diferentes perspectivas teóricas para a compreensão do papel dos avós na família. A perspectiva demográfica trata dos aspectos básicos do curso de vida tardio, enquanto a perspectiva evolucionista ressalta as origens etológicas deste papel familiar. Os estudos transculturais e a perspectiva ecológica apresentam os avós em diferentes culturas e em diferentes ambientes, refletindo arranjos familiares diversos ao redor do mundo. Já o apoio oferecido à família pelos avós é focado ao final desta seção, com destaque para a importância dos avós no cotidiano da vida familiar.

Perspectivas Demográficas

Segundo indicadores internacionais, a velhice tem início entre 60 e 65 anos, e vai até o fim da vida (Fingerman & Pitzer, 2007). Porém, não é fácil definir quando se dá o início do curso de vida tardio, porque a velhice “não é somente um fato biológico, mas também um fato cultural” (Beauvoir, 1990, p. 20) e, conseqüentemente, difere entre as culturas. Portanto, a idade é um marcador limitado e, mais importante do que definir uma idade, a fim de classificar esta etapa do curso de vida, é conhecer os eventos que ocorrem durante esse período (Bentley, 2007).

As idades possíveis para se tornar avós iniciam em torno dos 30 anos, embora não exista uma data-limite, e nessa ampla gama de possibilidades, encontramos pessoas com modos de vida muito diferentes (Falcão & Salomão, 2005; Segalen, 2005). Por outro lado, a maior parte dos avós encontra-se no curso de vida tardio, e as transições vividas por eles nesta etapa do desenvolvimento são os elementos-chave para a estrutura, a função e a qualidade do papel de avós (Kivett, 1998). Assim, para compreender o papel dos avós nas famílias contemporâneas, é fundamental conhecer os marcadores demográficos da etapa do

curso de vida tardio, sempre considerando que ser avô e avó está dissociado de ser idoso, e que ser idoso não significa ser avô ou avó (Attias-Donfut & Segalen, 2002).

Tornar-se avô/avó é, sem dúvida, um dos principais marcadores da transição para o curso de vida tardio (Armstrong, 2003). Entretanto, há outros marcadores, também importantes, que são: (a) a saída dos filhos de casa; (b) o declínio na saúde e o eventual surgimento de doenças; e (c) a aposentadoria e o possível declínio nas condições financeiras.

Após a saída dos filhos de casa, o relacionamento marital passa por importantes transformações, já que os avós precisam reestruturar seu cotidiano de casal, após duas ou três décadas vivendo com seus filhos no lar. Isso significa que eles precisam se readaptar às mudanças, estabelecer nova rotina e fazer ajustes no relacionamento conjugal (Walsh, 1980). Este pode ser um período de fácil adaptação, mas também pode ocasionar crises pessoais ou conjugais, já que é propício à solidão e à insatisfação, denominado de “síndrome do ninho vazio” (Silveira & Wagner, 2006). Esta situação negativa pode ser ainda mais sofrida em decorrência da redução no número de filhos nas famílias modernas (Kemp, 2007).

Apesar da saída dos filhos de casa ser tradicionalmente um marcador para o curso de vida tardio, atualmente há estudos que mostram que essa saída já não é mais tão usual, e que a “síndrome do ninho vazio” pode ser substituída pela do “ninho cheio”. É cada vez mais comum que a partida dos jovens para a sua independência, de forma solitária ou com o casamento, se prolongue por anos, ou mesmo não aconteça (Coelho, 2002). Segundo Bentley (2007), este efeito parece estar relacionado a dificuldades financeiras e, também, a uma adolescência cada vez mais estendida.

Outra situação que configura o “ninho cheio” é o chamado “efeito bumerangue”, ou seja, quando os filhos saem de casa para iniciar uma nova família, mas após a separação, retornam ao lar dos pais, seja em busca de apoio financeiro ou emocional (Coutrim, 2006; Silveira & Wagner, 2006). Nestes casos, é comum que o filho retorne levando seus próprios filhos, e o casal passa a coabitar também com seus netos, gerando importantes transformações nos relacionamentos familiares.

Outro marcador relevante é o declínio na saúde e o eventual surgimento de doenças, trazendo implicações para o idoso e para todo o funcionamento da família. O declínio, nesta fase, se dá prioritariamente de maneira primária, ou seja, em decorrência da deterioração natural das células do nosso organismo (Berger, 2003; Guedea, 2005; Palacios, 2008; Papalia & Olds, 2000). Esta etapa atinge tanto pessoas saudáveis como

aquelas que possuem algum problema de saúde. Já o envelhecimento secundário está relacionado a hábitos pouco saudáveis ao longo da vida, como a má-alimentação, o sedentarismo e o tabagismo.

O surgimento de doenças, seja pelo próprio processo de envelhecimento do nosso corpo, seja em decorrência do envelhecimento secundário, e a possível dependência causada por elas, constituem dois fatores que merecem destaque em se tratando do período do curso de vida tardio. Segundo Blane, Higgs, Hyde e Wiggins (2004), as doenças crônicas afetam em muito a qualidade de vida do adulto e do idoso. Idosos que viviam de maneira independente podem passar a precisar de cuidados intensos, e essa transição pode ocorrer em um curto espaço de tempo, mobilizando suas famílias para uma nova organização, a fim de contemplar as necessidades desse membro.

Algumas doenças características da velhice, como o Alzheimer, podem levar a alterações em toda a dinâmica familiar (Cruz & Hamdan, 2008). Segundo Lee e Gottlieb (1994), cuidar de um parente doente pode ser um fator de estresse para os membros familiares, pois a responsabilidade da família por tais cuidados implica não apenas custos materiais, mas também possíveis complicações físicas e emocionais por parte de seus cuidadores (Trentini, Chachamovich, Figueiredo, Hirakata & Fleck, 2006).

Em estudo realizado no Brasil acerca dos cuidadores de idosos com Alzheimer, Falcão e Bucher-Maluschke (2009) verificaram que a principal responsável pelos cuidados destes é a filha, que geralmente é casada e passa a dividir a residência com seus pais, provocando mudanças em sua dinâmica familiar. Além dos filhos destes idosos, seus netos também sofrem com as mudanças que a doença acarreta em seus avós. Manthorpe (2005) aponta que as crianças que convivem com avós doentes requerem atenção, e é fundamental que tenham acesso a informações sobre a doença. Além disso, as crianças devem se sentir seguras para se informarem sobre a doença e contribuírem com os cuidados dispensados aos seus avós, caso desejem.

Outro importante aspecto a ser considerado nessa etapa do curso de vida é a aposentadoria, marcada por eventos estressantes que influenciam toda a vida familiar (Bentley, 2007). Embora em algumas culturas a aposentadoria seja vista como uma recompensa, um momento de descanso após tantos anos de trabalho (Witter, 2006), no mundo globalizado e competitivo, em geral, ela é freqüentemente vista como um momento negativo, em que o adulto se sente incapaz e inútil (Bentley, 2007). Neste contexto, a aposentadoria é uma das maiores mudanças enfrentadas na vida adulta, e é comum que sentimentos complexos estejam presentes nesta transição, podendo contribuir

significativamente para perdas na vida social e no próprio papel exercido na sociedade (Battini, Maciel & Finato, 2006).

Mesmo quando a aposentadoria ocorre de maneira harmoniosa, a própria alteração na rotina dos avós predispõe a família a novos desafios (Witter, 2006). Por exemplo, os avós que passam mais tempo em companhia de seus netos podem aumentar as desavenças com seus próprios filhos, por não concordarem com a maneira como as crianças vêm sendo educadas (Thomas, Sperry & Yarbrough, 2000). Por outro lado, eles podem constituir importantes fontes de apoio para a família de seus filhos, conforme explicitado no último tópico desta seção.

A estabilidade financeira também é uma questão primordial, já que possuir moradia própria e receber benefícios sociais são aspectos que estão fortemente ligados à qualidade de vida do adulto e do idoso (Blane & cols., 2004). Porém, a aposentadoria pode levar a um declínio da estabilidade financeira, comprometendo o poder aquisitivo de toda a família (Witter, 2006). Nesses casos, os avós podem optar por coabitar com seus filhos e netos, considerando ser esta uma opção mais econômica, além de também poder contar com o apoio emocional de seus próprios filhos e netos (Silverstein, 1995).

No Brasil, entretanto, vem se tornando cada vez mais comum que os idosos optem por continuar trabalhando, postergando a aposentadoria até não possuírem mais capacidade laborativa (Coutrim, 2006). Esta é uma realidade também em outros países mais pobres, particularmente da América Latina, já que boa parte das famílias não consegue sobreviver apenas com os proventos da aposentadoria (Nascimento, 2006). No Distrito Federal, segundo dados do IBGE, 60% das famílias são chefiadas por mulheres e, destas, mais da metade possui mais de 40 anos (Montenegro, 2007, 4 de fevereiro). Essas mulheres sustentam a casa, seus filhos e, muitas vezes, seus netos.

Com base no Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), as famílias brasileiras que possuem idosos estão em melhores condições econômicas do que aquelas que não possuem, demonstrando que a idéia do idoso como dependente não é mais correta (Camarano, 2002). Segundo Coutrim (2006), os avós brasileiros de classes com menos recursos financeiros, que continuam trabalhando, oferecem a seus netos o complemento financeiro que os pais não podem dar. Alguns avós oferecem recursos básicos para seus netos, como o acesso à educação, à alimentação e à moradia, ou mesmo a aquisição de alguns supérfluos. Possuir condições de ajudar seus filhos e netos com a atividade laborativa que exercem, segundo Coutrim, traz satisfação e um novo significado para estes idosos. Continuar trabalhando e, conseqüentemente, complementar a renda

familiar, muda a concepção do idoso dentro da família, que deixa de ser visto como um “fardo” para se tornar parte essencial do núcleo familiar (Marangoni, 2007). A visão dos avós como trazendo uma contribuição essencial para a família é também compartilhada pelos teóricos e pesquisadores adeptos da perspectiva evolucionista, sumarizada a seguir.

A Perspectiva Evolucionista

Biólogos e etólogos acreditam que a participação intergeracional nos cuidados com a prole não é uma circunstância atual, nem restrita apenas aos seres humanos. O apoio prestado pela família vem sendo usado para explicar uma série de comportamentos dos homens, como o longo período de dependência na infância, a menopausa, o curto espaço possível entre as gestações, entre outros (Gibson & Mace, 2005). Afinal, se o suporte fornecido por membros mais velhos não fosse necessário à conservação e preservação da espécie, não haveria sentido na sobrevivência após o ciclo reprodutivo, de acordo com esta visão.

Segundo a perspectiva evolucionista, a sobrevivência da espécie após o período reprodutivo é considerada uma “anomalia biológica”, pois ao que tudo indica, a menopausa seria não-adaptativa e traria mais malefícios do que benefícios à espécie (Coall & Hertwig, 2010). Uma das explicações possíveis para a menopausa durante os anos em que as mulheres ainda possuem saúde e vigor físico é que este fato as predispõe a se tornarem avós prestativas, e este benefício que as avós podem dar para as próximas gerações seria tão positivo à sobrevivência da espécie quanto a sua própria reprodução (Coall & Hertwig, 2010).

Após o período reprodutivo, então, as avós podem investir seus recursos fisiológicos para seus próprios filhos e seus netos, de modo a facilitar a reprodução dos primeiros e a sobrevivência dos segundos. Essa característica, importante para a sobrevivência da espécie nos primeiros agrupamentos humanos é, ainda hoje, importante, já que a participação das mulheres no mercado de trabalho demanda que outras pessoas possam ajudá-la nos cuidados com sua prole.

Durante a transição de pequenos primatas coletores para primatas altamente especializados na caça coletiva, nosso cérebro passou por importantes transformações. Essa adaptação exigiu um tempo maior extra-útero para o seu desenvolvimento e transformação, fazendo com que o bebê humano necessitasse de cuidados intensivos durante os primeiros anos. Essa necessidade de atenção e treinamento requeria atenção não apenas da mãe e do pai: quanto mais adultos estivessem empenhados nessa tarefa, maiores

e melhores as chances dessa criança conseguir chegar à idade adulta (Workman & Reader, 2004). Sendo assim, as famílias foram constituídas, primordialmente, visando a segurança que suas crianças necessitavam para se desenvolver.

Os estudos sugerem, portanto, que a tarefa de cuidar, alimentar e proteger os bebês sempre foi compartilhada entre os diferentes membros dos grupos humanos e de primatas, com papel de destaque para as cuidadoras mais velhas, especialmente as avós (Goodman & cols., 2004; Hawkes, 2004). Além disso, quando os filhotes se tornam órfãos, a principal substituta da mãe é, geralmente, a avó (Nozaki, 2009), o que demonstra a importância desta figura do ponto de vista evolucionário.

As observações de gorilas realizadas por Nakamichi, Silldorff, Bringham e Sexton (2004) ilustram bem a importância do apoio da avó gorila para a continuidade da sua linhagem. As interações entre uma jovem mãe gorila, Ione, e sua experiente mãe, Alberta, foram observadas. Anteriormente, Ione havia tido um filhote, porém o havia negligenciado. Alberta, por sua vez, já havia criado três filhotes, incluindo Ione. Desde o momento do nascimento, Ione oferecia seu bebê para Alberta, que gentilmente o recusava. Nos terceiro e quarto dias de vida, Ione não mais oferecia seu bebê para Alberta, e as interações entre elas ocorriam apenas quando Ione deixava o filhote no chão: Alberta o levava para a mãe, que tornava a acolhê-lo. Portanto, Alberta ofereceu à Ione, uma jovem adulta, o encorajamento necessário para cuidar do seu filhote, e a maneira como a encorajou pode ser caracterizada como um treinamento para a filha.

O mesmo ocorre em se tratando de agrupamentos humanos. De acordo com Hawkes (2004), a participação das avós maternas nos cuidados com a prole de suas filhas aumenta suas chances de sucesso reprodutivo, e também contribui para explicar a maior longevidade entre as mulheres, quando comparadas aos homens. Essa hipótese, denominada “hipótese das avós”, sugere que a razão para as mulheres viverem por mais tempo é uma questão de sobrevivência. Como os bebês humanos não podem se alimentar sozinhos é necessário que suas mães obtenham os alimentos para eles. Porém, essa não é uma tarefa simples, e a ajuda de mulheres mais velhas aumenta as chances do sucesso reprodutivo de suas filhas. Dentre essas avós, as mais vigorosas e saudáveis poderiam ajudar com maior frequência a sua prole, aumentando ainda mais a probabilidade de passar adiante este vigor para seus descendentes. Mesmo que essa hipótese não seja confirmada empiricamente pela perspectiva evolucionista, é interessante destacar como o apoio fornecido pelas avós foi importante para a sobrevivência da nossa espécie.

Biológica e evolutivamente, os avós não precisariam ter mais nenhuma participação na família, pois o simples fato de terem tido filhos já daria a eles a certeza de que o investimento no futuro de seus genes já foi feito (Friedman, Hechter & Kreager, 2008). Porém, o comportamento social dos adultos mais velhos dos grupos humanos mostra que apenas garantir a preservação de seus genes não é o suficiente, já que eles continuaram fornecendo os cuidados necessários para seus netos e suas famílias, das mais variadas formas (Goodman & cols., 2004). Apesar das evidências sobre a importância dos cuidados dos avós para as maiores chances de sobrevivência da espécie, ainda não há consenso entre evolucionistas, sociólogos e economistas sobre os motivos que explicam o altruísmo com que os avós participam do cuidado de seus netos. Para compreender melhor a participação dos avós na vida de seus netos, é fundamental levar em consideração a contribuição dos estudos transculturais, que fornecem informações valiosas acerca dos avós em diferentes contextos sociais.

Os Estudos Transculturais e a Perspectiva Ecológica

Nas diferentes nações, os avós participam da vida familiar promovendo apoio e suporte para seus filhos e netos (Armstrong, 2003; Soliz & cols., 2005). No entanto, estas relações diferem muito ao redor do mundo, podendo ser afetuosas, distantes, ou mesmo desrespeitosas. Segundo Ikels (1998), os estudos sociológicos que comparam as relações avós-netos em diferentes países consideram como principais aspectos para a compreensão do papel dos avós nas sociedades: (a) a natureza do sistema de descendência, (b) a flexibilidade do conceito de parentesco, e (c) a organização dos arranjos domésticos e os padrões de residência. Estes três principais delimitadores serão utilizados, a seguir, para sumarizar as diferenças nas relações avós-netos ao redor do mundo.

Quanto ao primeiro aspecto, a natureza do sistema de descendência, Ikels (1998) considera que é importante compreender como a linhagem materna e paterna são valorizadas nas diferentes culturas. Há sociedades em que a linhagem paterna é predominante sobre a materna; em outros ambientes, a linhagem materna se sobrepõe e há, ainda, culturas em que não há predominância entre as linhagens.

Japão, Coréia, Indonésia e Turquia são países onde tradicionalmente a linhagem patrilineal é mais influente para a configuração familiar (Nauck & Suckow, 2006). Isso significa que pais e avós são as figuras de poder na família, e os responsáveis pelas tomadas de decisões. Na China esta também é a linhagem predominante e, segundo Ikels (1998) a própria linguagem reflete isso: há cinco termos distintos para chamar os parentes,

designando não só quem é a pessoa na família, mas identificando a ordem de seu nascimento e destacando os homens. Aos netos são dados dois nomes, “netos” para os filhos dos filhos e “outros netos”, para os filhos das filhas (p. 44).

Porém, apesar de essencialmente patrilinear, há países onde a linhagem matrilinear possui destaque. Entre as mulheres latinas de diferentes países, por exemplo, é usual a divisão dos cuidados dispensados aos filhos com membros de sua família extensa, e as avós maternas possuem um papel proeminente e de grande influência. Quando comparadas com mães norte-americanas, por exemplo, as mexicanas relataram que as opiniões de suas próprias mães eram as mais relevantes para elas (Burnette, 1999), enquanto as norte-americanas procuravam, também, outras opiniões.

Há países, ainda, em que há similaridades entre as duas linhagens, não havendo preponderância entre elas, como é o caso da Alemanha e de Israel (Nauck & Suckow, 2006). Essa é uma tendência em sociedades mais avançadas culturalmente, que já assimilaram o conceito de igualdade entre os gêneros. Cabe ressaltar, entretanto, que não há ligação comprovada entre a linhagem predominante nos diferentes países e a qualidade percebida nas relações (Nauck & Suckow, 2006).

O segundo aspecto a ser considerado para ampliar a compreensão do papel dos avós nas sociedades contemporâneas refere-se à flexibilidade do conceito de parentesco. Quando o conceito de avós não se limita apenas aos aspectos biológicos, mas se estende também para pessoas mais velhas, que não tiveram seus próprios netos, e/ou que gostariam de ser “adotadas” como avós de alguma criança ou jovem (Ikels, 1998), a sociedade tem a lucrar, pois a rede de pessoas íntimas se amplia. Porém, quando a cultura limita a tarefa de ser avô e avó apenas aos laços consangüíneos, podem surgir situações em que aqueles idosos que não tiveram seus próprios filhos e/ou netos podem sentir falta de desempenhar este papel.

Apesar de não haver dados acerca deste tema entre os avós brasileiros, podemos presumir que a pesquisa científica indicaria que, no Brasil, há uma maior flexibilidade quanto ao conceito e papel de avós, considerando as diversidades regionais brasileiras (Torres & Dessen, 2007). Como há o costume de chamar de “tia” as mulheres mais velhas que cuidam das crianças, como a professora, uma prestadora de serviço ou a mãe de outras crianças, também há a tendência de se referir aos idosos como o “vovô” ou a “vovó”, ainda que não haja laços consangüíneos. Este costume parece refletir uma maior aceitação da cultura brasileira para agregar pessoas como membros de sua família, independentemente dos laços de consangüinidade, incluindo aí a figura dos avós.

Por fim, em relação à organização dos arranjos domésticos e aos padrões de residência, notam-se diferenças importantes nas sociedades em que avós moram em residências separadas ou vivem juntos, na mesma casa, terreno ou oca, compartilhando as atividades domésticas e os cuidados com a criança cotidianamente (Ikels, 1998).

Quando avós e netos moram em residências separadas, eles tendem a ter vidas mais independentes, e o papel dos avós tende a ser diferenciado do papel parental. Já nas residências compartilhadas, os avós podem atuar mais no papel de pais, e essa convivência constante altera a natureza das relações, podendo haver confusão de papéis, com os avós desempenhando o papel de pais. Na Tailândia, por exemplo, é cada vez mais habitual a coabitação entre avós e seus netos em decorrência, principalmente, da inclusão feminina no mercado de trabalho. As mães contam com o apoio dos avós, que passam a residir na mesma moradia de seus netos, a fim de prover-lhes os cuidados necessários, enquanto elas trabalham. Essa convivência acaba por alterar as relações mantidas entre avós e netos ao longo da vida, com conseqüências ainda pouco conhecidas (Yi, Pan, Chang & Chan, 2006).

Na China, os avós também são os principais guardiões de seus netos, tanto pela necessidade que pais e mães têm de trabalhar quanto em decorrência da tradição, no País, de que são os avós que devem cuidar de seus netos, quando os pais não podem fazê-lo (Nyland, Zeng, Nyland & Tran, 2009). Além do trabalho em tempo integral, bastante comum naquele país, a migração vem se tornando crescente e, nestes casos, as crianças geralmente são deixadas em seus vilarejos de origem, sendo cuidadas, predominantemente, por seus avós.

Avós oriundos da América Central e residentes na América do Norte vivem, freqüentemente, no mesmo lar de seus netos e se tornam os seus guardiões (Fuller-Thomson & Minkler, 2007; Goodman & Silverstein, 2002). Estes avós encontram-se, em grande parte, em situação de pobreza e, alguns, em situação de extrema pobreza. Situação semelhante é vivida por avós indígenas da América do Norte e do Alasca, que coabitam e são, muitas vezes, os guardiões de seus netos, apesar das poucas condições econômicas e, muitas vezes, de problemas de saúde (Fuller-Thomson & Minkler, 2005).

Em nações menos ricas, também é comum que os avós não apenas sejam os principais responsáveis pelos cuidados com os netos e as tarefas domésticas, mas também pelo sustento de toda a família (Fuller-Thomson & Minkler, 2007). Gibson e Mace (2005) verificaram, na Etiópia, que as avós possuem um efeito positivo na saúde de seus filhos e netos, e o apoio que elas provêm aumenta as chances de sobrevivência das crianças em um

ambiente altamente precário. O suporte oferecido pelas avós se dava especialmente na divisão das tarefas domésticas, particularmente no primeiro mês de vida do bebê. Como neste estágio o recém-nascido é mais vulnerável, a ajuda da avó possibilita que a mãe se concentre na criança, aumentando, assim, suas chances de crescer com saúde.

O apoio cotidiano dos avós para seus filhos, genros/noras e netos também se faz presente nas mais diversas culturas. Segundo Setiadi (2006), na Indonésia, por exemplo, apenas uma minoria dos idosos depende das gerações mais novas de sua família, e uma grande parte é a principal responsável financeira por ela.

Além das diferenças relativas à organização dos arranjos domésticos, há outros aspectos que devem ser levados em consideração, quando queremos compreender o papel dos avós em diferentes culturas. Por exemplo, em algumas sociedades, os adultos mais velhos, independentemente dos laços consangüíneos, têm papel de destaque como contadores de histórias, transmitindo informações sobre a família e a comunidade (Brandão, Smith, Sperb & Parente, 2006). Estas pessoas não apenas passam os valores próprios de seu tempo e de suas crenças, como também servem de elo entre o passado, o presente e o futuro, situando as novas gerações em uma história familiar da qual fazem parte (Brown & Roodin, 2002). Os indígenas norte-americanos mais velhos ilustram este fato, pois têm sido valorizados pela sua capacidade de transmitirem valores para as novas gerações, tornando fundamental a convivência intergeracional. Eles são responsáveis por garantir que seus netos mantenham os conhecimentos e os valores tribais tradicionais, particularmente quanto à espiritualidade, cooperação, linguagem e apreciação da natureza (Robbins, Scherman, Holeman & Wilson, 2005). Para atingir estes objetivos, eles se utilizam de histórias e de brincadeiras.

Portanto, nas diferentes nações, as relações entre os avós e seus netos se diferenciam pelas características ecológicas do contexto em que vivem. Assim, a perspectiva ecológica, que considera a interação e a interdependência entre os indivíduos e seus ambientes, como os contextos imediatos de desenvolvimento (King, Russell, & Elder Jr, 1998), parece bastante apropriada, possibilitando uma melhor compreensão das relações entre avós e netos. Na medida em que o ambiente promove diferentes maneiras de avós e netos se relacionarem, a forma como uma determinada sociedade lida com seu contexto físico, histórico e cultural molda as relações vividas por eles.

As famílias rurais norte-americanas, que vêm sendo reduzidas em decorrência do êxodo rural e da posterior migração para os centros urbanos, constituem um bom exemplo. King, Silverstein, Elder Jr., Bengtson e Conger (2003) concluíram, em pesquisa realizada

com jovens da Califórnia, que os netos residentes em fazendas possuíam maior contato com seus avós quando comparados aos residentes nos centros urbanos. Embora ambos os adolescentes (de áreas rurais e urbanas) tenham contato com avós de linhagem materna, os de zonas rurais são os que mais contato possuem com os avós de linhagem paterna.

Por habitarem em área rural, as famílias se tornam mais isoladas, e os idosos passam a contar menos com o apoio de seus pares e de seus familiares (Bullock, 2004). Soma-se a isso uma situação cada vez mais comum nos EUA, que é o fato de os avós, que possuem menos recursos financeiros, precisarem cuidar de seus netos enquanto seus pais trabalham. De acordo com Bullock, essa necessidade de atuarem como pais novamente, somado ao isolamento social e às dificuldades financeiras, gera situações de grande estresse que, posteriormente, pode levar a graves problemas de saúde para os avós. Nessa situação é fundamental que os avós possam contar com uma rede de apoio eficaz, que os ajudem a lidar com as dificuldades próprias da vida no campo e dos cuidados com os netos.

No Brasil, em estudo realizado com 48 adolescentes da área rural no interior de São Paulo, Faco (2008) constatou que os avós eram percebidos positivamente, pois ofereciam apoio emocional e afetivo aos netos, além de auxiliar na educação e na realização das tarefas domésticas. As diferenças entre avós e seus netos vivendo em contextos urbanos e rurais são importantes, pois nos permitem compreender o que seria próprio deste tipo de ambiente, e quais características são genuinamente provenientes das relações familiares (King & cols., 1998).

Outra situação que está se tornando mais freqüente nas famílias contemporâneas, especialmente nas nações mais ricas, são as famílias formadas por casais homossexuais (Dnes, 2007). Em casos de famílias com mulheres homossexuais, por exemplo, os avós precisam lidar com a filha homossexual e sua parceira, seus netos, um pai que talvez não se envolva, e uma avó paterna que talvez queira se envolver. Esta situação constitui um grande desafio para os avós, que necessitam se adaptar à nova configuração familiar e, ao mesmo tempo, lidar com sua própria visão de família, ancorada, provavelmente, em conceitos tradicionais (Perlesz & cols., 2006).

Portanto, não apenas os contextos interacionais no ambiente familiar, mas também os físicos, são fundamentais para compreender as relações humanas (Bronfenbrenner & Morris, 1998). Embora relevantes, os estudos ecológicos ainda são pouco explorados nas pesquisas envolvendo as relações avós-netos. A participação dos avós na família pode se dar de diversas maneiras: os avós podem participar de maneira cotidiana na vida dos netos,

podem ser a principal fonte de apoio dos pais e dos netos ou podem manter distância e serem negligentes. A seguir, teceremos algumas considerações a respeito dos avós atuando como rede social de apoio familiar.

Os avós como Rede Social de Apoio das Famílias

Tanto em situações normativas quanto em momentos de crise, o apoio dos avós pode constituir fator protetivo para a família, possibilitando suporte psicológico, financeiro e instrumental, além de maior proximidade emocional com os seus netos (Hank & Buber, 2009; Letiecq, Bailey & Kurtz, 2008; Lumpkin, 2008; Wood & Liopsis, 2007). Os avós constituem uma importante fonte de apoio para os pais, especialmente para aqueles que necessitam trabalhar e não têm com quem deixar seus filhos (Goodman, 2007; Mitchell 2007). Neste caso, além de cuidarem dos netos, eles assumem, muitas vezes, a execução das tarefas domésticas (Gibson & Mace, 2005).

O cuidado entre as gerações têm início quando os avós prestam cuidados à gestante e, logo após, acolhem o recém-nascido (Flores, 2008), pois, neste momento, o apoio social desempenha papel preponderante frente às necessidades financeiras e de descanso da mãe, aos cuidados dispensados ao bebê e à divisão de tarefas domésticas (Dessen & Braz, 2000; Gottlieb & Pancer, 1988). Este suporte é fundamental para os cuidados pré e pós-natais recebidos pela mãe, além de possibilitar a diminuição de ocorrências de eventos estressantes (Salmela-Aro, Nurmi, Saisto, & Halmesmäki, 2000).

Por ocasião do nascimento dos filhos, a rede social de apoio atua desde o período pré-concepcional até o pós-parto (Gottlieb & Pancer, 1988; Piccinini, Silva, Gonçalves, Lopes, & Tudge, 2004). Dentre os participantes da rede social de apoio da mãe durante as transições decorrentes do nascimento de filhos, os seus companheiros e os próprios pais ou sogros são citados como os principais colaboradores, pois oferecem à ela o suporte na realização das tarefas domésticas e nos cuidados dispensados ao bebê (Burchinal, Follmer & Bryant, 1996). Os estudos têm confirmado a participação dos avós, que também constituem fontes importantes de suporte familiar, provendo apoio emocional, financeiro e instrumental à mães, pais e filhos (Reynolds, Wright, & Beale, 2003).

No entanto, com frequência, as organizações de saúde não consideram relevante a participação dos avós na promoção da saúde materna e infantil, por acreditar que eles não promovem as práticas modernas de saúde, perpetuando antigos e perigosos vícios (Aubel, Touré & Diagne, 2004). De acordo com Dommergues e Lemaire (2005), neste contexto, os

avós são vistos como vetores de tradições e crenças ancestrais, geralmente consideradas obsoletas.

Um dos possíveis conflitos entre as orientações das organizações de saúde e os conselhos fornecidos pelas avós é referente à amamentação. As mães necessitam do suporte de suas próprias mães durante a transição decorrente do nascimento de filhos, mas seus conselhos podem, de fato, refletir práticas culturais ultrapassadas no que se refere à amamentação (Grassley & Eschiti, 2008). Por exemplo, em um estudo realizado no Brasil por Susin, Giugliani e Kummer (2005), verificou-se que as avós podem influenciar negativamente na amamentação dos seus netos, tanto na sua duração quanto na sua exclusividade. Apesar das orientações para a amamentação exclusiva até, pelo menos, os seis meses de idade do bebê, as mães que tinham contato diário com suas próprias mães eram mais propensas a ter prejuízos no aleitamento exclusivo, pois as avós indicavam o uso de complementos ao leite materno. Uma das explicações para isso é o fato de a maioria das avós do referido estudo ter sido mãe em uma época em que esta prática não era tão valorizada, passando, assim, a sua própria experiência com a amamentação para as suas filhas, independentemente das orientações atuais.

Por outro lado, os estudos de Aubel e cols. (2004) contradizem esta idéia, pois demonstram, com base em uma amostra de avós africanas, que elas não são avessas às 'novidades', e que atualizam seus conhecimentos ancestrais às necessidades presentes, atuando como líderes em suas comunidades. Estas avós estão atentas aos desejos de suas famílias e sabem oferecer a sua ajuda, respeitando as necessidades atuais de sua cultura. Uma das explicações para isto, a nosso ver, é o fato da cultura africana valorizar a sabedoria do "idoso", e isso constituir fator preponderante para que eles estejam sempre podendo "atualizar" seus conhecimentos, já que são os principais responsáveis pela transmissão de cultura de uma geração para outra.

Nos EUA, 6,2 milhões de crianças vivem com, ao menos, um de seus avós (Mutchler & Baker, 2009). Estes avós podem apenas coabitar com seus netos e seus pais, ou podem ser os principais responsáveis por eles. Segundo Goodman e Silverstein (2002), os avós que moram com seus filhos e netos atuam como parceiros na educação e, apesar de este tema ainda ser pouco explorado na literatura científica, há evidências de que esta coabitação seja positiva para os netos. Em estudo realizado com 5.866 famílias estadunidenses formadas por mães solteiras e seus filhos, Mutchler e Baker verificaram que, quando ao menos um dos avós residia na mesma casa, as famílias possuíam menor probabilidade de se situarem na linha da pobreza ou abaixo dela. A presença dos avós em

casa aumentava a receita familiar e, muitas vezes, este era o principal recurso do lar. Parte deste dinheiro era disponibilizado pelos avós, para o bem-estar das crianças, sendo investido nas necessidades básicas de seus netos.

Os avós têm ocupado, cada vez mais, o lugar de guardiões de seus netos, quando os pais não podem assumir este papel (Fuller-Thomson & Minkler, 2007; Reynolds & cols., 2003), independentemente do poder aquisitivo da família (Silva & Tokumaru, 2008). Segundo dados de Minkler e Fuller-Thomson (1999), nos Estados Unidos, um em cada 10 avós já foi responsável pela criação de seus netos por, ao menos, seis meses, sendo esse prazo muitas vezes estendido por três ou mais anos. Apesar de no Brasil não haver dados específicos sobre avós que criam seus netos, houve um grande aumento de coabitações do tipo “famílias com parentesco” entre os anos de 1970 (581.555) e 2000 (1.902.476), incluindo a figura dos avós entre outros membros da família (Nascimento, 2006).

Os avós assumem o papel de guardiões, em geral, devido às necessidades ou à incapacidade dos genitores (Burnette, 1999; Goodman, Potts & Pasztor, 2007). A impossibilidade de seus filhos e/ou de genros/noras cuidarem de seus próprios filhos geralmente ocorre nos casos em que eles faleceram, estão envolvidos com o abuso de drogas, possuem alguma doença debilitante ou instabilidade mental, passam por necessidades financeiras, ou agem com negligência em relação ao menor (Dias, Costa & Rangel, 2005; Goodman & Silverstein, 2006). Nestas situações, os avós podem se responsabilizar por seus netos de maneira informal ou formal, quando, então, mantêm a guarda dos menores.

Quando os avós não apenas residem com seus netos, mas também são seus guardiões, a dinâmica familiar se modifica (Winston, 2006). Para a maioria dos avós, os cuidados primários dispensados aos netos acarretam conseqüências negativas, tanto físicas como emocionais, já que este compromisso pode levar ao isolamento social e afetivo dos avós, à diminuição do tempo e da energia para o auto-cuidado, a um aumento de gastos financeiros (Minkler & Fuller-Thomson, 1999; Mitchell, 2007; Thomas & cols., 2000) e de sintomas depressivos (Blustein, Chan & Guanais, 2004). Além disso, na condição de guardiões de seus netos, os avós, com freqüência, enfrentam uma diminuição dos aspectos prazerosos em suas relações com eles, dentre os quais os encontros espontâneos e os “mimos”, que são substituídos por uma situação de obrigação, especialmente para a avó, que se torna a principal responsável por mais uma geração.

Há fortes evidências de que avós que são os guardiões de seus netos apresentam elevado risco de estresse emocional e físico (Goodman & Silverstein, 2006; Lever &

Wilson, 2005), e essa nova situação não pode ser ignorada (Burnette, 1999). A responsabilidade de criar e educar um neto não é uma tarefa fácil, e os serviços de saúde e bem-estar nem sempre atentam para este fato, que constitui um desafio para as políticas de saúde pública.

Por outro lado, quando são cuidados por seus avós, os netos também podem experimentar sentimentos conflitantes, pois ao mesmo tempo em que se sentem gratos pelo apoio prestado por eles, percebem a si próprios como barreiras para a felicidade dos seus avós (Lever & Wilson, 2005). Dependendo da circunstância que os levou a viver com seus avós, os netos podem sentir medo de serem novamente abandonados, ou temer que seus pais exijam que eles voltem a viver com eles, em uma experiência de insegurança.

Apesar dos efeitos negativos, cabe ressaltar que dificilmente os avós recusam a tarefa de cuidar de seus netos, independentemente de quão custosa ela possa ser, mesmo que eles vivam em condições precárias de habitação e saúde (Fuller-Thomson & Minkler, 2005). O compromisso que os avós percebem ter com sua descendência faz com que eles se responsabilizem pela prole de seus filhos, ainda que haja algumas perdas em suas vidas cotidianas. E, apesar das perdas, há benefícios que não se restringem apenas ao aumento da receita domiciliar, já que há ganhos para avós e netos nesta convivência.

Alguns estudos identificam aspectos positivos nos avós que são os guardiões de seus netos, como maior satisfação de vida e influências positivas do convívio com gerações mais jovens (Bullock, 2004). Apesar de as evidências apontarem para uma sobrecarga emocional e física quando os avós assumem a posição de guardiões de seus netos, eles se adaptam a essa circunstância, especialmente quando possuem uma rede social de apoio participativa, incluindo membros familiares, amigos e instituições (Stevenson, Henderson & Baugh, 2007). Algumas dessas mulheres recebem a tarefa de cuidar dos netos como uma “segunda chance”, ou mesmo como um alívio para a solidão que enfrenta nesta etapa do curso de vida (Hank & Buber, 2009). Os avós que criam seus netos podem desenvolver estratégias assertivas, desempenhando, portanto, papel preponderante no funcionamento educacional e no bem-estar destes (Oburu & Palmérus, 2003).

Nos casos em que avós afro-americanas se tornam as guardiãs de seus netos, em decorrência da morte de seus filhos pelas complicações da AIDS, Winston (2006) constatou que, nestas situações, elas não lidam com suas responsabilidades como um fardo. A maioria das avós relatou um fortalecimento do vínculo com seus filhos quando da doença, conexão esta que continuou na relação avós-netos. O sentimento de “continuação

da espécie” estava presente nestas avós: já que seu filho não havia sobrevivido, todos os esforços deveriam estar voltados para seus netos.

Parker e Short (2009), após examinarem dados de uma pesquisa realizada com 9.000 famílias de Lesotho, no sudeste africano, verificaram que a participação das avós era não somente crucial para a sobrevivência dos órfãos de pais infectados pelo HIV, mas também muito importante para aquelas crianças cujas mães estavam debilitadas pela doença e, portanto, não possuíam o mesmo vigor para dispensar os cuidados necessários a elas. Segundo Linsk e Mason (2004), os avós são os cuidadores freqüentes de crianças infectadas pelo HIV e o aumento do número de crianças africanas órfãs em decorrência da AIDS expandiu o interesse acerca do papel das avós neste continente.

Os avós desempenham um importante papel também nas situações de gravidez de seus filhos adolescentes, pois a maioria das jovens continua coabitando com seus próprios pais durante a gestação e o nascimento do bebê. Este evento afeta toda a família de maneira complexa, trazendo conseqüências tanto positivas como negativas (Maposa & SmithBattle, 2008). De acordo com Sadler e Clemmens (2004), os conflitos existentes entre as mães e suas filhas adolescentes estão relacionados às decisões quanto à criação da criança, o tempo passado com os amigos, as tarefas domésticas e as escolhas e prioridades das jovens mães.

Outro momento em que avós realizam importante função como rede social de apoio da família é a situação de separação/divórcio dos pais. Neste contexto, há mudanças significativas nas relações dos avós com seus filhos, genros/noras e netos (Henderson & cols., 2009). A relação entre os avós e seus netos é, de modo geral, negativamente influenciada pelo divórcio de seus filhos. Quando são os filhos que detêm a custódia dos netos, há uma maior convivência e aproximação. Quando a custódia é do ex-genro ou ex-nora, há diminuição na freqüência das visitas e um aumento dos telefonemas entre avós e netos. Segundo Giarrusso, Silverstein e Bengtson (1996), para os avós cujos filhos não obtiveram a guarda de seus filhos, há uma tendência de distanciamento nas relações avós-netos.

No Brasil, Araújo e Dias (2002) verificaram os tipos de apoio oferecidos pelos avós antes e após a separação ou o divórcio de seus filhos, ocorrido nos dois anos anteriores à coleta de dados. Esse estudo, realizado na Paraíba, contou com a participação de 30 avós de netos de até 12 anos, que não moravam com eles, nem antes nem após a separação. Para a coleta foi utilizado um questionário composto por três partes: a primeira, sobre o apoio oferecido pelos avós aos netos; a segunda, sobre como foi este apoio no período

subseqüente ao divórcio e, a terceira, sobre os dados sociodemográficos das três gerações. Os resultados mostraram que os avós, após a separação/divórcio, tendem a se aproximar mais dos genros/noras. Essa aproximação se deve tanto ao fato de os avós se sentirem emocionalmente próximos a essas pessoas, quanto à necessidade de manter o contato com os netos. As atividades mais valorizadas pelos avós foram dar conselhos, transmitir informações sobre a família e telefonar para os netos. Houve uma diminuição na freqüência das visitas motivadas apenas pela iniciativa dos avós, e um aumento destas quando requisitadas por seus filhos/filhas. Estes dados são, portanto, diferentes daqueles encontrados por Giarrusso e cols. (1996), uma vez que os avós brasileiros procuram aproximar-se dos pais para que não percam o acesso a seus netos.

Ao comparar 334 jovens provenientes de famílias intactas e divorciadas dos EUA, Henderson e cols. (2009) verificaram que a qualidade das relações entre avós e netos cujos pais haviam se divorciado era mais intensa. O apoio recebido pelos netos por seus avós, especialmente as avós maternas, foi positivo durante a vivência do divórcio e mesmo após, durante a adolescência e o início da vida adulta. Estes resultados sugerem que o suporte oferecido pelos avós, em um momento de crise, foi decisivo para o fortalecimento dos laços entre os avós e seus netos, laços estes que, aparentemente, se mantêm estreitos mesmo por anos após a ocorrência do divórcio.

Uma questão que tem sido foco de estudos, especialmente nos Estados Unidos, é a maneira como a justiça define a possibilidade de visitas entre avós e netos, tanto em caso de divórcio quanto em caso de morte dos pais. Segundo Henderson (2005), essa é uma questão polêmica, pois a justiça considera que o convívio entre avós e netos, em alguns casos, é positivo, pois aproxima a criança ou o adolescente de seu passado e do convívio com familiares da outra parte da família, com quem a convivência é menor. Já em outras situações, a justiça acredita que essa convivência traz ainda mais estresse para o neto, pois ele pode ficar no centro de conflitos envolvendo seus pais e seus avós, e isso é vivenciado como uma situação extremamente negativa. Trata-se, portanto de situação muito delicada, e a decisão judicial deve ser tomada depois de acurada reflexão sobre cada caso.

Ainda sobre esse dilema, Henderson (2005) considera que muito ainda falta à justiça americana para avançar, já que os requisitos para a decisão sobre a visita dos avós são pouco claros e arbitrários. Os "interesses da criança" geralmente são o ponto de decisão; porém, nota-se que, de acordo com o caso, esses interesses podem estar mais ligados a alguns dos familiares do que à própria criança. Portanto, tanto os direitos das

crianças quanto os direitos de seus pais e de seus avós devem ser avaliados de maneira cuidadosa, para que esta decisão favoreça todos os envolvidos.

Infelizmente, no Brasil, muito pouco vem sendo discutido sobre esse assunto. Segundo Barretto (1989), o direito de visita dos avós aos netos, apesar de não existir na legislação, é reconhecido e aceito, e baseia-se no “espírito de solidariedade que deve reger as relações entre parentes” (p. 34). Porém, em um momento de separação ou divórcio, a solidariedade familiar nem sempre é o sentimento mais comum, o que pode dificultar imensamente a continuidade das relações entre avós e netos. Portanto, se à justiça americana faltam grandes avanços nessa questão, pode-se dizer que a justiça brasileira ainda dá os primeiros passos nesse quesito.

Um avanço, porém, foi dado recentemente, em 2009, quando a Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania (CCJ) aprovou o projeto de lei (PLS 692/07) que garante aos avós o direito de visita aos netos. O projeto busca assegurar aos avós a manutenção do relacionamento com os netos, a fim de preservar esta convivência. O projeto determina ainda que, quando um dos pais se opuser à visita dos avós aos netos, caberá ao juiz decidir sobre estas visitas, sempre priorizando o interesse da criança.

Independentemente das questões legais, pelo fato de os avós, em geral, estarem em um ciclo de vida “possivelmente” mais estabilizado, tanto do ponto de vista financeiro quanto emocional, eles têm condições de contribuir de forma a amenizar o sofrimento do filho, genro/nora e netos em situação de divórcio. No entanto, a possibilidade dessas contribuições serem efetivas está relacionada a uma série de fatores, como a condição de saúde dos avós, a distância geográfica, a custódia parental, entre outros. Cabe ressaltar, também, que nem sempre os avós estão disponíveis para oferecer a seus netos, filhos, genros e noras o apoio de que necessitam.

Outra situação que vem se tornando mais freqüente é o divórcio dos próprios avós. Quando isso acontece, os avós relatam haver maior distância geográfica (às vezes, causada por mudanças de local de moradia) e laços afetivos menos fortes com seus filhos e netos. Segundo Attias-Donfut e Segalen (2002), o contato dos avós divorciados com seus netos é sempre menor do que aquele mantido entre avós casados e seus netos. O divórcio pode comprometer mais fortemente o contato entre o avô e seus netos, já que ele encontra maiores dificuldades em se manter ligado à sua família de origem (King, 2003; Swensen, 1994).

Quando os avós se casam novamente, as relações com os netos são estremecidas, pois eles se voltam para o atual relacionamento conjugal, deixando de lado o

relacionamento com seus descendentes (Segalen, 2005). Se os avós possuem netos descendentes do casamento atual, eles tendem a se aproximar mais destes e a se afastar dos netos provenientes do primeiro casamento (Attias-Donfut & Segalen, 2002). Por sua vez, os netos, no caso de recasamentos de seus avós, passam a conviver com 'avós não consangüíneos', ou seja, aqueles que são "herdados" por eles quando um de seus avós se casa novamente.

A qualidade das relações entre avós e seus netos não consangüíneos depende de fatores como a idade dos netos no momento do recasamento e a freqüência com que neto e avós não-biológicos se vêem (Swensen, 1994). Se os avós não-biológicos se envolvem com esses netos desde a infância, as relações entre eles podem ser de vínculos tão fortes como aqueles mantidos entre avós e netos biológicos (Giarrusso & cols., 1996). O apoio prestado por estes avós é freqüente, em diversos momentos da vida, especialmente naqueles caracterizados pelas transições familiares.

Alguns estudos sugerem que não há diferenças significativas entre os avós biológicos e os não biológicos, no que tange ao envolvimento com seus netos (Armstrong, 2003). Entretanto, pode haver dificuldades dos avós aceitarem os netos do novo cônjuge como sendo também seus (Attias-Donfut & Segalen, 2009) e, caso ocorra um novo divórcio nesta família, não há mais a obrigatoriedade de se manter um relacionamento entre avós e netos (Serewicz, 2005). Segundo Soliz e cols. (2005), o número de avós e netos não-consangüíneos vem aumentando; porém, eles ainda recebem pouca atenção dos pesquisadores e pouco ou quase nada se sabe a respeito das implicações de tais composições familiares para as relações avós-netos (Swensen, 1994).

Apesar de ser cada vez mais comum o divórcio entre os avós, pouco se sabe sobre as implicações dessa situação para as relações familiares, já que eles fazem parte das primeiras gerações a se divorciar, resultando em poucos estudos acerca deste tema (Attias-Donfut & Segalen, 2002). No entanto, a literatura dos últimos anos vem registrando um crescimento acentuado do interesse pelo tema das relações entre os avós e seus netos, filhos, genros e noras, conforme detalhado na próxima seção deste capítulo introdutório.

Os Avós e suas Relações com seus Netos, Filhos e Genros/noras

Há uma grande diversidade nas relações mantidas entre avós e seus netos (Soliz & cols., 2005), pois a experiência de ser avô e avó é complexa, e depende do contexto social e cultural, além da própria história de vida de cada família ao longo de gerações (Kreppner, 2000). Portanto, para compreender as relações avós-netos nas diversas configurações

familiares, especialmente no que concerne a hábitos, frequência dos encontros e dependência emocional e/ou material entre as três gerações (avós, pais e netos), bem como o apoio instrumental e afetivo fornecido pelos avós aos seus descendentes (Quadrello & cols., 2005). Assim, nesta segunda seção, apresentamos as características das relações entre avós e netos, filhos, genros e noras, com destaque para os estilos de avós e as atividades desenvolvidas entre avós e netos, e as interações entre as três gerações familiares, enfocando os possíveis efeitos da linhagem e do gênero dos avós, bem como da idade, tanto dos avós quanto dos netos. A transmissão de valores intergeracionais, com ênfase nos avós, pais e netos é sumarizada no último tópico desta seção introdutória.

Os Estilos de Avós e as Atividades Desenvolvidas entre Avós e Netos

As sociedades ocidentais da atualidade têm se caracterizado pelo número escasso de membros familiares e, ao mesmo tempo, por uma longa convivência entre as gerações: as famílias passam, então, a se relacionar mais de maneira intergeracional do que intrageracional (Williams & Nussbaum, 2001). Segundo Bengtson (2001), as relações entre os diferentes membros geracionais são ainda mais importantes neste momento em que vivemos, por três razões: (a) o aumento na expectativa de vida, resultando em maior número de anos de convivência compartilhada entre as gerações; (b) a importância dos avós em preencher as funções da família; e (c) a força e a resiliência da solidariedade intergeracional ao longo do tempo. As relações multigeracionais vêm sendo fortalecidas, ainda, por causa das mudanças na estrutura familiar, como o divórcio, que pode levar à busca de uma maior estabilidade em relações familiares alopais (Gauthier, 2002).

Em artigo pioneiro e histórico sobre o papel dos avós americanos, Neugarten e Weinstein (1964) descrevem quatro estilos de papéis dos avós: (a) o estilo “formal”, quando há uma demarcação clara entre os papéis de pais e avós, e quando estes participam da vida familiar de maneira mais ocasional; (b) o estilo “de diversão”, quando os avós interagem com seus netos em atividades de lazer, com enfoque no prazer deste tipo de convivência; (c) o estilo “substituto”, geralmente realizado pelas avós quando a mãe trabalha ou, por algum outro motivo, que a impeça de dedicar-se integralmente a seus filhos; (d) o estilo de “guardião da sabedoria familiar”, geralmente protagonizado pelo avô, em um papel bastante tradicional; e (e) o estilo “distante”, quando os avós comparecem em ocasiões especiais, como datas festivas, e por um tempo rápido.

Quando da publicação deste estudo, Neugarten e Weinstein, em meados da década de 60 do século passado, reportaram a prevalência dos estilos formais e do “em prol da

diversão”. Decorridos quase meio século, muitas mudanças ocorreram nas famílias, mas estes estilos permanecem atuais. O que parece ter mudado é a freqüência com que estes papéis são encontrados nas sociedades contemporâneas. Por exemplo, é notório o aumento do estilo de pais substitutos, em todas as partes do mundo (Williams & Nussbaum, 2001). Com a participação dos avós no cotidiano familiar se intensificando, é de se esperar uma diminuição dos estilos formais, de “guardadores da sabedoria familiar” e de figuras distantes.

Gauthier (2002), em uma classificação mais atual dos estilos de avós, propõe uma subdivisão em três tipos:

1. O “encarregado” pela educação, que são aqueles avós que cuidam de seus netos, substituindo, em vários momentos, os pais da criança. Eles moram próximos, se encontram com freqüência e os avós consideram suas famílias o centro de suas vidas, sentindo verdadeiro prazer nesta função. Eles atuam como pais e rejeitam o *status* de serem mais permissivos com seus netos, sendo severos na educação, especialmente pelo medo de que seus netos sucumbam aos problemas centrais da atualidade, como o uso de drogas e o sexo precoce que, segundo os avós, se devem à permissividade excessiva desta geração de pais. Eles consideram, portanto, que ao estarem próximos de seus netos, participando intensivamente do seu cotidiano, eles podem evitar que estas crianças, no futuro, tenham comportamentos considerados inadequados.
2. O “especialista”, aqueles avós que possuem um tempo menor para a sua família e, por isso, estão presentes em apenas algumas das esferas da vida de seus netos, “especializando-se” nelas. Estes avós tendem a ter menos responsabilidades para com seus netos, e estas tendem a ser mais específicas, como o apoio nas tarefas escolares ou em atividades de lazer. De modo geral, estes avós sempre tiveram uma vida voltada para outros interesses que não só a família e, durante esta etapa do desenvolvimento, mantêm esta dinâmica, com interesses em atividades de trabalho, de lazer ou esportivas, dentre outras. Ao se tornarem pais, estes avós buscaram outras atividades e interesses além do casamento e dos filhos e, ao se tornarem avós, fizeram o mesmo, mantendo certa independência e autonomia em relação ao resto da família. A restrição no tempo dispensado aos seus filhos e netos não significa que haja menos amor ou solidariedade na família, mas apenas que o investimento dos avós ocorre de maneira diferente dos “encarregados”.
3. Os passivos, aqueles que convivem com os netos em poucas ocasiões ao ano, e que são divididos em dois tipos: os quase-ausentes, que muitas vezes possuem tantos netos que é quase impossível dar atenção para cada um; e os ausentes, quando a relação com os netos

não é considerada, já que muitas vezes não há, de fato, contato com eles. Este tipo é usual após conflitos não solucionados com os pais dos netos, o que traz rupturas à família.

A classificação de Gauthier (2002), apesar de não focalizar os avós na perspectiva de guardiões de seus netos, retrata, de maneira fiel, as três principais tendências no convívio de avós e netos: os avós altamente envolvidos; os avós próximos e presentes, mas menos envolvidos; e os avós ausentes. Estas possibilidades são influenciadas por diferentes fatores que interferem nos padrões de comunicação mantidos entre avós e seus netos, e variam de acordo com cada configuração familiar. A história reprodutiva dos avós e o tamanho da família atual, por exemplo, são indicadores interessantes para a compreensão das relações entre avós e netos. Em estudo suíço realizado com 658 netos e 591 de seus avós, esses fatores foram comparados à proximidade entre ambos (Coall, Meier, Hertwig, Wänke & Höflinger, 2009). Os dados apontaram que os avós que foram pais mais jovens tinham mais filhos e netos, e isso, de modo geral, reduzia os níveis de investimento dos avós em seus próprios netos, segundo a perspectiva dos netos. Outro dado interessante desta pesquisa é o fato de os avós não reportarem diferenças no relacionamento com seus diferentes netos, o que pode ser explicado pelo desejo dos avós de se verem como igualitários no relacionamento com todos eles.

Quanto a ser muito ou pouco participativos no convívio com os netos, Mueller, Wilhelm e Elder Jr. (2002) consideraram que os avós mais participativos são aqueles que: (a) possuem poucos netos; (b) possuem alto nível educacional; (c) vivem próximos dos netos; e (d) são envolvidos nos cuidados com eles. Essas características compõem um cenário favorável ao desenvolvimento de uma relação próxima e participativa: os avós não precisam dividir sua atenção com várias crianças, nem o neto precisa disputá-la; o nível educacional mais alto leva a uma visão mais ampla da vida e de seus acontecimentos, facilitando a compreensão das características e do contexto em que vivem os netos; a proximidade geográfica, apesar de não estar diretamente relacionada à proximidade emocional, facilita e predispõe a uma maior intimidade entre os avós e seus netos; os cuidados dos avós com seus netos também os aproxima, e faz com que ambos participem da rotina um do outro.

Por outro lado, as características percebidas nos avós pouco participativos, por Mueller e cols. (2002), foram: (a) a distância geográfica; (b) a linhagem, no caso, a paterna; (c) o pouco encorajamento por parte dos pais para a relação entre avós e netos; (d) o baixo envolvimento dos avós nos cuidados com seus netos; e (e) a grande quantidade de netos. A distância geográfica, especialmente quando avós e pais encontram dificuldades

para se locomoverem, seja por motivos de saúde ou financeiros, afeta a relação, que se torna menos próxima; a linhagem ainda é um ponto controverso na literatura, mas dependendo do tipo de família pode ser um importante entrave; o pouco encorajamento dos pais é um fator muito importante, já que até que o neto tenha maior independência e autonomia, os encontros com os avós dependem, em grande parte, da vontade e do investimento de seus pais; a pouca participação dos avós nos cuidados com os netos faz com que eles se tornem mais distantes, diminuindo a intimidade na relação; por último, quanto mais netos os avós possuem, menor o tempo que cada um terá com ele, e as atenções terão que ser divididas durante um período mais longo. Estes fatores apresentam uma maneira interessante para conhecer e avaliar a participação dos avós nos cuidados com seus netos.

Quanto às atividades desenvolvidas por avós e netos, ainda são poucas as pesquisas que possuem foco neste aspecto. Uma exceção é o estudo multimetodológico realizado com famílias imigrantes de Bangladesh e residentes em Londres, realizado por Kenner, Ruby, Jessel, Gregory e Arju (2007), em que os avós listavam quais atividades costumavam fazer com seus netos de três a seis anos. Os passeios ao parque, as histórias familiares, as visitas, as atividades religiosas, assistir à TV/vídeos, fazer compras, contar histórias, brincar, realizar tarefas domésticas, ler, cuidar do jardim, cozinhar, comer fora, fazer dever de casa, realizar atividades no computador e praticar esportes, foram as mais citadas pelos avós do estudo.

O significado especial que estas atividades compartilhadas possui para ambos também merece destaque, já que os avós falaram sobre o prazer de interagir com seus netos, e sobre a energia e a renovação que experimentavam com eles: “Os netos mantêm a casa viva” (Kenner & cols., 2007, p. 227), segundo uma avó; um avô disse que ter o neto por perto o mantém saudável e em forma, pois juntos jogam bola e brincam, além de fazerem atividades novas juntos, o que, segundo ele, “mantém a mente fresca e aberta” (p. 237).

Além de um relato das atividades, a pesquisa enfatizou também a qualidade das interações mantidas durante estes episódios. Durante duas sessões de gravação em vídeo, cada uma com duração de 15 minutos, uma em situação livre e a outra em que avós e netos, juntos, utilizavam um computador, as análises enfatizaram a proximidade física entre avós e netos (Kenner & cols., 2007). Os avós tocavam seus netos com frequência, e mesmo para discipliná-los em situações específicas, eles usavam, com mais frequência,

gestos (como afastar a mão ou segurar gentilmente as crianças) do que os comandos verbais.

Estes dados relevam a diversidade das atividades realizadas por esta díade e nos permite inferir a quantidade de tempo que eles passam juntos. Por outro lado, falta neste dado a perspectiva dos netos, pois não se sabe se eles consideram de maneira semelhante as atividades que realizam com seus avós, e o tempo que passam com eles. Portanto, cabe ressaltar que esta é uma relação bidirecional e, segundo Hinde (1997), as características de uma relação dependem de ambos os envolvidos. Alguns autores, como Mueller e cols. (2002) não apresentam as características dos avós, mas sim da relação que eles mantêm com aqueles netos. Além disso, grande parte do sucesso no relacionamento entre avós e netos está associado ao encorajamento fornecido aos avós por parte da geração intermediária, isto é, a dos pais de seus netos (Brown & Roodin, 2002; Dubas, 2001; Soliz & cols., 2005). Em outras palavras, as relações são influenciadas pelas relações que os próprios avós mantêm com seus filhos/filhas e genros/noras (Fingerman, 2004; Mills & cols., 2001). A seguir, apresentamos dados da literatura a respeito de como ocorre o envolvimento das três gerações familiares, ou seja, de avós, pais e netos.

As Relações entre as Três Gerações Familiares: Linhagem, Gênero e Idade

De modo geral, avós que mantêm um bom relacionamento com seus filhos tendem a qualificar suas relações com os netos como sendo positivas (Fingerman, 2004), e a proximidade emocional com filhos, genros e noras é positivamente relacionada à proximidade com os netos (Michalski & Shackelford, 2005). Por outro lado, sentimentos e discordâncias entre avós e pais podem influenciar negativamente a percepção que os avós têm de seus netos. Por exemplo, se os avós discordam da maneira como seus filhos educam seus netos, eles tendem a demonstrar irritação com os netos. Mas quando os avós acreditam que seus filhos e genros/noras desempenham satisfatoriamente seus papéis como pais, a tendência é que haja uma qualificação positiva de seus netos e vínculos mais estreitos com eles.

As avós, em geral, são mais próximas de suas filhas, passando mais tempo com a família destas do que com a de seus filhos (Gibson & Mace, 2005). Segundo estes autores, é durante o nascimento de sua prole que a mãe tende a se tornar mais próxima de sua própria mãe, e a ter uma relação com emoções mais positivas. Em estudo realizado com 47 mães brasileiras primíparas, 98% contavam com uma figura feminina de apoio, sendo esta a sua própria mãe, em quase metade dos casos (47%), seguida pela sogra ou uma irmã mais

velha (Lopes & cols., 2010). Essas figuras femininas se destacam durante a transição decorrente do nascimento dos filhos, tanto por servir de modelo de maternagem para a nova mãe, quanto por oferecer a ela o apoio necessário nesta etapa.

A explicação histórica e biológica para a maior proximidade dos avós maternos com os netos nascidos de suas filhas seria a certeza sobre a relação genética, além da maior necessidade da mãe, em comparação ao pai, de receber apoio nos primeiros cuidados com o bebê (Friedman & cols., 2008, Michalski & Shackelford, 2005). Há, ainda, a possibilidade do investimento na prole da filha ser o resultado de um “cálculo racional”: a solidariedade com a filha durante o nascimento de seus bebês pode resultar na solidariedade desta com seus próprios avós, quando for necessário, pois elas estariam mais propensas a cuidar dos seus pais no futuro do que os filhos homens (Friedman & cols.).

Em contraposição, as relações entre as avós e seus filhos podem se tornar emocionalmente negativas após o nascimento dos netos, particularmente em decorrência de conflitos entre a mãe e a esposa (Chiapin, Araújo & Wagner, 1998). Além disso, os avós tendem a perceber mais qualidades positivas na prole das filhas e mais qualidades negativas na prole das noras (Fingerman, 2004).

Há também uma crença do senso-comum de que o relacionamento entre sogros e sogras e seus genros e noras tendem a ser negativos (Chiapin & cols., 1998). Parte deste estereótipo se deve ao fato de que a escolha do marido e da esposa (ao menos nas sociedades ocidentais contemporâneas) cabe ao filho ou à filha, enquanto aos avós só resta o convívio involuntário com estes novos membros em sua família (Serewicz, 2005). Esta situação, por si só, já pode predispor as famílias a desavenças e problemas.

A relação entre as avós e suas noras é especialmente associada a problemas no contexto brasileiro. Segundo Chiapin e cols. (1998), essa delicada relação pode apresentar uma série de dificuldades, tais como reclamações da nora, dirigidas à sogra: “o ciúme, as implicâncias, a necessidade de sustento do filho para com a mãe, entre outros. Pode-se constatar que esses atributos se referem à dificuldade no estabelecimento de fronteiras e, conseqüentemente, na discriminação de papéis” (p. 549).

Outros determinantes das relações avós-netos vêm sendo debatidos entre pesquisadores, como a questão de gênero. Algumas pesquisas têm demonstrado que os laços mantidos entre as avós e seus netos são mais fortes e mais estreitos do que aqueles mantidos entre avôs e netos (Fingerman, 2004; Laham, Gonsalkorale & Hippel, 2005; Mills & cols., 2001; Taylor & cols., 2005). As avós, em geral, são consideradas mais íntimas de seus netos do que os avôs, por se encontrarem mais disponíveis emocionalmente

e por, na maior parte dos casos, serem as responsáveis pelos seus cuidados rotineiros (Thomas & cols., 2000).

Os avôs, por outro lado, são freqüentemente responsáveis pelo aconselhamento e pela provisão material dos netos, possuindo um papel mais "instrumental" (Thomas & cols., 2000). Em geral, os seus conselhos se referem mais a questões financeiras e de profissão (Soliz & cols., 2005). Além disso, eles consideram o envolvimento com os netos uma possibilidade de fortalecimento de seus vínculos emocionais, além de experimentarem bastante satisfação neste papel. Porém, quando são os principais responsáveis pelos cuidados dispensados aos netos, os avôs experienciam mais sentimentos de impotência do que as avós (Bullock, 2005). Apesar destas limitações, os avôs têm sido vistos, na pesquisa empírica recente, como cuidadosos, amorosos e atenciosos com seus netos, procurando manter uma relação afetiva também com seus filhos (Roberto, Allen & Blieszner, 2001).

Em estudo realizado por Laham e cols. (2005), 787 estudantes de Psicologia estadunidenses relataram a seguinte preferência quanto a seus avós: primeiramente por suas avós maternas; em seguida, pelas avós paternas, os avôs maternos e, por último, os avôs paternos. A maior proximidade dos netos com os avós maternos também tem sido relatada em outras pesquisas (Michalski & Shackelford, 2005; Soliz & cols., 2005). No entanto, Dubas (2001) não verificou diferenças entre os relatos de netas e netos quanto à proximidade com avós maternos, assim como os avós maternos também não relataram maior proximidade com seus netos, quando comparados aos avós paternos. Estes resultados sugerem que há controvérsias e que não é possível generalizar, pois os sentimentos nutridos por avós e netos é variável, e depende das características de cada família.

Além da linhagem e do gênero de avós e netos, outro aspecto relevante é a idade de ambos. Os avós mais jovens possuem mais energia e disposição para os netos, mas podem ainda estar muito voltados para as atividades de trabalho, e faltar-lhes tempo; já os avós mais velhos podem ter bastante disponibilidade para seus netos, mas pode faltar a eles o vigor físico e a saúde para se dedicarem a este papel (Tinsley & Parke, 1988). Considerando a ampla gama de idade em que um adulto pode tornar-se avô/avó (entre 30 e mais de 100 anos), este é um dado importante, que merece uma atenção diferenciada por parte dos pesquisadores, principalmente em decorrência do aumento de gravidez na adolescência.

A idade dos netos é outro fator que afeta as relações avós-netos e varia de acordo com o estágio do curso de vida de ambos (Roberto & cols., 2001). Segundo Bridges, Roe,

Dunn e O'Connor (2007), o contato mantido entre avós e seus netos é mais freqüente quando estes são recém-nascidos e crianças, e quanto mais novos os netos, maior a freqüência de encontros com os avós, que compartilham com eles atividades diversas, como as religiosas e de lazer (Silverstein & Marengo, 2001).

Quando os netos são jovens ou adultos, a sua relação com os avós tende a se tornar menos dependente das relações mantidas com a geração intermediária e, de modo geral, se torna mais sólida (Soliz & cols., 2005). Nesta fase, os avós tendem a discutir assuntos pessoais com seus netos, além de compartilharem, com maior freqüência, seus interesses e sua intimidade (Silverstein & Marengo, 2001). Em um estudo com 103 jovens universitários estadunidenses, os tópicos mais usualmente citados nas conversas com os avós eram família, educação, lazer e amizades, tanto dos netos quanto dos avós (Lin, Harwood & Bonnesen, 2009).

A relação entre avós e seus netos adultos depende, sobremaneira, do relacionamento que foi construído enquanto estes ainda eram crianças e adolescentes, e este padrão tende a se manter na vida adulta, independentemente da distância geográfica (Wood & Liopsis, 2007). Em pesquisa realizada com 1.478 adolescentes ingleses, houve destaque para o relato de um relacionamento próximo e com alto nível de proximidade emocional, mesmo após a entrada na adolescência e as conseqüentes mudanças no cotidiano dos netos (Attar-Schwartz, Tan, Buchanan, Flouri & Griggs, 2009). Em outro estudo, realizado nos Estados Unidos, os netos relataram que mesmo quando divergiam de algumas opiniões de seus avós, a proximidade emocional ainda tinha maior importância para o relacionamento deles (Mills & cols, 2001).

A transição dos netos para o ensino superior, um importante marco para a entrada na vida adulta, foi apontado em pesquisa realizada com 316 pares de avós e netos estadunidenses como um aspecto que melhorou a qualidade da relação (Crosnoe & Elder Jr., 2002), pois os avós se consideravam como importantes mentores de seus netos durante esta etapa. Ainda que a freqüência de encontros diminua após o jovem deixar o lar parental, já que este local é um facilitador da convivência entre avós e seus netos (Geurts & cols., 2009), a proximidade emocional parece manter-se. Estudantes universitários norte-americanos que moram longe de seus avós, por exemplo, relataram que a influência de seus avós e a satisfação com a relação que possuem se mantêm, independentemente da distância e da conseqüente diminuição do contato (Taylor & cols., 2005).

Quanto à visão de netos adultos sobre seus avós, Dias e Silva (2003), em uma pesquisa com universitários brasileiros, relataram que estes jovens atribuem aos seus avós

os seguintes significados: sabedoria, experiência de vida, respeito/carinho, “raiz de tudo”, origem da família e “segundos pais”.

Portanto, a relação de proximidade entre avós e netos, durante as etapas do curso de vida adulto e tardio, são mantidas a despeito da distância geográfica, de os netos se mudarem da casa dos pais e de haver divergência de opiniões. A manutenção de tais características da relação depende, sobretudo, das relações mantidas entre eles (se de maior ou menor envolvimento) desde as etapas iniciais do curso de vida dos netos. Por outro lado, quando os netos se tornam adultos, pode haver uma inversão de papéis, já que eles assumem, muitas vezes, o papel de principais cuidadores de seus avós (Roberto & cols., 2001). Em várias culturas, esta é uma situação comum, embora entre os norte-americanos, por exemplo, este comportamento faz parte de uma tendência bastante recente. Ao investigar 17 jovens estadunidenses, que cuidavam de seus avós sem nenhum comprometimento de saúde, Fruhauf, Jarrott e Allen (2006) verificaram, como aspectos positivos, o fato de estes netos sentirem que estavam com seus avós por escolha, e não por obrigação. Já entre os aspectos negativos, os jovens relataram o investimento de tempo necessário para os cuidados com os avós, o que trazia repercussões para seus compromissos pessoais.

Independentemente da condição de cuidador ou de serem cuidados, os avós possuem importante papel nos processos de transmissão da cultura e das tradições familiares (Sommerhalder & Nogueira, 2003). A seguir, será apresentado como os avós atuam na transmissão de valores para a sua família.

A Transmissão de Valores Intergeracionais: Avós, Pais e Netos

Os avós são comumente os maiores conservadores dos costumes locais, atuando como uma memória viva do passado e fornecendo a ligação deste com o momento presente. Na relação com os netos, este papel é fundamental, pois os avós agem perpetuando as tradições familiares que os mais jovens não tiveram a oportunidade de vivenciar (Lisboa, Féres-Carneiro & Jablonski, 2007). Eles são também agentes socializadores da criança, tanto de maneira direta, nas interações face-a-face, quanto indireta, aconselhando os pais (Cho, Sandel, Miller & Wang, 2005).

Os valores transmitidos pelas gerações anteriores são importantes para a formação de crianças e jovens. Porém, frente às diferenças das responsabilidades socializadoras de pais e avós, é evidente que os netos percebam e narrem os papéis de socialização das diferentes gerações de maneiras diferenciadas. Em pesquisa realizada com 32 adolescentes

canadenses sobre os valores recebidos por seus pais e avós, por exemplo, os valores transmitidos por seus pais eram mais prontamente citados, mas todos os adolescentes falaram também sobre os valores aprendidos com a primeira geração (Pratt, Norris, Hebblethwaite & Arnold, 2008).

De acordo com Pratt e cols. (2008), ao falarem sobre seus pais, os adolescentes citaram fatos mais interativos, como respostas dadas por estes a comportamentos de seus filhos. Já ao falarem sobre os avós, os netos citaram contextos em que não havia, necessariamente, interação entre eles, mas onde os avós eram lembrados como os representantes dos valores seguidos pelos netos. Essa diferença reflete bem as características de cada geração, e os papéis nas responsabilidades ligadas à socialização cotidiana, ou seja, com os avós se engajando menos em atividades práticas do que os pais, que são quem têm a responsabilidade rotineira de educar. Já os avós são citados por seus netos adolescentes como centrais em suas memórias dos valores de socialização familiar.

Há netos que consideram que a transmissão de valores dos avós são mais objetivas e claras do que as de seus próprios pais, pela experiência de vida que eles possuem. Além disso, muitas vezes, o comportamento dos avós é retratado como sendo o ideal por seus netos (Gauthier, 2002). As crianças aprendem hábitos sociais com seus avós, por exemplo, quando vão juntos visitar parentes e são ensinados a cumprimentar corretamente as pessoas, a se portar socialmente, além de perceberem o status que possui cada familiar do seu clã (Kenner & cols., 2007).

A transmissão de valores pelos avós a seus netos é tão marcante que muitos avós consideram que grande parte dos hábitos que possuem com seus netos foram aprendidos com seus próprios avós (Kenner & cols., 2007). No entanto, eles relataram mudanças em seu papel de avós, especialmente quanto ao contraste entre a formalidade na relação com seus próprios avós e as interações mais informais mantidas com seus netos. Uma das avós inglesas entrevistadas por Kenner e cols. citou que o nível de respeito, amor e obediência mudou desde o tempo dela, e que o uso das novas tecnologias transformou a maneira como os netos vivem suas infâncias, contrastando com a infância que ela havia tido. Todas essas alterações refletem no tipo de comunicação entre os avós e netos atuais, e na forma como os avós transmitem aos netos e à família os valores que lhe foram passados.

Por outro lado, também podem ocorrer conflitos durante a transmissão de valores dos avós para seus netos. Em pesquisa realizada no Distrito Federal, Marangoni e Oliveira (2010) perceberam que, em algumas famílias, os avós enfrentam dificuldades para contextualizar os valores que possuem ao momento atual. Com dificuldades de

compreender as mudanças do momento presente, os avós se reportavam às suas próprias juventudes para aconselhar seus netos. Os netos, por sua vez, consideravam estes ensinamentos ultrapassados, já que eram parte, segundo eles, do passado. Segundo as autoras citadas, a comunicação intergeracional seria facilitada se os membros da díade compreendessem que ambos viviam no momento presente, e que neste momento seria fundamental aceitar as diferenças existentes. Assim, os avós perceberiam que não precisariam apenas transmitir seus ensinamentos, mas também poderiam aprender com seus netos.

Portanto, é fundamental, para a transmissão de valores, que avós e netos saibam se comunicar, evitando a reprodução de preconceitos e de antigos paradigmas. Neste caso, é possível aproximar avós e netos tanto pelo compartilhamento de novas aprendizagens quanto pelo sentimento de similaridade que ambos percebem entre si. Em estudo realizado com avós e netos mexicanos e euro-americanos, havia diferenças entre os níveis de afeição de cada grupo étnico, pois os euro-americanos relatavam gostar mais de seus netos do que os netos diziam. Esta diferença entre as etnias, entretanto, desaparecia quando os netos se percebiam como similares aos seus avós em valores e em atitudes (Giarrusso, Feng, Silverstein & Bengtson, 2001). Ou seja, quanto mais avós e netos se consideravam unidos por seus valores e crenças, maiores os níveis de afeição entre ambos, o que ressalta que a transmissão de valores vai muito além do simples “contar histórias do passado” por parte dos avós: ela une a família no presente e gera conhecimento e afeto para o futuro dos netos.

Os netos possuem competências que também podem interessar aos avós, como, por exemplo, a utilização das novas tecnologias (Kenner & cols., 2007). Em pesquisa realizada com 9 famílias de Bangladesh que haviam migrado para a Inglaterra, cujos netos contavam com idades entre 3 e 6 anos, Kenner e cols. perceberam que, durante a mudança, a criança pode ter importantes iniciativas na integração cultural e no conhecimento da linguagem e dos hábitos da nova localidade. Os avós, por outro lado, serviam como mantenedores da cultura familiar de origem, contando as histórias familiares para seus netos e atuando como fontes de saber sobre os hábitos culturais do país de origem. Portanto, avós e netos se consideravam parceiros de aprendizagem, e o apoio mútuo facilitava a aprendizagem de novas tarefas e habilidades de ambas as partes.

Além da transmissão direta, os avós sempre influenciam a forma como seus filhos lidam com seus próprios filhos (Kitamura, Shikai, Uji, Hiramura, Tanaka, & Shono, 2009). Estas influências ocorrem de duas formas: (a) diretamente, transmitindo valores e ensinando tarefas específicas e (b) indiretamente, pela forma como os avós criaram seus

JNB - BIBLIOTECA CENTRAL

filhos, o que serve de modelo ou “não-modelo” no papel que os filhos exercerão como pais (Tomlin, 1998).

Em estudo longitudinal, realizado por duas décadas nos EUA, com os avós, seus filhos e netos, os dados sugerem que a maneira como os pais foram criados é determinante para suas características como pais e mães, e que isso é mais importante do que as idiossincrasias próprias da criança (Neppl, Conger, Scaramella & Ontai, 2009). Os pais aprendem, portanto, comportamentos educacionais específicos de seus pais, e repetem essas práticas nas interações com seus próprios filhos. Estes processos de socialização levam, então, tanto a comportamentos pro- como anti-sociais durante todo o curso de vida (Bailey, Hill, Oesterle, & Hawkins, 2009).

Há evidências de que a maneira como os filhos foram criados predizem a maneira como criarão seus filhos. Uma geração de pais rígidos induzem comportamentos agressivos em seus filhos que, quando se tornam pais, tendem a ser pais também rígidos (Bailey & cols., 2009). Da mesma forma, aspectos positivos da parentalidade também podem ser transmitidos entre as gerações, pois, ao aumentar a probabilidade dos pais de terem sido crianças e adolescentes adaptados e competentes, estes filhos de pais que os apoiaram possuem maior chance de demonstrarem competência psicossocial para educarem seus próprios filhos (Neppl & cols., 2009).

Há, ainda, pesquisas que indicam que a intergeracionalidade ocorre apenas com as filhas (as futuras mães), e não com os filhos homens (Neppl & cols., 2009). Por outro lado, há estudos que demonstraram não haver relação entre o gênero dos pais e a continuidade intergeracional (Tomlin, 1998). Embora a literatura ainda não seja conclusiva, as evidências são na direção de que os pais tendem a repetir o modelo de parentalidade aprendido em sua própria família (Tomlin; Weber, Selig, Bernardi & Salvador, 2006), e aqui podemos considerar não só seus próprios pais, mas também outros membros da família extensa, como tios e tias, particularmente em se tratando do Brasil (Dessen & Braz, 2005). Nesta perspectiva, mesmo a história de duas ou três gerações anteriores pode estar sendo recuperada como modelo de educação atual (Tomlin).

Entretanto, nem todas as práticas são repetidas, já que as mudanças históricas e culturais, além das características pessoais dos pais, geram estilos diferentes de parentalidade. Dessa forma, a junção de duas pessoas únicas, com origens diversas, cria um jeito único de educar a criança que nasce. Somado a isso, deve-se considerar também a importância de outras esferas sociais na educação e criação dos filhos (Dessen & Braz, 2005).

Em síntese, podemos afirmar que o estudo das relações intergeracionais, enfatizando o papel dos avós, faz parte da nova perspectiva da pesquisa em ciências sociais, em suas diversas áreas. Os avós são figuras de destaque ao longo da evolução humana, e atualmente contribuem como rede social de apoio familiar. As contribuições intergeracionais, e a transmissão de valores dos avós para seus netos, são parte fundamental do estudo da família na atualidade. A seguir, as justificativas e os objetivos desta pesquisa serão apresentados.



JUSTIFICATIVAS E OBJETIVOS

O papel dos avós está em rápida e constante transformação (Gauthier, 2002). O aumento na expectativa de vida, as alterações na taxa de mortalidade, a melhora na qualidade de vida e a própria diminuição no tamanho das famílias atuais vêm contribuindo para importantes mudanças nas relações avós-netos, na atualidade (Coall & Hertwig, 2010; Friedman & cols., 2008; 2010; Pratt & cols., 2008; Silverstein & Giarrusso, 2010).

A literatura das últimas décadas vem ressaltando a importância dos avós para a manutenção do equilíbrio das famílias de seus filhos, particularmente quando ambos os genitores trabalham fora de casa (Tan & cols., 2010). Como os pais disponibilizam menos tempo para se dedicarem a seus filhos, os avós, muitas vezes, são acionados para cuidarem dos netos e/ou ajudar nas atividades domésticas, se envolvendo, assim, cada vez mais no cotidiano de seus netos.

O papel dos avós na família é, de fato, fundamental, sobretudo em culturas latinas, em que os avós incluem-se como importante fonte de apoio familiar (Dessen & Braz, 2000). Os pesquisadores têm se voltado para este tema, procurando compreender as características e vicissitudes desta relação. Notamos, entretanto, que o foco ainda está, muitas vezes, em fatores isolados, que influenciam a relação avós-netos, tais como o papel dos avós como guardiões de seus netos, mas não nos padrões que definem a qualidade das relações.

Pouco ainda se sabe sobre como funcionam as relações entre avós e netos e como se dá a participação daqueles na família. Ainda há muito a ser estudado neste campo, como a transição para o papel dos avós, ou mesmo sobre como os avós vivenciam a expectativa com a chegada de cada um de seus netos (Harpel & Hertzog, 2010), dentre outros temas. Assim, os estudos sobre avós e suas relações com os netos são de extrema relevância social e científica.

Relevância Social: os Avós como Fonte de Apoio na Família

Um importante papel exercido por adultos no curso de vida tardio é ser avô/avó. Com o aumento da expectativa de vida, faz-se necessário conhecer a inserção dos avós na sociedade e, em especial, na família, visando possibilitar a atenção de que eles necessitam, bem como examinar o suporte que eles próprios podem fornecer para a família de seus filhos. Neste sentido, os avós atuam como rede social de apoio da família, provendo apoio emocional, material e financeiro (Lin & cols., 2009; Oliveira, 2007). Este suporte é

importante para a família de seus filhos e netos, especialmente durante as transições familiares, tais como no nascimento de netos ou durante o divórcio dos filhos (Ahrns, 2007). Em algumas famílias, os avós constituem a principal fonte de sustento familiar, e deles dependem duas ou mais gerações (Fuller-Thomson & Minkler, 2007). Por outro lado, os avós, muitas vezes, também necessitam de suporte de seus familiares, que lhes são fontes de apoio social, particularmente durante situações de doença e viuvez, ou mesmo quando enfrentam necessidades financeiras (Falcão & Bucher-Maluschke, 2009).

Embora reconhecendo a bidirecionalidade – avós como fontes de apoio e como receptores de suporte da família de seus filhos, o foco deste trabalho é essencialmente sobre a contribuição dos avós para a família de seus filhos. Pouco ainda se sabe sobre as relações estabelecidas entre avós e netos no contexto brasileiro. Várias são as indagações que precisam ser respondidas: como os avós atuam como rede social de seus filhos e netos no Brasil? O que avós e netos brasileiros fazem juntos? Como se dão as relações entre avós e netos? Quais os tipos de contribuições que os avós oferecem aos pais? Qual a importância dos avós na transmissão de valores de uma geração para outra? Estas questões, e muitas outras, ainda não foram suficientemente exploradas na pesquisa científica, especialmente em nosso país.

A participação dos avós não se restringe somente ao ambiente familiar, mas também a outros contextos sociais. Por exemplo, avós podem e devem ser incluídos, tal como os pais, no ambiente escolar de seus netos, pois quando avós e netos participam juntos, a troca de conhecimentos fortalece o aprendizado em ambas as gerações (Crosnoe & Elder Jr., 2002). Portanto, as escolas devem estar atentas a esta relação, pois ela pode facilitar o aprendizado da criança (Kenner & cols., 2007).

É nossa pretensão, também, que os resultados da pesquisa forneçam os subsídios necessários ao planejamento de programas de educação familiar que priorizem a participação dos avós como recursos de apoio para famílias, particularmente quando pais e mães trabalham fora. A participação dos avós na família é, muitas vezes, subestimada pelas políticas públicas (Attar-Schwartz & cols., 2009) e isso se deve, entre outros fatores, à escassez de conhecimento acerca do assunto. Em outras palavras, com este trabalho, acreditamos estar contribuindo para despertar maior interesse e atenção dos pesquisadores para o tema, bem como das autoridades competentes, responsáveis por programas que promovam a educação e a saúde da família.

Relevância Científica: ampliando o Foco de Análise

O interesse pelo estudo dos avós na contemporaneidade teve início apenas no fim do último século em decorrência, sobretudo, das mudanças vividas pela família, como a inserção da mulher no mercado de trabalho e o aumento nos casos de divórcio de seus filhos (Winston, 2006). Os avós, nestes casos, eram os principais participantes da rede social de apoio de seus filhos e, como tal, passaram a ser o foco das investigações, com ênfase na maneira como se dava esta participação (Araújo & Dias, 2002; Barth, 2004). Além disso, apesar do crescente interesse de pesquisadores neste tema de investigação, a produção de conhecimento ainda é escassa e insuficiente.

A maior parte dos estudos que têm como objetivo descrever a relação avós-netos prioriza a percepção que o avô e a avó possuem de seus netos, ou a percepção que os netos possuem de seus avós, com informações de apenas um lado da díade, fornecidos separadamente, por amostras independentes (Blustein & cols., 2004; Minkler & Fuller-Thomson, 1999). Apesar de tais estudos fornecerem dados valiosos e enriquecedores, faz-se necessário que as pesquisas considerem ambas as partes, atendendo ao pressuposto da bidirecionalidade no desenvolvimento, fundamental para uma melhor compreensão das relações familiares.

Mesmo quando as pesquisas englobam ambos os lados da díade avós-netos, na maior parte delas, apenas a participação das avós é enfocada. Além disso, o papel dos avôs nesta relação é subestimado ou ignorado (Aubel & cols., 2004; Gibson & Mace, 2005). Esta trajetória é similar ao que ocorreu há poucas décadas, nas pesquisas sobre as relações pais-filhos, cujo interesse principal era voltado para o papel das mães, relegando os pais a um segundo plano (Lewis & Dessen, 1999). Portanto, pesquisas que incluam a participação dos avôs permitirão compreender melhor as relações na família. No entanto, não basta reconhecer e incluir as relações entre avós e seus netos; é preciso que as pesquisas incluam todo o sistema familiar (Soliz & cols., 2005), o que significa coletar dados também com a geração intermediária, formada pelo pai e pela mãe do neto (Attar-Schwartz & cols., 2009; Yi & cols., 2006).

Apesar de se buscar uma perspectiva sistêmica no estudo avós-netos, o foco ainda recai sobre aspectos segmentados, como os avós e seus netos na idade adulta, por exemplo (Silverstein & Giarrusso, 2010). Faltam pesquisas que integrem os diversos membros familiares, inclusive os “agregados”, ou seja, os genros e as noras, entre outros. É importante, ainda, que haja uma abordagem focada no curso de vida, mas de maneira integrada, que considere sempre a multiplicidade familiar (Silverstein & Giarrusso).

Portanto, a presente pesquisa tem como objetivo principal descrever o envolvimento dos avós no núcleo familiar de seus filhos, genros e noras, e a relação mantida entre avós e netos. Para isso, as questões de investigação foram agrupadas em 3 eixos norteadores:

1. As relações intergeracionais, com ênfase na caracterização dos núcleos familiares dos avós e de seus filhos e nas relações dos avós com a família de seus filhos. As questões que nortearam a elaboração deste primeiro eixo são:

- 1.1 Quais as lembranças marcantes das famílias de origens?
- 1.2 Como os participantes caracterizam suas famílias atuais?
- 1.3 Como é a divisão de tarefas domésticas das famílias?
- 1.4 Quem são os integrantes da rede social das famílias?
- 1.5 Como se dão as contribuições entre as duas gerações, isto é, entre as famílias dos avós e as famílias de seus filhos?

2. A transmissão intergeracional de valores, destacando os valores transmitidos por avós para os pais e dos pais para os filhos, bem como as concepções de famílias, avós e netos. As questões abaixo nortearam este eixo:

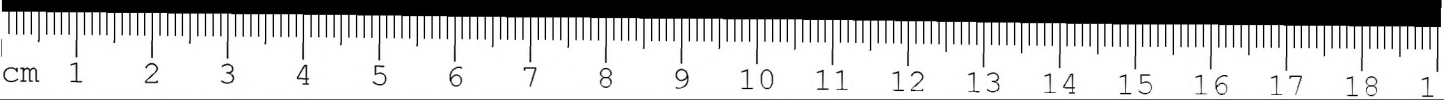
- 2.1 Quais foram os valores transmitidos pelas diferentes gerações?
 - 2.1.1 Para os avós e para os pais, por suas famílias de origem;
 - 2.1.2 Para a família dos filhos pela família dos avós;
 - 2.1.3 Para a família dos avós pela família dos filhos.
- 2.2 Quais as concepções dos participantes acerca de família, avôs, avós e netos?
- 2.3 Quais as concepções dos participantes sobre os genros, as noras, educação dada aos netos, as similaridades e diferenças dos avós nos papéis de pais e de avós e de como seriam os avós ideais?

3. As relações entre avós e netos. Aqui, as questões norteadoras foram:

- 3.1 Como se deu a transição para o tornar-se avós?
- 3.2 O que avós e netos fazem juntos?
- 3.3 Quais as contribuições que os avós oferecem a seus netos?
- 3.4 Quais os valores que os avós transmitem diretamente a seus netos?
- 3.5 Quais características familiares são relevantes para o estabelecimento das relações avós-netos?

Ao tentar responder estas questões no contexto das famílias brasileiras, esperamos contribuir para o avanço na área de desenvolvimento familiar, ampliando a construção do

conhecimento acerca da participação dos avós na família, particularmente no que tange às relações com seus netos. A seguir, apresentamos detalhes sobre a metodologia utilizada.



METODOLOGIA

Neste capítulo serão apresentadas, inicialmente, as bases teóricas que fundamentam o estudo: os modelos sistêmicos, com ênfase no Modelo Bioecológico proposto por Bronfenbrenner (1977, 1994). Em seguida, será descrito o método da pesquisa, com destaque para a caracterização das famílias e os procedimentos para a coleta e análise dos dados.

O Modelo Bioecológico de Bronfenbrenner

A compreensão da família como um sistema integrado demanda uma maneira própria de pesquisá-la, a fim de englobar os processos existentes nela. Segundo Kreppner (2005), quatro princípios devem ser considerados em um planejamento de pesquisa sob a perspectiva do desenvolvimento familiar: (a) a família tem uma estrutura específica em que ocorrem as relações entre seus membros; (b) as interações familiares têm uma organização dinâmica, na qual as mudanças que ocorrem em uma determinada relação afetam as demais; e (c) o equilíbrio familiar ocorre por meio de uma constante readaptação ao seu contexto, tanto em situações em que o modo como a família funciona é mantido, como também quando este modo é alterado.

Dentre os princípios básicos que regem o funcionamento da família, de acordo com a abordagem sistêmica, Minuchin (1985, 1988) destaca que: (a) o sistema é um todo organizado; (b) os padrões, em um sistema, são circulares e não lineares, ou seja, há influência mútua e bidirecionalidade entre os seus componentes; (c) os sistemas vivos são abertos, isto é, estabelecem trocas com o ambiente externo que, por sua vez, provocam transformações no sistema; (d) os sistemas possuem elementos homeostáticos e mecanismos de reequilíbrio que mantêm a estabilidade de seus padrões; e (e) a evolução e a mudança, inerentes aos sistemas abertos, representam as transformações ocorridas ao longo do tempo, as diferenciações de um momento anterior e a emergência de nova condição ou situação.

Estes princípios estabelecem um amplo escopo de compreensão das relações familiares, e denotam, portanto, que a família não deve ser entendida como uma massa difusa e indiferenciada, mas como indivíduos que se inter-relacionam, tanto entre si quanto em contextos extra-familiares. O potencial genético e as características físicas dos membros familiares, as estratégias educacionais dos pais e a estrutura familiar são aspectos

inseparáveis, e não há preponderância de um ou outro para a compreensão dos processos que ocorrem na família (Newman & Newman, 2009).

Coerente com este princípio, neste projeto, a família é considerada “um grupo social especial, caracterizado pela intimidade e pelas relações intergeracionais” (Petzold, 1996, p. 39). Isso significa que características tradicionais deste grupo, como a consangüinidade e a coabitação, não são mais fatores determinantes para a definição científica de família. Por outro lado, a proximidade e a intimidade entre os membros familiares são ressaltadas.

Neste estudo, estes princípios foram considerados, pois foi escolhido como núcleo de análise a família dos participantes (microsistema), e as relações selecionadas para coleta e análise compreendiam: avós¹↔netos, avós↔pais e pais↔neto. As características do curso de vida das famílias e a influência exercida entre as gerações também foram contempladas, ao focalizar 3 gerações distintas- os avós, seus filhos e netos. Dentre as famílias dos avós, 11 estavam no último estágio do curso de vida, o tardio, em que a principal tarefa era lidar com os desafios próprios à idade madura, como a aposentadoria, a saída dos filhos de casa e os possíveis problemas de saúde (Kivett, 1998). Em uma das famílias, pelo fato de os avós terem se tornado pais e avós ainda jovens, e por terem um filho temporão, eles ainda se encontravam no quarto estágio do curso de vida, vivendo os desafios de ter um adolescente em casa. Já dentre os pais, 6 famílias estavam vivendo a terceira fase do curso de vida, cujo maior objetivo era cuidar da prole, possibilitando seu desenvolvimento e crescimento. As outras 6 famílias já estavam no estágio seguinte, em que os filhos mais velhos estavam entrando na adolescência.

Para compreender o funcionamento da família, é funda mental entender que o desenvolvimento é um processo contínuo e que nenhum período do curso de vida é mais ou menos importante para o desenvolvimento: todos são igualmente fundamentais (Lerner, 2002). Além disso, é preciso conhecer também o contexto no qual a família está inserida e a sua relação com os demais sistemas existentes, uma vez que a família influencia e é influenciada nos e pelos diversos contextos que a rodeiam (Berry, van de Vijver, Kagitçibasi & Poortinga, 2006; Bronfenbrenner, 1994). Para compreender a família, faz-se necessário utilizar modelos sistêmicos, que, no presente caso, é o Modelo Bioecológico proposto por Bronfenbrenner (1977, 1999). Este modelo permite compreender o sistema familiar de

¹ Este símbolo foi escolhido para representar a bidirecionalidade das relações, isto é, os comportamentos e as interações de um parceiro em direção ao outro e do outro em direção ao parceiro.

forma integrada e global, levando em consideração a pessoa, os processos proximais, os contextos ecológicos e o tempo.

O Modelo e Seus Componentes

O Modelo Bioecológico está integrado à concepção atual de desenvolvimento, considerado “(...) um processo de construção contínua que se estende ao longo da vida dos indivíduos, sendo fruto de uma organização complexa e hierarquizada, que envolve desde os componentes intra-orgânicos até as relações sociais e a agência humana” (Sifuentes, Dessen & Oliveira, 2007, p. 379). A definição de desenvolvimento, sob esse ponto de vista, refere-se a um processo baseado em um movimento de mudanças e estabilidades ao longo da vida (Bronfenbrenner, 1992; Bronfenbrenner & Morris, 1998; Polônia, Dessen & Silva, 2005), decorrente das relações entre aspectos biológicos, psicológicos e ambientais.

Segundo esta abordagem, o indivíduo possui um caráter dinâmico e é influenciado bidirecionalmente pelo ambiente, sendo este também influenciado por outros componentes do contexto. Vale ressaltar que, de acordo com este modelo, a interação se dá não apenas entre pessoas, mas também destas com objetos e símbolos (Bronfenbrenner & Morris, 1998). Nesse cenário, a relação entre a pessoa e o ambiente constitui um processo dinâmico e complexo, possibilitando compreender o ser humano e suas trajetórias de vida (Polônia & cols., 2005).

Todos os quatro componentes do modelo Bioecológico- a pessoa, o processo, o contexto e o tempo, se influenciam mutuamente (Bronfenbrenner, 1992, 1994, 1999). O primeiro componente, a pessoa, se refere a um conjunto de aspectos que vai além das idiosincrasias, abordando características que envolvem crenças, valores e temperamento, entre outros (Bronfenbrenner, 1994). Ou seja, as características da pessoa dizem respeito às suas relações com os contextos que a cercam. Neste projeto, as características pessoais dos participantes são estudadas levando sempre em consideração que os indivíduos se constituem de maneiras diversas nas diferentes relações que mantêm (Hinde, 1997).

O segundo destes componentes, o processo, abrange formas particulares de interações face-a-face entre o organismo e o ambiente, denominadas processos proximais. Diante dessas interações, a pessoa em desenvolvimento cria uma rede de relações progressivamente mais complexa, e através dela desenvolve suas potencialidades genéticas. Os contextos ambientais influenciam os processos proximais e o conseqüente desenvolvimento do indivíduo, não apenas em relação aos recursos que se fazem disponíveis, mas também em termos de estabilidade e consistência ao longo do tempo,

necessários ao funcionamento efetivo dos processos proximais (Bronfenbrenner, 1999). Bronfenbrenner compreendia que o potencial biológico necessitava da presença de processos duradouros, recíprocos e altamente interativos, ocorrendo entre a pessoa em desenvolvimento e outros indivíduos e objetos de seu ambiente. Neste estudo, os processos proximais são investigados, por exemplo, por meio das atividades realizadas por avós e netos, e pelas contribuições entre avós e filhos, genros e noras.

No que se refere ao terceiro componente, o contexto, este está relacionado ao meio ambiente global em que a pessoa está inserida, e consiste no cenário no qual ocorre o desenvolvimento. Há os ambientes mais imediatos, em que a pessoa efetivamente convive, e os mais remotos, nos quais a pessoa nunca esteve, mas que estão em interação e que influenciam o curso do desenvolvimento humano. Estes ambientes são denominados *micro, meso, exo e macrossistemas* e, topologicamente, foram esquematizados de acordo com um conjunto de anéis concêntricos (Bronfenbrenner, 1992, 1994). Segundo Wong (2001), Bronfenbrenner teve como referência as “bonecas russas”, em que cada uma acomoda outra menor dentro de si.

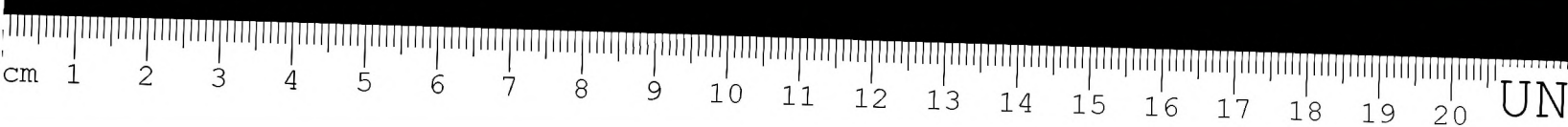
Segundo Bronfenbrenner (1992),

Um microssistema é constituído por um padrão de atividades, papéis e relações interpessoais experienciado face-a-face pela pessoa em desenvolvimento, em um ambiente com dadas características físicas e materiais, no qual estão inseridas outras pessoas, com suas características distintivas de temperamento, personalidade e sistemas de crenças. (p. 227)

Portanto, é no microssistema que se desenvolvem os processos proximais. Neste estudo, a família é o microssistema focal, e pelas próprias características da amostra, a geração familiar 1, isto é, o avô e a avó, e as gerações familiares 2 e 3, composta pelo núcleo familiar de pais e criança, podem ser tratadas como microssistemas distintos.

O mesossistema consiste nas ligações entre os diferentes microssistemas, isto é, refere-se a processos que ocorrem entre dois ou mais microssistemas, sendo formados ou ampliados sempre que a pessoa passa a participar de mais de um ambiente. As relações entre a família, a escola, a vizinhança e o trabalho são exemplos típicos de mesossistemas. Em nosso estudo, são investigadas questões que retratam as influências mútuas entre os dois grupos familiares, um formado por avós e outro formado por pais e criança.

Quanto ao exossistema, de acordo com Bronfenbrenner (1994), ele “engloba as relações que ocorrem entre dois ou mais ambientes, sendo que a pessoa em desenvolvimento não está inserida em um deles, mas os eventos que nele ocorrem



influenciam indiretamente o seu ambiente imediato" (p. 40). O exossistema pode ser compreendido como um contexto em que a pessoa não participa ativamente, mas é afetada por ele. Neste estudo, constitui exemplo de exossistema o ambiente de trabalho dos avós, que afeta, indiretamente, as suas relações com os netos, apesar de estes não participarem ativamente das interações que avô e/ou avó possuem nestes contextos.

O macrossistema, por sua vez,

consiste em um padrão característico do micro, meso e exossistemas de uma dada cultura, subcultura, ou outros contextos sociais mais amplos, com referência particular ao sistema de crenças, recursos, estilos de vida e padrões de mudanças sociais de cada um desses sistemas (Bronfenbrenner, 1992, p. 228).

Portanto, o macrossistema refere-se a todo o conjunto do sistema cultural, sendo composto por seus valores, crenças e normas que regulam o comportamento característico do grupo ao qual o indivíduo está historicamente conectado. Segundo Bronfenbrenner (1994), para compreender, de fato, os processos que ocorrem no microsistema, é preciso ir além da simples rotulação de classe e cultura do grupo estudado. Neste estudo, o macrossistema é constituído pelos valores e crenças dos participantes, que são investigadas por meio das entrevistas, particularmente nas questões que dizem respeito às concepções de família, avô, avó e neto, e às transmissões de valores entre as gerações.

O cronossistema tem lugar de destaque, e pode ser categorizado em microtempo, mesotempo e macrotempo. O microtempo refere-se às continuidades e às discontinuidades entre os episódios dos processos proximais; o mesotempo é a periodicidade desses episódios através de intervalos como dias e semanas; e o macrotempo está relacionado a expectativas e eventos da sociedade mais ampla, tanto na mesma geração quanto através de gerações. Neste estudo, avós e pais são estimulados a relatarem suas experiências passadas e presentes e as questões das entrevistas permitem recompor um quadro em que o passado, o presente e o futuro estão interligados. A comparação entre três gerações (avós, pais e netos) se faz na análise dos resultados, retratando os diferentes períodos históricos, que variam desde a década de 30 do século passado, período em que os avós nasceram, até a primeira década do século XXI, com o nascimento dos netos.

O modelo em questão enfatiza a necessidade de incluir nos estudos o maior número de variáveis possíveis, evitando que a compreensão do fenômeno investigado seja marcada pelo reducionismo. Ao compreender o indivíduo como um sujeito ativo, em constante desenvolvimento, e que é a força central de seu próprio desenvolvimento, Bronfenbrenner possibilita a integração do sujeito com seu contexto, que também está em constante

transformação (Lerner, 2002), e essa proposta permite ampliar o campo de análise sobre o desenvolvimento individual e familiar. Como destacam Polônia e cols. (2005), essa nova postura teórico-metodológica permite um novo olhar sobre o desenvolvimento humano em toda a sua complexidade.

Portanto, este modelo inova pela reflexão diferenciada, pois estimula a elaboração de questões mais amplas acerca do desenvolvimento humano, envolvendo concomitantemente o ambiente, o indivíduo e a relação entre ambos, em uma perspectiva sistêmica e plenamente adequada aos estudos sobre a família (Martins & Szymanski, 2004). Embora Bronfenbrenner tenha elaborado os pressupostos de seu modelo de desenvolvimento no final da década de 70, ele continuou aperfeiçoando-o até a sua morte, em 2006 (Ceci, 2006).

Segundo Bronfenbrenner e Morris (1998), os seguintes pressupostos devem ser seguidos na pesquisa: (a) a reciprocidade deve ser verificada, ou seja, a bidirecionalidade entre os componentes das interações deve ser considerada; (b) devem ser contempladas as interações entre os diferentes ambientes; e (c) os contextos de transições devem ser privilegiados, pois nestes momentos as questões de investigação provavelmente estarão mais evidenciadas. O planejamento deste projeto de pesquisa e a construção dos roteiros de entrevista foram baseados nestes 3 pressupostos, conforme descrito no tópico a seguir.

Método²

Este tópico é dividido em três partes: na primeira, serão apresentadas as características dos participantes da pesquisa, enfocando os requisitos para composição da amostra, o processo de seleção das famílias e a caracterização das gerações familiares 1 e 2. Em seguida são enfocados os procedimentos para a coleta dos dados, apresentando os três instrumentos utilizados na pesquisa. Por último, são descritas as quatro etapas utilizadas para a análise dos dados.

Participantes: Avós, Pais e Netos

Doze famílias, residentes no Distrito Federal, concordaram em participar do estudo. As famílias foram compostas pelos avós, seus filhos, genros/noras, e seus netos, totalizando 60 participantes (24 avós, 24 pais e 12 netos). Deste total, em 2 famílias houve a participação dos avós paternos e, em outras 10, dos avós maternos. Os critérios de

² O projeto descrito neste capítulo foi submetido ao Comitê de Ética da Faculdade de Saúde da Universidade de Brasília- UnB, tendo sido aprovado na íntegra (nº 27/2009).

inclusão foram que avós e pais possuíssem laços consangüíneos com o neto/neta, e que residissem no Distrito Federal, embora não compartilhando a mesma residência. Esse último critério foi adotado, uma vez que avós que moram na mesma residência possuem rotinas compartilhadas com seus netos, e uma maneira diferente de manter interações e relações com eles, quando comparados aos avós e netos que não residem no mesmo local.

Seleção das Famílias

Em um primeiro momento, houve a tentativa de selecionar famílias com o apoio de uma escola de educação infantil, mas, apesar de 60 cartas-convites terem sido enviadas aos pais das crianças da escola, nenhuma família respondeu ao convite. A seleção dos participantes foi realizada, então, pela rede de contatos pessoais da pesquisadora, sendo que 10 das 12 famílias foram indicadas por amigos ou por outros pesquisadores, e 2 foram indicadas pelas próprias famílias entrevistadas. Portanto, o método de seleção da amostra foi amostra de conveniência e por “bola de neve”.

Além das 12 famílias participantes, outras 35 foram contatadas; destas, 13 não contemplavam todos os pré-requisitos para participar da pesquisa- os avós moravam em outros estados, havia coabitação, ou um dos avós já havia falecido-, e outras 22 não aceitaram fazer parte do estudo, alegando motivos como falta de tempo, a timidez excessiva de um dos membros familiares ou, simplesmente, falta de interesse em participar. Houve, ainda, 2 casos em que a coleta foi iniciada, mas interrompida: em uma família foi identificada uma depressão grave na avó e, em outra, houve o falecimento de uma pessoa da família, fato que trouxe danos emocionais à neta em questão.

A escolha dos avós maternos ou paternos foi feita de acordo com a indicação do membro de contato na família. Em 10 famílias o primeiro contato foi feito com as mães e, destas, 9 indicaram os avós maternos e 1 indicou os avós paternos. A mãe que indicou os avós paternos e 7 das mães que indicaram os avós maternos o fizeram por serem eles o único casal de avós em que ambos estavam vivos e morando em Brasília. Uma das mães indicou os avós maternos após perguntar qual a preferência da neta, e outra fez a escolha em decorrência de, a seu ver, os avós maternos serem mais próximos afetivamente da criança. Em outras duas famílias o contato inicial foi feito com as avós, uma materna e outra paterna, o que automaticamente definiu a linhagem delas como a participante.

Os objetivos e os procedimentos da pesquisa, bem como as questões éticas, foram esclarecidas, de modo geral, já durante o primeiro contato por telefone, e na primeira visita à residência das famílias. Para o início da coleta de dados, todos os participantes foram,

novamente, esclarecidos e orientados quanto aos objetivos da pesquisa e solicitados a assinar um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE (ver Apêndice A, p. 152), elaborado em duas vias. Os pais também autorizaram a participação de seus filhos no estudo.

Para facilitar a identificação de avós, pais e netos, iremos denominar as famílias pela geração da qual fazem parte. Dessa forma, avô e avó serão chamados de “Geração Familiar 1” (GF1); pai e mãe serão denominados de “Geração Familiar 2” (GF2); e os netos farão parte da “Geração Familiar 3” (GF3). Portanto, a Geração Familiar 1 constitui um núcleo familiar específico e independente. As Gerações Familiares 2 e 3 constituem outro núcleo, composto por indivíduos pertencentes à segunda e à terceira gerações familiares.

Caracterização da Geração Familiar 1

A idade média dos avôs era de 70 anos, enquanto as avós tinham, em média, 66 anos. Em todas as famílias, os avós estavam no seu primeiro casamento, eram legalmente casados, e vivendo juntos, em média, há 44 anos. O número médio de filhos e de netos do casal era, respectivamente, 3,6 e 6. A religião predominante nas famílias era a católica ($n=11$), seguida pela espírita ($n=1$). Uma das avós revelou que, apesar da religião familiar predominante ser a católica, ela era espírita. A maior parte dos avós não tinha problemas sérios de saúde (avôs=8, avós=9), enquanto 2 avôs e 2 avós tinham pressão alta, 1 avó tinha diabetes e 2 avós apresentavam os primeiros sinais de perda da memória, de acordo com o relato de suas esposas e filhas.

Quanto à moradia, 8 casais de avós viviam em casas das regiões administrativas do Lagos Sul ($n=5$) e Norte ($n=3$). As outras 4 famílias viviam em apartamentos das Asas Sul ($n=2$) e norte ($n=1$) e da Área Octogonal ($n=1$). Em 5 famílias apenas o casal de avós residia na casa, e nas outras 7 coabitavam com outras pessoas: filhos ($n=4$), empregados ($n=3$) e netos ($n=2$). Quanto à renda familiar, os participantes declararam uma renda mensal média de R\$14.192,00, correspondendo a 30,52 salários mínimos, por ocasião da coleta de dados³.

Oito avôs eram graduados, 3 haviam completado o ensino médio e 1 havia completado o ensino fundamental. Quanto à profissão, 4 avôs eram profissionais liberais, 4 eram funcionários públicos e 4 eram militares. Sete avôs eram aposentados e 5

³ O salário mínimo vigente à época era de R\$465,00.

continuavam ativos em sua atividade profissional.

Sete avós completaram o ensino superior, 3 terminaram o ensino fundamental e 2 o ensino médio. Sete avós nunca haviam trabalhado fora do lar; dentre as outras 5, 2 eram funcionárias públicas, 2 profissionais liberais e 1 era profissional da educação. Destas, 3 continuavam trabalhando fora de casa e 2 eram aposentadas.

Caracterização da Geração Familiar 2

A idade média dos pais era de 44,6 anos, enquanto a das mães era de 39,5 anos. Em 1 das famílias, a mãe estava no segundo casamento; nas outras 11, aquele era o primeiro matrimônio de ambos. Os casais estavam juntos há 12 anos, em média, o número de filhos era 2,4, e a religião predominante era a católica ($n=10$). Em 1 família, o casal relatou não ter uma religião específica, por “compreender Deus de uma maneira ampla”. Em outra, não havia religião predominante, já que pai e mãe possuíam crenças diferentes. e, segundo eles, conviviam “bem” com esta diversidade.

Quanto à moradia, 7 casais viviam em casas das regiões administrativas dos Lagos Sul ($n=5$) e Norte ($n=1$) e Asa Sul ($n=1$). As outras 5 famílias viviam em apartamentos na Asa Norte ($n=2$), na Área Octogonal, em Águas Claras e no Sudoeste. Quanto à renda familiar, os participantes declararam uma renda mensal média de R\$15.908,00, correspondendo a 34,21 salários mínimos⁴.

Todos os pais haviam concluído o nível superior e, quanto à profissão, 6 deles eram servidores públicos, 5 eram profissionais liberais e 1 apenas estudava. Dentre as mães, apenas 1 possuía somente o ensino médio completo, e as outras 11 eram graduadas. Dentre as mães, 7 eram servidoras públicas e 5 eram profissionais liberais.

Caracterização da Geração Familiar 3

Participaram da pesquisa 8 meninas e 4 meninos, com idades entre 4 e 10 anos (idade média= 7,25 anos). Uma criança era filha única, 5 tinham 1 irmão e 6 tinham 2 irmãos. A mesma menina era a única neta, enquanto as outras famílias possuíam entre 2 e 10 netos. Na Tabela 1 estão sumarizadas as informações sobre o gênero, a idade e o número de irmãos das crianças, além do total de netos dos avós pesquisados:

⁴ O salário mínimo vigente à época era de R\$465,00.

Tabela 1

Gênero, Idade e Número de Irmãos dos Netos, e Número de Netos dos Avós do Estudo

Família	Gênero dos netos	Idade dos netos	Número de irmãos dos netos	Número de netos (na linhagem dos avós participantes)
1	M	7	2	10
2	F	8	2	7
3	F	7	Filha única	Neta única
4	F	6	2	3
5	F	6	2	10
6	F	7	1	4
7	M	10	2	8
8	F	4	1	3
9	F	10	2	9
10	M	9	1	9
11	M	7	1	2
12	F	6	1	5

Procedimentos para a Coleta de Dados

A coleta de dados foi realizada pela pesquisadora, na própria residência das famílias, no período entre julho de 2009 a fevereiro de 2010, variando o tempo de coleta de dados entre as famílias de 1 a 34 dias. Embora a média de tempo tenha sido de 12 dias, a mediana ficou em torno de 6 dias. Em 2 das famílias, todos os procedimentos de coleta dos dados foram realizados em uma única visita, mas para a maioria das famílias ($n=8$) foi realizada uma visita à casa dos pais e outra visita à casa dos avós. Em 2 famílias as avós foram entrevistadas no ambiente de trabalho, mas o restante da coleta foi realizada em suas residências.

Durante as visitas, foram aplicados 1 questionário e 1 *checklist*: o primeiro foi respondido por apenas 1 dos membros do casal, tanto na GF1 quanto na GF2. Na GF1, 2 avós e 10 avós foram os informantes. Já na GF2, apenas as mães foram informantes do questionário. Por se tratar de informações sociodemográficas, e outras de natureza bastante objetiva, justifica-se a aplicação com apenas 1 informante. As respostas dos questionários foram anotadas nos próprios protocolos pela pesquisadora.

Já os *checklists* foram respondidos apenas pela GF1 (avós e avós), pois as questões

eram voltadas para as atividades realizadas por avós e netos. Seis avôs e 8 avós marcaram, eles próprios, as suas respostas, e 6 avôs e 4 avós preferiram que a pesquisadora lesse e marcasse as respostas para eles.

Foram realizadas, também, entrevistas semi-estruturadas com todos os participantes, ou seja, avôs, avós, pais, mães e netos. As entrevistas foram feitas individualmente e em ambientes reservados. Com as crianças, foram realizadas atividades lúdicas, como jogos e montagem de quebra-cabeças, durante a entrevista, a fim de possibilitar um ambiente mais descontraído, além de aproximá-las da pesquisadora.

A duração total das visitas, incluindo todas as famílias, foi de 44 horas. O tempo médio para a aplicação de todos os instrumentos, considerando as 3 gerações familiares (avôs, avós, pais, mães e netos), foi de 3 horas e 40 minutos. Para este tempo, foram considerados, além da aplicação dos instrumentos (questionário, *checklist* e entrevistas), a leitura do termo de consentimento e as discussões de dúvidas sobre a pesquisa. As entrevistas foram gravadas em gravador digital e, posteriormente, foram armazenadas no notebook da pesquisadora. Cópias de segurança foram feitas em DVD's e em um HD externo. A seguir, serão apresentados detalhadamente os instrumentos utilizados para a obtenção dos dados do estudo.

Os Instrumentos

Questionário de Caracterização do Sistema Familiar. O instrumento (ver Apêndice B, p. 156) intitulado Questionário de Caracterização do Sistema Familiar (Dessen, 2009) é composto por 3 partes: (a) Identificação da família do estudo; (b) Dados demográficos da família, com informações sobre escolaridade, ocupação, renda familiar, religião, condições de moradia e constelação familiar; e (c) Dados relativos à caracterização do sistema familiar, incluindo informações sobre a rotina da família, com foco na divisão de tarefas domésticas, nas características da rede social de apoio, nas condições de saúde e nos principais eventos ocorridos com a família. As respostas às questões do questionário de caracterização do sistema familiar foram anotadas pela própria pesquisadora, visando a padronização do procedimento.

Foram feitas adaptações no questionário original, em função das especificidades das duas gerações familiares. Para a GF1, na divisão de cuidados com as crianças, foi focado apenas o neto-alvo, e foram detalhadas as questões sobre os possíveis problemas de saúde enfrentados pelos avós, ou seja, se havia alguma questão importante de saúde, de qual tipo e qual o tratamento indicado. Essa questão não foi feita de maneira aprofundada

na GF2. Para a GF2, foi focado com quem o neto-alvo ficava enquanto os pais estavam no trabalho, questão que não foi feita na GF1. Cada núcleo familiar respondeu 1 questionário, totalizando 24 (12 na GF1 e 12 na GF2).

Checklists. Os *checklists* (ver Apêndice C, p. 177) foram elaborados a fim de fornecer um panorama geral das atividades desenvolvidas por avós e seus netos, quanto ao tipo, ao local e à periodicidade destas, tendo como referência os 15 dias anteriores à coleta. As atividades descritas foram definidas com base na literatura sobre a relação avós-netos (Kenner & cols., 2007) e adaptadas, pelas autoras, à cultura brasileira. Todos os avós e avós responderam ao *checklist*, totalizando 24 formulários.

Entrevistas. Os roteiros de entrevistas (ver Apêndice D) foram elaborados com base na revisão da literatura, e tiveram por objetivo: (a) caracterizar as famílias de origens e as atuais, além de identificar as concepções de “família”, “avô”, “avó” e “neto” dos participantes e (b) descrever as relações mantidas entre avós e seus netos e entre avós, seus filhos, genros e noras.

O roteiro de entrevista realizado com avós e avós (p. 179) foi dividido em 3 partes: (a) concepções de família, avô, avó e neto/neta; os avós também contaram sobre suas famílias de origem, isto é, a família de seus próprios avós e a vivência como netos; (b) a relação mantida entre eles, a GF1, e seus netos, a GF3, com destaque para as características dos netos, as semelhanças destes com os avós, as atividades realizadas por eles e as contribuições dos avós na vida do neto/neta, incluindo a transmissão de valores; e (c) as relações entre os avós (GF1) e a família nuclear de seus filhos, genros e noras, enfatizando as principais contribuições da GF1 para a GF2 e vice-versa, além de focar as concepções dos avós acerca da educação dada pelos pais aos seus próprios filhos, ou seja, aos netos.

O roteiro de entrevista realizado com pai e mãe (p. 181) teve a mesma estrutura, e também foi dividido em 3 partes: (a) concepções de família, avô, avó e neto/neta; os pais também contavam sobre suas famílias de origem, seus próprios avós e a vivência como netos; (b) a relação mantida entre avô e avó com o neto/neta (ou seja, seus próprios filhos), com destaque para a participação dos avós na vida do neto/neta, a concepção de avós ideais e as semelhanças e diferenças dos avós no papel de pais e de avós (apenas para filhos e filhas dos avós); e (c) as relações entre as duas gerações, com foco para as contribuições da GF1 para a GF2.

O roteiro de entrevista semiestruturada aplicado com o neto/neta (p. 183) teve por

objetivo investigar as concepções que as crianças possuíam de família, avô, avó e neto/neta, além de focar as relações mantidas entre elas e seus avós. O roteiro foi dividido em duas partes: (a) o que os netos compreendem por família, avô, avó e neto/neta e (b) as relações estabelecidas entre eles e seus avós, com destaque para as atividades preferidas, o que aprendiam com os avós e o que ensinavam a eles. Todos os participantes responderam a um roteiro de entrevista, totalizando 60 (24 avós, 24 pais e 12 netos).

É importante ressaltar que os dados do estudo, bem como a discussão feita a partir destes, serão apresentados aos participantes, conforme é exigido pela Resolução 196/1996. Além disso, antes do início da coleta de dados, a pesquisadora realizou 2 estudos pilotos, descritos a seguir.

Estudos pilotos

Os instrumentos de coleta de dados elaborados para esta pesquisa foram testados por meio de 2 estudos pilotos: o primeiro com a finalidade de verificar o roteiro de entrevista dirigido aos avós, e o segundo com o intuito de testar a adequação do procedimento e dos 3 instrumentos, em uma família formada por avó, pais e netos que estivessem de acordo com os pré-requisitos da amostra.

Estudo piloto 1. Este estudo teve por objetivo verificar a adequação do roteiro de entrevista proposta aos avós. As questões preliminares da entrevista foram testadas no mês de março de 2009 com uma avó de 53 anos. A entrevista foi realizada em seu local de trabalho, e teve a duração de 1 hora e 17 minutos, tendo sido gravada. A entrevistada escolheu uma de suas netas, de 9 anos, para ser foco de suas respostas. Como resultado deste teste dos instrumentos, concluímos que as questões se mostravam pertinentes e coerentes com as experiências da entrevistada, denotando serem apropriadas para a investigação do tema pesquisado. Como resultado do estudo piloto, apenas a ordem de duas questões foi alterada, visando um encadeamento mais claro das idéias.

Estudo piloto 2. Este estudo foi realizado no mês de maio de 2009 e contou com a participação de uma família voluntária composta pelo avô de 75 anos, a avó de 68 anos, o pai de 42 anos, a mãe de 38 anos e a neta, de 9 anos. Todos os instrumentos foram aplicados durante a realização deste estudo piloto, a fim de assegurar a viabilidade da pesquisa. Os objetivos do estudo piloto 2 foram: (a) verificar a adequação dos instrumentos e procedimentos para a coleta dos dados, certificando a compreensão dos participantes quanto às instruções ou itens e quanto às questões de entrevista; (b) mensurar o tempo aproximado para a aplicação de cada instrumento; e (c) treinar a pesquisadora no uso dos

instrumentos e técnicas de coleta a serem aplicados.

Os resultados do segundo estudo piloto mostraram que: (a) os instrumentos eram adequados para todos os membros da família, e o roteiro de entrevista para as crianças mostrou-se particularmente satisfatório para as crianças da faixa de idade entre 8-11 anos. No entanto, pequenos ajustes de redação foram necessários; (b) os procedimentos estavam de acordo com os objetivos do estudo; (c) havia compreensão dos participantes acerca das questões formuladas. Além disso, houve a possibilidade de prever um tempo médio para a coleta de dados, assim como aumentar a familiaridade da pesquisadora com as questões dos instrumentos, preparando-a melhor para esta tarefa. Após o estudo piloto, uma nova questão foi incluída no roteiro de entrevista com os pais (“Como seus pais eram enquanto pais e como são como avós?”) e outra no roteiro com os avós (“O seu neto/a é parecido com o senhor/a? Se sim, como?”).

Procedimentos para a análise de dados

Para a análise dos *Checklists* e das questões fechadas do Questionário de Caracterização do Sistema Familiar, as informações foram tabuladas e as frequências foram calculadas. As questões abertas das entrevistas foram analisadas com base na análise qualitativa proposta por Dessen e Cerqueira-Silva (2009). Essa análise de dados empíricos combina métodos qualitativos e quantitativos e foi desenvolvida com base na experiência de 20 anos de pesquisas na área de desenvolvimento humano, implementadas no Laboratório de Desenvolvimento Familiar – LabFam, do Instituto de Psicologia, da Universidade de Brasília - UnB. Com essa técnica, os dados são analisados mediante 4 etapas sucessivas: as 2 primeiras consistem na aplicação da técnica usual da Análise de Conteúdo – AC, proposta por Bardin (1977), e as 2 seguintes ampliam as análises iniciais à medida que geram sistemas integrados de categorias, conforme proposto por Dessen e Cerqueira-Silva.

Etapa 1 - Análise das Entrevistas de um Grupo de Participantes (avós, pais ou netos) que Respondeu a um Mesmo Roteiro

Nesta etapa, foram percorridos 3 passos para cada grupo de participantes que respondeu aos roteiros de entrevistas: (a) a seleção e exploração do material, denominada de pré-análise; (b) a codificação; e (c) o agrupamento dos temas. Na seleção e exploração do material (pré-análise), foram selecionadas as entrevistas já transcritas

que haviam sido aplicadas ao grupo de avós, de pais e de netos. Em seguida, foi realizada a leitura de cada uma das entrevistas deste grupo.

Na Codificação (exploração do material), foram identificados e marcados os diferentes temas no texto, na própria transcrição digital. O Agrupamento dos temas (categorização) foi feito após a leitura dos temas previamente identificados na entrevista, sendo selecionados aqueles que possuíam semelhança ou que estavam relacionados entre si. Esse agrupamento foi realizado de modo a envolver o maior número possível de temas. Ao final, cada um desses agrupamentos resultou em uma categoria, de acordo com os seguintes critérios: (a) Exclusão mútua: indicando a ausência de ambigüidade e/ou superposição das categorias. Isso significa que uma categoria não pode estar contida ou relacionada com outra, devendo essas ser mutuamente excludentes; (b) Homogeneidade: todos os temas agrupados tinham uma relação entre si, mesmo que fosse por oposição ou complementação; e (c) Pertinência: a análise realizada correspondeu ao que melhor explicava ou caracterizava o objeto de pesquisa.

Todas as entrevistas dos três grupos de respondentes passaram por este procedimento, de categorização, demandando a elaboração de várias versões do sistema. De acordo com Puglisi e Franco (2005), as primeiras versões são aproximativas, sendo lapidadas e enriquecidas para se tornarem mais completas e satisfatórias. Portanto, após a finalização dos 3 primeiros passos para todas as entrevistas de um mesmo grupo, foi iniciado o processo de análise do conjunto das entrevistas daquele grupo.

Os passos seguintes para a análise das entrevistas dos três grupos foram: (a) formação das categorias síntese: em um primeiro momento, foram lidas as categorizações de todas as entrevistas de cada 1 dos grupos, separadamente. Em seguida, foram eleitas as categorias mais representativas daquele grupo, estando presentes na maioria das entrevistas realizadas, em função do roteiro de entrevista. Essas foram chamadas de *categorias síntese*; (b) classificação dos temas: concluído o sistema inicial, composto pelas categorias síntese, foi realizada a classificação dos temas de todas as entrevistas do grupo dentro desse sistema; e (c) definição das categorias: neste passo, foram definidas cada uma das categorias formadas (inferência), tendo em vista a própria fala dos entrevistados e os conceitos básicos da literatura da área. Com base na primeira etapa de análise foi possível vislumbrar a necessidade da construção de um novo sistema de categorias, dado o volume excessivo de informações e a complexidade das dimensões de análise tratadas nesta coleta de dados. Assim, após a definição de categorias e temas de acordo com o procedimento usual da AC, os diferentes temas e subtemas foram reagrupados, dando origem a um *novo* sistema de

categorias. A seguir, é apresentado o procedimento de construção do *novo sistema integrado de categorias*. Neste caso, foi ampliada a AC tradicional para mais duas etapas de análise – 3 e 4.

Etapa 2. Elaboração do Sistema Preliminar de Categorias – Para Cada Roteiro de Entrevista

Os sistemas de categorias gerados com as análises das entrevistas realizadas com os três grupos foram, também, agrupados em um único sistema. Assim, este sistema preliminar foi se constituindo à medida que se incluíam as análises das entrevistas de um novo grupo de participantes, o que exigia adaptações constantes dos sistemas anteriormente elaborados. Com base nos temas identificados, foram criados novos subtemas que, por sua vez, foram revistos e, quando necessário, subdivididos em itens e subitens, conforme o conteúdo das respostas apresentadas pelos demais respondentes, cujas verbalizações foram inseridas.

Etapa 3. Revisão do Sistema Preliminar e Elaboração do Sistema Integrado (definitivo) de Categorias – Para cada Roteiro de Entrevista

Para esta revisão e preparação do sistema definitivo, foram necessários 2 procedimentos: uma nova leitura exaustiva do sistema previamente construído, incluindo as verbalizações de todos os entrevistados (avôs, avós, pais, mães e crianças) e, em seguida, um reagrupamento de categorias, quando necessário. Os diferentes níveis do sistema foram ordenados em uma seqüência lógica, obedecendo ao critério de significado e relevância para os objetivos da pesquisa, e os diferentes níveis foram renomeados.

Depois da reorganização e reclassificação dos sistemas componentes da estrutura geral de análise, foram contadas as freqüências e realizados os cálculos da estatística descritiva (freqüências absoluta e relativa) para o último nível do sistema (subtemas, itens ou subitens), a fim de quantificar as verbalizações mencionadas.

Etapa 4. Validação do Sistema de Categorias Integrado

Para garantir que as categorias criadas fossem válidas e objetivas, foi realizada uma análise por juízes. Essa análise envolveu outro pesquisador, também membro do Laboratório de Desenvolvimento Familiar e com experiência em análise de conteúdo, que revisou as análises das etapas 2 e 3, bem como todo o banco de dados de todos os sistemas de categorias gerados para cada roteiro de entrevista. Ambas as análises foram comparadas

para verificar se havia concordância ou não entre elas; em caso contrário, as discordâncias eram discutidas até que se chegasse a um consenso quanto às categorias identificadas e seus respectivos temas. Com base nestas discussões, o sistema foi sendo modificado novamente, garantindo o significado, a relevância e a objetividade da categorização.

Os sistemas de categorias gerados por esta análise encontram-se nos Apêndices E, F, G, H, I, J, K, L, M e N, respectivamente nas páginas 184 a 193, e serão mencionados detalhadamente no próximo capítulo de resultados.

RESULTADOS

O capítulo de resultados será apresentado em 3 seções, de acordo com os eixos norteadores. A primeira seção abordará a questão das relações intergeracionais, com ênfase nas famílias de origem e nas famílias atuais, além das contribuições entre as gerações. Na segunda seção, será apresentada a transmissão intergeracional de valores e as concepções de família, avô, avó e neto dos participantes, além das concepções de genros e noras, da educação transmitida aos netos, dos avós ideais e das similaridades e diferenças dos avós no papel de pais e de avós. Na terceira seção, as relações entre avós e netos serão enfocadas, com destaque para a transição para se tornar avós, para as atividades realizadas entre avós e netos e para as contribuições e transmissão de valores da GF1 para a GF3. Ainda nesta seção, os dados descritivos serão apresentados conforme algumas das características familiares, a fim de identificar aspectos significantes na relação avós-netos.

Reiteramos que a geração formada por avôs ($n=12$) e avós ($n=12$) será referida como GF1, a dos genitores da criança focal (pai=12; mãe=12) como GF2 e a dos netos ($n=12$) como GF3. Para facilitar a identificação dos participantes, serão usados os seguintes símbolos: Ô=avôs, Á=avós, P=pais, M=mães, N=netos e F=famílias.

As Relações Intergeracionais: as Famílias de Origem, as Famílias Atuais e as Contribuições entre as GF1 e a GF2

Neste tópico são ilustradas as percepções da GF1 e da GF2 acerca, primeiramente, de suas famílias de origem, destacando como foram suas infâncias e como eram suas famílias, seus pais, suas mães e seus avós. A seguir, as percepções das famílias atuais da GF1 e da GF2 são descritas, com ênfase nas relações parentais e conjugais e na divisão das tarefas domésticas. Por fim, serão apresentadas as contribuições entre as duas gerações familiares.

Lembranças Marcantes: a Infância, os Pais, as Mães e os Avós

Dez avós (41,7%) relataram sobre como haviam sido suas infâncias. Destes, 70% ($n=7$), ressaltaram que ela havia sido difícil, pois haviam passado por necessidades financeiras: *Nós éramos muito pobres, pobre mesmo, paupérrimo, a ponto de, às vezes, até passar fome* (Ô2). Algumas avós haviam ficado órfãs de pai ou de mãe e, em decorrência, elas precisaram se responsabilizar pelas tarefas domésticas e pelos cuidados com a família: *Aí a minha mãe, aos trinta e nove anos, faleceu; na penúltima gravidez ela ficou muito*

doente, eu que praticamente criei essa minha irmã (Á8). Os outros 30% (n=3) disseram que suas infâncias haviam sido boas, justificando que ela havia sido *maravilhosa* (Á3) ou *com muito amor* (Á5).

Na GF2, 7 pais (29,2%) disseram como haviam sido suas infâncias, que foi caracterizada como boa para 85,7% (n=6), já que eles haviam brincado muito durante este período, como no exemplo: *Sou do interior, cresci brincando muito, eu vivia na rua, andando de bicicleta* (P3). Apenas 1 pai (14,3%) citou dificuldades na infância em decorrência da morte prematura da mãe, e suas implicações para a família: *Eu praticamente não conheci minha mãe, perdi minha mãe eu acho que de 1 pra 2 anos de idade. A família era mais humilde, eu trabalhava pra poder ajudar a sustentar os mais novos, né, os mais velhos trabalhavam bastante* (P12).

Ao comparar as duas gerações quanto ao total de verbalizações, é possível verificar que, enquanto 70% da GF1 consideraram a infância difícil, e 30% relatou que havia sido boa, na GF2 14,3% consideraram a infância difícil, e 85,7% a consideraram boa.

Quanto às famílias, na GF1 11 avós (45,8%) relataram sobre suas características, identificando-as como boas ou normais, como tendo um bom relacionamento e como unidas, conforme o exemplo: *As famílias eram bem unidas, porque a divisão de casas, por exemplo, de um lado era primo, no fundo era minha vó, era um quarteirão imenso só de família. A casa era sempre uma casa cheia* (Á4). A Tabela 2 mostra as frequências e os percentuais relativos sobre como eram as famílias de origem, segundo a GF1 e a GF2:

Tabela 2

Freqüência e Percentuais Relativos sobre como era a Família de Origem, Segundo os Relatos da GF1 e da GF2

Categorias		GF1 (n=11)		GF2 (n=5)		Total
		Avô	Avó	Pai	Mãe	
		f %	f %	f %	f %	f %
Família	Unida		5 41,7			5 26,3
(era/tinha)	Bom relacionamento		3 25			3 15,8
	Boa/normal	2 100	2 16,67	3 25	2 100	9 47,4
	Pequena		1 8,33			1 5,3
	Grande		1 8,33			1 5,3
TOTAL		2 100	12 100	3 100	2 100	19 100

Nota. O "n" refere-se ao número total de participantes que responderam as categorias. Um mesmo participante pode ter mencionado mais de uma categoria ao responder uma única pergunta. As freqüências e percentuais referem-se ao total de verbalizações em cada categoria.

Na GF2, apenas 20,8% dos participantes (n=5) relataram sobre as características de suas famílias, e todos as caracterizaram como sendo boas ou normais: *A nossa família é uma família assim, estruturada, é uma família tranqüila* (P11).

Comparativamente, fica evidente que foram as avós as que mais verbalizaram sobre suas famílias, pois enquanto os avôs e os pais falaram de maneira genérica sobre as famílias de origem (ex.: *Minha família era normal* [P8]), as avós citaram a união e o fato da casa estar sempre cheia de familiares, além de contarem sobre o bom relacionamento e o tamanho de suas famílias.

Quanto à percepção da GF1 sobre os seus próprios pais, esta os retratou com aspectos mais negativos do que positivos, isto é, como rigorosos (n=2; 8,3%) e ausentes (n=2; 8,3%). A seguir, um exemplo de fala sobre o pai rigoroso e outro sobre o pai ausente: *Nós fomos criados nessa fazenda, e o meu pai foi muito rigoroso com os sete filhos, eu fui o que mais apanhou, naquela época com chicotada. [...] tive que sair de casa, não agüentava mais aquela loucura do meu pai* (Ô6); *A gente vê muitas famílias, digamos, assim, solidificadas, um relacionamento bom, e eu não tive esse relacionamento assim com o meu pai, porque depois o meu pai veio a se separar da minha mãe* (Ô11). Os outros 20 avós (83,2%) não relataram sobre seus pais.

Em relação às próprias mães, na GF1 25% ($n=6$) falaram sobre elas, e todos a identificaram como mulheres batalhadoras, como nos exemplos: *A minha mãe tinha um pulso, inderrotável. A principal herança da minha mãe é a firmeza de capacidade de lutar, podia derrotá-la dez batalhas, ela não desistia não, ia pra décima primeira, vinte batalhas* (Ô12); *Quando o meu pai faleceu eu era menina, com 11 anos, e ela deu conta de tudo, foi uma guerreira* (Á10). O restante ($n=18$; 75%) não relatou sobre suas mães.

Já na GF2, 5 mães e 2 pais (29,2%) relataram sobre seus próprios pais, caracterizando-os como presentes ($n=5$; 35,7%), ausentes ($n=3$; 21,4%), muito trabalhadores ($n=2$; 14,3%), rigorosos ($n=2$; 14,3%) e agressivos ($n=2$; 14,3%). Mais mães do que pais consideravam seus pais presentes: *Meu pai sempre teve mais jeito pra conversar do que a minha mãe. Por exemplo, falar de orientação sexual, era o meu pai que falava* (M2). Tanto as mães quanto os pais consideravam seus pais rigorosos e agressivos, como nos exemplos: *Meu pai foi muito severo na criação, eu apanhava* (P4); e *Meu pai bebia e era assim, ficava até um pouco agressivo* (M11).

Já as mães, segundo os 33,3% ($n=8$) de respondentes da GF2, eram consideradas presentes ($n=6$; 75%), como no exemplo: *A minha mãe nunca teve empregada, a minha mãe é que sempre carregou a gente pra cima e pra baixo, ela sempre muito presente* (M2). Dois pais (25%) disseram que suas mães eram muito trabalhadoras: *Ela tinha dois ou três empregos como enfermeira, então praticamente é pouco contato que tinha com a gente, então a gente tinha empregadas que faziam nosso almoço* (P11).

Ao comparar as duas gerações familiares pelo total de verbalizações temos, portanto, os pais retratados como rigorosos (50%) e ausentes (50%) na GF1, e como presentes (38%), trabalhadores (15,5%), rigorosos (15,5%), ausentes (15,5%) e agressivos (15,5%) na GF2. As mães da GF1 eram vistas como batalhadoras (100%), e as mães da GF2 eram presentes (75%) e muito trabalhadoras (25%).

Avós e pais também falaram sobre seus próprios avós, qualificando as relações que tinham com eles e recordando as lembranças marcantes⁵. Na GF1, o envolvimento emocional com os avós foi considerado próximo para 54,2% ($n=13$) dos avós, que disseram que a proximidade se dava em uma relação de intimidade e amizade, de amor e carinho, de proteção ou de apoio, ou que eram simplesmente “normais” ou “cordiais”. O avô da família 2 citou, ao falar de sua avó, a importância que ela teve como sua protetora:

⁵ Cabe ressaltar que os respondentes falaram dos avós maternos e/ou paternos, sem obrigatoriedade de enfatizar apenas uma ou ambas as linhagens.

E eu me lembro, até hoje, que nos momentos mais 'difícil', na alimentação, por exemplo, quando não tinha, ela deixava de comer pra eu e meu irmão comer alguma coisa.

Quanto à distância emocional, os avós ($n=4$; 16,7%) citaram a desunião da família paterna ou materna, o jeito "áspero" ou pouco apegado dos avós e a distância física ou geográfica como os responsáveis pelo contato emocionalmente distante. O exemplo a seguir ilustra um destes motivos: *Porque ela (avó materna) não tinha assim muita ligação com neto, não teve o carinho de passar a mão, sabe, de dar um abraço, de brincar e coisa, igual a gente vê hoje (Á4)*. Os outros 7 avós (29,2%) disseram que eram emocionalmente distantes de apenas uma das linhagens, como no exemplo: *Já por parte de pai, eu tive muito pouco contato. Eu tenho recordação do meu avô (paterno) que era muito violento, puxou meu pai, também não tinha muita ligação com ele, que ele era muito estúpido com a minha avó, machucou muito a minha avó (Ô6)*.

Na GF2, 79% ($n=19$) dos pais consideraram seus próprios avós emocionalmente próximos, ou porque havia intimidade, amizade, amor e carinho na relação (ex.: *Minha vó [paterna] era minha cadeirinha, eu vivia no colo dela [P9]*), ou porque os avós provinham apoio e suporte a eles, como no exemplo: *Ela (avó materna) ajudou a criar todos nós, era uma pessoa muito dedicada aos netos. Ela que fazia as nossas roupas - ela costurava super bem, ela que cortava nosso cabelo (P10)*.

Já os pais que consideravam seus avós emocionalmente distantes ($n=3$; 12,5%) citaram características dos avós que dificultavam a relação (ex.: *O meu avô [paterno], como tinha sido militar, ele era mais duro, não dava folga pra gente não [P1]*) ou a desunião familiar (ex.: *Com a minha avó paterna eu tenho um vínculo meio amigável, porque assim, é uma família meio desunida da parte do meu pai, então a gente tem contato, mas só nas datas especiais [M3]*). Os 8,5% restantes ($n=2$) consideravam seus avós distantes em apenas uma das linhagens. Na figura 1 é possível visualizar o percentual de respostas dos 48 participantes, divididos entre as duas gerações familiares:

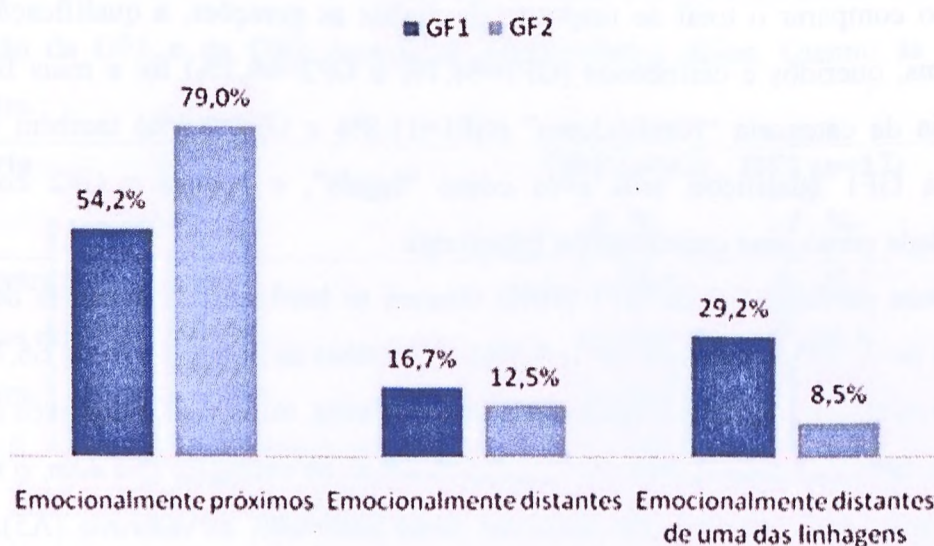


Figura 1. Percentual de tipos de proximidade emocional da GF1 e da GF2 com seus próprios avós.

Pela visualização do gráfico, fica evidente que a GF2 possuía um relacionamento mais próximo com seus avós, tanto com uma quanto com ambas as linhagens. A GF1 relatou ser emocionalmente mais distante tanto em uma quanto em ambas as linhagens, quando comparada à GF2.

Ao caracterizarem seus próprios avós, 11 avós (45,8%) relataram que eles eram bons ou carinhosos ($n=11$; 64,7%), conforme o exemplo: *E eles (avós paternos) eram carinhosos com a gente, mas carinhosos daquele jeito antigo. Eu gostava muito deles, sempre gostei dos meus avós, dos quatro, eu gostei muito deles* (Á8). Os avós também foram considerados “legais” (17,6%) e batalhadores (11,8%): *Minha avó paterna criou 14 filhos, ela ficou viúva o mais novo tinha dois anos, e ela conseguiu criá-los todos muito bem* (Á5). Os 13 avós restantes (54,2%) não relataram sobre as características de seus avós.

Na GF2, 8 pais (33,3%) destacaram que seus avós eram bons ou carinhosos ($n=9$; 69,2%), como no exemplo: *A minha avó (materna) é uma doçura, ela é uma pessoa super alegre, acha tudo bom, ela é ótima* (M12). Os avós também foram considerados como batalhadores (8,3%), e 1 mãe ressaltou a religiosidade de sua avó: *A avó paterna era muito religiosa, a vida dela era ajudar os pobres, ajudar a Igreja, e doar bens para Igreja, era uma pessoa muito despojada* (M5). Os 16 pais restantes (66,7%) não mencionaram esta questão.

Ao comparar o total de respostas de ambas as gerações, a qualificação dos avós como bons, queridos e carinhosos (GF1=64,7% e GF2=69,2%) foi a mais freqüente. A freqüência da categoria “batalhadores” (GF1=11,8% e GF2=8,3%) também foi similar. Apenas a GF1 qualificou seus avós como “legais”, e apenas a GF2 considerou a religiosidade como uma característica importante.

Doze participantes da GF1 (50%) citaram as lembranças marcantes de seus avós maternos ($n=3$; 25%), paternos ($n=1$; 8,3%) e de ambas as linhagens ($n=8$; 66,7%). Dentre o total de respostas, as visitas realizadas à casa dos avós, ou as visitas dos avós à residência dos netos, foram as mais citadas ($n=7$; 22,6%), como no exemplo: *Pra mim, o máximo era ir pelo menos uma vez por mês visitá-los (avós paternos), eu adorava (Á5)*. A comida preparada pelas avós ($n=6$; 16,1%) também era uma lembrança marcante (ex.: *Eu lembro de criança ela (avó materna) ia fazer alguma coisa de milho, a gente ajudava a tirar os cabelinhos que ficam grudados, eu lembro disso [Ó9]*), bem como a casa dos avós (ex.: *No meu avô [materno], a gente ia sempre na casa dele, era muito bom. E quando a gente chegava lá eles [avô materno e a esposa] faziam tudo para agradar também [Á10]*). Uma avó, mesmo tendo perdido o seu avô quando jovem, lembrava de seus traços marcantes: *Meu avô materno morreu quando eu tinha seis anos, mas eu me lembro perfeitamente dele, da figura dele, até hoje eu sou capaz de descrever a fisionomia dele, porque esse meu avô era um homem alto, bonito (Á9)*. A tabela 3 mostra as respostas da GF1 e da GF2 acerca das lembranças marcantes de seus avós:

Tabela 3

Percepção da GF1 e da GF2 Acerca de seus Próprios Avós, Quanto às Lembranças Marcantes

Categoria		GF1 (n=12)	GF2 (n=17)	Total
		f %	f %	f %
As lembranças marcantes dos avós eram	A casa	5 16,1	9 25,7	14 20,9
	A comida	6 19,4	5 14,3	11 16,4
	As visitas	7 22,6	11 31,4	18 10,4
	A coabitação/o trabalho	5 16,1	2 5,7	7 11
	Os presentes/apelidos	2 6,5	1 2,9	3 4,5
	As broncas	2 6,5		2 3
	A fisionomia	4 12,9	2 5,7	6 9
	As viagens		3 8,3	3 4,5
	A religião		2 5,7	3 4,5
Total		32 100	35 100	67 100

Nota. O "n" refere-se ao número total de participantes que responderam as categorias. Um mesmo participante pode ter mencionado mais de uma categoria ao responder uma única pergunta. As frequências e percentuais referem-se ao total de verbalizações em cada categoria.

Na GF2, 17 (70,8%) pais e mães recordaram lembranças marcantes de seus avós maternos ($n=6$; 35,3%), paternos ($n=3$; 17,6%) ou de ambas as linhagens ($n=8$; 47,1%). As visitas dos avós aos netos ou dos netos à casa dos avós também foram as lembranças mais citadas pela GF2 ($n=11$; 31,4%), como no exemplo: *Quando ela (avó materna) vinha a Brasília, aí era um espetáculo, todos queriam dormir na cama com ela, era aquele monte de menino agarrado nela pra ela contar história (M10)*. A casa dos avós também era uma lembrança marcante ($n=9$; 25,7%): *Eu amava dormir na casa da minha avó, eu ficava esperando sexta-feira, muito ansiosa, porque eu ia para a casa da minha avó, para dormir lá da sexta para o sábado. Comida de casa de vó é mais gostosa, o banheiro, a cama da casa da avó é mais gostosa, o quarto, tudo (M3)*. As lembranças dos pais quanto à comida de suas avós ($n=5$; 14,3%) eram referentes a alguma comida especial (ex.: *Ela [avó materna] tinha uma vida muito simples, era uma pessoa pobre, o que ela podia fazer era um pão feito em casa, um pão gostoso, um pão todo especial [P5]*) ou ao fato de as avós sempre prepararem comidas para receberem seus netos: *Aquela avó (paterna) da gente*

chegar lá e arrumar mesa, com um monte de coisa pra gente comer (M11). Os 7 pais restantes (29,2%) não relataram lembranças marcantes de seus avós.

Pela visualização do percentual de respostas, verificamos que, apesar da diferença temporal entre as duas gerações, as lembranças marcantes que eles possuíam de seus avós eram semelhantes. A casa dos avós, as visitas realizadas entre as famílias e a comida das avós foram os aspectos mais citados por ambas as gerações, somando 47,7% do total de verbalizações. Em dissonância, a GF1 ressaltou a coabitação e o trabalho com seus avós, fato menos comum à GF2 que, por outro lado, destacou as viagens com os avós, dado que não apareceu na GF1. Em seguida, serão apresentadas as características das famílias atuais da GF1 e da GF2.

Ao correlacionar o tipo de envolvimento que os avós relataram ter com seus próprios avós (se emocionalmente próximo ou distante) com as lembranças marcantes que respondera, é interessante verificar que as lembranças marcantes da casa dos avós, bem como a comida que as avós faziam, só foram citadas por avós que relataram ter tido um relacionamento emocionalmente próximo com seus próprios avós. As broncas foram citadas por um avô emocionalmente próximo e outro emocionalmente distante de seus próprios avós, ou seja, não houve uma relação direta com a proximidade. Quanto à categoria “coabitação e trabalho”, tanto os avós que haviam tido relacionamento emocionalmente próximo, quanto os que tiveram relacionamento distante, citaram a coabitação; Porém, o avô que falou sobre a relação de trabalho com seu avô relatou um relacionamento distante.

Na GF2, as lembranças sobre a casa dos avós também foram citadas apenas por aqueles que haviam relatado a proximidade emocional, mas a comida das avós era uma lembrança tanto dos avós próximos quanto dos distantes. As lembranças da coabitação, da religiosidade e das viagens realizadas com os avós foram citadas apenas por pais e mães que disseram ter um relacionamento emocionalmente próximo com seus avós.

As Família Atuais: Relações Parentais e Conjugais, Divisão das Tarefas Domésticas e Rede Social de Apoio

Na GF1, 10 participantes (41,7%) relataram como eram suas famílias com características concentradas em aspectos positivos, já que ela foi considerada boa ou exemplar ($n=4$; 40%), normal ou tranqüila ($n= 4$; 40%) e unida ($n= 2$; 20%). Os outros 14 avós (58,3%) não mencionaram esta questão. Na GF2, os 9 participantes (37,5%) que citaram sobre suas famílias atuais também consideraram apenas aspectos positivos: a

família era boa, maravilhosa ou gostosa ($n=4$; 33,3%), unida ($n=4$, 33,3%), legal ($n=1$; 16,7%), e normal ou tranqüila ($n=2$; 16,7%). Os outros 14 pais (58,3%) não caracterizaram suas famílias.

Quanto às relações parentais, 5 avós (20,8%) as caracterizaram como boas, pois consideravam que seus filhos eram maravilhosos (ex.: *Eu tenho três filhos maravilhosos, nunca me deram problemas, estão bem casados também, meus netos também são muito queridos* [Á2]) e que a relação era próxima (ex.: *A gente [avô e filhos] discute, troca idéia, às vezes um não concorda com a idéia do outro, mas depois a gente senta, conversa. Eu adoro meus filhos* [Ô11]). Outros 5 avós (20,8%) disseram que as relações parentais eram difíceis, ou porque seus filhos eram pouco carinhosos (ex.: *Meus filhos é muito seco. Mas o que é que eu vou fazer, eu vou chorar?* [Á8]) ou porque os avós haviam sido rigorosos na educação, como no exemplo: *Meus quatro primeiros filhos têm certos traumas do pai. Criação austera, criação dura. E não sei se eles têm mágoas. Nós nos relacionamos bem, mas eu não sei se lá dentro jazem mágoas* (Ô1). Os 14 avós restantes (58,3%) não relataram sobre as relações parentais.

As relações parentais foram identificadas pela GF2 como sendo de participação e de dedicação aos filhos ($n=8$, 16,7%), como no exemplo: *Brinco de bola com as meninas, vou para a terra com elas, ando de bicicleta. Eu sou aquele pai que acorda no meio da noite pra cobrir as minhas filhas* (P9). A dificuldade nas relações foi citada por duas mães e 1 pai (12,5%), ou porque a tarefa de educar era penosa ou porque os filhos brigavam: *Meus meninos brigam o tempo inteiro, me dá agonia, eu não tenho muita paciência com isso, não. Eu não sei lidar com isso, isso me tira a paciência* (M2). Os outros 13 pais (54,2%) não relataram sobre as relações parentais. A Tabela 4 mostra as frequências relativas e o percentual de categorias sobre as características das relações parentais na GF1 e na GF2.

Tabela 4

As Características das Relações Parentais na Família Atual, Segundo Avós e Pais

Categorias		GF1 (n=10)	GF2 (n=11)	TOTAL
		f %	f %	f %
As relações parentais são	De participação/dedicação		8 33,3	8 16,7
	Difíceis	5 20,8	3 12,5	8 16,7
	Boas	5 20,8		5 20,8
	Não relataram	14 58,3	13 54,2	27 56,3
Total		24 100	24 100	48 100

Nota. O "n" refere-se ao número total de participantes que responderam as categorias. Um mesmo participante pode ter mencionado mais de uma categoria ao responder uma única pergunta. As frequências e percentuais referem-se ao total de verbalizações em cada categoria.

Pode-se observar que, quanto ao total de participantes, na GF1 as relações boas e difíceis foram relatadas pelo mesmo número de participantes. Já na GF2, as relações parentais foram consideradas mais como de participação e de dedicação, e menos difíceis do que na GF1.

Treze avós (54,2%) relataram sobre suas relações conjugais, que foram consideradas como harmônicas por 7 (53,8%) e difíceis para os outros 6 (46,2%) avós. Dentre os avós que a consideravam harmônicas, a tranquilidade, a confiança, o companheirismo do casal e os objetivos comuns foram citados como justificativas, como no exemplo: *Quando nós casamos eu falei pra ela: "Oh, meu salário é tanto, você tem que usar esse dinheiro até o fim do mês e, quem sabe, sobrar um pouquinho ainda porque a gente não sabe o dia de amanhã." E assim nós travamos nosso... a nossa meta de vida (Ô2).* Já as relações difíceis foram identificadas quando o cônjuge tinha uma personalidade muito diferente, ou quando havia brigas e discussões constantes, como no exemplo: *Esse lado do casamento é muito complicado, foi uma batalha de unhas e dentes durante esse tempo todo, muita guerra, muita discussão, os problemas que surgiam na época para chegar onde a gente chegou. Não foi fácil (Ô6).* Os outros 11 avós (45,8%) não mencionaram esta questão.

Na GF2 as relações conjugais foram consideradas harmônicas para 6 pais e mães (25%) por existir amor (ex.: *Aconteceram algumas coisas que a gente pensou se separava, mas o sentimento falou mais alto [M3]*), por o casal ter condutas semelhantes (ex.: *A gente acabou sendo criado do mesmo jeito, temos mais ou menos os mesmos hábitos, os mesmos*

costumes, e não houve nenhum estranhamento nesse sentido [M7]) e pelas facilidades de diálogo do casal (ex.: *A gente conversa muito, com relação às crianças a gente discute muito, conversa, a gente tem muita preocupação* [P8]). Dentre os participantes que consideravam as relações difíceis ($n=2$, 8,3%), as dificuldades aconteceram por divergências na administração do lar ou na educação dos filhos, como no exemplo: *Na educação dos meninos ela é mais fechada, não dá tudo, eu já quero dar, até semana passada a gente conversou disso* (P12). Os outros 16 membros (66,7%) da GF2 não mencionaram esta questão. A Figura 2 mostra o percentual das verbalizações quanto ao tipo de relação conjugal da GF1 e da GF2.

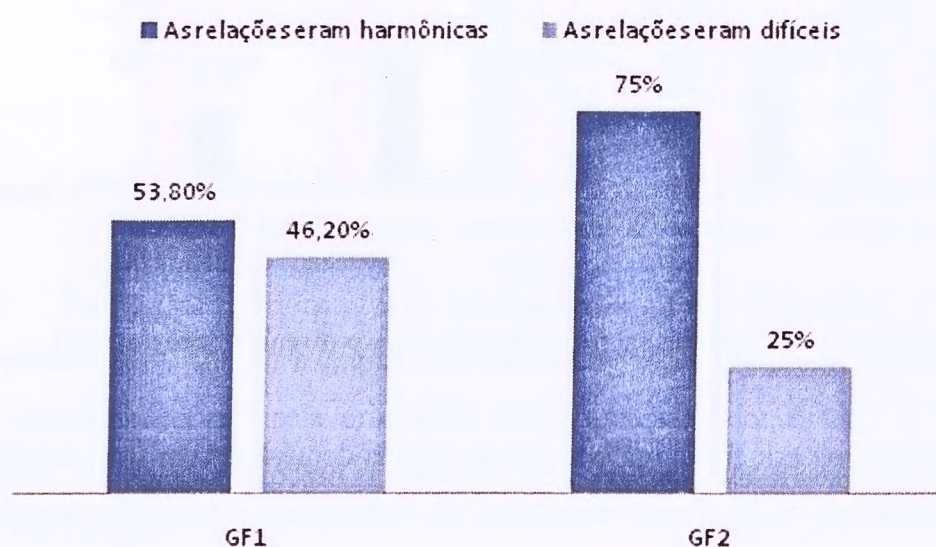


Figura 2. Percentual de respostas de avós e pais acerca da qualidade de suas relações conjugais

Em ambas as gerações as relações conjugais foram consideradas mais harmônicas do que difíceis. Na GF1, entretanto, houve pouca diferença entre as 2 categorias, enquanto na GF2 um percentual maior de pais e mães considerou suas relações como harmônicas.

Ao comparar os dados das relações conjugais com os das relações parentais, verificamos que há semelhanças entre as gerações. Na GF1, as relações parentais foram consideradas tão boas quanto difíceis, e as relações conjugais foram consideradas apenas um pouco mais harmônicas do que difíceis. Já na GF2, tanto as relações parentais quanto as relações conjugais foram consideradas como de participação e envolvimento, e com harmonia.

Quanto à divisão de tarefas domésticas, na GF1 9 famílias (75%) contavam com empregada doméstica diariamente, enquanto 2 (16,67%) tinham a visita de faxineiras 1 vez na semana. Um dos casais (8,3%) não contava com nenhuma outra pessoa para realizar as tarefas domésticas, e avô e avó compartilhavam as atividades do lar. Na Figura 3 estão ilustradas a divisão das tarefas na GF1, de acordo com o percentual das categorias:

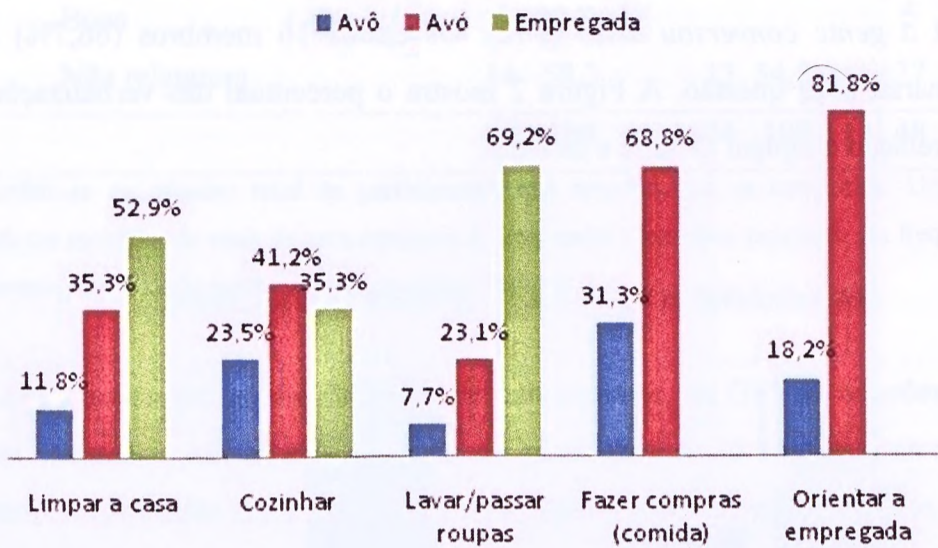


Figura 3. Divisão das tarefas domésticas, por atividades e por realizadores na GF1.

As avós eram as principais realizadoras de tarefas domésticas em suas residências, sendo responsáveis por 42,86%⁶ das atividades. As empregadas domésticas contribuíam em 38,1% das tarefas, com destaque para a realização da limpeza da casa e nas tarefas de lavar e passar as roupas. Os avôs participavam em 19,04% do total de atividades, fazendo as compras de comida (em mercados, mercearias e padarias, por exemplo) e cozinhando. Cabe ressaltar, entretanto, que dos 5 avôs que cozinhavam, 2 o faziam apenas esporadicamente, ao preparar um churrasco, por exemplo. Apenas um avô passava e lavava roupas, e 2 orientavam a empregada doméstica.

Já na GF2, 10 famílias contavam com o apoio de uma empregada doméstica regularmente (83,3%), e 2 possuíam uma faxineira, que ia à residência das famílias 1 vez por semana (16,7%). Nesta geração, ficou evidente a importância da empregada, que predominantemente era quem limpava a casa, cozinhava, lavava e passava as roupas

⁶ Para o cálculo dos percentuais da divisão de tarefas domésticas, a categoria "orientar a empregada" não foi considerada.

(totalizando 56,67% do total de tarefas⁷), mesmo quando ia apenas 1 vez por semana à casa da família. Na Figura 4 estão expostos estes dados, conforme a frequência das categorias:

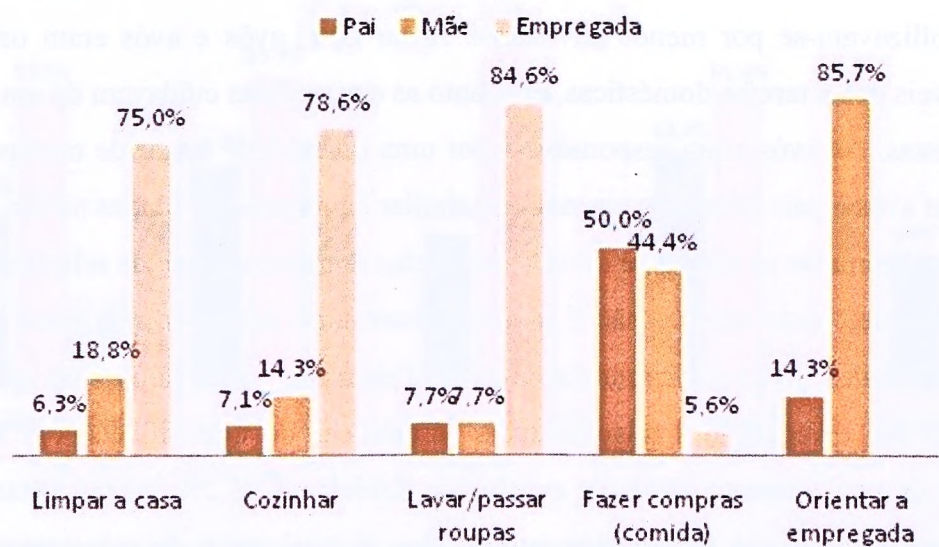


Figura 4. Divisão das tarefas domésticas, por atividades e por realizadores, na GF2.

Pais e mães dividiam quase igualmente as tarefas domésticas, já que os pais eram responsáveis por 20% das tarefas domésticas e, as mães, por 23,33% destas. Todas as mães se responsabilizavam pela orientação das empregadas domésticas, e 2 pais também o faziam. Na Figura 5 é possível visualizar a comparação da divisão das tarefas domésticas nas GF1 e GF2:

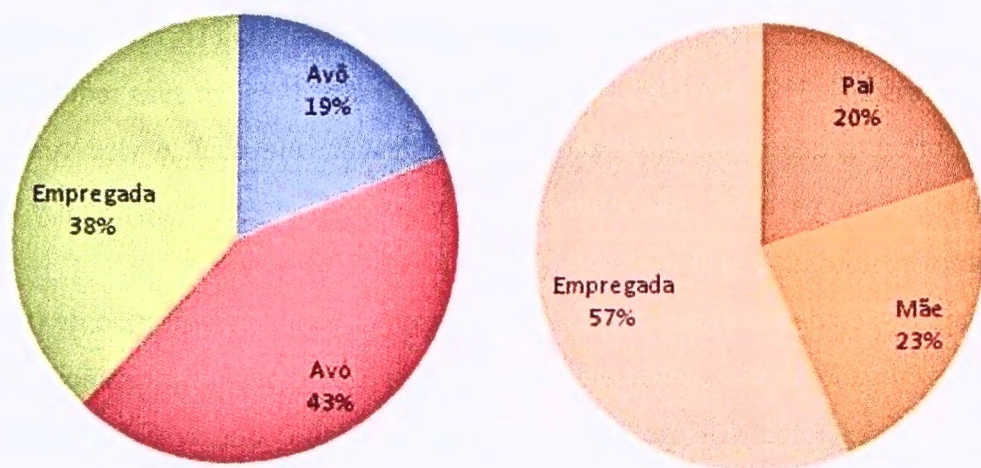


Figura 5. Comparação da divisão de tarefas domésticas na GF1 e na GF2, em percentual.

⁷ Idem.

Fica evidente, portanto, que as empregadas da GF2 responsabilizavam-se pela maior parte das tarefas domésticas destas famílias, enquanto pais e mães responsabilizavam-se por menos atividades. Já na GF1, avôs e avós eram os principais responsáveis pelas tarefas domésticas, enquanto as empregadas cuidavam de um percentual menor destas. As avós eram responsáveis por uma quantidade maior de tarefas do que as mães, mas avôs e pais possuíam um número similar de responsabilidades no lar.

Ao comparar os dados de divisão de tarefas domésticas com as relações conjugais, percebe-se que, neste estudo, não é possível fazer uma relação direta entre a carga de responsabilidades do lar e a harmonia do casal. Pais e mães dividiam quase igualmente as tarefas do lar, e reportaram relações mais harmônicas do que difíceis. Por outro lado, apesar de os avós terem considerado as relações difíceis em 46,2% das respostas, e os avôs participarem em poucas tarefas domésticas, eles se queixaram do relacionamento tanto quanto as avós, evidenciando que os casais enfrentavam outros tipos de problemas além da divisão de tarefas domésticas.

Quanto à rede de apoio familiar, em um total de 29 verbalizações, os avós citaram especialmente seus filhos (37,9%), seus irmãos (10,3%), seus genros e/ou noras (6,9%) e seus primos (6,9%). Seus próprios pais, os sobrinhos e seus netos mais velhos foram também lembrados (3,4% em cada). Entre os não-familiares, 5 famílias da GF1 citaram a empregada doméstica (17,2%), 2 falaram sobre seus vizinhos (6,9%) e 1 avó falou sobre a importância de seu grupo de oração (6,9%).

Já os pais contavam, em suas famílias, com seus próprios pais (36,7%), seus irmãos (23,3%) e seus cunhados (10%). Foram citados ainda os amigos (16,7%), a empregada (10%) e o motorista (3,3%). No total, os pais citaram 30 membros em suas redes de apoio. Percebe-se, portanto, que a principal rede de apoio da GF1 é a GF2, e vice-versa. Cabe ressaltar que mesmo os avós que consideravam suas relações parentais como difíceis citaram, como primordial, o apoio de seus filhos.

Quanto aos cuidados com o neto, os avós disseram como era a divisão de tarefas no que tangia aos cuidados deste quando ele estava em seu lar. Os avós eram responsáveis por todas as tarefas, excluída a parte de alimentação e banho, que em 2 famílias eram realizadas, também, pela empregada, conforme pode ser observado na Figura 6:

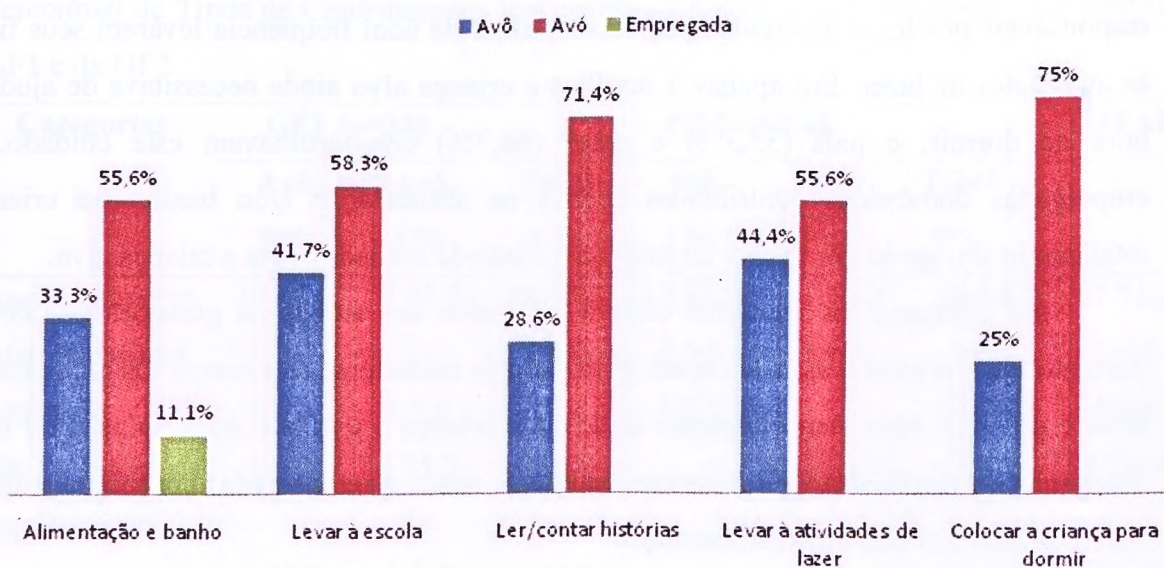


Figura 6. Divisão de cuidados com o neto, quando ele estava sob os cuidados dos avós.

As avós eram as principais responsáveis pelos cuidados com os netos, mas os avôs também participavam de suas atividades, especialmente ao levarem-nos às atividades de lazer e à escola (44,4% e 41,7%), e ao alimentá-los e banhá-los (33,3%). Foram poucas as respostas relativas à atividade de colocar a criança para dormir ($n=3$), já que quase todos os netos já iam dormir sozinhos, sem necessidade de ajuda.

Quanto à divisão de cuidados com os filhos na GF2, houve predominância da mãe ao realizar as atividades, já que eram elas as responsáveis em 51,6% dos cuidados com os filhos, conforme as freqüências ilustradas na Figura 7:

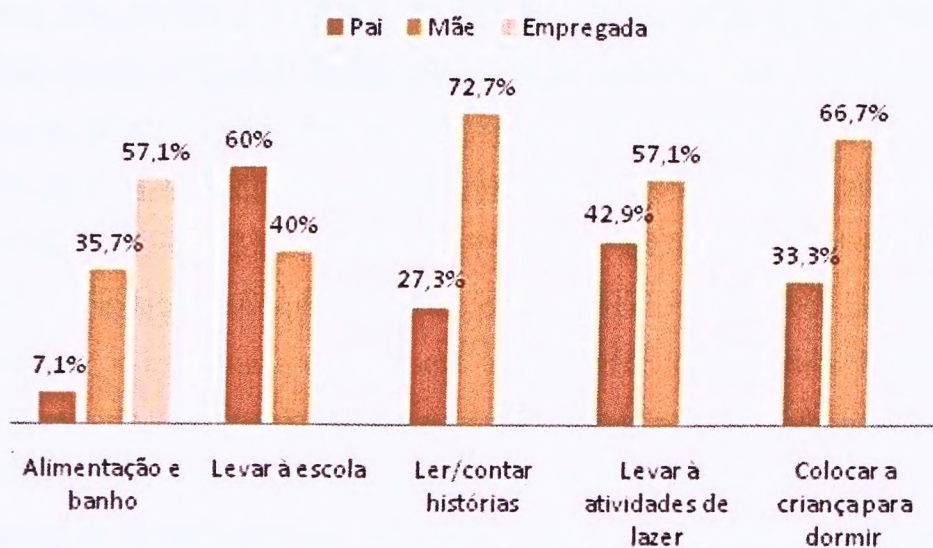


Figura 7. Divisão de cuidados com a criança alvo na GF2.

Já os pais se responsabilizavam por 35,9% do total de tarefas, e eram os principais responsáveis por levar as crianças na escola, além de com frequência levarem seus filhos às atividades de lazer. Em apenas 3 famílias a criança alvo ainda necessitava de ajuda na hora de dormir, e pais (33,3%) e mães (66,7%) compartilhavam este cuidado. As empregadas domésticas contribuíam apenas na alimentação e/ou banho das crianças, totalizando seu apoio em 12,5% do total da divisão de cuidados com a criança alvo.

Ao comparar os cuidados com o neto-alvo em ambas as gerações percebe-se, portanto, que as avós e as mães eram as principais cuidadoras da criança. Os cuidados dos avós e dos pais eram especialmente ao levar a criança à escola e às atividades de lazer. Tanto na GF1 quanto na GF2, mas especialmente nesta, as empregadas contribuíam apenas nos cuidados no banho e na alimentação.

As Contribuições entre a GF1 e a GF2

Neste tópico, serão apresentados os tipos de contribuições entre as gerações, destacando as que são fornecidas e recebidas por avós e pais⁸. Os avós relataram fornecer às famílias de seus filhos, genros e noras (GF2), principalmente apoio e suporte (59,5%). Não interferir na vida familiar da GF2 (18,9%) também era um tipo de contribuição, por exemplo: *Eu posso ver que ele (filho) e a P. (nora) têm temperamentos totalmente diferentes, então eu vejo as coisas, mas não falo, se escutar também finjo que não ouço pra ajudá-lo em tudo* (Á8). Em 10,8% das verbalizações, os avós disseram que contribuíam muito pouco, porque o apoio deles não era necessário.

O apoio e o suporte também foram as contribuições fornecidas pelos avós mais citadas pela GF2 (84,8%), e 6,1% ressaltaram o afeto e o carinho dos avós, como no exemplo: *Eles são muito acolhedores, muito carinhosos* (P4). Dois pais (6,1%) ressaltaram que os avós contribuíam ao não interferirem na vida familiar, como no exemplo: *As discussões que eu tenho com a mãe dele (marido), minha mãe sempre interfere, mas sempre comigo, nunca interferiu nada com ele* (M3). A Tabela 5 mostra os percentuais de categorias relativas às contribuições dadas pelos avós (GF1) às famílias de seus filhos (GF2), segundo a percepção da GF1 e da GF2.

⁸ Neste tópico, todos os respondentes (GF1=24 e GF2=24) relataram sobre todas as questões.

Tabela 5

Percentual de Tipos de Contribuições fornecidas pela GF1 à GF2, Segundo os Relatos da GF1 e da GF2

Categorias	GF1 (n=24)			GF2 (n=24)			TOTAL
	Avô	Avó	Total	Pai	Mãe	Total	
	f %	f %	f %	f %	f %	f %	
Apoio e suporte	12 68,4	7 52,9	19 59,5	15 88,2	13 81,3	28 84,8	47 71,4
Afeto e carinho	1 5,3		1 2,7	1 5,9	1 6,3	2 6,1	3 4,3
Amizade	1 5,3	1 5,9	2 5,4	1 5,9		1 3,0	3 4,3
Não interferir na vida familiar	1 5,3	6 35,3	7 18,9		2 12,5	2 6,1	9 12,9
Nenhuma/pouca	3 15,8	1 5,9	4 10,8				4 5,7
TOTAL	18 100	15 100	33 100	17 100	16 100	33 100	66 100

Nota. O "n" refere-se ao número total de participantes que responderam as categorias. Um mesmo participante pode ter mencionado mais de uma categoria ao responder uma única pergunta. As frequências e percentuais referem-se ao total de verbalizações em cada categoria.

Entre os tipos de contribuições englobadas na categoria "apoio e suporte", os avós ressaltaram o suporte nas tarefas domésticas e nos cuidados com os netos (ex.: *Ajudo quando tem que levar menino no colégio [Á9]*) e a presença e a participação na vida familiar (ex.: *Eu acho que eles [filha e genro] sentem que eles têm uma retaguarda, qualquer problema, qualquer dificuldade, eles têm a gente pra acudi-los, pra atendê-los [Ô7]*). Na GF2, o apoio nas tarefas domésticas também foi ressaltado (ex.: *Se precisa de pegar na escola ou levar na escola ou no curso de natação ou de inglês, sempre tá solicito [P11]*), bem como o suporte material e/ou financeiro (ex.: *No início do casamento morávamos num apartamento dele, fui trabalhar com o meu sogro [P5]*).

Ao comparar a frequência de categorias verbalizadas pela GF1 e pela GF2, fica claro que tanto os avós quanto os pais percebem o apoio da GF1 à GF2 de maneira semelhante, com ênfase no apoio e no suporte oferecido pelos avós aos pais. A não-interferência na vida familiar também era uma contribuição importante em ambas as gerações (apesar de não ter sido mencionada pelos pais), mas especialmente para os avós. Apenas a GF1 considerava dar poucas ou nenhuma contribuição à GF2.

Quanto às contribuições da GF2 para a GF1, 5 avós (20,8%) disseram que não recebiam nenhuma contribuição de seus filhos, genros e noras, em razão de os pais serem

demasiadamente ocupados, ou de os avós não necessitarem de nenhuma ajuda, conforme o exemplo: *Bom, eles nunca ofereceram nada pra mim porque graças a Deus eu nunca dependi de nenhum deles (Ô6)*. Dentre os 79,2% ($n=19$) que disseram receber as contribuições, as verbalizações foram classificadas dentre as seguintes, conforme exposto na Tabela 6:

Tabela 6

Frequência e Percentual de Tipos de Contribuições fornecidas pela GF2 à GF1, Segundo o Relato da GF1

Categorias	GF1 ($n=24$)		TOTAL
	Avô f %	Avó f %	f %
Apoio e suporte	4 30,8	7 46,7	11 39,3
Afeto e carinho	4 30,8	7 46,7	11 39,3
Amizade	3 23,1	1 6,7	4 26,7
O neto	2 15,4		2 7,1
TOTAL	13 100	15 100	28 100

Nota. O “n” refere-se ao número total de participantes que responderam as categorias. Um mesmo participante pode ter mencionado mais de uma categoria ao responder uma única pergunta. As frequências e percentuais referem-se ao total de verbalizações em cada categoria.

O apoio e o suporte, bem como o afeto e o carinho, foram as contribuições mais citadas pelos avós, como no exemplo: *Ah, é de ter eles comigo, de ter o carinho deles, de quando eles chegam a casa ficar alegre (Á1)*. O “apoio e o suporte” foi uma categoria de destaque especialmente no que se referia à presença e disponibilidade da GF2 para a GF1, como no exemplo: *Atende qualquer hora, do dia, da noite, a qualquer hora eles tão à disposição, no que a gente precisar (Ô4)*. Dois avôs lembraram que a grande contribuição da GF2 era o próprio neto.

Treze pais (54,2%) relataram sobre como percebiam as contribuições dos avós diretamente aos netos, ressaltando o papel deles no apoio e no suporte dos netos ($n=14$; 54,5%), como no exemplo: *Ele gosta muito de contar pro avô as coisas que ele conseguiu, as conquistas dele, “vamos ligar pro vovô e contar isso e isso assim” (M10)*. O afeto e o carinho transmitido dos avós aos netos também foi citado em 12 verbalizações (40,9%): S.

(sogro) é muito atencioso com os netos, ele é bem carinhoso, ele é brincalhão, ele se dá muito bem com os meninos (P7).

As contribuições das avós aos netos foram relatadas por 20 participantes da GF2 (83,3%), que também ressaltaram o apoio e suporte fornecidos pelas avós, como no exemplo: *Ela gosta também de fazer vestidinho pra H., de vestir quando tem festa* (M8). O afeto e o carinho foram citados em 9 verbalizações (40,9%): *É o amor. A M. (neta) é mais carinhosa, mais conversadora, e minha mãe conversa demais, então ela liga, conversa com a M. A atenção voltada pra ela é um amor individual* (M2). Um pai (4,5%) citou, ainda, a contribuição da avó para o neto pela educação: *Ela também é um pouco rígida com ele, vê que ele tá fazendo manha, dá bronca, bota de castigo, isso é muito bom* (P12). Na Tabela 7 estão expostas as contribuições dos avós aos netos, de acordo com a percepção da GF2.

Tabela 7

Tipos de Contribuições Fornecidas por Avôs e Avós aos Netos, de Acordo com a GF2, em Frequência e Percentual

Categorias	GF2 % (n=23)		TOTAL %
	Avô f %	Avó f %	f %
Apoio e suporte	14 53,8	14 54,5	28 54,2
Afeto e carinho	12 46,2	9 40,9	21 43,8
Educação		1 4,5	1 2,1
TOTAL	26 100	24 100	50 100

Nota. O "n" refere-se ao número total de participantes que responderam as categorias. Um mesmo participante pode ter mencionado mais de uma categoria ao responder uma única pergunta. As frequências e percentuais referem-se ao total de verbalizações em cada categoria.

Ao comparar estes dados com as contribuições oferecidas pela GF1 à GF2, e pela GF2 à GF1 percebemos, novamente, a preponderância do apoio e do suporte. Por outro lado, o afeto e o carinho também foram bastante ressaltados pela GF2, de maneira semelhante ao que a GF1 considerava ser a contribuição recebida pela GF2. Na próxima seção, serão exploradas as características da transmissão intergeracional de valores e algumas concepções dos participantes.

A Transmissão Intergeracional: os Valores e as Concepções

Nesta seção será apresentada, primeiramente, a transmissão de valores, enfocando os valores que foram recebidos por avós e pais por suas famílias de origem e os valores transmitidos atualmente pelos avós e pelos pais às suas famílias atuais. Em seguida serão apresentadas as concepções dos participantes acerca de família, avô, avó e neto, além das concepções de genros, noras, avô e avó ideais e as similaridades dos avós nos papéis de avós e pais.

Os Valores Recebidos pela GF1 e pela GF2 por suas Famílias de Origem

Nove participantes da GF1 (37,5%) relataram sobre os valores que receberam de seus próprios avós. Destes, 4 (44,4%) citaram os valores morais, relacionados à justiça, à igualdade, à firmeza de conduta, ao respeito e à honestidade, como no seguinte exemplo: *Apesar da ignorância em termos de conhecimento dela (avó materna) de cultura, por ser analfabeta, ela nos passava uma educação muito boa, de respeito aos mais velhos, de respeito à honestidade, enfim, ser gente, assim, respeitador das normas sociais (Ô2)*. Duas avós (22,2%) citaram os valores religiosos de suas próprias avós, relacionando este aprendizado em suas vidas atuais: *Ela (avó materna) que me levou pra igreja, sou muito católica, hoje praticante (Á8)*. Os valores educacionais foram citados por 1 avó e 1 avô (22,2%), como no exemplo: *Minha avó (paterna) conseguiu uma coisa, numa época que não tinha nem grupo escolar na cidade, não tinha nada, ela conseguiu educar todos os filhos (Ô12)*. Uma avó (11,1%) disse que, da parte da sua avó materna, *Tudo de bom que ela pôde ensinar pra gente ela ensinou (Á8)*, porém sem especificar um tipo específico de valor transmitido.

Na GF2, apenas 2 pais (8,3%) falaram sobre os valores transmitidos por seus avós. Um deles citou os valores morais (*Eu acho que minha avó [materna] teve uma contribuição muito boa pra nossa formação, ensinando pra gente o que era certo. [Pai 10]*) e outro respondeu sobre valores culturais: *Toda vez que eu tava no Rio de Janeiro, meu avô (materno) levava a gente pra ir em museu, né, às vezes tinha exposição ali no centro do Rio, ele levava a gente (P11)*.

Apesar de poucos participantes em ambas as gerações terem respondido sobre os valores recebidos por suas famílias de origem (GF1=9 e GF2=2), os valores transmitidos foram semelhantes, pois todos eram relativos à formação social dos avós e dos pais quando crianças e adolescentes.

Os Valores Transmitidos pela GF1 e pela GF2 para suas Famílias Atuais

Quanto aos valores transmitidos pela GF1 à GF2, dentre os 8 (33,3%) participantes que os relataram, houve destaque para as transmissões por meio dos exemplos pessoais dos avós ($n=4$; 36,4%), ou seja, com atitudes que eles consideravam ser positivas para a formação da família, como no exemplo: *Passo a minha postura de um homem simples, religioso, um homem trabalhador* (Ô1). Os valores religiosos também foram citados em 3 verbalizações (27,3%), e 1 das avós citou que estimulava sua filha e seu genro a participarem da igreja: *Sempre que eu posso eu dou uma cutucadinha com relação à fé, eu sinto que ela e A. estão um pouco afastados da igreja* (Á6).

Na GF2, 10 pais e mães (41,7%; P=3, M=7) relataram sobre os valores transmitidos pela GF1 às suas famílias, destacando os valores familiares ($n=5$; 31,3%), quanto à importância de: (a) valorizar os membros familiares (ex.: *Ela [mãe] sempre fez muita questão de nós mantermos o relacionamento com nossos primos do Nordeste. Então isso é um exemplo bastante bacana que a gente pode passar pros filhos* [M9]) e (b) a vida conjugal (ex.: *Ele [sogro] é muito companheiro dela [sogra] e ele ajuda, então é legal pra gente ver isso* (M8). Quanto aos valores morais ($n=4$; 25%), a GF2 citou o respeito, a solidariedade e a honestidade, como no exemplo: *A questão da honestidade, de você conseguir as coisas por seus próprios méritos* (M9). Os exemplos pessoais também foram mencionados pela GF2 ($n=3$; 18,8%), que considerava que os avós transmitiam valores por meio de suas atitudes, como no exemplo: *A história de vida do meu sogro é uma história bonita, porque é uma história de luta e de vitória, criou os filhos com muita luta, com muito sacrifício, mas com muito trabalho, com muita honestidade, e foi um vencedor, porque criou bem todos os seus filhos. Eu acho que é essa experiência de vida que é extremamente positiva pra minha família* (P10). Na Figura 8 é possível visualizar a comparação dos percentuais das categorias sobre a transmissão de valores da GF1 à GF2, de acordo com as duas gerações familiares.

UNB - BIBLIOTECA CENTRAL

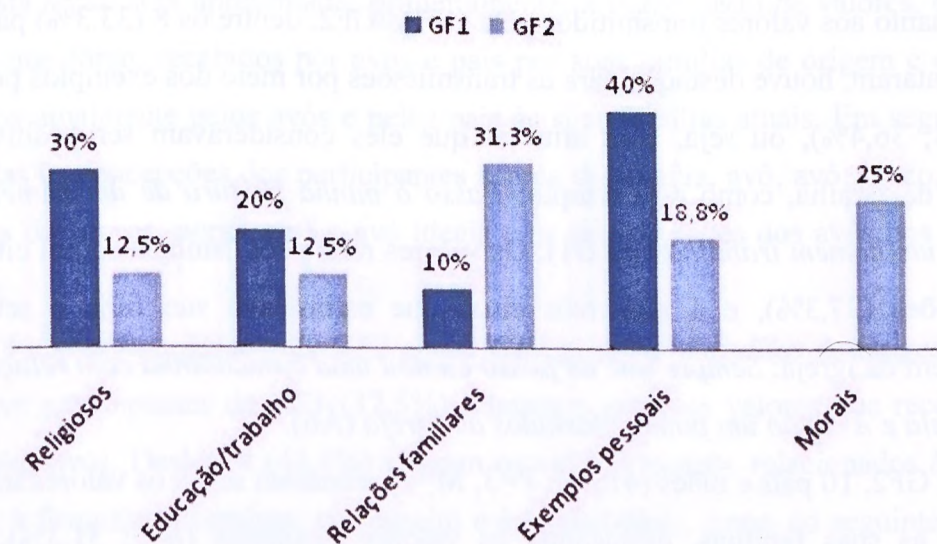


Figura 8. Tipos de valores transmitidos pelos avós aos pais, segundo o relato da GF1 e da GF2, em percentual.

Os valores transmitidos pela GF1 à GF2 foram, portanto, percebidos de maneira diferente por ambas as gerações. Enquanto a GF1 ressaltou os exemplos pessoais e os valores religiosos, a GF2 ressaltou os valores de relações familiares e os valores morais, que não foram citados pela GF1.

Sete pais (29,2%) relataram sobre os valores que transmitiam a seus filhos, e houve destaque para os familiares ($n=4$; 50%), conforme o exemplo: *São três filhas, e eu faço questão de manter, entre elas, a união. Eu tenho sempre um lema aqui com elas, que “a família unida jamais será vencida”. Sempre coloco que o melhor amigo da gente é a família da gente* (M9). Os valores morais ($n=2$; 25%), educacionais ($n=1$; 12,5%) e os religiosos ($n=1$; 12,5%) também eram transmitidos, como no exemplo a seguir: *A parte religiosa, nós não somos católicos praticantes de estar todo final de semana na igreja, mas sempre que possível a gente vai à missa, aquela situação de antes de dormir orientar os filhos a rezar, respeitar os outros* (P11).

Ao comparar os valores transmitidos da GF2 para a GF3 com os valores que a GF2 relataram receber da GF1, percebemos que as verbalizações foram semelhantes. Os pais disseram receber valores familiares, morais, religiosos e de educação da GF1, e relataram transmitir a seus filhos estes mesmos valores.

Ao relacionar os valores que a GF1 e a GF2 aprenderam com seus próprios avós, com aqueles que eles transmitem, é possível verificar que a GF1 aprendeu com seus avós

os valores morais, mas transmite a seus filhos, genros e noras, mais valores por meio de seus exemplos pessoais. Apesar dos valores morais serem transmitidos por meio destes exemplos (como a honestidade e a sinceridade, por exemplo), os avós consideram que não os estão transmitido diretamente à GF2. Por outro lado, o valor da religiosidade, aprendido com os avós, é passado para as famílias atuais pela GF2. Já a GF2 considerava aprender com a GF1 especialmente a importância dos valores religiosos e morais, que eram justamente os que mais transmitiam a seus filhos. Em seguida, serão apresentadas as concepções das três gerações familiares acerca de família, avô, avó e neto.

As Concepções de Família, Avô, Avó e Neto

Neste tópico apresentaremos as concepções que a GF1, a GF2 e a GF3 possuíam acerca de “família”, “avô”, “avó e “neto”. Cabe ressaltar que todos os participantes da GF1 ($n=24$), da GF2 ($n=24$) e da GF3 ($n=12$) responderam sobre suas concepções. A GF1 considerava que família era “tudo” e a “base” ($n=16$; 53,3%), união ($n=5$; 16,7%) (ex.: *Então eu vejo assim, eu vejo família de uma maneira grande, aquela coisa da antiguidade, que morava todo mundo perto, todo mundo junto, unido [Ô8])* sagrada e/ou divina ($n=5$; 16,7%), bonita ($n=2$; 6,7%), difícil ($n=2$; 6,7%), ou ressaltaram sua característica divina: *Família é a continuação do reino de Deus (Á5)*.

Na GF2 a maior parte dos pais ($n=18$; 52,9%) também considerava que família era “tudo” e a “base”, como no exemplo: *Ah, família é a nossa base, é o que justifica a gente estar aí no dia-a-dia, é por ela e pra ela (M5)*. A União e o apoio também foram categorias usadas para definir a família na opinião de 7 pais e 5 mães (35,3%), como no exemplo: *Família tem que ser uma união. Na tristeza e na alegria, esse apoio todo vai ser a sua família (P7)*. Ao comparar os percentuais relativos das respostas da GF1 e da GF2, percebemos que as concepções de família de ambas as gerações são bastante semelhantes, conforme pode ser observado na Figura 9:

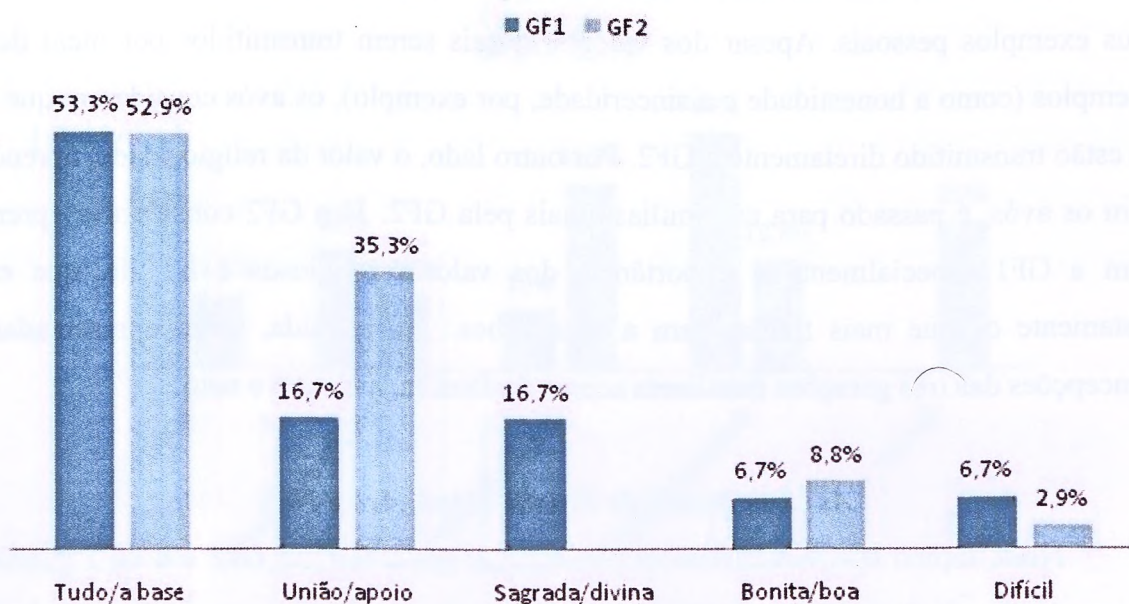


Figura 9. Percentual relativo de concepções de família, segundo a GF1 e a GF2.

Mais respondentes da GF2 do que da GF1 consideraram que a família significava união e/ou apoio; Já na GF1 houve mais respostas sobre a família ser “difícil”. Apenas na GF1 houve respostas sobre o caráter sagrado e/ou divino das famílias.

Na GF3 ($n=12$), a concepção de família dividia-se quanto à composição e estrutura ($n=9$; 64,3%) e às características e qualificações ($n=5$; 35,7%). Quanto à composição e a estrutura, 33,3% das crianças consideraram que faziam parte de suas famílias apenas o núcleo familiar (Pais e irmãos). As outras 6 (66,7%) citaram este núcleo acrescido dos avós e outros membros da família, como primos, tios e bisavós, e até mesmo um cachorro foi citado como fazendo parte da família: *Minha mãe, meu pai, minha avó, meu avô, minha outra avó, meu outro avô, minha bisavó, minha cachorra que morreu, minha tia, meu tio, minha prima, meu primo* (N3). Quanto às qualidades, 50% ($n=2$) disseram que suas famílias eram grandes, e a outra metade ($n=2$) disse que a família era boa e/ou legal.

Quanto às concepções de avô e avó, a GF1 considerou que ser bom/maravilhoso era a principal característica deste papel ($n=11$; 27,5%). Apesar da questão englobar a concepção teórica do que seria o papel de avô e de avó, os participantes da GF1 responderam de maneira concreta, como no exemplo: *Ser avô é maravilhoso. Tem até um caneco ali que ela (outra neta) me deu que tá escrito ali, “Eu amo meu vovô”. É meu vô pra cá, meu vô pra lá, fui bem tratado como avô* (Ô10). Segundo a GF1, os avós também não devem precisar educar os netos, conforme os exemplos: *A mãe é aquele amor que tem*

que corrigir, que tem que ensinar, que tem que mostrar o caminho certo, que sofre, e já o amor de avó, não, você não tem que corrigir. Elas chegam aqui elas fazem o que elas querem, come o que quer, a hora que quer, a mãe não "tá" por perto e eu também não proíbo (Á6); Olha, é muito agradável, porque você não tem a responsabilidade de corrigir (Ô5). Os avós também disseram que, neste papel, os avós sentem-se renovados e/ou recompensados: Eu acho que é um pouco a gente se sentir recompensado (Ô7).

Já na GF2, pais e mães ressaltaram que, no papel de avós, não era necessário preocupar-se com os netos ($n=7$; 47,6%), conforme os exemplos: *É a mãe que não tem obrigação de educar, é assim que eu vejo. É aquela oportunidade que Deus deu pra gente curtir as crianças, os filhos dos nossos filhos, sem o estresse da subsistência, de educar, de ensinar (M5); Avô já foi pai, já teve sua obrigação de criar e educar, tem que ter uma relação mais de diversão (P8). Além de não precisar educar, sentir-se renovados, podendo ter comportamentos diferentes daqueles que tiveram com seus filhos, também era uma característica dos avós em 5 verbalizações (23,8%): Avô e avó eu acho que é a oportunidade, a chance de viver coisas que a gente como pai não vive (M7). Quatro pais e mães (19%) consideravam que os avós deviam educar os netos: *Estar sempre orientando, dando sua opinião, eu acho isso legal, os avós estarem sempre presente explicando. Eles são os segundo pais (M11). A Tabela 8 mostra os percentuais de verbalizações acerca das concepções de avô e avó da GF1 e da GF2.**

Tabela 8

Concepções de Avôs e Avós, Segundo a GF1 e a GF2, por Frequência e Percentual de Verbalizações

Categorias	GF1 (n=24)			GF2 (n=24)		TOTAL	
	Avô	Avó	Total	Pai	Mãe	Total	
	f %	f %	f %	f %	f %	f %	f %
Educar		4 16,7	4 10	2 20	2 18,2	4 19	8 13,1
Não precisar educar	4 25	5 20,8	9 22,5	5 50	5 45,5	10 47,6	19 31,1
Preocupar-se		2 8,3	2 5				2 3,3
Bom/maravilhoso	5 31,3	6 25	11 27,5		1 9,1	1 4,8	12 19,7
Sentir-se renovado	3 18,8	4 20,8	7 20	2 20	3 27,3	5 23,8	12 21,3
Ter continuidade	4 25	2 8,3	6 15				6 9,8
Não explicita				1 10		1 4,8	1 1,6
TOTAL	16 100	23 100	39 100	10 100	11 100	21 100	60 100

Nota. O "n" refere-se ao número total de participantes que responderam as categorias. Um mesmo participante pode ter mencionado mais de uma categoria ao responder uma única pergunta. As frequências e percentuais referem-se ao total de verbalizações em cada categoria.

Ao comparar os resultados da GF1 e da GF2, percebemos que ambas as gerações ressaltam que ser avô e avó significa não precisar se responsabilizar e sentir-se renovado e recompensado. Houve mais verbalizações na GF1 do que na GF2 sobre o fato de que ser avô e avó é bom e maravilhoso. "Educar" foi uma categoria citada por pais e mães, mas apenas as avós disseram que educar fazia parte deste papel, assim como preocupar-se.

Ao comparar estes dados com a caracterização que os avós haviam feito de seus próprios avós, na seção anterior (p. 63), verificamos que a GF1 havia caracterizado seus próprios avós como bons e carinhosos, e percebiam a concepção de avós como algo bom e maravilhoso. A GF2 também percebia seus avós como bons e maravilhosos, e via o ser avós como não precisar educar os netos.

Na GF3, os participantes definiram suas concepções de avôs e avós dividindo-as entre as definições de avô e avó (n=6; 22,2%) e o papel destes (n=11; 77,8%). As definições foram feitas de maneira bem didática pelas crianças, como nos exemplos: *Avó como todo mundo sabe é o pai da mãe e do pai* (N5); *É a mesma coisa, aí uma menina vira adulta, e já casa de novo, vem outro filho, aí vira avó também, né?* (N1); *É a mãe do meu pai ou da minha mãe* (N10). Quanto ao papel de avô, os netos consideraram que estes eram

cuidadores ($n=5$; 45,5%) como no exemplo: *O avô cuida quando (os pais) está trabalhando, quando estão fazendo compras, essas coisas (N1)*. Os avôs também foram considerados como socializadores ($n=3$; 27,3%), ou educando diretamente os netos, ou orientando os pais, como no exemplo: *Mas eu acho que é assim, a função do avô é ajudar o pai a cuidar do filho. Fala, "ah, eu acho que o seu filho está muito mal-educado, fala isso, isso e isso pra ele". Ou então fala pra botar ele numa escola melhor, ou que ele está se alimentando mal, ou que ele precisa se divertir mais que ele tá muito fixado nos estudos. Acho que é isso ser avô (N5)*. Os outros 3 netos (27,3%) não souberam relatar sobre qual seria o papel dos avôs.

O papel das avós também foi considerado como sendo o de cuidar dos netos, para 6 deles (60%), como no exemplo da criança 4: *Eu acho que é, ela cuida do netinho, e também ela faz o netinho dormir, quando ele é pequenininho*. De acordo com as crianças, as avós socializavam seus netos apenas por meio da orientação da mãe: *A avó fala que é pra comprar mais uma roupinha pra filha, que é pra levar no salão pra cortar o cabelo, e tal, aí sempre é a mesma coisa, só que cada um tem um jeito (N5)*. As outras 3 crianças (30%) não souberam dizer qual o papel das avós. A Figura 10 mostra os percentuais de respostas dos netos acerca do papel de avô e de avó.

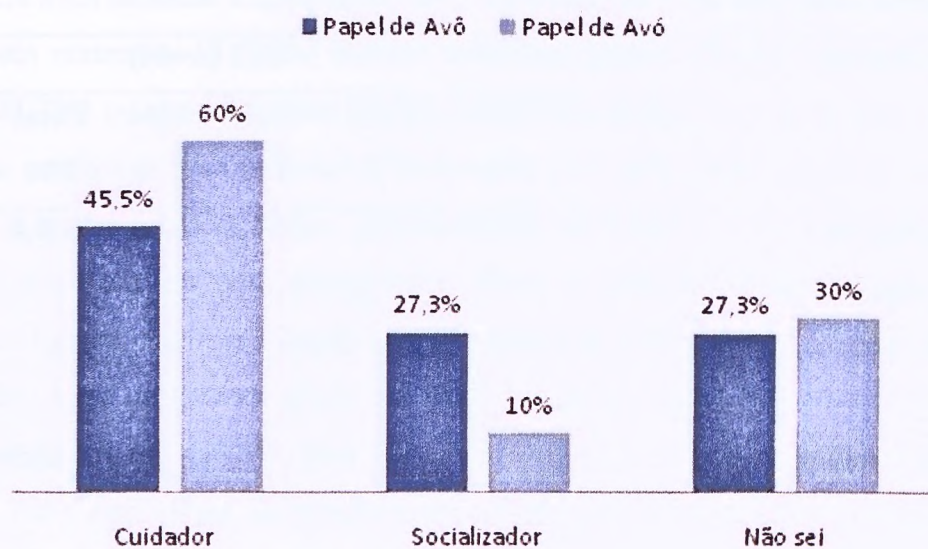


Figura 10. Tipos de papel de avôs e avós segundo os netos, em percentual.

Comparativamente, portanto, as crianças relataram de maneira similar como eram os papéis de avô e de avó: eles cuidavam e socializavam seus netos. O papel de cuidadora era mais particular à avó, enquanto o de socializador era mais característico do avô.

Quanto à concepção de netos, 16 avós (66,7%) relataram sobre suas definições. Destes, 50% ($n=8$) disseram que ser neto é bom e/ou maravilhoso, 25% ($n=4$) disseram que era normal e/ou tranquilo e 25% ($n=4$) gostariam que tivesse sido diferente, como no exemplo: *Eu queria poder dizer: "a minha vó foi como minha segunda mãe", mas não chegou a esse ponto. Eu queria ter tido uma avó mais tempo, pra poder pensar, sentir isso* (Á4).

Já na GF2, 14 pais e mães (58,3%; P=6, M=8) falaram sobre suas concepções do que era ser neto e, do total de verbalizações, 43,8% ($n=7$) disseram que ser neto era bom e/ou maravilhoso, 31,3% ($n=5$) disseram que era cuidar e/ou gostar dos avós, como no exemplo: *Ser neto é ter muita atenção e carinho com os avós* (M7). Em 18,8% das verbalizações ($n=3$), a GF2 ressaltou que ser neto era poder contar com os avós: *Você tem o seu pai e sua mãe, mas você sabe que você tem uma outra pessoa que ainda sabe mais do que sua mãe, que é sua avó* (M9). Na Tabela 9 podem ser visualizadas a frequências e os percentuais das verbalizações da GF1 e da GF2.

Tabela 9

Concepções de Netos, Segundo a GF1 e a GF2, por Frequência e Percentual de Verbalizações

Categorias	GF1 ($n=16$)			GF2 ($n=14$)			TOTAL
	Avô f %	Avó f %	Total f %	Pai f %	Mãe f %	Total f %	f %
Bom/maravilhoso	3 37,5	5 62,5	8 50	5 83,2	2 20	7 43,8	15 44,1
Normal/tranquilo	2 25		2 12,5				2 5,9
Queria que fosse diferente		2 25	2 12,5				2 5,9
Poder contar com os avós					3 30	3 18,8	3 8,8
Cuidar/gostar dos avós					5 50	5 31,3	5 14,7
Não explicita	3 37,5	1 12,5	4 25	1 16,7		1 6,3	5 20,6
TOTAL	8 100	8 100	16 100	6 100	9 100	16 100	32 100

Nota. O "n" refere-se ao número total de participantes que responderam as categorias. Um mesmo participante pode ter mencionado mais de uma categoria ao responder uma única pergunta. As frequências e percentuais referem-se ao total de verbalizações em cada categoria.

Ser bom e/ou maravilhoso foram as principais concepções de ambas as gerações acerca de ser neto. Apenas os avós disseram que era normal e/ou tranquilo, e apenas as avós gostariam que tivesse sido diferente na experiência delas. Na GF2, apenas as mães ressaltaram que era poder contar com os avós, ou cuidar e gostar deles.

Todos os netos ($n=12$) responderam sobre suas concepções de neto. Destes, 2 (16,7%) disseram não saber responder, e dentre os 10 restantes (83,3%), as verbalizações dividiram-se entre a definição ($n=7$, 50%) e o papel dos netos ($n=7$, 50%). Na definição, novamente, os netos deram respostas bem práticas sobre o que era ser neto (ex.: *É o filho da mãe que tem uma mãe ou um pai* [N10]), ou relataram o que os netos faziam (ex.: *A neta brinca, ela conversa com as amigas dela* [N6]). Quanto ao papel, as crianças disseram que o neto deve cuidar dos avós ($n=4$; 57,1%), e alguns ressaltaram que este cuidado devia acontecer quando os avós estivessem mais velhos: *A neta tem que cuidar do avô quando o avô estiver bem velhinho* (N9). Nas outras 3 verbalizações (42,9%), as crianças disseram que os netos deviam obedecer seus avós.

As Concepções de Genros, Noras, da Educação dos Netos, das Similaridades e Diferenças dos Avós nos Papéis de Pais e Avós e os Avós Ideais

Os avós também expressaram suas opiniões acerca de seus genros e noras. Dentre os 20 avós maternos, 18 (90%) falaram sobre seus genros, dizendo que a relação era boa ($n=10$; 41,7%) ou que eles eram boas pessoas, bons maridos ou bons pais ($n=9$; 37,5%), como no exemplo: *O fundamental, o tratamento dele com a filha da gente, tratou bem, já ganhou a gente, os dois vivem, felizmente, eu vejo como muito bem* (Ô4). Três avós (12,5%) consideravam seus genros como filhos, e 2 (8,3%) disseram que a relação era distante: *O genro também é legal, mas ele é meio distante, ele não aparece muito aqui. a gente não morre de amores, entendeu?* (Ô3). Dentre os 4 avós maternos, 3 (75%) falaram sobre suas noras, e 1 (33,3%) considerou a relação boa: *Liga sempre pra mim, tá sempre ligando, ela é bem assim. Eu procuro fazer aquilo que ela gosta, não é forçado não, isso tudo que eu faço é porque eu acho certo. Eu acho que ela não tem queixa de mim, eu não sei se eu sou a sogra que ela queria ter, mas ela é a nora que eu gostaria de ter* (Á11). Os outros 2 (66,7%) disseram que suas noras eram como filhas: *Ah, a P. pra mim é uma filha. Eu não tenho nora, eu vejo a P. como uma filha* (Ô8).

A GF1 ($n=24$) também relatou sobre suas concepções a respeito da educação dadas aos netos pela GF1. Oito avós (66,7%) e 5 avós (41,7%) concordavam com a educação dada aos netos, ressaltando as qualidades dos pais como educadores (ex.: *Eles passam uma*

educação muito boa para as meninas, que as meninas são muito carinhosas com os pais. Eu tenho essa sorte da J. ser uma boa educadora e uma boa mãe com relação às filhas dela [Á6]) ou enfatizando o comportamento adequado de seus netos, como no exemplo: *Acho ótima a educação, concordo sim, acho que eles agem muito direitinho com os filhos deles. A gente vê pelo jeito das crianças, eles são educados, ativos, inteligente e obediente (Á10).* A Figura 11 mostra o percentual de concordância e discordância dos avós quanto à educação transmitida aos netos.

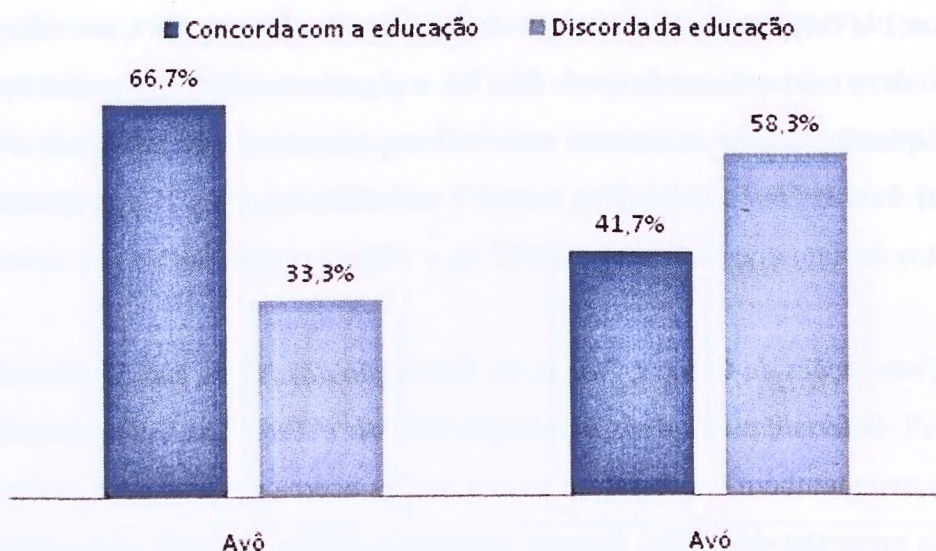


Figura 11. Percentual de concordância ou discordância dos avós quanto à educação dos netos

Quatro avôs (33,3%) e 7 avós (58,3%) discordavam da educação dada aos netos, porque achavam que faltava tempo dos pais para seus filhos, como nos exemplo: *Acho que eles tinham que cobrar mais, estar mais ali com eles, mas é aquele problema: é muita ocupação, aí o pouco tempo que têm acaba fazendo outra coisa (Á2); Os dois poderiam ser mais presentes, sair mais com ela (Ô3).* A falta de orientação para os estudos e o fato de os pais serem rígidos ou impacientes também foram citados, bem como a permissividade excessiva, conforme o exemplo: *Nós somos, como avós maternos, contra o modelo de criação dos três filhos de minha filha T. Eu sou contra, inteiramente contra. A T. trabalha dois expedientes. Então não sei se era... se é para confrontar a criação que ela recebeu, de tudo não podia, então ela é permissivista. As crianças não têm a presença*

visual dos pais e elas ditam o que devem fazer e fazem, são desobedientes - você fala qualquer coisa, não escuta (Ô1).

Ao comparar os dados dos avós que discordavam da educação dos netos, percebemos que não havia nenhuma relação com as dificuldades de relacionamento com genros e noras. Dentre os dois avós que possuíam relacionamento distante com seus genros, um concordava e outro discordava com a educação dada. Com as noras, 1 avó e 2 avós relataram o relacionamento próximo, e ao passo que ela discordava da educação dada, os dois avós concordavam. Logo, não houve, neste estudo, relação entre estas variáveis.

As verbalizações dos avós que discordavam da educação dada aos netos foram comparadas, também, à caracterização que foi feita sobre os netos (ver p. 94). Tanto os avós que concordavam quanto os que discordavam da educação dada aos netos qualificaram-nos com aspectos positivos. Porém, a única característica negativa (levado e/ou desobediente) foi citada por 5 avós; destes, 4 discordavam da educação dada aos netos. Comparamos, também, as verbalizações de discordância quanto à educação com as verbalizações sobre o neto ser parecido ou diferente dos avós (que será mostrada na p. 92), e não encontramos nenhuma relação entre as variáveis.

A GF2 ($n=24$) também citou quais eram, em sua concepção, as características dos avós ideais. A metade dos pais ($n=12$; 50%) disseram que os avós ideais eram tais como os avós reais, que não precisavam mudar em nada. Os outros 12 pais (50%) disseram que os avós ideais seriam diferentes, pois conviveriam mais com seus netos, seriam mais próximos e/ou carinhosos e não dariam bronca no seus netos. A Tabela 10 mostra as frequências e os percentuais de verbalizações da GF2 sobre como seriam os avós e as avós ideais.

Tabela 10

Características de Avôs e Avós Ideais, em Frequência e Percentual, Segundo a GF2

Categorias	O avô ideal	A avó ideal	TOTAL
	(n=12) f %	(n=12) f %	f %
Convive mais	5 35,7	4 21,1	9 27,3
É mais próximo/carinhoso	6 42,9	1 5,3	7 21,2
Educa	1 7,1	4 21,1	5 15,2
Não dá bronca	2 14,3	4 21,1	6 18,2
Fornece um ambiente acolhedor		5 26,3	5 15,2
Apóia nos cuidados com os netos		1 5,3	1 3
Total	14 100	19 100	33 100

Nota. O “n” refere-se ao número total de participantes que responderam as categorias. Um mesmo participante pode ter mencionado mais de uma categoria ao responder uma única pergunta. As frequências e percentuais referem-se ao total de verbalizações em cada categoria.

Segundo a GF2, os avôs ideais seriam mais próximos e carinhosos de seus netos, como no exemplo: *Eu acho que se ele permitisse um pouquinho mais, ser mais coração, ser mais sentimento, eu acho que ele aproveitaria mais, e os netos aproveitariam mais* (P5). Os pais também gostariam que os avôs convivessem mais com os netos, pois faltava um contato mais freqüente por conta dos compromissos profissionais deles (ex.: *Se ele não estivesse trabalhando, teria mais contato, acho que diário com a minha filha* [P11]), ou por motivos de saúde: *Não tem mais aquela convivência grande que tinha, perdeu demais por conta dessa coisa da idade* (M10).

Já as avós forneceria um ambiente mais acolhedor, deixando os netos mais livres (ex.: *Poderia ser mais tranqüila* [P6]), sendo mais pacientes ou preocupando-se menos com a bagunça que as crianças fazem, como no exemplo: *Ela tem muita preocupação com bagunça, com sujeira, então isso atrapalha também um pouco na relação com os netos, porque a casa dela tem que estar sempre impecável. Queria que fosse mais relaxado* (M12). Ela também conviveria mais com seus netos, viajando com eles (ex.: *Eu tenho excelentes recordações das viagens que eu fazia com a minha avó, e ela viajou com a minha filha mais velha, e aí eu falei, “mamãe, por que você não faz isso sempre?”, e aí ela entusiasmou com a idéia, e aí ela falou “ah, então vou fazer mesmo, vou programar e tal”* [M5]) e trabalhando menos: *Eles até colocam que hoje eles têm muito mais tempo, ainda*

assim às vezes eu cobro; “Mãe, por que a senhora corre tanto, já está aposentada, dá atenção pra esses meninos” (M7). Com a mesma frequência de verbalizações (21,1%), a GF2 citou que as avós ideais educariam mais (ex.: *A gente “tá” aqui, “tá” dando duro, eles vão lá, reclamam pra ela, ela já passa a mão na cabeça deles... Ela quebra um pouco a nossa autoridade* [P1]) e que não dariam broncas (ex.: *A minha sogra exerce muito o papel de mãe, então ela bota muita regra, “não faça isso, não sinta assim”, e acaba que os meninos se enjoam* [P5]).

Ao comparar as características dos avós ideais com as concepções de avós da GF2, parece que a GF2 gostaria de ver mais mudanças nos avós. Nas concepções, eles acreditavam que ser avós significava não precisar educar; já os avós ideais, conviveriam mais e seriam mais próximos e carinhosos dos netos, além de não “darem broncas”.

Pais e mães também fizeram uma reflexão sobre as diferenças e as similaridades dos avós no papel de pais e de avós. Nas famílias dos avós maternos ($n=10$), 5 mães (50%) ressaltaram as similaridades de seus pais em ambos os papéis, como no exemplo: *A forma que ele era com a gente ele também é com o A. (neto), com os meninos, com todos os netos. Muito paciente, muito calmo, mas também bem sistemático em algumas coisas. Ele era pai como está sendo avô* (M7). Duas mães (20%) disseram que seus pais eram diferentes: *O meu pai era muito exigente, muito... Com neto não, ele dá muito conselho, mas com o L. (neto) é carinho, atenção, é zelo, mas comigo... O meu pai foi difícil, antes ele exigia, agora não, essa é a diferença* (M1). As outras 3 mães (30%) ressaltaram ambos os aspectos, percebendo algumas características iguais e outras diferentes. Nas famílias de avós paternos ($n=2$), 1 pai ressaltou que seu pai era semelhante como pai e como avô, e o outro percebeu ambas as características: *Ele sempre foi muito certo, correto, ensinou a gente pra respeitar as pessoas, mas como pai ele tinha mais vigor físico* (P11).

Em relação às avós, dentre as 10 mães, 5 (50%) disseram que havia mais diferenças nos papéis: *Ah, totalmente diferente, ela como mãe era muito preocupada, muito centrada nas obrigações, e como avó é só prazer mesmo. Tudo aquilo que ela não teve condição de fazer com a gente, embora ela tenha cuidado muito, ela tá curtindo tudo com eles, ela tá brincando de boneca* (M10). As outras 4 mães (40%) perceberam mais similaridades, como no exemplo: *Eu vejo muita semelhança, ela tem essa cabeça aberta, de ensinar que você pode confiar no seu filho* (M9). Uma mãe ressaltou ambas as características. Dentre os 2 pais, um percebeu semelhanças (*Essa questão da cobrança para que você faça as coisas, é muito parecido. E querer que você aprenda coisas, ela sempre tá querendo ensinar alguma coisa* [P8]) e o outro percebeu diferenças (*Ela sempre que possível*

UNB - BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS

procura tá mais presente do que foi como mãe [P11]). Na Tabela 11, é possível visualizar a frequência e o percentual de pais que caracterizaram avôs e avós como semelhantes e diferentes nos papéis de pais e de avós.

Tabela 11

Frequência e Percentual de Avôs e Avós cujas Características nos Papéis de pais e de Avós eram Semelhantes e/ou Diferentes, de Acordo com seus Filhos

Categorias	Avôs (n=12)	Avós (n=12)	TOTAL
	f %	f %	f %
As características são semelhantes	9 50	6 42,86	15 46,88
As características são diferentes	7 38,89	7 50	14 43,75
Há tanto características semelhantes quanto diferentes	2 11,11	1 7,14	3 9,38
Total	18 100	14 100	32 100

Nota. O "n" refere-se ao número total de participantes que responderam as categorias. Um mesmo participante pode ter mencionado mais de uma categoria ao responder uma única pergunta. As frequências e percentuais referem-se ao total de verbalizações em cada categoria.

É possível inferir, portanto, que os pais consideravam seus próprios pais mais semelhantes como pais e avôs do que suas mães, que eram mais diferentes como mães e avós. Na próxima seção, serão enfocadas as relações avós-netos.

As Relações entre Avós e Netos

Nesta seção serão apresentadas as características das relações de avós e netos. Primeiramente, serão apresentadas as lembranças e os sentimentos dos avós ao receberem a notícia de que seus primeiros netos estavam a caminho. Em seguida, são apresentadas as características dos netos em foco, na visão dos avós. As atividades realizadas entre avós e netos, por frequência e tipos, serão enfocadas, bem como as contribuições e a transmissão de valores dos avós para os netos. Ao final desta seção, algumas características das famílias serão relacionadas com as descrições avós-netos, a fim de apresentar quais variáveis possuem impactos nas relações.

O Tornar-se Avós: Lembranças e Sentimentos Marcantes

Os avós ($n=24$) responderam como foi, para eles, a transição vivida em decorrência do nascimento do primeiro neto. Quatro avôs (16,7%) disseram que não se lembravam mais de como havia sido esta transição, pois já havia tempo que o primeiro neto tinha nascido: *Não lembro bem, faz tanto tempo...* (Ô5). Dentre os 20 avós que disseram como havia sido esta mudança (83,3%), foi ressaltado, especialmente, o fato de que havia sido bom e/ou maravilhoso tornar-se avô e avó, como pode ser observado nas seguintes falas dos avós: *Mas pra mim foi muito bom, foi a melhor coisa que pôde acontecer. O sentimento foi de alegria mesmo, com certeza. Quando ela deu a notícia, a família inteira já ficou sabendo que eu ia ser avó (Á4); Quando o S. (pai) chegou lá em casa falando que tinha uma boa notícia pra dar pra gente. Aí disse que a P. (mãe) “tava” grávida, eu digo; “Gente, que coisa boa!”, foi aquela explosão. Passou, aí quando ela foi fazer ultrasson, aí nós fomos também, vimos, tal: “Oh, coisa linda, não sei o que e tal...”. Aí ficamos sabendo que era uma menina, aí começamos, “né”, a viver aquilo, assim, com aquela alegria e esperando chegar o dia. (Ô8); Um dia eu cheguei em casa, o telefone tocou, era a w. (avó): nasceu M. (primeira neta) aí eu fui pra piscina fiquei gritando sozinho “nasceu minha neta”, até a gente chora (Ô11).* A Tabela 12 mostra as categorias citadas pelos avós sobre como foi o nascimento de seu primeiro neto.

Tabela 12

Sentimentos de Avôs e Avós no Nascimento do Primeiro Neto

Categoria	Avô ($n=12$)		Avó ($n=12$)		Total	
	f	%	f	%	f	%
Foi um susto/baque			5	33,3	5	17,9
Foi normal/tranquilo	3	23,1			3	10,7
Foi bom/maravilhoso	6	46,2	9	60	15	53,6
Foi reviver o tornar-se pai	3	23,1			3	10,7
Foi sentir-me envelhecido	1	7,7	1	6,7	2	7,1
Total	13	100	15	100	28	100

Nota. O “n” refere-se ao número total de participantes que responderam as categorias. Um mesmo participante pode ter mencionado mais de uma categoria ao responder uma única pergunta. As frequências e percentuais referem-se ao total de verbalizações em cada categoria.

As avós ressaltaram, também, que o nascimento do primeiro neto foi um susto e/ou um baque, pois a gravidez havia sido inesperada. Uma das avós ainda não conhecia a então namorada de seu filho quando ela engravidou; outra só soube que era avó quando a neta primogênita estava com 2 meses de vida; duas mães engravidaram ainda durante a adolescência, de maneira inesperada; uma outra avó disse que a filha a surpreendeu engravidando antes do casamento: *No caso da A. (mãe), eu me senti um pouco traída quando ela me falou que estava grávida, porque ela tava com o casamento marcado, e aí ficou grávida antes de casar* (Á12).

Uma avó e um avô disseram que sentiram-se envelhecidos com o nascimento dos primeiros netos: *Eu sempre fui muito vaidosa: avó, pra mim, significa velhice. Aí mexeu comigo, eu avó. Resolvi ensinar a A. (neta primogênita) a me chamar pelo nome. Então elas me chamam de "D." (apelido), e não de "vó"* (Á6). Três avôs (23,1% disseram que, ao tornarem-se avós, haviam revivido o tornar-se pais, como no exemplo: [...] *Aí quando ela internou pra ter o neném, aí nós fomos pra lá, ficamos lá no hospital, passamos lá a noite no quarto, fiquei imaginando lá no hospital, quando a D. (filha primogênita) nasceu, me reportei lá pra 1965* (Á8). Apenas os avôs disseram que a transição para o tornar-se avôs havia sido normal e/ou tranqüila, e apenas as avós ressaltaram que havia sido um susto e/ou um baque.

Como os Avós Percebiam seus Netos, e como Contribuíam em suas Vidas

Quanto à caracterização dos netos, os avôs ($n=12$) verbalizaram que o neto era esperto e inteligente (22,7%), disciplinado e responsável (18,2%) e carinhoso (18,2%). As falas a seguir ilustram estas qualidades: *Ela é muito inteligente, a gente percebe que os filhos da gente são super inteligentes e aí depois a gente percebe que os netos da gente são super-super inteligentes e assim vai* (Ô3); *Ela é uma menina muito responsável, nessa idade ela já parece uma mocinha. Pra gente sair ela é obediente* (Ô4) e *Ele é carinhoso* (Ô12). As respostas dos avôs, e também das avós, estão resumidas na tabela 13:

Tabela 13

As Características dos Netos, Segundo os Avós, por Frequência e Percentual

Categorias	Avô (n=12)	Avó (n=12)	Total (n=24)
	f %	f %	f %
Meu neto é Carinhoso	4 18,2	3 12	7 14,9
Sensível/meigo	2 9,1	5 20	7 14,9
Alegre/engraçado		4 16	4 8,5
Bonito/vaidoso	2 9,1	3 12	5 10,6
Bom/maravilhoso	2 9,1	1 4	3 6,4
Esperto/inteligente	5 22,7	4 16	9 19,1
Disciplinado/responsável	4 18,2	3 12	7 14,9
Levado/desobediente	3 13,6	2 8	5 10,6
Total	22 100	25 100	47 100

Nota. O "n" refere-se ao número total de participantes que responderam as categorias. Um mesmo participante pode ter mencionado mais de uma categoria ao responder uma única pergunta. As frequências e percentuais referem-se ao total de verbalizações em cada categoria.

Já as avós consideravam seus netos sensíveis e meigos (20%), alegres e engraçados (16%), espertos e inteligentes (16%), bonitos e vaidosos (12%), disciplinados e responsáveis (12%) e carinhosos (12%). Os exemplos a seguir ilustram algumas destas características: *Ela é muito sensível* (Á2); *A P. é uma alegria, porque ela enche uma casa!* (Á3); *Eu acho ele lindo!* (Á10) e *Tem disciplina, o A. ele é muito direcionado nas coisas que ele quer* (Ô7). "Levado e desobediente" foi uma característica citada por 2 avós: [...] e *depois ele foi crescendo e foi ficando peralta. Oh, menino levado! Fofo demais, mas levado!* (Á1).

Aos avós também foi questionado se os netos eram semelhantes a eles, e 65% das avós e 58% dos avôs consideravam que o neto era parecido fisicamente ou no comportamento, conforme pode ser observado na Figura 12:

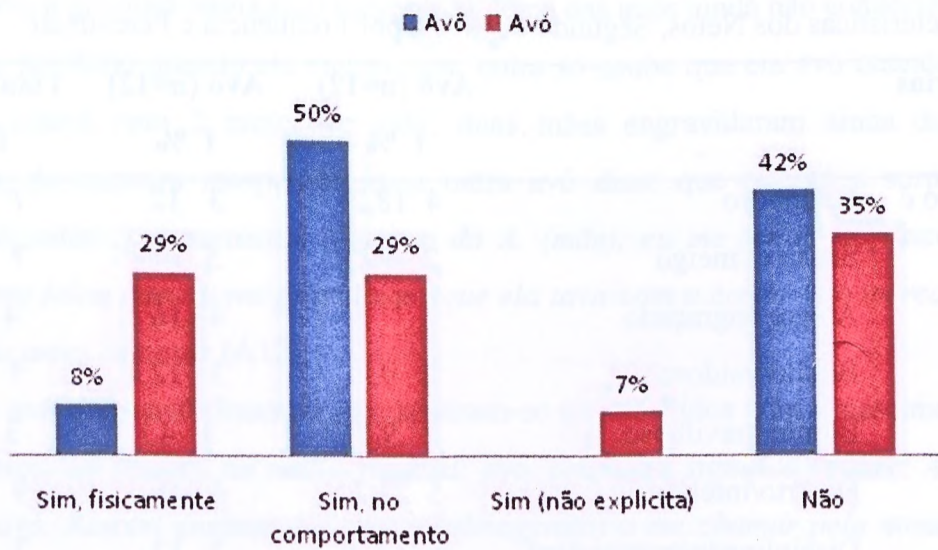


Figura 12. Considerações dos avós acerca das similaridades físicas ou comportamentais com seus netos, em percentual.

Mais avós consideravam seus netos parecidos fisicamente (29%), enquanto os avôs viam mais semelhanças comportamentais (50%), de acordo com os exemplos: *Fisicamente eu acho ela um pouquinho parecida comigo, tem uma fotos que até a P. (nora), fala que é parecida comigo (Á8) e Ah, eu me identifico muito nele, eu acho ele muito parecido comigo: ele é calado, introspectivo, gosta de ler, gosta de futebol, gosta das coisas dele arrumadas, gosta da individualidade dele (Ô7).*

Quais Atividades eram Realizadas por Avós e Netos?

Quando perguntados sobre a freqüência de encontro nos 15 dias anteriores à coleta de dados, os avós responderam que haviam se encontrado com seus netos com mais freqüência entre 1 e 4 vezes a cada 15 dias, caracterizando uma periodicidade esporádica, com mais encontros nos finais de semana, quando os netos não estavam na escola e nem os avós no trabalho. Na Figura 13 estão representados os percentuais de encontros dos avós com o neto em questão no período de 15 dias antes da coleta de dados:

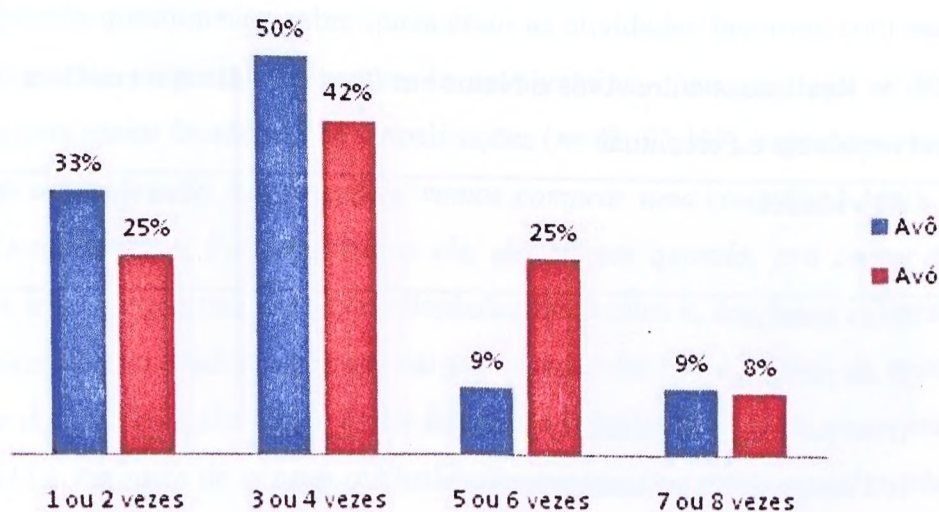


Figura 13. Frequência de encontros entre avós e netos nos últimos 15 dias, segundo o relato dos avós.

Três avós relataram ter visto seus netos por 5 ou 6 vezes nos últimos 15 dias, e 1 avô e 1 avó (de famílias diferentes) disseram que haviam estado com os netos por 7 ou 8 vezes na quinzena anterior.

Quanto aos tipos de atividades, os avós dividiram-nas entre aquelas realizadas em locais públicos e as realizadas em casa (podendo ser nas suas próprias residências ou na dos netos). Nos locais públicos, houve destaque para as idas à restaurantes e lanchonetes ($n=6$; 8,1%), e 2 avôs e 1 avó (em 4,1% das verbalizações) destacaram que iam à piscina com seus netos em clubes. Quanto às atividades em casa, avós e netos assistiam juntos à televisão ($n=16$; 21,6%), brincavam com jogos ($n=10$; 13,5%) e iam à piscina ($n=8$; 10,8%), conforme pode ser visto na tabela 14:

Tabela 14

As Atividades Realizadas entre Avós e Netos em Locais Públicos e em Casa, Quanto aos Tipos, em Frequência e Percentual

Locais	Atividades	Avô (n=12)		Avó (n=12)		TOTAL	
		f	%	f	%	f	%
Públicos	Ir ao cinema			2	4	2	2,7
	Ir ao parque	1	4,2	1	2	1	1,4
	Ir ao parque de diversões					6	8,1
	Ir a restaurantes ou lanchonetes	2	8,3	4	8	3	4,1
	Ir à piscina	2	8,3	1	2		
Privados	Assistir à televisão	6	25	10	20	16	21,6
	Arrumar a casa	1	4,2	3	6	4	5,4
	Cozinhar juntos	1	4,2	1	2	2	2,7
	Fazer artesanato			3	6	3	4,1
	Ir à piscina	3	12,5	5	10	8	10,8
	Brincar com bonecas/bonecos			4	8	4	5,4
	Brincar com jogos	5	20,8	5	10	10	13,5
	Brincar com animais de estimação			4	8	4	5,4
	Usar o computador	3	12,5	3	6	6	8,1
	Fazer brincadeiras com o corpo			4	8	4	5,4
Total		24	100	50	100	74	100

Nota. O "n" refere-se ao número total de participantes que responderam as categorias. Um mesmo participante pode ter mencionado mais de uma categoria ao responder uma única pergunta. As frequências e percentuais referem-se ao total de verbalizações em cada categoria.

Percebe-se, portanto, que os avós e netos encontravam-se com maior frequência em suas casas do que em locais públicos. Os avós relataram assistir à televisão, brincar com jogos e usar o computador com seus netos. As avós também assistiam à televisão com eles, brincavam com jogos e iam à piscina. Apenas elas faziam brincadeiras com o corpo (como dançar, por exemplo), brincavam com animais de estimação e com bonecas e bonecos, além de irem ao cinema com seus netos. Cabe ressaltar que essa listagem foi respondida pelos avós considerando as atividades que haviam sido realizadas com seus netos nos 15 dias anteriores à coleta de dados.

Quando questionados sobre quais eram as atividades favoritas com seus netos, os avós forneceram respostas diferentes. Ir ao shopping, fazer compras e lanchar foi a categoria com maior frequência de verbalizações ($n=12$; 23,1%), especialmente pelas avós, como nos exemplos: *Eu falo pra ela, "vamos comprar uma roupinha"* (Á3); *A gente vai pro McDonalds* (Á4); *Porque eu levo ele, de vez em quando, pra comer pastel* (Ô7). Brincar e ir ao parque também eram atividades freqüentes e, nas falas, diferentes tipos de brincadeiras foram citados: *A gente vai pro parquinho* (Á4); *Gosto de recortar, colar, desenhar e pintar com ela. Gosto de ler uma historinha* (Á8); *A gente gosta muito de jogar carta* (Á11); *Eu gosto de ir para o Nicolândia, porque lá a gente se solta, ela também se solta, quer andar nos piores brinquedos e quer me levar junto nos piores* (Ô3); *De vez em quando eu tento ensinar a F. (neta) a desenhar, ela pediu, porque ela desenha muito bem, pinta* (Ô9). A Tabela 15 mostra quais eram as atividades favoritas com seus netos, segundo a GF1.

Tabela 15

Tipos de Atividades Favoritas Realizadas entre Avós e Netos, por Frequência e Percentual, Segundo a GF1

Categorias	Avô ($n=12$)	Avó ($n=12$)	Total ($n=24$)
	f %	f %	f %
Tudo	1 6,3	3 8,3	4 7,7
Passear/sair		4 11,1	4 7,7
Viajar/ir à chácara/pescar	2 12,5	1 2,8	3 5,8
Ir ao shopping/fazer compras/lanchar	2 12,5	10 27,8	12 23,1
Cinema/teatro/livraria		4 11,1	4 7,7
Brincar/ir ao parque	5 31,3	5 13,9	10 19,2
Conversar	4 25	2 5,6	6 11,5
Ter o neto em casa/estar com ele	1 6,3	7 19,4	8 15,4
Nada	1 6,3		1 1,9
Total	16 100	36 100	52 100

Nota. O "n" refere-se ao número total de participantes que responderam as categorias. Um mesmo participante pode ter mencionado mais de uma categoria ao responder uma única pergunta. As frequências e percentuais referem-se ao total de verbalizações em cada categoria.

As avós verbalizaram mais do que os avôs e, comparativamente, elas gostavam mais das atividades que envolviam fazer compras, passear no shopping ou lanchar com os netos, enquanto os avôs preferiam as brincadeiras e as idas ao parque. Conversar com o neto era uma das atividades favoritas de avôs e avós: *Ele gosta de esporte, ele gosta como eu sempre gostei também, então a gente conversa às vezes, ele fala como deve ser, é como se fosse dois avós (risada)...* (Ô10). Algumas avós disseram que gostavam simplesmente de ter o neto em casa, como no exemplo da avó 6: *A L. (neta) pedia pra ficar, só pra dormir comigo. O avô sai da cama e ela vai dormir comigo.* Apenas elas ressaltaram os programas culturais (cinema, teatro ou livraria), e apenas um avô disse que não tinha nenhuma atividade favorita com seu neto: *Eu com ele, assim, não tem nada de especial, o intercâmbio não é muito grande. O contato é pequeno, sabe? Eu trabalho muito* (Ô1).

Cabe ressaltar que todas as avós que disseram, ao caracterizar seus netos (p. 94), que eles eram sensíveis e meigos ($n=5$), relataram que, dentre as atividades favoritas, estava ir à casa dele e/ou simplesmente estar com o neto.

Os avós foram questionados se haveria alguma atividade que não gostassem de realizar com seus netos, e quase todos os avós disseram que não ($n=22$; 91,7%). Uma avó e um avô disseram que não gostavam quando estavam ocupados e precisavam estar com os netos: *Tem vezes, se eu tô com muita coisa da costura pra fazer, aí se ela tiver de ficar aqui a tarde inteira aí eu digo 'tomara que o S. (pai) venha buscar ela', mas é uma coisa muito rara* (Á8); *Só as vezes que ela me enche o saco, que ela vê que eu estou saindo para correr, ela que ir correr comigo. Aí desce e fica me perturbando* (Ô3).

Quanto às atividades pretendidas, 8 avós (33,3%) disseram que não havia nada em especial que gostariam de fazer com seus netos, 2 avós (8,3%) disseram que já haviam feito tudo o que queriam com seus netos e outros 2 avós (8,3%) disseram que havia algo que gostariam de fazer, mas não souberam explicitar o quê. Dos outros 12 avós (50%) que pretendiam fazer outras atividades com seus netos, 50% ($n=6$) gostariam de viajar com seus netos, como nos exemplos: *Eu tinha muita vontade de viajar com a L. pra visitar meus parentes* (Á6); *Eu tinha vontade de viajar com ela pra Fortaleza, ela tem uma vontade assim de viajar com a gente pra passar umas férias na praia* (Ô11). Na Figura 14 é possível visualizar o percentual de verbalizações de avôs e avós sobre as atividades que gostariam de realizar com seus netos.

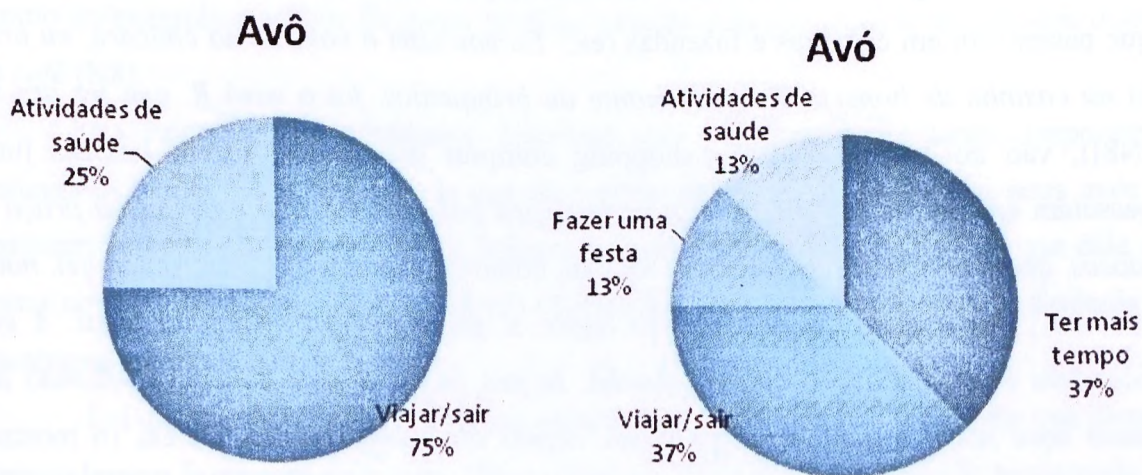


Figura 14. As atividades pretendidas com os netos, segundo os avós, em percentual

Apenas as avós relataram que gostariam de ter mais tempo para seus netos, como no exemplo: *Eu gostaria de passar até mais tempo com ela, mas atualmente ela tem tempo curto na escola e eu também tenho o tempo curtíssimo* (Á9). A avó da família 10, por precisar cuidar do avô, já debilitado pelos problemas de saúde, também gostaria de ter mais tempo para seus netos: *Eu queria ter mais tempo, poder agradecer mais assim, passeando com eles, saindo por aí* (Á10). Uma das avós relatou que um “sonho” seu era fazer uma festa para a sua neta, e outra, preocupada com o peso da neta, gostaria de levá-la para uma atividade física que promovesse a sua saúde: *Se ela morasse aqui no plano, eu levava ela na hidroginástica, porque eu tenho preocupação devido a ela ser muito gordinha* (Á2).

Já os avôs disseram que gostariam de viajar e/ou sair com seus netos, e um deles ressaltou que este seria um programa exclusivo de avô e neto: *Eu acho que o A. (neto) é uma pessoa que eu gostaria de levá-lo pra passear comigo, só nós dois, por exemplo, pra fazer uma viagem, ou até ir pra fazenda. Ou eu levá-lo pra restaurante, ele gosta muito de restaurante, como fiz com meus filhos; comer uma comida que eu gosto, levar num restaurante especial* (Ô7).

A GF3 ($n=12$) também respondeu quais atividades realizavam com seus avós, destacando as brincadeiras e conversas com seus avós ($n=16$; 37,2%), como nos exemplos: *Ele (avô) brinca comigo de restaurante. É assim, a gente pega comida de verdade, a gente faz o cardápio, daí escreve tudo, aí ele me dá o cardápio pra eu mexer igual restaurante, aí ele vai na cozinha e faz* (N6); *A gente brincou de cabra cega, ah, tem muita coisa, a minha avó brinca com a gente de muita coisa, já até jogou bola com a gente...* (N11). Os

passeios e as viagens também foram ressaltados pelos netos ($n=11$; 25,6%), que contaram que passeavam em chácaras e fazendas (ex.: *Eu vou com o vovô R. na chácara, eu brinco lá na casinha de boneca. Tem um monte de brinquedos, foi o vovô R. que fez pra mim [N8]*), vão ao cinema, vão ao shopping comprar brinquedos, fazem lanches juntos, passeiam em praças (ex.: *Bom, ela me leva pra passear, ela já nos levou na praça dos idosos, que tem lá, é lá perto [N9]*) e viajam, como no exemplo: *Uma vez eu viajei, não foi com ele, mas a gente foi pro mesmo lugar. A gente foi pra praia, foi legal. A gente acordava cedo, tomava o café-da-manhã. Ia pra praia, depois almoçava, quando dava umas nove horas a gente ia pra piscina, depois almoçava (N7)*. A Tabela 16 mostra os tipos de atividades realizadas por avós e netos, na perspectiva da GF3.

Tabela 16

Tipos de Atividades Realizadas por Avós e Netos na Perspectiva da GF3, em Frequência e Percentual

Categorias	Com o avô	Com a avó	Total
	($n=12$)	($n=12$)	($n=24$)
	f %	f %	f %
Brincar/conversar	10 47,6	6 27,3	16 37,2
Passear/viajar/sair	4 19	7 31,8	11 25,6
Ir à casa dele/estar com ele	3 14,3	3 13,6	6 14
Estimular/reforçar	3 14,3		3 7
Realizar tarefas domésticas		4 18,2	4 9,3
Não sei/não explicita	1 4,8	2 9,1	3 7
Total	21 100	22 100	43 100

Nota. O “n” refere-se ao número total de participantes que responderam as categorias. Um mesmo participante pode ter mencionado mais de uma categoria ao responder uma única pergunta. As frequências e percentuais referem-se ao total de verbalizações em cada categoria.

Os netos também gostavam de simplesmente ir à casa dos avós e/ou estar com eles: *Eu durmo com a minha avó e com o meu avô quase todo dia no feriado. Quando eu tô lá eu pergunto se pode ver TV com ele, ele quase sempre deixa (N4)*. Apenas com os avós os netos disseram que realizavam atividades que envolviam estímulos e reforços, como no exemplo: *Quando vai bem na escola, tem boas notas, ele fala pra mãe dar um brinquedinho, e tal. É isso (N5)*. Da mesma forma, apenas com as avós os netos disseram

realizar as atividades de tarefas domésticas, como plantar na horta de casa e cozinhar, como no exemplo a seguir: *Eu gosto de fazer comida com ela. A vovó me ensinou a servir o café* (N8).

Ao relatarem as atividades favoritas com seus avós, os netos responderam categorias semelhantes, ou seja, o que eles mais gostavam de fazer com seus avós era passear, viajar ou sair ($n=9$; 27,3%), brincar e conversar ($n=7$; 21,2%) e ir à casa dele e/ou estar com ele ($n=6$; 18,2%). Dois netos (6,1%) disseram que não tinham preferência por nenhuma atividade com seus avós.

Foi questionado também se havia alguma atividade ainda não realizada que os netos pretendessem fazer com seus avós. Nove crianças (75%) disseram que não havia nada que desejassem fazer com seus avós, enquanto 2 (16,7%) gostariam de brincar (ex.: *Ele trabalha todo dia, aí ele nunca pode brincar comigo. Eu queria que ele ficasse um tempão só comigo* [N1]) e 1 (8,3%) gostaria de receber carinho: *Então, a única coisa que eu queria é carinho e amor, só isso, não precisava de nada mais, só carinho e amor* (N4).

Com as avós, 4 netos (33,3%) disseram que não havia nenhuma atividade pretendida, e 1 (8,3%) disse que não sabia: *Eu não sei o que eu queria fazer com ela, mas ela já fez quase tudo comigo* (N2). Dentre os 7 (58,3%) que pretendiam realizar outras atividades com suas avós, 1 gostaria de brincar, 3 gostariam de passear, viajar ou sair, 1 gostaria de ficar às sós com a avó (*Eu acho que algum dia assim, poder só ficar com ela, só eu e ela* [N5]) e 1 gostaria que ela torcesse pelo mesmo time de futebol. O neto 7 respondeu que gostaria de sair com sua avó: *Queria ir ao cinema*.

Os netos contaram, ainda, quais atividades eles haviam ensinado para seus avós. A metade das crianças ($n=6$; 50%) respondeu que não haviam ensinado nada para seus avós e, destes, 2 justificaram dizendo que seus avós “já sabiam tudo”. Dentre os 6 (50%) que já haviam ensinado algo, 2 não se lembravam do que era, 1 havia ensinado a avó a brincar (*Eu ensinei minha avó a dar cambalhota, mas ela não sabe direito, ela bota a mão pra não cair* [N3]), 1 contava histórias e outra havia ensinado uma maneira diferente de calcular (*Bom, porque antes o cálculo era diferente que você fazia. Agora você tem que ir colocando o número embaixo do outro. Porque antes era diferente, né, o jeito que ele fazia* [9]). Havia outra neta que lembrava de ter ensinado os avós a nadar e a cozinhar: [...] *ensino a eles a fazerem a receita do meu bolo favorito, que eu chamo de bolo especial, dos meus avós* (N4).

Ao comparar os resultados das atividades citadas pela GF1 e pela GF3, percebemos que na GF3 houve destaque para as brincadeiras e as conversas, e os passeios e viagens. Na GF1, o destaque foi para ir ao shopping, fazer compras e lanchar, e brincar e ir ao parque.

Ao comparar as atividades relatadas pela GF3 com as concepções que eles possuíam de avô e avó, cabe ressaltar que, apesar de avôs e avós terem sido identificados essencialmente como cuidadores de seus netos, este papel não é representado pelas atividades que os netos dizem realizar com os avós. Já o papel de socializador dos avós aparece essencialmente nas atividades de estímulo/reforço e na realização de tarefas domésticas.

As Contribuições e os Valores Transmitidos da GF1 à GF3

Quanto às contribuições dos avós a seus netos, 16 participantes da GF1 (66,7%) relataram sobre como contribuíam diretamente na vida de seus netos, enfatizando o suporte que forneciam a eles, especialmente por meio da presença e da participação em suas vidas, como nos exemplos: *A gente participa muito da vida dela, na escola, toda apresentação dela a gente procura ir assistir (A4); Ela pode contar comigo para o resto da vida (Ô3)*. O afeto e o carinho também foram citados pelos avós: *É um amor que é só carinho, é só vontade de "tá" perto, de ficar junto, de rir, de achar bonito (Á6); Aquela coisa recebida com carinho, pelo avô, você ter aquele aconchego, ter aquela conversa do avô, que é diferenciada do pai (Ô7)*. A Tabela 17 mostra os tipos de contribuições fornecidas pela GF1 à GF3, de acordo com o relato de avôs e avós.

Tabela 17

Freqüência e Percentual de Tipos de Contribuições fornecidas pela GF1 à GF3, Segundo o Relato da GF1

Categorias	GF1 (n=16)		TOTAL
	Avô	Avó	
	f %	f %	f %
Apoio e suporte	3 33,3	7 63,6	10 50
Afeto e carinho	4 44,4	3 27,3	7 35
Nenhuma	1 11,1	1 9,1	2 10
Não sabe	1 11,1		1 5
TOTAL	9 100	11 100	20 100

Nota. O "n" refere-se ao número total de participantes que responderam as categorias. Um mesmo participante pode ter mencionado mais de uma categoria ao responder uma única pergunta. As freqüências e percentuais referem-se ao total de verbalizações em cada categoria.

Em comparação às contribuições citadas pela GF1 à GF2, avôs e avós verbalizaram bem menos ao falarem das contribuições a seus netos. Dos 16 respondentes, 3 (18,8%) disseram que não forneciam nenhuma contribuição ou que não sabiam como ajudavam seus netos.

Quanto aos valores transmitidos pelos avós para seus netos, as três gerações relataram sobre quais eram os tipos. Na GF1, todos os 24 participantes responderam; na GF2, 18 pais e mães (75%) disseram quais os tipos de valores consideravam ser transmitidos e, na GF3, 8 netos (66,7%) relataram quais valores recebiam de seus avós. Na Tabela 18 é possível visualizar as categorias de verbalizações das três gerações familiares acerca dos tipos de valores que eram transmitidos dos avós a seus netos.

Tabela 18

Tipos de Valores Transmitidos pela GF1 à GF3, Segundo os Relatos da GF1, da GF2 e da GF3

Tipos de Valores	GF1 (n=24)		GF2 (n=18)		GF3 (n=8)		TOTAL %	
	f	%	f	%	f	%	f	%
Morais	20	41,7	2	8,3	2	20	24	29,3
De educação e trabalho	6	12,5	3	12,5	2	20	11	13,4
Exemplos pessoais	4	8,3	12	50			16	19,5
Aspectos de saúde			1	4,2			1	1,2
Religiosos	7	14,6	4	16,7			11	13,4
Familiares	4	8,3	2	8,3	1	10	7	8,5
Sociais	5	10,4			2	20	7	8,5
Não sei					2	20	2	2,4
Não explicita	2	4,2			1	10	3	3,7
TOTAL	48	100	24	100	10	100	100	

Nota. O "n" refere-se ao número total de participantes que responderam as categorias. Um mesmo participante pode ter mencionado mais de uma categoria ao responder uma única pergunta. As frequências e percentuais referem-se ao total de verbalizações em cada categoria.

Na GF1 houve destaque para os valores morais, os religiosos e os sociais. Dentre os valores morais, tanto os avôs quanto as avós consideravam importante transmitir a honestidade (ex.: Eu tenho essas preocupações: "*Você tem que assumir que foi você que fez*" [Á3]), a integridade e o respeito, tanto pelas normas sociais (ex.: *Orientações, assim, no sentido de ser uma pessoa respeitadora das normas da sociedade, pra que cresça dentro de um padrão ético bom* [Ô2]) quanto pelas pessoas (ex.: *Ser uma criança que respeite as pessoas, respeite os princípios de vida, saiba respeitar os adultos, com os adultos tem que ser sim senhor, não senhor* (Ô11)).

Quanto às relações sociais, os avós diziam se preocupar em transmitir valores que possibilitassem ao neto ter mais auto-estima, para que pudessem se relacionar bem com os outros, como no exemplo: *Eu tenho muita preocupação com a cabecinha dela, com a auto-estima dela, com a segurança dela, pra ela ser uma pessoa segura, sem medos* (Á3). Já dentre os valores educacionais e de trabalho, um dos avôs disse que gostaria que seus filhos e netos exercessem a mesma profissão que ele: *Eu tenho uma asneira de avô, que eu*

gostaria, na condição de pai, que todos os meus filhos fossem médicos, e meus netos também (Ô1).

Quatro avós (8,3%) disseram que seus exemplos pessoais eram os valores que eles transmitiam a seus netos. Esses exemplos se davam pelas atitudes do avôs (ex.: *A gente só consegue transmitir pros filhos e netos o exemplo da vida. Então, o que nós temos que transmitir a eles não é ditar regras - eu nunca ditei regras pra ninguém. Mas eu procuro mostrar pra eles como eu faço as coisas. É ele olhar pro avô e sentir orgulho do avô, sentir que o avô é uma pessoa íntegra, que o avô tem um comportamento correto. E gosto de orientá-lo, de dizer pra ele as coisas como é que são (Ô7) e pelos valores com os quais ele conduz a sua vida (ex.: É a firmeza de conduta, a firmeza de caráter, a segurança, a credibilidade, a confiança, a certeza do apoio, a certeza da correção quando não tiver certo, o respeito muito forte em termos de haver liberdade. Isso aí é uma característica minha pessoal muito alta, é um certo pilar que tem e isso passa pra ele [neto], também [Ô12]).*

Já na GF2, pais e mães responderam que os avós transmitiam valores principalmente por meio de seus exemplos, em 50% das verbalizações. Os exemplos dos avós eram de: (a) integridade (ex.: *Ele é um homem muito trabalhador, saiu do nada, e eu vejo que ela [neta] tem nele um exemplo de pessoa que lutou, de integridade, ele é esse exemplo pra ela [M5]);* (b) solidariedade (ex.: *Minha mãe é uma mulher que tem muita atitude, ajuda muitas pessoas, creche, orfanato, isso é um exemplo forte [M5]);* (c) superação (ex.: *O exemplo de vida dele, porque meu pai ele veio do sofrimento, veio da dificuldade, e ele conseguiu mudar [M12])* e (d) pela educação (ex.: *Era uma das poucas da idade dela que estudou, que se formou, então ela tem um exemplo, assim, de uma pessoa culta, ela fala francês, ela fala inglês, ela participa do Clube do Livro [M9])* e por seu uma pessoa batalhadora. Uma mãe disse, ainda, que o exemplo do avô cozinhando para a família se traduzia em um importante valor para sua filha: *Eu acredito que o que mais chama a atenção da L. é o churrasco de domingo, é o meu pai que é o churrasqueiro da casa, é essa figura, eu acho que a figura do homem cozinhando (M6).* Os valores religiosos também foram mencionados pela GF2 (n=4; 16,7%), conforme o exemplo: *Eu acho que essa parte religiosa dela passar muito para as meninas a importância de rezar, é um exemplo com essa parte de religiosidade (P6).*

Quando perguntados sobre o que os avós haviam ensinado a eles, apenas 8 netos (66,7%) verbalizaram sobre valores- os outros 4 deram respostas que eram, na verdade, acerca de atividades. Destes, 3 (37,5%) não souberam especificar os valores transmitidos.

Entre os outros 5 (41,7%), as respostas foram sobre os valores morais ($n=2$), ressaltando o respeito aos outros (ex.: *Eles me ensinaram que tem que ter respeito com as pessoas* [N6]) e também sobre a educação, sendo que as 2 netas disseram que suas avós cobravam a importância do estudo (ex.: *Minha avó, ela fica toda hora perguntando onde é a capital, essas coisas, o que eu tô aprendendo* (N9)). Uma criança citou ainda a importância dos valores familiares (*Eles me ensinam que eu devo dar muito valor pra minha família.* [N5]) e duas falaram sobre a convivência social: *Eles já me ensinaram a não conversar com pessoas estranhas* (neta 6).

Ao comparar o percentual e a frequência relativa dos tipos de valores transmitidos pela GF1 aos netos, segundo o relato da GF1, da GF2 e da GF3, percebemos que os tipos de valores foram semelhantes nas percepções de todos os participantes, mas com distribuições bastante diferentes. Os valores morais foram os mais citados pelos avós, mas pouco lembrados pela GF2, que considerava os exemplos pessoais os mais importantes tipos de valores transmitidos.

Quais Características Familiares Influenciavam nas Relações Avós-Netos?

Dentre as diversas características das 12 famílias participantes, selecionamos algumas, com base na revisão de literatura apresentada no início desta tese, a fim de comparar os resultados descritivos já apresentados com as características destas famílias. As variáveis escolhidas foram: (a) as famílias em que ambos os avós trabalhavam; (b) a idade dos netos; (c) a quantidade de netos que os avós tinham; (d) os problemas de saúde dos avós; (e) o estágio de curso de vida dos avós e (f) o estágio de curso de vida dos pais. A seguir, cada uma destas características será apresentada.

Em relação às famílias em que ambos os avós trabalhavam, em apenas 2 isso ocorria (F3 e F7), já que nas outras ou ambos os avós eram aposentados ou apenas 1 deles trabalhava. As diferenças significativas destas famílias, quanto comparadas às demais, foram em relação às atividades favoritas dos netos, que gostavam mais de passear e sair com seus avós do que de fazer atividades em casa. Já com as avós, um dos netos disse que não fazia nenhuma atividade com ela e, quando perguntado sobre a atividade favorita, ele disse que gostaria de brincar mais com a avó. Os netos não souberam explicitar quais eram os valores transmitidos por seus avós. Nenhum dos 4 avós disse que gostaria, dentre as atividades pretendidas, de ter mais tempo para os netos: eles queriam ou viajar, ou fazer uma festa, ou realizar atividades de saúde; 2 avós, ainda, não gostariam de realizar nenhuma atividade com aquele neto em especial.

A GF2 via a participação destes avós na vida do neto como de afeto e carinho, na opinião dos pais, e de apoio e suporte, na opinião das mães. Ao compararem os avós nos papéis de pais e de mães, houve mais semelhanças do que diferenças, já que os pais sempre haviam trabalhado bastante, e continuavam a fazê-lo. As mães achavam que os avós já eram o mais próximo do ideal, mas, segundo a mãe 3, o avô poderia educar mais a neta.

Para comparar as relações avós-netos de acordo com a idade das crianças, a GF3 foi separada em duas faixas etárias: na primeira, foram incluídas as crianças em idade pré-escolar, ou seja, de 4 a 6 anos. Faziam parte deste faixa etária 3 crianças, das famílias 4, 8 e 10. Na segunda faixa etária, foram incluídas as 8 crianças que tinham entre 7 e 10 anos, ou seja, as das famílias 1, 2, 3, 5, 6, 7, 9, 11 e 12. As diferenças foram em relação às atividades realizadas por avós e netos, pois as 3 avós com netos mais novos gostavam, principalmente, de brincar e ir ao parque. Uma destas também relatou que, às vezes, não gostava de ter a neta em casa. Quanto às atividades pretendidas, um avô disse que quando a neta ficasse maior, gostaria de viajar com ela. Apenas as crianças mais novas relataram realizar tarefas domésticas com suas avós.

Para comparar as relações avós-netos de acordo com o número de netos na família, este dado foi dividido em 5 faixas: na primeira, estavam as famílias que tinham 1 ou 2 netos (F3 e F4); na segunda, 3 ou 4 (F6 e F8); na terceira, 5 ou 6 netos (F12); na quarta, 7 ou 8 (F2 e F7); e, na quinta, 9 ou 10 netos (F1, F5, F9 e F10). Cabe ressaltar que o número de netos foi considerado apenas na linhagem dos avós que participaram da pesquisa, ou seja, o número de primos das crianças da outra linhagem não entraram nesta conta. A única diferença marcante foi quanto à transição para o tornar-se avós, pois, dentre os avós com 9 ou 10 netos, nenhum se lembrava como havia sido esta transição. Quanto às outras características, não houve mudanças significativas de acordo com o número de netos dos avós.

Dentre as famílias em que os avós apresentavam os primeiros sinais de perda de memória (F9 e F10), eles não se lembravam de como havia sido o nascimento do primeiro neto. Eles também relataram que não havia nenhuma atividade em especial que desejassem realizar com os netos da pesquisa, bem como as crianças, que não planejavam realizar nada com seus avós. Quanto às contribuições dos avós para a GF3, um não soube responder como contribuía, e o outro relatou não contribuir em nada. Um destes avós também não soube dizer quais valores considerava importante transmitir a seu neto.

A GF2 disse que contava com estes avôs tanto no carinho e no afeto transmitido quanto no apoio e no suporte. Os valores transmitidos por eles para a GF2 eram os exemplos pessoais e os valores morais.

Quanto ao estágio do curso de vida da GF1, 11 famílias estavam no último estágio, e a família 3 ainda estava no quarto (com filhos adolescentes). A avó havia tido um filho temporão, e a neta havia nascido quando a mãe ainda era bastante jovem. Com isso, na família, a diferença de idade entre o filho caçula e a neta era de menos de 10 anos. Nesta família, a avó recordava do nascimento da primeira neta como um susto, e o avô dizia que foi como ter sido pai novamente. Os avós, ao caracterizarem a neta, disseram que ela era esperta e inteligente; o avô disse que ela não só era inteligente, mas que era ainda mais do que seus filhos. Quanto às atividades realizadas, estas eram mais voltadas aos ambientes externos: ir ao shopping, fazer compras, lanchar, ir ao cinema, ir ao teatro e à livraria. O avô relatou que ia ao parque de diversões com sua neta. A neta não citou nenhuma atividade pretendida, nem com o avô, nem com a avó.

Quanto às diferenças entre as famílias da GF2 que estavam no terceiro e no quarto estágio do curso de vida, não houve nenhuma diferença marcante diretamente nas relações avós-netos. Mesmo ao comparar apenas o relato da GF2 sobre a participação dos avós, ou sobre a própria dinâmica familiar de pais e netos, não houve características diferentes daquelas relatadas pelos pais no terceiro estágio do curso de vida.

Em seguida, será apresentada a discussão, em que será feita a análise dos dados à luz do referencial teórico. As contribuições teóricas e empíricas do estudo também serão destacadas, bem como as sugestões para as pesquisas futuras.

DISCUSSÃO

Este capítulo está dividido em duas seções. Na primeira seção é realizada a discussão dos resultados, englobando as características das famílias do estudo e as relações avós-netos. Na segunda seção, são apresentadas as reflexões acerca da metodologia empregada e do método utilizado na pesquisa, além das contribuições teóricas e empíricas deste estudo e sugestões para investigações futuras.

O que os Resultados Sugerem?

Serão discutidos, primeiramente, os principais aspectos das características das famílias, das contribuições e da transmissão de valores entre as gerações e, em seguida, as características das relações avós-netos.

Como eram as Famílias do Estudo?

Diante da diversidade de características apresentadas nos resultados, foram selecionadas aquelas consideradas mais relevantes para a análise das questões de pesquisa deste estudo. Ênfase será dada às diferenças entre as gerações familiares, às características das famílias do passado e das atuais, e às contribuições e transmissão de valores entre as gerações. As concepções dos participantes sobre família, avôs, avós e netos, bem como as concepções dos avós sobre seus genros e noras, e sobre a educação dos netos, também serão discutidas.

Como eram as Diferentes Gerações?

Apesar de não ser o intuito original desta pesquisa, o estudo nos proporcionou um panorama bastante amplo e interessante das características das famílias estudadas ao longo das últimas décadas, sobretudo no que diz respeito às mudanças educacionais, de trabalho e financeiras. Em relação à escolaridade, por exemplo, enquanto na GF1 apenas 62,5% dos avôs e das avós possuíam graduação, na GF2, quase todos os participantes tinham curso superior, e apenas uma mãe possuía somente o ensino médio completo. Esses dados refletem uma mudança na sociedade, na qual mais pessoas, nos dias atuais, têm acesso à educação superior (IBGE, 2010). Além disso, fica evidente que mais mulheres conseguem completar todo o ciclo escolar, ao invés de se limitarem à educação fundamental (Simionato-Tozo & Biasoli-Alves, 1998).

Por outro lado, ainda que a GF1 possuísse menor nível de escolaridade do que a da

GF2, é importante ressaltar que os avós apresentavam índices de escolaridade elevados, especialmente se comparados à média da população brasileira em meados do século passado (período em que os avós estavam em idade escolar) (Benincá & Gomes, 1998; Rigotto & Souza, 2005; Simionato-Tozo & Biasoli-Alves, 1998). Isso denota uma especificidade da amostra, ou seja, avôs e avós que tinham, desde cedo, como valor familiar, a importância da escolarização, e tiveram melhores oportunidades de estudo.

Apesar das dificuldades próprias da época, especialmente porque quase todos os avós viviam em área rural, onde o acesso às escolas era mais difícil, os pais dos avós participantes da pesquisa estimularam e forneceram possibilidades para que estudassem. Portanto, os avós participantes da pesquisa foram estimulados por seus antecessores a permanecer na escola e a vencer as adversidades típicas das áreas rurais. Além disso, os valores educacionais eram priorizados pelas três gerações como sendo importantes: a GF1 disse que os havia recebido de seus próprios avós e pais, e que os transmitiam para seus filhos e netos; a GF2, por sua vez, recebeu da GF1 e transmitia à GF3. Esta, por último, também reconheceu receber estes valores de seus avós.

Ao comparar o exercício profissional de ambas as gerações, esta questão fica ainda mais evidente, pois, na GF1, sete avós sempre exerceram tarefas apenas em casa, enquanto na GF2 todas as mães trabalhavam fora do lar. Essa característica evidencia a mudança no papel social feminino que, mesmo em uma sociedade patriarcal como a brasileira (Benincá & Gomes, 1998; Lewis & Dessen, 1999), se tornou menos restrito aos cuidados da casa, do marido e dos filhos. Apesar de a maior parte das avós nunca ter trabalhado fora, algumas continuavam trabalhando até o momento da coleta, o que também evidencia esta mudança no papel da mulher (Dessen, 2010; Torres & Dessen, 2007).

A diferença no número de filhos por família também pode ser um indicador importante de mudanças sociais: enquanto cada família da GF1 tinha uma média de 3,6 filhos, famílias da GF2 tinham 2,4 crianças, em média. Essa diminuição no tamanho da família pode ser um reflexo de fatores inter-relacionados, como a saída da mulher para o mercado de trabalho, a disseminação de métodos anticoncepcionais eficientes e uma maior reflexão sobre o papel parental (Zamberlan, Camargo & Biasoli-Alves, 1997). Apesar de alguns casais da GF2 ainda serem jovens, podendo optar por ter outros filhos nos próximos anos, a tendência de os casais terem cada vez menos filhos, comparados com a geração anterior, merece destaque (IBGE, 2010).

A renda média familiar também foi um ponto a ser destacado. O valor informado, bastante similar em ambas as gerações, reflete que estas famílias tinham um bom poder

aquisitivo, e não havia dependência entre as gerações, contrariando a tendência apontada na literatura (Nascimento, 2006; Silverstein, 1995; Witter, 2006). Apesar de a renda média da GF2 ser um pouco maior do que a da GF1, cabe ressaltar que os avós aposentados podem ter perdido parte de sua renda após a aposentadoria. Isso nos permite inferir que a geração dos avós participantes teve um melhor nível financeiro nas décadas de 70, 80 e 90, podendo, assim, ter fornecido bases para que seus filhos estudassem e prosperassem financeiramente. É provável que o nível educacional elevado dos genitores tenha lhes proporcionado crescimento financeiro e sucesso profissional, além da singularidade do local de residência das famílias, Brasília, que, devido à sua explosão econômica nas referidas décadas, pode ter favorecido o enriquecimento destas famílias. Porém, cabe ressaltar que a amostra se restringiu a famílias das classes A e B, o que sugere a necessidade de futuros estudos direcionados à ampliação de investigações sobre este aspecto, sob a perspectiva de outras classes socioeconômicas brasileiras.

Como a GF1 e a GF2 viam sua História Familiar?

Ao comentarem sobre suas infâncias, avós e pais tinham percepções diferentes, pois, enquanto a GF1 ressaltou as dificuldades pelas quais havia passado, a GF2 evidenciou aspectos positivos de suas infâncias. A pobreza da família, a vida de muito trabalho nas áreas rurais e o falecimento precoce das mães foram aspectos citados por avôs e avós, retratando um momento da sociedade brasileira em que as condições econômicas e de higiene/saúde eram bastante diferentes das atuais (Benincá & Gomes, 1998; Simionato-Tozo & Biasoli-Alves, 1998). Para a GF2, ao contrário, o período da infância foi marcado por mais brincadeiras do que trabalho, mais fartura do que necessidades, e pela presença dos genitores, na maior parte das vezes.

Essa mesma diferença é verificada quanto à caracterização dos pais das duas gerações familiares: a GF1 tinha pais mais rigorosos e ausentes do que a GF2, que enfatizou a presença paterna. Este quadro representa classicamente a mudança no papel do pai na sociedade brasileira: em meados do século passado, ele era tido como uma figura de autoridade bastante rígida, que exigia muito de seus filhos e que estava, na maior parte do tempo, fisicamente ausente, em decorrência das atividades do trabalho, ou mesmo, quando perto, emocionalmente distante (Benincá & Gomes, 1998; Biasoli-Alves, 1997; Lewis & Dessen, 1999).

Alguns avôs relataram que sofreram agressão física de seus pais e que, décadas depois, este fato ainda trazia mágoas. Estes mesmos avôs, no desempenho das funções

parentais, foram caracterizados como presentes pela GF2, indicando a mudança nesse papel. Em alguns casos, os avós percebiam esta mudança, ou diziam terem mudado ao longo do nascimento dos filhos. Em outros casos, além de fazerem esta reflexão, eles percebiam, em seus próprios filhos e genros, que o papel de pai podia ser muito diferente daquele que eles próprios tinham vivenciado, tanto com seus próprios pais, como no papel de genitores. Tal mudança reflete a transformação da masculinidade na sociedade, especialmente no que tange às práticas parentais (Cia, Williams & Aiello, 2005; Zamberlan & cols., 1997). Além disso, é possível perceber que os avós, independentemente da idade, continuavam refletindo não apenas sobre questões relativas à parentalidade como, também, acerca da relação avós-filhos-netos ou avós-netos.

Já as mães foram caracterizadas como batalhadoras, pela GF1, e como presentes e muito trabalhadoras, pela GF2. Essa caracterização reflete a mudança no papel feminino descrita anteriormente: a GF1, por exemplo, presenciava suas mães na lida doméstica, “batalhando” pela própria sobrevivência e de sua família. Estas mulheres passavam por dificuldades financeiras e moravam em áreas rurais (conforme relatado pela GF1) e, certamente, precisavam responsabilizar-se por várias das tarefas familiares (Benincá & Gomes, 1998; Zamberlan & cols., 1997). Já parte das mães da GF2 ingressaram no mercado trabalho, e ausentavam-se do lar para realizar suas atividades profissionais. Apesar disto, estas mães, assim como as que trabalhavam exclusivamente nas tarefas do lar, podiam estar mais presentes na vida de seus filhos, já que a prole era menor e elas passavam por menos dificuldades (Simionato-Tozo & Biasoli-Alves, 1998).

É interessante ressaltar que a GF2 descrevia-se como mais próxima emocionalmente de seus avós do que a GF1, o que evidencia mudanças nos papéis familiares, tendo em vista que os avós das gerações mais recentes conseguem se relacionar de maneira mais próxima e afetuosa do que os de gerações passadas. Além disso, elas conviveram por mais tempo, devido ao aumento na expectativa de vida. Isso certamente vem se refletindo no presente, e será ainda mais acentuado no futuro, culminando em alterações nos padrões de relacionamentos familiares (Wood & Liossis, 2007).

As lembranças marcantes também foram bastante similares para ambas as gerações. Isso significa que, apesar das especificidades do relacionamento avós-netos, algumas lembranças perpassam as gerações, como a casa dos avós, as visitas familiares e a comida das avós. Neste estudo, as lembranças estavam relacionadas à maior proximidade e intimidade com os avós e, portanto, sujeitas a firmarem-se no imaginário das novas

gerações. Talvez, frente à mudança do papel masculino na nossa sociedade, a comida dos avôs, ou outra lembrança específica deles, também passe a ser considerada no futuro.

Destacamos, ainda, as diferenças nas respostas de avôs e avós sobre suas histórias familiares. Enquanto elas responderam de maneira mais “romântica”, tanto sobre suas origens quanto a respeito de suas famílias atuais, eles pareceram mais “realistas”, citando mais aspectos negativos do que elas. No entanto, ambos vêm refletindo sobre o seu papel na família, o que é extremamente importante, e pode estar relacionado ao fato de verem como seus filhos, genros e noras atuam nos papéis de pais.

Como a GF1 e a GF2 Percebiam sua Família Atual?

Avós e pais caracterizaram de maneiras diferentes suas famílias atuais, especialmente no que se referia às relações conjugais, que foram descritas como mais difíceis na GF1 do que na GF2. A primeira geração estava casada, em média, há 44 anos, fruto de um momento histórico em que, de modo geral, casava-se sem que houvesse muita intimidade entre os cônjuges (Coelho, 2002; Zamberlan & cols., 1997). Além disso, naquela geração, o divórcio ainda não consistia, para muitas famílias, em uma possibilidade concreta, já que, mesmo depois de regulamentado no Brasil, em 1977, não era socialmente aceito (Cano, Gabarra, Moré & Crepaldi, 2009).

A GF2, casada em média há 12 anos, viveu uma experiência bastante diferente de relacionamento: os namoros eram mais livres e já havia uma cultura que estimulava relações mais íntimas antes do casamento, como a coabitação e as relações sexuais antes do matrimônio (Biasoli-Alves, 2000; Gomes & Paiva, 2003). Mesmo assim, a satisfação conjugal não pode ser garantida por esse único aspecto, da mesma maneira que o contexto vivido pela GF1 não pode prever relações conjugais difíceis.

Quanto às relações parentais, elas foram consideradas mais difíceis pela GF1 do que pela GF2. É interessante ressaltar essa característica, considerando a etapa de vida de cada geração: os avós estavam no curso de vida tardio, e em quase todas as famílias não havia filhos residindo em seus lares⁹. Ao falarem sobre as relações parentais, então, os avós estavam provavelmente se referindo ao relacionamento atual com seus filhos, mas também estavam fazendo uma reflexão acerca do papel parental, ao longo da vida. Já a GF2, que estava vivendo o terceiro ou o quarto estágio do curso de vida, respondeu a esta questão de maneira bastante prática, refletindo o momento de dedicação à criação da prole

⁹ Excluindo-se a família 3, em que os avós tinham um filho adolescente, e outras 3 famílias, em que filhos adultos residiam na casa dos avós.

(Dessen & Braz, 2000; Gottlieb & Pancer, 1988; Singley & Hynes, 2005). Pais e mães ressaltaram que a prática parental, mais do que ser caracterizada como boa ou difícil, era considerada do ponto de vista da participação e dedicação.

Outra característica interessante das famílias era a divisão das tarefas domésticas. Apesar do alto nível de renda da GF1, nem todas as famílias possuíam a ajuda de empregadas domésticas. Isso reflete a própria história destas famílias, que cresceram em ambientes menos favorecidos, e tinham como hábito realizar tarefas domésticas ou de trabalho nas áreas rurais, desde a infância. Em uma destas famílias, avô e avó dividiam todas as tarefas domésticas, desde o preparo dos alimentos até a faxina da casa. Este casal vinha de uma família de origem bastante humilde e, desde o início de sua vida conjugal, eles dividiam as tarefas de seus lares, mantendo este hábito ao longo da vida. Mesmo nas famílias que contavam com o apoio da empregada doméstica, as avós também realizavam todas as tarefas da casa, refletindo estes hábitos.

Na GF2, todas as famílias contavam com empregada doméstica, diarista ou faxineira, que era a maior responsável pelas tarefas domésticas. As mães também se responsabilizavam pelas atividades do lar, mas em menor frequência, quando comparadas às avós. A inserção feminina no mercado de trabalho, restando menos tempo para a realização de tarefas domésticas (Jablonski, 2010), gerou uma mudança no funcionamento interno da família (Torres & Dessen, 2007). Além disso, essa situação pode evidenciar, também, que as mães da GF2 não foram socializadas para cuidarem de suas casas durante a infância e a adolescência, e possuíam menos habilidades, ou tinham menor satisfação em realizar estes tipos de tarefas (Barnett & Hyde, 2001).

Avós e pais dividiam as tarefas domésticas com suas esposas e empregadas, em menor grau, e eram responsáveis, principalmente, por fazer compras em supermercados, mercearias e padarias, entre outros. Isso reflete o papel masculino ainda como o de provedor, que ainda impera na cultura brasileira (Lewis & Dessen, 1999). Os avós, mais do que os pais, gostavam de cozinhar, especialmente, aos fins de semana. Apesar de esporádica, essa participação do homem na cozinha reflete uma mudança interessante na geração atual de avós (Jablonski, 2010). Uma das mães da pesquisa citou que, para ela, a maior contribuição do avô para a neta era que ela visse o avô cozinhando, que tivesse a imagem do “homem na cozinha”, segundo suas palavras. Esta fala é significativa, pois reflete um anseio da mãe para que sua filha possa presenciar a mudança do papel masculino (Goetz & Vieira, 2010). Apesar de parecer paradoxal que mais avós do que pais cozinhassem nos fins de semana, isso se devia, em parte, porque parte dos avós já estavam

aposentados, e possuíam mais tempo livre para se dedicarem às tarefas domésticas. Isso não necessariamente significa que a geração atual de pais não esteja engajada no compartilhamento de atividades domésticas (Dessen & Oliveira, 2011a).

Ao falarem sobre sua história familiar e a respeito de suas famílias atuais, as gerações delinearam um retrato do macro e do cronossistema. O macrossistema está representado no sistema de crenças e de estilo de vida nas diferentes gerações familiares, bem como nos padrões de mudanças sociais que avós e pais relataram (Bronfenbrenner, 1992). O cronossistema também está representado, na medida em que as diferenças entre as duas gerações foram percebidas e relatadas pelos avós e pais, denotando as continuidades e as mudanças de uma geração para outra.

Como se Davam as Contribuições entre a GF1 e a GF2?

A principal rede de apoio da GF1 era a GF2, e vice-versa, retratando, por si só, a importância das relações entre estas duas gerações (Lopes & cols., 2010; Oliveira, 2007), e o fato de a rede de apoio, em centros urbanos, estar cada vez mais restrita aos familiares (Dessen & Oliveira, 2011b). Este dado é ainda mais forte se considerarmos a população brasiliense, que vive em uma cidade jovem, de apenas 50 anos (Nascimento & Tecles, 2008, 22 de junho). Muitos destes avós foram pioneiros, deixando suas famílias de origem em outros estados do país e formando, nesta cidade, suas próprias famílias, o que torna natural que os laços com a família “nuclear” se fortaleçam ainda mais. Se após 30 ou 40 anos a relação pais-filhos ainda é citada como a principal fonte de apoio, então é de se esperar que isso seja transmitido para a GF3, quando os próprios netos formarem suas famílias. Este dado, mais uma vez, reitera a prevalência do papel dos avós na família, e ressalta as contribuições bidirecionais entre as gerações (Burchinal & cols., 1996; Reynolds & cols., 2003).

O apoio e o suporte foram os principais tipos de contribuições entre a GF1 e a GF2, ressaltando que avós e pais contavam uns com os outros em diferentes situações: tarefas domésticas, cuidados com os netos, suporte material e financeiro, além do apoio psicológico. É interessante ressaltar, também, que especialmente as avós, mas também as mães e os avôs, consideravam que uma forma de contribuir com a família era não interferir na vida familiar. Esta situação pode denotar a idéia, subjacente em nossa cultura, de que os avós, especialmente as sogras, interferem negativamente na vida do casal (Chiapin & cols., 1998; Serewicz, 2005). Talvez, por esta razão, as próprias avós tenham destacado o seu cuidado para que esta situação não acontecesse. Por outro lado, pode ser que a interferência

dos avós na família já tivesse motivado conflitos familiares anteriores, levando-os a mudarem sua postura, enfatizando a importância da colaboração.

Quanto às contribuições da GF2 para a GF1, alguns avós achavam que seus filhos, genros e noras não precisavam fornecer nenhuma contribuição para eles. Isso pode estar relacionado com a vontade de os avós não se sentirem dependentes de seus filhos, e de não serem um “fardo” para sua família, especialmente após a aposentadoria, ou quando surgem os primeiros problemas de saúde (Bentley, 2007). Dentre os avós que se referiram a este aspecto, o apoio e o suporte foram tão citados quanto o afeto e o carinho, retratando como as relações amorosas eram consideradas importantes pela GF1. A GF2 também relatou que o afeto e o carinho eram a segunda contribuição mais importante dos avós para os netos. Isso denota, mais uma vez, como o afeto e o carinho são fundamentais nas relações entre três gerações (Silverstein & Giarrusso, 2010).

Os valores recebidos pela GF1 e a GF2 por seus avós foram bastante semelhantes. De acordo com os relatos, os avós ensinaram valores voltados à formação social dos avós e dos pais. É interessante ressaltar que uma avó contou que os valores religiosos aprendidos com sua avó materna influenciavam suas práticas religiosas até o presente, denotando a importância destes valores ao longo de suas vidas (Cardoso & Ferreira, 2009). Os valores educacionais e culturais também foram ressaltados por ambas as gerações, evidenciando a relevância da educação nestas famílias, conforme destacado anteriormente.

Sobre os valores transmitidos da GF1 à GF2, cabe destacar as diferenças e similaridades no relato das gerações. A GF1 valorizava a transmissão de valores especialmente por meio de seus exemplos pessoais, ou seja, os avós consideravam que mais do que transmitir um ou outro aspecto, eles deveriam transmitir atitudes e modos de vida. Os pais, por sua vez, relataram que os principais valores familiares transmitidos pela GF1 diziam respeito à união da família e a estabilidade da relação conjugal. Apesar de aparentemente diferentes, estas duas percepções podem ser, de fato, complementares, pois, dentre os exemplos pessoais, avôs e avós destacaram a maneira como eles viviam, incluindo as relações que mantinham em suas famílias. Ao desejarem transmitir seus exemplos pessoais, os avós estavam, provavelmente, transmitindo à GF2 o valor da união familiar e conjugal.

Quanto à transmissão de valores da GF2 à GF3, é interessante destacar que os pais relataram transmitir a seus filhos os mesmos valores que disseram receber da GF1. Isso significa, portanto, que a transmissão de valores na família se dava de maneira similar entre as gerações e, apesar de mudanças significativas no macrosistema ao longo das

décadas, os valores familiares continuavam sendo repassados e são fundamentais para a sobrevivência de uma cultura (Goodnow, 1997). Esse ponto ressalta a importância dos avós como transmissores de valores, e salienta a força da cultura familiar na sociedade (Pratt & cols., 2008).

Quais as Concepções das Três Gerações sobre Família, Avôs, Avós e Netos?

Quando perguntados sobre as concepções de avôs e avós, ao invés de definirem suas concepções, a maior parte dos avós respondeu como eles eram como avós, ou como se percebiam neste papel. Isso se deve, em parte, à necessidade da GF1 em falar sobre a experiência de serem avós, refletindo, de modo geral, a satisfação de avôs e avós no desempenho deste papel, e a necessidade de conversarem sobre este tema (Oliveira, Vianna & Cárdenas, 2010). Ao mesmo tempo, é comum que os respondentes, ao falarem sobre conceitos abstratos, usem como ponto de referência a si próprios no desempenho de suas funções.

Tanto os pais quanto os avós, mas especialmente os primeiros, achavam que ser avô/avó significava não precisar educar os netos. Esta resposta pode estar refletindo, por parte da GF2, uma insatisfação quanto à preocupação dos avós, especialmente das avós, em educar seus netos. Quando perguntados sobre os avós ideais, parte da GF2 respondeu que o avô deveria conviver mais com os netos, e que a avó deveria fornecer um ambiente mais acolhedor, ou seja, alguns pais e mães gostariam de ver mudanças no papel dos avós. Esta insatisfação da GF2 em relação aos papéis desempenhados pelos avós pode ser decorrência do fato de que parte dos avós ainda trabalhavam, ou tinham muitos netos, e faltava tempo para aquele neto em especial, e por as avós terem dificuldades em se desprender do papel predominantemente materno, de cuidadoras e educadoras das novas gerações (Biasoli-Alves, 2000).

Ao mesmo tempo, a GF2 se referiu, tanto nas concepções de avós quanto ao falar sobre os avós ideais, à necessidade de que os avós também educassem as crianças, e que se tornassem parceiros deles nesta tarefa. Nestas famílias, havia uma separação bem clara entre o papel de educador dos pais e o papel de “lazer” dos avós. Apesar de isso ser fonte de insatisfação para alguns pais, os avós estavam agindo conforme o seu papel cultural e o estágio do seu curso de vida: eles já educaram e se responsabilizaram por uma geração, e agora cabia a eles outro papel na família (Mitchell, 2007). Por outro lado, a necessidade destes pais, de contar mais com os avós como “parceiros” na educação de seus filhos (Goodman & Silverstein, 2002), pode estar refletindo as conseqüências do não

compartilhamento de atividades domésticas e de cuidados com os filhos entre os casais da GF2. A sobrecarga de trabalho doméstico somado ao estresse do trabalho fora de casa pode gerar a confusão de papéis de avós e pais e a insatisfação em relação à contribuição dos avós para a família de seus filhos e netos (Dessen & Oliveira, 2011b).

Os netos, por sua vez, definiram suas concepções de avôs, avós e netos de maneira bem concreta, condizente com seu estágio de desenvolvimento. É interessante destacar que, segundo os relatos das crianças, as avós eram mais cuidadoras do que os avôs, e os avôs eram mais socializadores do que as avós, o que confirma os dados da literatura (Roberto & cols., 2001; Thomas & cols., 2000). De fato, ao comparar estes dados com a divisão de cuidados com os netos, relatadas pela GF1, as avós eram as principais responsáveis por todas as atividades com as crianças, lendo histórias, levando à escola, alimentando-as e banhando-as. Já os avôs se responsabilizavam menos, mas também participavam, levando os netos às atividades de lazer. Provavelmente, os avôs brincavam mais com seus netos, justificando as concepções de avôs socializadores, e denotando a mudança no papel dos avôs contemporâneos (Bullock, 2009). Além disso, as crianças percebiam que os avós também participavam de suas vidas ao socializarem seus pais. Nos relatos, alguns netos responderam que o papel dos avós também estava relacionado à condição de orientar a GF2, ressaltando a ação socializadora indireta, em consonância com a literatura (Cho & cols., 2005).

Quanto ao papel dos netos, as crianças demonstraram que haviam interiorizado aspectos importantes dos valores familiares transmitidos por seus pais e por seus avós, pois responderam que fazia parte do papel de neto cuidar, futuramente, dos avós, quando eles estivessem mais velhos. Essa perspectiva ressalta, novamente, a importância dos valores transmitidos pela família para a formação da criança, através dos processos proximais (Sommerhalder & Nogueira, 2003). Em uma perspectiva mais ampla, podemos supor que estes valores, que são pessoais e familiares, podem se converter em valores sociais, ou seja, aceitos, valorizados e praticados por uma cultura em especial (Goodnow, 1997). Da mesma maneira, algumas mães ressaltaram que cabia aos netos cuidar e/ou gostar de seus avós. Ao responderem isso, elas estavam falando de suas experiências, pois muitas ainda tinham os avós vivos e conviviam com eles, mas, estavam, também, falando sobre como consideravam que seus filhos deveriam agir com os avós.

Como eram as Concepções dos Avós Acerca de seus Genros e Noras e sobre a Educação dos Netos?

As relações dos avós com seus genros e noras foram consideradas, pelos primeiros, como bastante tranqüilas e próximas, e muitos dos avós consideravam estes agregados como filhos. Essa proximidade emocional revela a harmonia familiar existente entre a GF1 e a GF2, o que pode vir a repercutir de maneira positiva, também, na GF3 (Fingerman, 2004; Mills & cols., 2001).

Quanto à educação dada aos netos, mais avós do que avós estavam de acordo com a educação dada pelos pais aos netos. As avós, por sua vez, estavam mais ligadas e preocupadas em educar os netos, especialmente no que tangia à falta de tempo e de dedicação da GF2 à GF3. Dentre os avós que concordavam com a educação fornecida, eles valorizavam tanto o modo como os pais educavam, ressaltando suas qualidades, quanto o resultado deste processo, ressaltando características dos netos. Esse dado resalta a preocupação dos avós, particularmente das avós, com as questões contemporâneas, onde o excesso de trabalho e de compromissos delas e dos próprios pais acabavam por diminuir o tempo com a família (Zamberlan & cols., 1997).

A reflexão dos avós acerca da educação de seus netos pode afetar diretamente a maneira como eles se relacionam com a criança (Gauthier, 2002). Neste estudo, houve uma relação direta entre discordar da educação e caracterizar o neto como “levado e/ou desobediente”, o que evidencia, mais uma vez, que os avós estão atentos ao comportamento de seus netos. Além disso, podemos inferir que os avós também estão percebendo as mudanças de valores e de práticas e, por estarem no curso de vida tardio, são capazes de perceber as alterações do macrosistema ao longo do cronossistema (Coelho, 2002).

Como eram as Relações Avós-Netos?

Neste tópico serão discutidas a transição para o se tornar avós, as atividades realizadas por avós e netos e as contribuições e valores transmitidos dos avós para as crianças. Serão apresentados, ainda, aspectos das relações familiares de acordo com algumas características das famílias do estudo.

Como foi, para a GF1, a Transição para se Tornar Avós?

Os avós participantes desta pesquisa ressaltaram que tornar-se avós foi, acima de tudo, bom e/ou maravilhoso, evidenciando que esta transição do curso de vida foi repleta

de aspectos positivos. Tanto avôs quanto avós, ao responderem esta questão, disseram com detalhes como havia sido o nascimento do primeiro neto, emocionando-se bastante e ressaltando que aguardavam com ansiedade o momento de se tornarem avós.

Algumas avós ressaltaram, também, que a gravidez e o nascimento dos netos havia sido “um susto”, pois a gestação havia sido inesperada. Neste caso, as avós se sentiram “traídas”, por não saberem que seriam avós. É interessante salientar que cinco avós relataram que a gestação inesperada havia ocorrido em suas famílias, mas nenhum dos avôs comentou sobre isso. Esta situação pode significar que ou os avôs sentiam-se constrangidos com o acontecido e preferiam não comentar, especialmente por temerem o preconceito, ou que, para as avós, a gestação inesperada dos netos foi mais marcante do que para o avôs.

Por outro lado, apenas alguns avôs disseram não se lembrar mais do nascimento dos netos. Estes avôs eram mais velhos, tinham muitos netos ou estavam apresentando os primeiros sinais de falhas na memória, ou seja, faziam parte de um grupo bastante específico de participantes. Nenhuma das avós, mesmo as que possuíam mais netos, disse não se recordar do nascimento do primeiro neto, denotando que, para as mulheres, estes momentos marcantes mantinham-se vivos na memória, além de ressaltar a importância que elas davam aos assuntos familiares (Socorro & Dias, 2010).

O que Avós e Netos Faziam Juntos?

Avós e netos encontravam-se mais em suas casas do que em locais públicos, o que nos possibilita inferir que, talvez, na etapa do curso de vida tardio, é mais fácil e prático estar com seus netos em casa, nos momentos em que outras pessoas da família também estejam presentes. Ainda que os avós, especialmente as avós, saíssem com seus netos para atividades externas, apenas em uma família, onde os avós tinham um filho adolescente, as atividades realizadas eram predominantemente em locais públicos: ir ao shopping, fazer compras, lanchar, ir ao cinema, ir ao teatro e à livraria e ir ao parque de diversões. Estes avós realizavam com a neta, então, as atividades que geralmente faziam com seus filhos.

Kenner e cols. (2007) também encontraram dados similares, verificando que avós e netos assistiam à TV, brincavam com jogos, passeavam em parques e faziam compras, dentre outras atividades. Os resultados também confirmaram aqueles obtidos em pesquisa realizada no Distrito Federal, por Oliveira e cols. (2010), em que avós e netos gostavam de, juntos, brincar e assistir à TV. Assim como no estudo de Kenner e cols e de Oliveira e cols, em nosso estudo houve a prevalência de “assistir à TV” dentre as atividades realizadas por

avós e netos. Esta informação chama a atenção, pois evidencia que avós e netos, quando juntos, estão em uma atividade que é mais solitária e menos interativa do que, por exemplo, as brincadeiras em conjunto (Salgado, Pereira & Souza, 2005).

Contraditoriamente, ao se referirem às atividades favoritas, os avós relataram gostar mais de sair, passear no shopping e lanchar com seus netos, ou seja, valorizavam os momentos em que faziam programas externos agradáveis para os dois. As avós identificaram mais atividades favoritas do que os avôs, o que parece denotar que elas e seus netos possuíam um repertório mais vasto que os avôs e as crianças, que gostavam apenas de brincar. Por outro lado, apesar de aparentemente este dado ressaltar a participação das avós, verificamos que os avôs gostavam de simplesmente brincar com as crianças, ou seja, de estarem voltados para elas, dedicando seu tempo para as brincadeiras que elas desejavam fazer, confirmando a mudança no papel dos avôs, que estão paulatinamente se tornando mais participativos e companheiros de seus netos (Tinsley & Parke, 1988).

É interessante ressaltar que quando estimulados a dizerem se havia alguma atividade que não gostavam de realizar com seus netos, quase todos os avós disseram não haver nada que não gostassem de fazer, evidenciando a satisfação com o papel de avós. Já as atividades pretendidas, ou não existiam, ou concentravam-se em viagens e passeios, e mesmo nas famílias em que ambos os avós trabalhavam, a falta de tempo não parecia ser um problema. Este dado denota, mais uma vez, que os avós estavam satisfeitos com as atividades realizadas com seus netos, e com o tempo que tinham para eles.

Os netos, por sua vez, também relataram gostar de brincar e conversar com seus avós, além de passear, viajar e sair, evidenciando que a companhia dos avós era prazerosa. Ir à casa dos avós e estar com eles também era uma das atividades favoritas, o que nos leva a supor que estas crianças, futuramente, terão lembranças bastante agradáveis de seus avós, à semelhança das lembranças de seus próprios pais e avós, particularmente quanto à casa deles e às visitas familiares. Percebemos, portanto, como alguns aspectos se mantêm ao longo das gerações, traçando um perfil semelhante das relações avós-netos.

Apesar de poucas crianças terem respondido quais atividades pretendiam realizar com seus avós, algumas disseram que gostariam de ter um tempo mais exclusivo com eles. Em uma das famílias, o avô trabalhava muito, e a menina sentia falta deste convívio; em outras duas, havia muitos netos na família, e a criança manifestou o desejo de receber mais atenção. Isso demonstra, primeiramente, que manter-se ativo no mercado de trabalho pode ter um custo para a vida familiar dos avós, como a redução no tempo compartilhado com

os netos. Alguns avós da pesquisa já poderiam estar aposentados, mas preferiam continuar ativos, pois se sentiam realizados com seus trabalhos. Com isso, os netos sentiam perder parte da convivência com seus avós. O grande número de netos também pode ser um fator prejudicial à relação, especialmente para os mais jovens, que precisam dividir a atenção dos avós com seus primos (Gauthier, 2002).

Quanto aos ensinamentos transmitidos pelos netos aos avós, poucas crianças se sentiam aptas a ensinar algo para eles. Isso se deve, provavelmente, ao fato de os netos serem ainda bastante novos e verem, em seus avós, os únicos que possuíam conhecimentos suficientes para serem transmitidos. No entanto, isso não significa que não esteja havendo trocas mútuas (Pratt & cols., 2008). Uma das crianças, com 10 anos, considerou que ela havia ensinado para seus avós como realizar cálculos matemáticos, pois a maneira de “fazer contas” havia mudado desde a época de seus avós. Ela percebeu, portanto, uma mudança que ocorreu ao longo dos anos, e atualizou seus avós junto a esta novidade.

Em síntese, os resultados confirmam a mudança no papel dos avós entre as gerações: se antes eles eram vistos de maneira mais distante, como figuras que deveriam mais ser respeitadas do que amadas, hoje estes avós são percebidos como mais próximos e acessíveis aos seus netos (Benincá & Gomes, 1998). Mas, embora atualmente os avós estejam mais próximos e íntimos de seus netos, eles ainda se fazem respeitar (Dommergues & Lemaire, 2005). Netos universitários brasileiros, por exemplo, destacaram que os avós representam “respeito, sabedoria e experiência de vida” (Dias & Silva, 2003). Parece, portanto, que esta mudança é positiva, pois aproxima avós e netos nos interesses comuns, ao mesmo tempo em que mantêm a figura de autoridade dos avós nas famílias (Biasoli-Alves, 1997).

Quais as Contribuições e os Valores que os Avós Transmitem a seus Netos?

Os avós relataram contribuir para a vida de seus netos estando presentes cotidianamente, e fornecendo apoio e suporte para o que eles precisassem. Eles consideravam que esta presença seria “para toda a vida”, e que os netos poderiam encontrar neles figuras de suporte cotidiano. Este dado está consoante com a literatura, que aponta os avós como figura de destaque na rede social de apoio dos netos (Gibson & Mace, 2005). Com o aumento na expectativa de vida, podemos supor que estas crianças ainda continuarão contando com a presença e a participação de seus avós por longos anos, ressaltando a força desta relação familiar no presente e no futuro próximo (Gauthier, 2002).

Os valores transmitidos pelos avós revelaram uma preocupação com a geração atual e com os efeitos da modernidade, conforme dados da literatura (Kenner & cols., 2007; Marangoni & Oliveira, 2010). Eles estavam preocupados se os netos seriam pessoas responsáveis, comprometidas e respeitadoras, assim como eles aprenderam a ser no passado. Além disso, eles também gostariam de transmitir valores que “facilitassem” os relacionamentos que os netos teriam, de modo que eles fossem crianças e adultos seguros e amados.

Já os pais valorizavam os exemplos que os avós transmitiam para as crianças, que eram os mesmos que os avós diziam ser importantes transmitir: a integridade, a solidariedade e a educação. Podemos perceber, portanto, que havia bastante coerência nos valores transmitidos pelos avós a seus netos, tal qual comentado pelos pais. Esta característica é positiva para as crianças, que percebiam em seus avós figuras que se importavam em transmitir os valores que, ao mesmo tempo, praticavam (Biasoli-Alves, 1997).

Alguns netos responderam que recebiam, de seus avós, valores relativos à educação, já que sempre conversavam com eles a respeito da importância dos estudos. Apesar de, na maioria das famílias, este aspecto ter sido considerado positivo, em algumas ele foi relatado como negativo, pois os pais gostariam que os avós fossem mais “relaxados” quanto à educação das crianças. Duas das crianças relataram que a cobrança dos avós as incomodava, pois suas avós eram bastante exigentes e se tornavam “chatas” ao cobrarem demais. Nestas famílias, os avós preocupavam-se com a educação dada aos netos, e achavam que os pais deveriam cobrar mais na parte da educação de seus filhos. Percebemos, aqui, que há importantes diferenças nas expectativas familiares quanto ao papel de avós, e que haveria mais harmonia se a comunicação familiar fosse mais eficiente.

Em síntese, na GF1, a preocupação estava mais voltada aos valores morais, ou seja, avós e avós gostariam que as crianças fossem honestas, sinceras e solidárias; os pais, por sua vez, viam os avós como transmissores de importantes exemplos pessoais, ou seja, os avós estariam reforçando, com seus exemplos, aquilo que os pais passavam teoricamente para seus filhos; por fim, a GF3 citou valores bem práticos e voltados para a convivência social, que eram, na fase de etapa do curso de vida em que eles estavam, suas principais tarefas.

Os dados confirmam que os valores transmitidos pelos pais, bem como as práticas parentais adotadas, são diretamente influenciados pelos valores e pelos estilos parentais dos avós (Kitamura & cols., 2009). Portanto, para a compreensão das transmissões de

valores na família e dos estilos parentais, não basta estudar apenas o momento atual, sendo fundamental conhecer a história familiar, preferencialmente ao longo de ao menos três gerações (Benincá & Gomes, 1998; Gomes, 1992).

Quais Características Familiares se Mostraram Relevantes para os Relações Avós-Netos?

Apesar do número pequeno de famílias participantes compartilhando características semelhantes, é possível fazer algumas relações. Quanto às famílias em que ambos os avós trabalhavam, aparentemente não havia diferenças significativas em relação às outras famílias. Provavelmente, pelo fato de as crianças estarem em idade escolar, podemos supor que, quando seus avós estavam trabalhando, elas também estavam ocupadas e, portanto, a atividade laboral dos avós parecia não interferir na frequência dos encontros entre eles. Da mesma maneira, os netos destes avós não relataram insatisfação quanto a atenção recebida pelos avós- eles estavam satisfeitos. Portanto, podemos inferir que estes avós, apesar dos compromissos de trabalho durante a semana, dedicavam parte de seu tempo livre para os netos que, com isso, não se sentiam negligenciados por seus avós. Por outro lado, estes netos desejavam realizar mais atividades em ambientes externos com seus avós, o que pode denotar que, cansados, os avós preferiam ficar em casa com as crianças.

Quanto à idade das crianças, foram detectadas algumas diferenças nos relacionamentos com as crianças mais novas (4 e 5 anos): com elas, os avós brincavam e passeavam mais, e apenas elas disseram realizar tarefas domésticas com suas avós. Com as crianças mais velhas, havia menor necessidade de atenção em tempo integral, e provavelmente elas conseguiam distrair-se sozinhas na casa dos avós. Quanto ao número de netos, apesar de esta ser uma variável citada na literatura como determinante para a proximidade emocional (Gauthier, 2002), não foram percebidas diferenças significativas na relação avós e netos da nossa amostra.

Já nas famílias em que os avós apresentavam os primeiros sinais de perda de memória, as diferenças foram marcantes. Eles não se lembravam como havia sido o nascimento do primeiro neto, não havia nenhuma atividade em especial que desejassem realizar com seus netos, e achavam que não contribuíam na vida deles. Estas características ressaltam o quão avassalador é, para a convivência em família, o momento de doença e de perdas significativas no desempenho das tarefas cotidianas (Cruz & Hamdan, 2008). Nestes casos, percebemos que há perdas para todos: para os avós, que encontravam dificuldades para relacionarem-se com os netos; para os netos, que não encontravam no

avô a participação ideal; e para as avós, que passavam a dedicar grande parte de sua energia para cuidar de seus maridos (Lee & Gottlib, 1994; Manthorpe, 2005). Além disso, apesar de não ter sido explicitado neste estudo, a geração intermediária também pode sofrer as conseqüências de ter um idoso doente na família, ao precisar responsabilizar-se por ele (Falcão & Bucher-Maluschke, 2009).

Quanto aos estilos de avós propostos por Gauthier (2002), e descritos em detalhes no capítulo introdutório desta tese, neste estudo identificamos alguns avós que correspondiam ao perfil de “encarregados” e outros ao perfil de “especialistas”. Os avós encarregados eram aqueles que tinham uma preocupação maior em educar, que estavam presentes em diversas atividades práticas dos netos (como buscar na escola) e que eram, em alguns momentos, até mesmo severos na educação. Os especialistas - a maioria dos avós do estudo -, eram aqueles que possuíam outras atividades além das familiares, fossem elas de trabalho ou não, e que estavam presentes na vida dos netos, participando de atividades específicas. Estes avós eram também dedicados aos netos e às suas famílias, mas de uma maneira diferente do primeiro perfil. Nenhuma família de nosso estudo apresentou o perfil de avós passivos, pois ainda que alguns avós fossem menos participativos, a freqüência de encontros e a proximidade emocional eram altas.

Em relação à classificação de Mueller e cols. (2002) sobre os avós participativos, podemos ressaltar que a maior parte dos avós desta pesquisa possuía os principais indicadores para serem mais participativos: possuíam alto nível educacional, moravam próximos de seus netos e estavam bastante envolvidos nos cuidados a eles dispensados. Quanto à quantidade de netos, nem todos os avós os possuíam em menor número, mas esta não pareceu ser, neste estudo, uma característica importante.

As características percebidas nos avós pouco participativos, também segundo Mueller e cols. (2002), não se aplicavam aos participantes da pesquisa: não havia distância geográfica, os pais encorajavam o relacionamento avós-netos e os avós envolviam-se nos cuidados com os netos.

Em relação à linhagem, Mueller e cols. (2002) consideraram que os avós maternos eram mais próximos emocionalmente de seus netos. Neste estudo não foi possível fazer tal associação, pois não foram detectadas grandes diferenças entre as famílias de ambas as linhagens. Por outro lado, o maior número de participantes da linhagem materna do que os da linhagem paterna denota, por si só, um maior interesse por parte dos avós maternos em participar deste tipo de pesquisa, o que nos permite inferir que esta é a linhagem mais

próxima de seus netos, conforme apontado pela literatura (Gibson & Mace, 2005; Marx, Miller & Huffmon, 2011).

Sugestões para Pesquisas Futuras

Consistente com o Modelo Bioecológico, este estudo adotou uma abordagem multimetodológica, que vem sendo sugerida na literatura desde a década de 1970 como uma opção promissora para compreender fenômenos complexos (Fleith & Costa Júnior, 2005), como é o caso do objeto deste estudo. A consonância entre a teoria e o método empregado permitiu que os instrumentos selecionados gerassem dados condizentes com a natureza sistêmica das questões propostas nesta pesquisa. A união dos métodos quantitativos e qualitativos, considerada como uma condição necessária para a compreensão de processos sistêmicos e multideterminados, dada a natureza das contribuições de ambos para a coleta e análise dos dados (Cerqueira-Silva, Dessen & Dessen, 2009), pode ser destacada como outro ponto forte deste tipo de estudo. Ao refletirmos sobre o processo global da coleta, consideramos que o delineamento da pesquisa e a escolha da metodologia foram adequados aos objetivos deste estudo, e os dados gerados respondem às questões propostas.

Houve bastante dificuldade para a seleção dos participantes, já que poucas famílias atendiam aos requisitos necessários. Isso se deve a uma característica típica de Brasília, em que só recentemente passou a ser habitual a convivência de mais de duas gerações na cidade (Nascimento & Tecles, 2008, 22 de junho), pois acaba de completar 51 anos. Muitas famílias se dispuseram a participar do estudo, mas foram impossibilitadas, porque os avós não residiam no Distrito Federal. Esta dificuldade em localizar famílias em que filhos e avós pudessem participar do estudo impediu que se selecionasse um número equivalente de avós maternos e paternos, impossibilitando comparações entre as duas linhagens.

Quanto ao gênero e a idade das crianças, a literatura da área, embora ainda inconclusiva, não revela diferenças significativas entre netos e netas (Dubas, 2001; Silverstein & Marengo, 2001). Portanto, apesar de haver mais meninas do que meninos, acreditamos que este não tenha sido um limitador da pesquisa. Por outro lado, para que fosse possível atingir um número maior de participantes, uma família que possuía uma criança de 4 anos foi aceita, destoando da idade das demais crianças.

No Estudo Piloto 2, a aplicabilidade da entrevista com uma criança de 9 anos ficou evidente. Porém, para as crianças de 6, 7 e 8 anos seriam necessárias mais adaptações, pois

muitas delas tiveram dificuldades para responder às questões. Ainda que as perguntas fossem simples, as crianças diziam não saber responder, ou, muitas vezes, respondiam que haviam esquecido as respostas. Já para as crianças de 9 e 10 anos a entrevista mostrou-se mais adequada, pois estas crianças tinham um vocabulário mais amplo e condições de comentar aspectos mais abstratos de suas relações com os avós.

Apesar de o roteiro de entrevista dirigido aos netos ter sido estruturado visando fornecer os dois lados da relação, a dificuldade das crianças em responder algumas das questões, próprias do desenvolvimento cognitivo, limitou o acesso a uma compreensão mais integrada das relações avós-netos, sob a perspectiva das crianças. Para as pesquisas futuras sugerimos, portanto, que ou este roteiro seja utilizado apenas para as crianças acima de 9 anos, ou que ele seja adaptado para as mais novas.

Em relação às entrevistas com os demais participantes, os resultados demonstram que elas foram bastante abrangentes, possibilitando que os aspectos mais relevantes da história de vida dos entrevistados e de suas percepções sobre a relação avós-netos, bem como a participação dos avós na família, fossem alcançados. Como sugestão para as pesquisas futuras, acreditamos que seja fundamental incluir uma questão sobre como havia sido a transmissão de valores das famílias de origem à GF1 e à GF2, pois, apesar de alguns participantes terem falado sobre este tema, nem todos os citaram. Já o questionário de caracterização da família, adaptado para o núcleo familiar dos avós, mostrou-se pertinente à realização desta configuração familiar, assim como o *checklist*, que possibilitou uma checagem objetiva da frequência, local de encontros e tipo de atividades realizadas entre avós e netos.

Os dados deste estudo ressaltam, em consonância com a literatura, o papel fundamental dos avós na família (Attar-Schwartz & cols., 2009; Coall & Hertwig, 2010; Soliz & cols., 2005). Eles apóiam e provêm suporte a seus netos, filhos, genros e noras, estando presentes no cotidiano familiar. Estes avós também participam ativamente da vida de seus netos, brincando, conversando ou, simplesmente, estando juntos, além de estarem atentos à sua educação e formação moral. Em resumo, os avós possuem um *status* de grande força em suas famílias (Dias & Silva, 1999; Silverstein & Giarrusso, 2010).

Ficou evidenciada nesta pesquisa, também, a reciprocidade entre o grupo familiar dos avós e dos pais: era com eles que os avós contavam para que fornecessem o apoio, o suporte e o afeto necessários. Além disso, os avós ressaltaram a importância dos netos em suas vidas, caracterizando-os de maneira bastante positiva, bem como a relação mantida por eles.

Ao estudarmos as relações entre avós e netos, ficam evidentes as alterações nesta relação ao longo do tempo, refletindo as mudanças sociais de maneira global (Barth, 2004; Marangoni, 2007). Segundo Zamberlan & cols. (1997), as “pesquisas familiares têm documentado que mudanças de valores, de papéis sociais, de modelos comportamentais e de arranjos domésticos têm influenciado as relações pais-crianças, e estas trouxeram reflexos importantes no desenvolvimento da nova geração” (p. 43). Da mesma forma, houve uma alteração nos papéis e na convivência entre avós e netos na sociedade brasileira, pois estamos passando por uma fase de transições: no passado, muitas vezes havia a coabitação, ou avós e netos moravam próximos, e havia contato mais freqüente com as gerações (Torres & Dessen, 2007). Ao mesmo tempo, as dificuldades financeiras vêm aproximando novamente as famílias, e hoje também é comum que avós e netos coabitem (Fuller-Thomson & Minkler, 2007; Lumpkin, 2008).

Outro aspecto que vem passando por importantes mudanças está relacionado à educação e à transmissão de valores nas famílias. No passado, o principal objetivo dos avós brasileiros, ao socializarem seus netos, era que eles se tornassem adultos bem-educados e com uma boa formação nos valores morais. Atualmente, há uma preocupação acentuada em valorizar o diálogo e a proximidade emocional com os netos (Biasoli-Alves, 1997). Com isso, os avós vêm sendo considerados, desde a década de 90, como promotores de afeto e pouco repreensivos (Dias & Silva, 1999). Ao mesmo tempo, a figura dos avós se mantém como aqueles que conseguem realizar mediações entre pais e netos, como fonte de apoio, perpetuadores da história familiar e transmissores de valores (Dias & Silva).

Quanto à clássica questão sobre qual linhagem ou gênero dos avós é mais próximo dos netos, consideramos que os dados deste estudo refletem que o papel masculino na sociedade vem se modificando, e que não é possível fazer considerações definitivas acerca do tema. Na população pesquisada, percebemos a evolução no papel do avô, que atualmente brinca e se envolve mais com seus netos, em comparação aos avôs de algumas décadas atrás (Bullock, 2010). Acreditamos que nos próximos anos estas mudanças serão mais fortemente sentidas na sociedade e, conseqüentemente, na pesquisa científica. Quanto à linhagem dos avós, apesar de mais avós maternos do que paternos terem participado do estudo, também consideramos prematuro concluir e definir que aqueles seriam mais próximos do que estes. Assim como o papel dos avôs, o papel dos pais também está mudando, e é natural que a família paterna também acabe se aproximando mais dos netos.

Apesar de a pesquisa sobre as relações avós e netos ainda estar nos seus estágios iniciais, as evidências apontam para o quanto ela é significativa para os estudos da família

(Crosnoe & Elder Jr., 2002). Dias e Silva (1999), ao efetuarem uma revisão da literatura sobre as pesquisas envolvendo os avós entre as décadas de 70 e 90, concluíram que os temas de investigação a este respeito são praticamente os mesmos: papéis e estilos de avós, a influência da idade e do gênero na relação avós-netos, o papel dos avós diante da separação/divórcio dos pais, entre outros. Infelizmente, portanto, a pesquisa científica está apenas começando a acompanhar as mudanças sociais e culturais envolvendo as relações avós-netos.

Por outro lado, ainda que discretamente, o interesse pelos estudos sobre os avós vem crescendo no Brasil (Falcão, Dias, Bucher-Maluschke & Salomão, 2006), e alguns pesquisadores começam a utilizar o neologismo “avosidade” (Oliveira & cols., 2010). Isso ressalta não apenas o interesse pelos avós no país, mas, também, uma mudança de paradigmas na ciência, que passa a compreender o desenvolvimento humano de maneira mais complexa e integrada, percebendo o desenvolvimento do indivíduo ao longo dos anos (Bentley, 2007). Esta mudança evidencia, ainda, o interesse pelo estudo da dinâmica familiar, e das interações mantidas por este grupo (Kreppner, 2005).

Outro avanço importante nas pesquisas sobre este tema foi a ampliação do número de informantes nos estudos realizados, deixando-se de considerar apenas as avós, e dando voz, também, aos avôs (Bullock, 2009; Tinsley & Parke, 1998). Este quadro está consoante com a própria evolução da psicologia do desenvolvimento que, por muito tempo, focalizou apenas a relação mãe-criança e, aos poucos, foi ampliando a análise para os demais membros da família (Lewis & Dessen, 1999).

Além disso, ao invés de utilizar como informantes da pesquisa apenas a opinião dos avós sobre seus netos, a pesquisa atualmente parece estar mais atenta aos outros membros familiares, e passa a considerar em maior grau a perspectiva dos filhos deles – ou seja, os pais e as mães e, também, dos netos. Ao se investigar apenas os avós, ou apenas os netos, perde-se em grande parte a compreensão das relações mantidas entre eles. Estudar as relações humanas não é uma tarefa fácil, e para compreendê-las não é apropriado nos atermos apenas ao auto-relato de um dos participantes, mas sim percebermos a bidirecionalidade das relações (Hinde, 1997).

As relações dos idosos no papel de pais e de avós, lidando com seus filhos, genros/noras e netos constituem campo vasto de investigação na área de relações familiares, fundamental para a compreensão do desenvolvimento humano. Com pais e mães trabalhando, e com uma rede social de apoio cada vez mais restrita, os avós são

chamados a participar de suas famílias, cuidando de seus netos e compartilhando, com os pais, as tarefas domésticas.

Entretanto, durante o levantamento bibliográfico utilizado como referencial teórico do capítulo introdutório desta tese, percebemos como os estudos ainda estão restritos a temas específicos, e após 12 anos da publicação do estudo realizado por Dias e Silva (1999), pouco se avançou em relação à abrangência das pesquisas. O interesse científico recai, sobretudo, nas famílias em que há avós guardiões, pois este vem se tornando um problema real para o sistema de saúde dos países que proporcionam políticas de bem-estar social (Thomas & cols., 2000).

Percebemos, entretanto, que falta à pesquisa avançar em outras questões das relações avós-netos, que possibilitem compreender esta participação de maneira mais concreta e prática. São poucas as investigações acerca das contribuições entre as gerações, ou sobre a transmissão de valores entre avós e netos. Mesmo as informações mais primordiais, como os tipos de atividades desenvolvidas por avós e netos, ainda são dificilmente encontradas nas publicações nacionais e internacionais. Ao investigar estas questões, os padrões intergeracionais, em seus vários aspectos, estariam sendo contemplados (McGreal, 1994), assim como foi feito neste estudo.

Apesar de os resultados dessa pesquisa contribuírem para o avanço na área, é preciso ressaltar que as famílias selecionadas pertenciam às classes A e B, correspondendo a uma minoria da população brasileira. Além disso, essas famílias não foram provenientes de uma amostragem randômica, e participaram do estudo apenas aquelas que assim o desejavam. Com isso, podemos inferir que apenas as famílias com um funcionamento mais ajustado fizeram parte da pesquisa, o que pode ter nos fornecido alguns dados enviesados. Entretanto, consideramos que esses resultados, ainda assim, foram representativos quanto às relações avós-netos.

Uma sugestão de pesquisa futura seria a investigação sobre a transição para o tornar-se avós: apesar de ser um tema tão básico e fundamental sobre as relações avós-netos, pouco se escreve acerca deste tema. Avôs e avós nascem sempre que uma criança nasce; a diferença entre estes dois fatos é que o nascimento da criança sempre é registrado, enquanto o nascimento dos avós raramente o é (Lumby, 2010). Esta transição afeta todo o sistema familiar, e por isso merece atenção (Cerqueira-Silva, Dessen e Costa-Júnior, 2011).

Outro tema bastante explorado na relação pais e filhos, mas pouco investigado entre avós e netos, são as práticas educativas e os estilos de ser avôs e avós. Gauthier (2002)

forneceu uma importante contribuição com seus achados, mas acreditamos que ainda há muito a avançar no que concerne aos estilos de ser avós, especialmente no Brasil.

Outro tema promissor de pesquisas é o estudo das relações avós-netos em diferentes etapas do curso de vida. Apesar de vários pesquisadores terem se interessado por esta temática (Dias & Silva, 2003; Faco, 2008; Lumby, 2010; Marangoni, 2007), acreditamos que há ainda muitas contribuições a serem realizadas neste sentido. As relações com os bisavós, que tendem a se tornar cada vez mais comuns (Falcão & cols., 2006), também merecem o investimento dos pesquisadores.

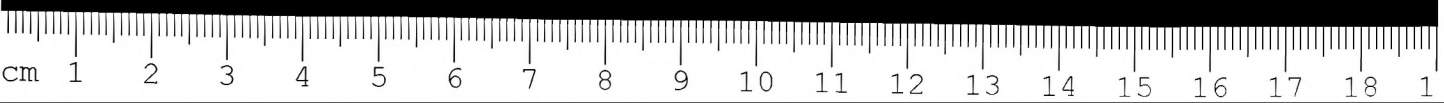
Outro interessante campo de pesquisa sobre as relações avós-netos é a maneira como aqueles são retratados na mídia. Na literatura infantil, os dados da pesquisa realizada por Beland e Mills (2001) demonstraram que os avós são os representantes dos valores sociais na maioria das vezes, sendo descritos de maneira positiva e apresentando características socialmente valorizadas, como a sabedoria e a inteligência. Este é um campo de investigação promissor, particularmente no que tange aos valores, crenças e práticas de socialização transmitidos pela cultura de uma geração à outra. Além disso, permitiria compreender melhor como os avós foram e são representados tanto para o público infantil quanto para jovens e adultos, ao longo de gerações.

Para finalizar, gostaríamos de ressaltar a importância de se intensificarem os estudos sobre as relações entre avós e o restante da família, para que seja possível oferecer subsídios aos programas de educação familiar, em especial aqueles que visem à melhoria da qualidade de vida dos idosos. Os avanços da medicina e das ciências em geral vêm possibilitando não apenas um aumento significativo na expectativa de vida, mas também, melhores condições para que as pessoas nessa faixa etária possam viver com melhor qualidade de vida (Kivett, 1998). Estas condições justificam a necessidade de mais pesquisas e de serviços destinados especialmente aos idosos.

Uma das situações em que os avós podem necessitar de apoio especializado é, por exemplo, quando são eles os principais responsáveis pela criação de seus netos (Goodman & cols, 2004). A inadequação dos avós ao papel parental pode levar a problemas de saúde, como a depressão, gerando a necessidade de uma atenção especializada para esta população (Araújo, 2010). Além desta situação especial, os avós também podem ser beneficiados por programas de educação familiar mesmo em situações normativas (Mitchell, 2006).

Além disso, os avós também podem e devem ser incluídos nos programas de apoio voltados aos outros membros da família, especialmente, no que concerne ao fortalecimento

dos vínculos familiares (Linsk & Mason, 2004). Os avós podem ter seu papel como rede social de apoio otimizado por meio dos programas de educação, o que traria benefícios a toda a família (Dessen & Pereira-Silva, 2004).



REFERÊNCIAS

- Ahrons, C. (2007). Family ties after divorce: Long-term implications for children. *Family Process*, 46, 53-65
- Araújo, M. R. G. L. (2010). O estresse das avós maternas que cuidam dos netos. In Falcão, D. V. S. (Org.), *A família e o idoso: desafios da contemporaneidade* (pp. 77-89). São Paulo: Papyrus.
- Araújo, M. R. G. L. & Dias, C. M. S. B. (2002). Papel dos avós: apoio oferecido aos netos antes e após situações de separação/divórcio dos pais. *Estudos de Psicologia*, 7, 91-101.
- Attar-Schwartz, S., Tan, J., & Buchanan, A. (2009). Adolescents' perspectives on relationships with grandparents: The contribution of adolescent, grandparent, and parent-grandparent relationship variables. *Children and Youth Services Review*, 31, 1057-1066.
- Attar-Schwartz, S., Tan, J., Buchanan, A., Flouri, E. & Griggs, J. (2009). Grandparenting and adolescent adjustment in two-parental biological, lone-parent, and step-families. *Journal of Family Psychology*, 23, 67-75.
- Attias-Donfut, C. & Segalen, M. (2002). The construction of grandparenthood. *Current Sociology*, 50, 281-294.
- Aubel, J., Touré, I. & Diagne, M. (2004). Senegalese grandmothers promote improved maternal and child nutrition practices: The guardians of tradition are not averse to change. *Social Science and Medicine*, 59, 945-959.
- Armstrong, M. J. (2003). Is being a grandmother being old? Cross-ethnic perspectives from New Zealand. *Journal of Cross-Cultural Gerontology*, 18, 185-202.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Barnett, R. C., & Hyde, J. S. (2001). Women, men, work, and family: An expansionist theory. *American Psychologist*, 56 (10), 781-796.
- Barretto, M. F. (1989). *Direito de visita dos avós: uma evolução no direito de família*. Rio de Janeiro: Lumne Juris.
- Barth, J. C. (2004). Grandparents dealing with the divorce of their child: Tips for grandparents and therapists. *Contemporary Family Therapy: An International Journal*, 26, 41-44.

- Battini, E., Maciel, E. & Finato, M. (2006). Identificação de variáveis que afetam o envelhecimento: análise comportamental de um caso clínico. *Estudos de Psicologia*, 23, 455-462.
- Bailey, J. A., Hill, K. G., Oesterle, S., & Hawkins, J. D. (2009). Parenting practices and problem behavior across three generations: Monitoring, harsh discipline, and drug use in the intergenerational transmission of externalizing behavior. *Developmental Psychology*, 45(5), 1214-1226.
- Beauvoir, S. (1990). *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Bengtson, V. L. (2001). Beyond the nuclear family: The increasing importance of multigenerational bonds. *Journal of Marriage and Family*, 63(1), 1-16.
- Benincá, C. R. S. & Gomes, W. B. (1998). Relatos de mães sobre transformações familiares em três gerações. *Estudos de Psicologia*, 3(2), 177-205.
- Bentley, E. (2007). *Adulthood*. East Sussex: Routledge.
- Berger, K. S. (2003). *O desenvolvimento da pessoa: da infância à terceira idade*. Rio de Janeiro: LTC.
- Berry, J. W., van de Vijver, F. J. R., Kagitçibasi, Ç & Poortinga, Y. (2006). *Families across cultures: A 30-nation psychological study*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Biasoli-Alves, Z. M. M. (1997). Famílias brasileiras do século XX: os valores e as práticas da educação da criança. *Temas em Psicologia*, 3, 33-49.
- Biasoli-Alves, Z. M. M. (2000). Continuidades e rupturas no papel da mulher brasileira no século XX. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16(3), 1-14.
- Blane, D., Higgs, P., Hyde, M. & Wiggins, R. (2004). Life course influences on quality of life in early old age. *Social Science & Medicine*, 58, 2171-2179.
- Blustein, J., Chan, S. & Guanais, F. (2004). Elevated depressive symptoms among caregiving grandparents. *Health Services Research*, 39, 1671-1689.
- Brandão, L., Smith, V., Sperb, T. & Parente, M. (2006). Narrativas intergeracionais. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19, 98-105.
- Bridges, L. J., Roe, A. E. C., Dunn, J. & O'Connor, T. G. (2007). Children's perspectives on their relationships with grandparents following parental separation: A longitudinal study. *Social Development*, 16, 540-554.
- Bronfenbrenner, U. (1977). Toward an experimental ecology of human development. *American Psychologist*, 32, 513-531.
- Bronfenbrenner, U. (1992). Ecological system theory. Em R. Vasta (Org.), *Six theories of child development* (pp. 187-243). London: Jessica Kingsley.

- Bronfenbrenner, U. (1994). Ecological models of human development. Em T. Husten & T. N. Postelethwaite (Orgs.), *International Encyclopedia of Education* (2 ed., Vol 3, pp. 1643-1647). New York: Elsevier Science.
- Bronfenbrenner, U. (1999). Environments in developmental perspective: Theoretical and operational models. Em S. L. Friedman & T. D. Wachs (Orgs.), *Measuring environment across the life span: Emerging methods and concepts* (pp. 3-28). Washington, DC: American Psychological Association.
- Bronfenbrenner, U. & Morris, P. A. (1998). The ecology of developmental process. Em W. Damon & R. M. Lerner (Orgs.), *Handbook of child psychology: Vol. 1. Theoretical models of human development* (5^a ed., pp. 993-1028). New York: Wiley.
- Brown, A. H. & Roodin, P. A. (2002). Grandparent-grandchild relationships and the life course perspective. Em J. Demick & C. Andreoletti (Orgs.), *Handbook of adult development* (pp. 459-474). New York: Springer.
- Bullock, K. (2004). The changing role of grandparents in rural families: The results of an exploratory study in southeastern North Carolina. *Families in Society: The Journal of Contemporary Social Services*, 85, 45-54.
- Bullock, K. (2005). Grandfathers and the impact of raising grandchildren. *Journal of Sociology and Social Welfare*, 32, 43-59.
- Bullock, K. (2009). Expanding the intergenerational relationship: Grandfathers raising grandchildren. *International Journal of Behavioral Development*, 33(6), 9-12.
- Burchinal, M. R., Follmer, A., & Bryant, D. M. (1996). The relations of maternal social support and family structure with maternal responsiveness and child outcomes among African American families. *Developmental Psychology*, 32 (6), 1073-1083.
- Burnette, D. (1999). Social relationships of Latino grandparent caregivers: A role theory perspective. *The Gerontological Society of America*, 39, 49-58.
- Camarano, A. A. (2002). *Envelhecimento da população brasileira: uma contribuição demográfica*. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada- IPEA, Texto para discussão nº 858. Retirado em 31 de março de 2009 do World Wide Web: <http://www.alzheimer.med.br/demografia.pdf>.
- Campos-Ramos, P. C. (2008). *Família, pai e mãe: concepções de crianças pré-escolares*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, Brasília.
- Cano, D. S., Gabarra, L. M., Moré, C. O. & Crepaldi, M. A. (2009). As transições familiares do divórcio ao recasamento no contexto brasileiro. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 22(2), 214-222.

- Dubas, J. S. (2001). How gender moderates the grandparent-grandchild relationship: A comparison of kin-keeper and kin-selector theories. *Journal of Family Issues*, 22, 478-492.
- Faco, V. M. G. (2008). *Famílias de zona rural e urbana: características e concepções de adolescentes*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho- UNESP, Bauru.
- Falcão, D. V. S. & Salomão, N. M. (2005). O papel dos avós na maternidade adolescente. *Estudos de Psicologia*, 22, 205-212.
- Falcão, D. V. & Bucher-Maluschke, J. S. N. F. (2009). Cuidar de familiares idosos com a doença de Alzheimer: uma reflexão sobre aspectos psicossociais. *Psicologia em Estudo*, 14(4), 777-786.
- Falcão, D. V. S., Dias, C. M. S. B., Bucher-Maluschke, J. S. N. F. & Salomão, N. M. R. (2003). As relações familiares entre as gerações: possibilidades e desafios. Em A. L. Neri & S. A. Freire (Orgs.), *E por falar em boa velhice* (pp. 60-80). Campinas: Papyrus.
- Fingerman, K. L. (2004). The role of offspring and in-laws in grandparents' ties to their grandchildren. *Journal of Family Issues*, 25, 1026-1049.
- Fingerman, K. L. & Pitzer, L. (2007). Socialization in old age. Em J. E. Grusec & P. D. Hastings (Orgs.), *Handbook of socialization* (pp.232-255). New York: The Guilford Press.
- Flores, G. C. (2008). "Eu cuido dela e ela me cuida": um estudo qualitativo sobre o cuidado intergeracional com o idoso. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria.
- Friedman, D., Hechter, M., & Kreager, D. (2008). A theory of the value of grandchildren. *Rationality and Society*, 20(1), 31-63.
- Fruhauf, C. A., Jarrott, S. E., & Allen, K. R. (2006). Grandchildren's perceptions of caring for grandparents. *Journal of Family Issues*, 27(7), 887-911.
- Fuller-Thomson, E. & Minkler, M. (2005). American Indian/Alaskan native grandparents raising grandchildren: Findings from the Census 2000 supplementary survey. *Social Work*, 50, 131-139.
- Fuller-Thomson, E. & Minkler, M. (2007). Central American grandparents raising grandchildren. *Hispanic Journal of Behavioral Sciences*, 29, 5-18.
- Gauthier, A. (2002). The role of grandparents. *Current Sociology*, 50(2), 295-307.

- Geurts, T., Poortman, A., Tilburg, T. v., & Dykstra, P. A. (2009). Contact between grandchildren and their grandparents in early adulthood. *Journal of Family Issues*, 30(12), 1698-1713.
- Giarrusso, R., Feng, D., Silverstein, M., & Bengtson, V. L. (2001). Grandparent-adult grandchild affection and consensus: Cross-generational and cross-ethnic comparisons. *Journal of Family Issues*, 22(4), 456-477.
- Giarrusso, R., Silverstein, M. & Bengtson, V. L. (1996). Family complexity and the grandparent role. *Generations*, 20, 17-23.
- Gibson, M. A. & Mace, R. (2005). Helpful grandmothers in rural Ethiopia: A study of the effect of kin on child survival and growth. *Evolution and Human Behavior*, 26, 469-482.
- Goetz, E. R., & Vieira, M. L. (2010). *Pai real, pai ideal: o papel paterno no desenvolvimento infantil*. Curitiba: Juruá.
- Gomes, J. V. (1992). Família e socialização. *Psicologia USP*, 3(1/2), 93-105.
- Gomes, I. C. & Paiva, M. L. S. C. (2003). Casamento e família no século XXI: possibilidade de holding? *Psicologia em Estudo*, 8, 3-9.
- Goodman, C. C. (2007). Family dynamics in three-generation grandfamilies. *Journal of Family Issues*, 28, 355-379.
- Goodman, C. & Silverstein, M. (2002). Grandmothers raising grandchildren: Family structure and well-being in culturally diverse families. *The Gerontologist*, 42, 676-689.
- Goodman, C. & Silverstein, M. (2006). Grandmothers raising grandchildren: Ethnic and racial differences in well-being among custodial and coparenting families. *Journal of Family Issues*, 27, 1605-1626.
- Goodman, C., Potts, M., Pasztor, E. & Scorzo, D. (2004). Grandmothers as kinship caregivers: Private arrangements compared to public child welfare oversight. *Children and Youth Services Review*, 26, 287-305.
- Goodman, C., Potts, M. & Pasztor, E. (2007). Caregiving grandmothers with vs. without child welfare system involvement: Effects of expressed need, formal services, and informal social support on caregiver burden. *Children and Youth Services Review*, 4, 428-441.
- Goodnow, J. J. (1997). Parenting and the transmission and internalization of values: From social-cultural perspectives to within-family analyses. In J. E. Grusec & L. Kuczynski (Orgs.), *Parenting and children's internalization of values: A handbook of contemporary theory* (pp. 333-361), New York: John Wiley & Sons.

- Gottlieb, B. H., & Pancer, S. M. (1988). Social networks and the transition to parenthood. In G. Y. Michaels & W. A. Goldberg (Orgs.), *The transition to parenthood* (pp. 235-269). Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Grassley, J. & Eschiti, V. (2008). Grandmother breastfeeding support: What do mothers need and want? *Birth*, 35(4), 329-335.
- Guedea, M. T. (2005). *Modelos de estresse e bem-estar subjetivo em cuidadores de familiares idosos dependentes funcionais*. Tese de Doutorado, Universidade de Brasília, Brasília.
- Hank, K. & Buber, I. (2009). Grandparents caring for their grandchildren: Findings from the 2004 Survey of Health, Ageing, and Retirement in Europe. *Journal of Family Issues*, 30, 53-73.
- Harpel, T. S. & Hertzog, J. (2010). "I thought my heart would burst": The role of ultrasound technology on expectant grandmotherhood. *Journal of Family Issues*: 31(2), 257-274.
- Hawkes, K. (2004). Human longevity: The grandmother effect. *Nature*, 428, 128-129.
- Henderson, T. L. (2005). Grandparent visitation rights. *Journal of Family Issues*, 26, 638-664.
- Henderson, C. E., Hayslip Jr., B., Sanders, L. M., & Louden, L. (2009). Grandmother-grandchild relationship quality predicts psychological adjustment among youth from divorced families. *Journal of Family Issues*, 30(9), 1245-1264.
- Hinde, R. A. (1997). *Relationships: a dialectical perspective*. Sussex, UK: psychological Press.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE] (2010). *Estatísticas do registro civil-2009*. Retirado em 13 de dezembro de 2010 do World Wide Web: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/sinteseindicsoais2009/default.shtm>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE] (2011). *Estatísticas do registro civil-2010*. Retirado em 24 de maio de 2011 do World Wide Web: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/default_sinopse.shtm
- Ikels, C. (1998). Grandparenthood in cross-cultural perspective. Em M. E. Szinovacz (Org.), *Handbook of grandparenting* (pp. 40-52). Westport: Greenwood Press.
- Jablonski, B. (2010). A divisão de tarefas domésticas entre homens e mulheres no cotidiano do casamento. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 30(2), 262-275.

- Kemp, C. L. (2007). Grandparent-grandchildren ties: Reflections on continuity and change across three generations. *Journal of Family Issues*, 28, 855-881.
- Kenner, C., Ruby, M., Jessel, J., Gregory, E., & Arju, T. (2007). Intergenerational learning between children and grandparents in east London. *Journal of Early Childhood Research*, 5(3), 219-243.
- King, V. (2003). The legacy of a grandparent's divorce: Consequences for ties between grandparents and grandchildren. *Journal of Marriage and Family*, 65, 170-183.
- King, V., Russell, S. T., & Elder Jr., G. H. (1998). Grandparenting in family systems: An ecological perspective. Em M. E. Szinovacz (Org.), *Handbook on Grandparenthood* (pp. 53-69). Westport: Greenwood Press.
- King, V., Silverstein, M., Elder Jr., G., Bengtson, V. & Conger, R. (2003). Relations with grandparents: Rural Midwest versus urban southern California. *Journal of Family Issues*, 24, 1044-1069.
- Kitamura, T., Shikai, N., Uji, M., Hiramura, H., Tanaka, N., & Shono, M. (2009). Intergenerational transmission of parenting style and personality: Direct influence or mediation? *Journal of Children and Family Studies*, 18, 541-556.
- Kivett, V. R. (1998). Transitions in grandparent's lives: effects on the grandparent role. Em M. E. Szinovacz (Org.), *Handbook of grandparenting* (pp. 131-143). Westport: Greenwood Press.
- Kreppner, K. (2000). The child and the family: Interdependence in developmental pathways. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16, 11-22.
- Kreppner, K. (2005). Family assessment and methodological issues. *European Journal of Psychological Assessment*, 21, 249-254.
- Laham, S. M., Gonsalkorale, K. & Hippel, W. V. (2005). Darwinian grandparenting: Preferential investment in more certain kin. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 31, 63-72.
- Leticq, B., Bailey, S. J. & Kurtz, M. A. (2008). Depression among rural native American and European American grandparents rearing their grandchildren. *Journal of Family Issues*, 29, 334-356.
- Lee, C.M. & Gotlib, I. H. (1994). Mental illness and the family. Em L. L'Abate (Org.), *Handbook of developmental family psychology and psychopathology* (pp. 243-263). New York: Wiley.
- Lerner, R. M. (2002). *Concepts and theories of human development*. New York: Lawrence Earlbaum Associates.

- Lever, K. & Wilson, J. (2005). Encore parenting: When grandparents fill the role of primary caregiver. *The Family Journal*, 13, 167-171.
- Lewis, C. & Dessen, M. A. (1999). O pai no contexto familiar. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 15, 9-16.
- Lin, M., Harwood, J., & Bonnesen, J. L. (2009). Conversation topics and communication satisfaction in grandparent-grandchild relationships. *Journal of Language and Social Psychology*, 21(3), 302-323.
- Linsk, N. & Mason, S. (2004). Stresses on grandparents and other relatives caring for children affected by HIV/AIDS. *Health and Social Work*, 29, 127-136.
- Lisboa, A. V., Féres-Carneiro, T. & Jablonski, B. (2007). Transmissão intergeracional da cultura: um estudo sobre uma família mineira. *Psicologia em Estudo*, 12, 51-59.
- Lopes, R. C. S., Prochnow, L. P., & Piccinini, C. A. (2010). A relação da mãe com suas figuras de apoio femininas e os sentimentos em relação à maternidade. *Psicologia em Estudo*, 15(2), 295-304.
- Lumby, J. (2010). Grandparents and grandchildren: A grand connection. *International Journal of Evidence-Based Healthcare*, 8, 28-31.
- Lumpkin, J. R. (2008). Grandparents in a parental role: Sources of stress and coping mechanisms. *Journal of Family Issues*, 29, 357-372.
- Manthorpe, J. (2005). A child's eye view: Dementia in children's literature. *British Journal of Social Work*, 35, 305-320.
- Maposa, S. & SmithBattle, L. (2008). Preliminary reliability and validity of the Grandparent Version of the Grandparent Support Scale for Teenage Mothers (GSSTM-G). *Journal of Family Nursing*, 14, 224-241.
- Marangoni, J. F. C. (2007). "Meu tempo, seu tempo": refletindo sobre as relações intergeracionais a partir de uma intervenção no contexto escolar. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, Brasília.
- Marangoni, J. F. C. & Oliveira, M. C. S. L. (2010). Relacionamentos intergeracionais: avós e netos em uma perspectiva contemporânea. In Falcão, D. V. S. (Org.), *A família e o idoso: desafios da contemporaneidade* (pp. 37-56). São Paulo: Papyrus.
- Martins, E. & Szymanski, H. (2004). A abordagem bioecológica de Urie Bronfenbrenner em estudos com famílias. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 1, 63-77.
- Marx, J., Miller, L. Q. & Huffmon, S. (2011). Excluding Mothers-in-Law: A Research Note on the Preference for Matrilineal Advice. *Journal of Family Issues*, 1-18.

- Michalski, R. L. & Shackelford, T. K. (2005). Grandparental investment as a function of relational uncertainty and emotional closeness with parents. *Human Nature, 16*(3), 293-305.
- Mills, T., Wakeman, M. & Fea, C. (2001). Adult grandchildren's perceptions of emotional closeness and consensus with their maternal and paternal grandparents. *Journal of Family Issues, 22*, 427-455.
- Minkler, M. & Fuller-Thomson, E. (1999). The health of grandparents raising grandchildren: Results of a national study. *American Journal of Public Health, 89*, 1384-1389.
- Minuchin, P. (1985). Families and individual development: Provocations from the field of family therapy. *Child Development, 56*, 289-302.
- Minuchin, P. (1988). Relationships within the family: A systems perspectives on development. Em R. Hinde & J. Stevenson-Hinde (Orgs.), *Relationships within families: Mutual influences* (pp. 8-25). Oxford: Clarendon Press e University Press.
- Mitchell, W. (2007). Research Review: The role of grandparents in intergenerational support for families with disabled children: A review of the literature. *Child and Family Social Work, 12*, 94-101.
- Montenegro, E. (2007, 4 de fevereiro). Mães, avós e as donas de casa. *Correio Braziliense*, p. 32.
- Mueller, M. M., Wilhelm, B., & Elder Jr., G. H. (2002). Variations in grandparenting. *Research on aging, 24*(3), 360-388.
- Mutchler, J. A. & Baker, L. A. (2009). The implications of grandparent coresidence for economic hardship among children in mother-only families. *Journal of Family Issues, 30*(11), 1576-1597.
- Nauck, B. & Suckow, J. (2006). Intergenerational relationships in cross-cultural comparison: How social networks frame intergenerational relations between mothers and grandmothers in Japan, Korea, China, Indonesia, Israel, Germany, and Turkey. *Journal of Family Issues, 27*, 1159-1185.
- Nakamichi, M., Silldorff, A., Bringham, C. & Sexton, P. (2004). Baby-transfer and other interactions between its mother and grandmother in a captive social group of lowland gorillas. *Primates, 45*, 73-77.
- Nascimento, A. M. (2006). *População e família brasileira: ontem e hoje*. Trabalho apresentado no XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais da ABEP, Caxambu,

- Brasil. Retirado em 15/09/2008, de http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/docspdf/ABEP2006_476.pdf.
- Nascimento, L. & Tecles, E. (2008, 22 de junho). ...E o brasileiro virou avô. *Correio Braziliense*, p. 30.
- Neppl, T. K., Conger, R. D., Scaramella, L. V., & Ontai, L. L. (2009). Intergenerational Continuity in Parenting Behavior: Mediating Pathways and Child Effects. *Developmental Psychology*, 45(5), 1241-1256.
- Neugarten, B. L. & Weinstein, K. K. (1964). The changing American grandparent. *Journal of Marriage and the Family*, 26, 199-204.
- Newman, B. M. & Newman, P. R. (2009). *Theories of human development*. New York: Psychology Press.
- Nozaki, M. (2009). Grandmothers care for orphans in a provisioned troop of Japanese macaques (*Macaca fuscata*). *Primates*, 50, 85-88.
- Nyland, B., Zeng, X., Nyland, C., & Tran, L. (2009). Grandparents as educators and carers in China. *Journal of Early Childhood Research*, 7(1), 46-57.
- Oburu, P. O. & Palmérus, K. (2003). Parenting stress and self-reported discipline strategies of Kenyan caregiving grandmothers. *International Journal of Behavioral Development*, 27, 505-512.
- Oliveira, M. R. (2007). *Nascimento de filhos: rede social de apoio e envolvimento de pais e avós*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, Brasília.
- Oliveira, A. R. V., Vianna, L. G. & Cárdenas, C. J. (2010). Avosidade: visões de avós e de seus netos no período da infância. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 13(3), Retirado em 04 de junho de 2011 do World Wide Web: <http://www.revista.unati.uerj.br/rbgg/paboutj.htm>
- Palacios, J. (2008). Mudança e desenvolvimento durante a idade adulta e a velhice. Em C. Coll, A. Marchesi & J. Palacios (Orgs.), *Desenvolvimento psicológico e educação: Psicologia evolutiva* (pp. 371-388). Porto Alegre: Artmed.
- Papalia, D. E. & Olds, S. W. (2000). *Desenvolvimento Humano*. Porto Alegre: Artmed.
- Parker, E. M. & Short, S. E. (2009). Grandmother coresidence, maternal orphans, and school enrollment in sub-Saharan Africa. *Journal of Family Issues*, 30(6), 813-836.
- Perlesz, A., Brown, R., Lindsay, J., McNair, R., deVaus, D. & Pitts, M. (2006). Family in transition: Parents, children and grandparents in lesbian families give meaning to 'doing family'. *Journal of Family Therapy*, 28, 175-199.

- Petzold, M. (1996). The psychological definition of "the family". Em M. Cusinato (Org.), *Research on family: Resources and needs across the world* (pp. 25-44). Milão: LED-Edizioni Universitarie.
- Piccinini, C. A., Silva, M. R., Gonçalves, T. R., Lopes, R. S., & Tudge, J. (2004). O envolvimento paterno durante a gestação. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17 (3), 303-314.
- Polonia, A. C., Dessen, M. A. & Silva, N. L. (2005). O modelo bioecológico de Bronfenbrenner: contribuições para o desenvolvimento humano. Em M. A. Dessen & A. L. Costa Junior (Orgs.). *A ciência do desenvolvimento humano: tendências atuais e perspectivas futuras* (pp. 71-89). Porto Alegre: Artmed Editora S.A.
- Pratt, M. W., Norris, J. E., Hebblethwaite, S., & Arnold, M. L. (2008). Intergenerational transmission of values: Family generativity and adolescents' narratives of parent and grandparent value teaching. *Journal of Personality*, 76(2), 171-199.
- Quadrello, T., Hurme, H., Menzinger, J., Smith, P., Veisson, M., Vidal, S. & Westerback, S. (2005). Grandparents use of new communication technologies in a European perspective. *European Journal of Ageing*, 2, 200-207.
- Reynolds, G. P., Wright, J. V. & Beale, B. (2003). The roles of grandparents in educating today's children. *Journal of Instructional Psychology*, 30, 316-326.
- Rigotto M. E. & Souza, N. J. (2005). Evolução da educação no Brasil. *Análise*, 16(2), 339-358.
- Roberto, K., Allen, K. & Blieszner, R. (2001). Grandfathers' perceptions and expectations of relationships with their adult grandchildren. *Journal of Family Issues*, 22, 407-426.
- Robbins, R., Scherman, A., Holeman, H. & Wilson, J. (2005). Roles of American Indian grandparents in times of cultural crisis. *Journal of Cultural Diversity*, 12, 62-68.
- Sadler, L. S. & Clemmens, D. A. (2004). Ambivalent grandmother raising teen daughters and their babies. *Journal of Family Nursing*, 10, 211-231.
- Salmela-Aro, K., Nurmi, J., Saisto, T., & Halmesmäki, E. (2000). Women's and men's personal goals during the transition to parenthood. *Journal of Family Psychology*, 14 (2), 171-186.
- Salgado, R. G., Pereira, R. M. R. & Souza, S. J. (2005). Pela tela, pela janela: questões teóricas e práticas sobre infância e televisão. *Cadernos CEDES*, 25(65), 9-24.
- Segalen, M. (2005). Grands-parents d'Europe. *Archives de pédiatrie*, 12, 883-885.
- Serewicz, M. C. (2005). Getting along with the in-laws. Em K. Floyd & M. Morman (Orgs.), *Widening the family circle* (pp. 65-79). London: Sage Publications.

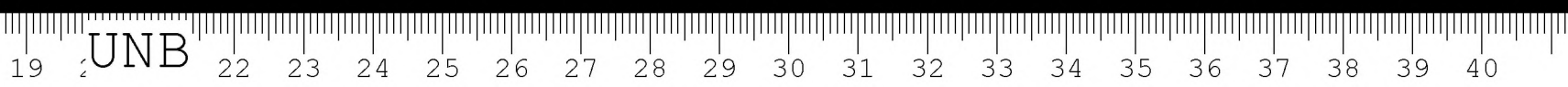
- Setiadi, B. N. (2006). Indonesia: Traditional family in a changing society. Em J. Georgas; J. W. Berry; F. van de Vijver; C. Kagitcibasi & Y. H. Poortinga. (Org.), *Families across cultures: A 30 nation psychological study*. (pp. 370-377). UK: Cambridge University Press.
- Sifuentes, T. R., Dessen, M. A. & Oliveira, M. C. (2007). Desenvolvimento humano: desafios para a compreensão das trajetórias probabilísticas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23, 379-386.
- Simonato-Tozo, S. M. P. & Biasoli-Alves, Z. M. M. (1998). O cotidiano e as relações familiares em duas gerações. *Paidéia*, Fev/Ago, 137-151.
- Singley, S.G., & Hynes, K. (2005). Transitions to parenthood: Work-families policy, gender, and the couple context. *Gender & Society*, 19 (3), 376-397.
- Silva, L. W. & Tokumar, R. (2008). Cuidados parentais e aloparentais recebidos por crianças de escolas públicas e particulares de Vitória - ES. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21, 133-141.
- Silveira, P. G. & Wagner, A. (2006). Ninho cheio: a permanência do adulto jovem em sua família de origem. *Estudos de Psicologia*, 23, 441-453.
- Silverstein, M. (1995). Stability and change in temporal distance between the elderly and their children. *Demography*, 32, 29-45.
- Silverstein, M. & Giarrusso, R. (2010). Aging and family life: A decade review. *Journal of Marriage and Family*, 72, 1039-1058.
- Silverstein, M. & Marenco, A. (2001). How Americans enact the grandparent role across the family life course. *Journal of Family Issues*, 22, 493-522.
- Socorro, T. C. & Dias, C. M. S. B. (2010). O ciclo vital da família: percepções e vivências de mulheres idosas. In Falcão, D. V. S. (Org.), *A família e o idoso: desafios da contemporaneidade* (pp. 91-110). São Paulo: Papirus.
- Soliz, J., Lin, M., Anderson, K. & Harwood, J. (2005). Friends and allies: Communication in grandparent-grandchild relation. Em K. Floyd & M. Morman (Orgs.), *Widening the family circle* (pp. 101-116). London: Sage Publications.
- Sommerhalder, C. & Nogueira, E.J. (2003). As relações entre gerações. Em A.L. Neri & S.A. Freire (Orgs.), *E por falar em boa velhice* (pp. 101-112). Campinas: Papirus.
- Stevenson, M. L., Henderson, T. L. & Baugh, E. (2007). Vital defenses: Social support appraisals Black grandmothers parenting grandchildren. *Journal of Family Issues*, 28, 182-211.



- Susin, L. R., Giugliani, E. R. & Kummer, S. (2005). Influência das avós na prática do aleitamento materno. *Revista de Saúde Pública*, 39, 141-147.
- Swensen, C. H. (1994). Older individuals in the family. Em L. L'Abate (Org.), *Handbook of developmental family psychology and psychopathology* (pp. 202-217). New York: Wiley.
- Tan, J., Buchanan, A., Flouri, E., Attar-Schwartz, S., & Griggs, J. (2010). Filling the parent gap? Grandparent involvement with U. K. adolescents. *Journal of Family Issues*, 31(7), 992-1015.
- Taylor, A. C., Robila, M. & Lee, H. S. (2005). Distance, contact, and intergenerational relationships: Grandparents and adult grandchildren from an international perspective. *Journal of Adult Development*, 12, 33-41.
- Tinsley, B. J. & Parke, R. D. (1988). The role of grandfathers in the context of the family. Em P. Bronstein & C. P. Cowan (Org.), *Fatherhood today: Men's changing role in the family* (pp. 236-250). New York: Wiley.
- Thomas, J. L., Sperry, L. & Yarbrough, M. S. (2000). Grandparents as parents: Research findings and policy recommendation. *Child Psychiatry and Human Development*, 31, 3-22.
- Tomlin, A. M. (1998). Grandparents' influences on grandchildren. Em M. E. Szinovacz (Org.), *Handbook on Grandparenthood* (pp. 159-170). Westport: Greenwood Press.
- Torres, C. V. & Dessen, M. A. (2007). The Brazilian's 'jeitinho': Brazil's sub-cultures, its diversity of social contexts, and family structures. Em J. Georgas; J. W. Berry; F. van de Vijver; C. Kagitcibasi & Y. H. Poortinga. (Org.), *Families across cultures: A 30 nation psychological study*. (pp. 259-267). UK: Cambridge University Press.
- Trentini, C. M., Chachamovich, E., Figueiredo, M., Hirakata, V. & Fleck, M. (2006). A percepção de qualidade de vida do idoso avaliada por si próprio e pelo cuidador. *Estudos de Psicologia*, 11, 191-197.
- Walsh, F. (1980). The family in later life. Em B. Carter & M. McGoldrick (Orgs.), *The family life cycle: A framework for family therapy* (pp. 197-220). Gardner Press: New York.
- Weber, L. N. D., Selig, G. A., Bernardi, M. G., & Salvador, A. P. V. (2006). Continuidade dos estilos parentais através das gerações - transmissão intergeracional de estilos parentais. *Paidéia*, 16(35), 407-414.
- Williams, A. & Nussbaum, J. F. (2001). *Intergenerational communication across the life span*. New York: Routledge.

- Winston, C. A. (2006). African American grandmothers parenting AIDS orphans: Grieving and coping. *Qualitative Social Work*, 5, 33-43.
- Witter, G. P. (2006). Tarefas de desenvolvimento do adulto idoso. *Estudos de Psicologia*, 23, 13-18.
- Wong, W. (2001). Co-constructing the personal space-time totality: Listening to the dialogue of Vygotsky, Lewin, Bronfenbrenner and Stern. *Journal for the Theory of Social Behavior*, 31, 365-382.
- Wood, S. & Liosis, P. (2007). Potentially stressful life events and emotional closeness between grandparents and adult grandchildren. *Journal of Family Issues*, 28, 380-398.
- Workman, L. & Reader, W. (2004). *Evolutionary Psychology: An introduction*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Yi, C., Pan, E., Chang, Y. & Chan, C. (2006). Grandparents, adolescents and parents: Intergenerational relations in Taiwanese youth. *Journal of Family Issues*, 27, 1042-1067.
- Zamberlan, M. A., Camargo, F. C. & Biasoli-Alves, Z. M. (1997). Interações na família: revisões empíricas. Em M. A. Zamberlan & Z. M. Biasoli-Alves (Orgs.), *Interações familiares: teoria, pesquisa e subsídios à intervenção* (pp. 39-57). Londrina: U.E.L.

APÊNDICES



APÊNDICE A

Universidade de Brasília-UnB

Instituto de Psicologia

Programa de Pós-graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e
Saúde- Laboratório de Desenvolvimento Familiar**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (pais)**

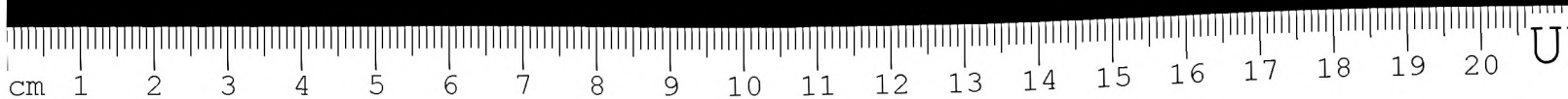
Prezados pais,

Gostaríamos de convidar vocês e seu filho a participar da nossa pesquisa, que tem como foco principal conhecer as relações mantidas entre avós e seus netos. Para isso, solicitamos a contribuição de vocês para responder algumas perguntas sobre as interações mantidas entre avós e seus netos, em entrevistas com duração aproximada de 40 minutos. Para a caracterização do ambiente familiar necessitamos, ainda, de obter dados sociodemográficos, a serem respondidos por meio de um questionário, cuja aplicação dura, em média, 20 minutos. Solicitamos, ainda, que participem de três sessões de filmagem (de aproximadamente 5 minutos cada), juntamente com seu filho. Por último, pedimos que concordem com a participação de seu filho em uma entrevista (de aproximadamente 20 minutos) e de três sessões de filmagem juntamente com os avós.

Destacamos que este estudo trará contribuições valiosas para o conhecimento das relações entre avós e netos na população brasileira, já que sabemos muito pouco sobre suas características. A partir dessas informações, poderemos planejar programas de educação familiar que atendam, também, aos avós.

Os dados obtidos serão estritamente CONFIDENCIAIS e nossa conduta será fiel aos princípios éticos que regem a profissão de psicólogo. Todos os documentos (entrevistas gravadas, questionários e filmagens em vídeo) serão mantidos sob responsabilidade da pesquisadora, e não serão divulgados em hipótese alguma. Na publicação do estudo, não será possível a identificação dos participantes, pois os dados serão analisados coletivamente.

Os senhores poderão desistir da participação no estudo a qualquer momento, bem como desautorizar a participação do seu filho através do telefone de contato disponível, e também podem se recusar a responder questões que lhes tragam constrangimentos. Havendo qualquer tipo de dúvida em relação ao estudo, durante a sua realização (até



fevereiro de 2011), a pesquisadora responsável por ele irá orientá-los sempre que necessário.

Assim, solicito a colaboração dos senhores para que esta pesquisa possa ser realizada e informo que vocês terão acesso aos resultados e à síntese do estudo quando ele for finalizado. Agradeço pela participação dos senhores.

Este termo de consentimento livre e esclarecido encontra-se redigido em duas vias, sendo uma para os senhores e outra para o pesquisador.

Concordo em ser participante deste projeto de pesquisa e autorizo que meu filho participe.

Pai: _____

Mãe: _____

Nome do filho: _____

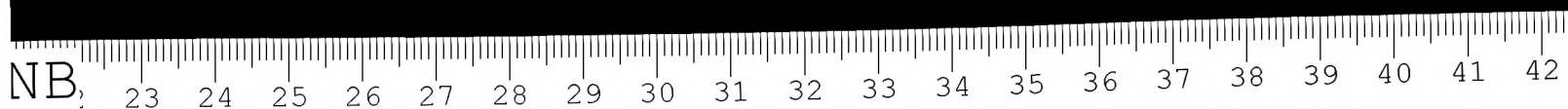
Maíra Ribeiro de Oliveira – Pesquisadora

Telefone para contato: (61) 33072625 – Ramal: 417

Endereço: Universidade de Brasília, Instituto de Psicologia, Laboratório de
Desenvolvimento Familiar. Campus Universitário Darcy Ribeiro - Brasília-DF - CEP:
70.910-900

Comitê de Ética em Pesquisa – CEP – telefone: 33073799

Brasília, _____ de _____ de _____.



APÊNDICE A (Continuação)



Universidade de Brasília-UnB

Instituto de Psicologia

Programa de Pós-graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde- Laboratório de Desenvolvimento Familiar

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (avós)

Prezados avós,

Gostaríamos de convidá-los a participar da nossa pesquisa, que tem como foco principal conhecer as relações mantidas entre avós e seus netos. Para isso, solicitamos a contribuição de vocês para responder algumas perguntas sobre as interações mantidas entre vocês e seus netos, em duas entrevistas com duração total de aproximadamente 40 minutos cada e um *checklist*, com aplicação prevista de 10 minutos. Para a caracterização do ambiente familiar necessitamos também de obter dados sociodemográficos, a serem respondidos por meio de um questionário, cuja aplicação dura, em média, 30 minutos. Convidamos os senhores, ainda, para três sessões de filmagem (de aproximadamente 5 minutos cada), juntamente com seus netos.

Destacamos que este estudo trará contribuições valiosas para o conhecimento das relações entre avós e netos na população brasileira, já que sabemos muito pouco sobre suas características. A partir dessas informações, poderemos planejar programas de educação familiar que atendam, também, aos avós.

Os dados obtidos serão estritamente CONFIDENCIAIS e nossa conduta será fiel aos princípios éticos que regem a profissão de psicólogo. Todos os documentos (entrevistas gravadas, questionários e filmagens em vídeo) serão mantidos sob responsabilidade da pesquisadora, e não serão divulgados em hipótese alguma. Na publicação do estudo, não será possível a identificação dos participantes, pois os dados serão analisados coletivamente.

Os senhores poderão desistir da participação no estudo a qualquer momento, através do telefone de contato disponível, e também podem se recusar a responder questões que lhes tragam constrangimentos. Havendo qualquer tipo de dúvida em relação ao estudo, durante a sua realização (até fevereiro de 2011), a pesquisadora responsável por ele irá orientá-los sempre que necessário.

Assim, solicito a colaboração dos senhores para que esta pesquisa possa ser realizada e

informo que vocês terão acesso aos resultados e à síntese do estudo quando ele for finalizado. Agradeço pela participação dos senhores.

Este termo de consentimento livre e esclarecido encontra-se redigido em duas vias, sendo uma para os senhores e outra para o pesquisador.

Concordo em ser participante deste projeto de pesquisa.

Avô: _____

Avó: _____

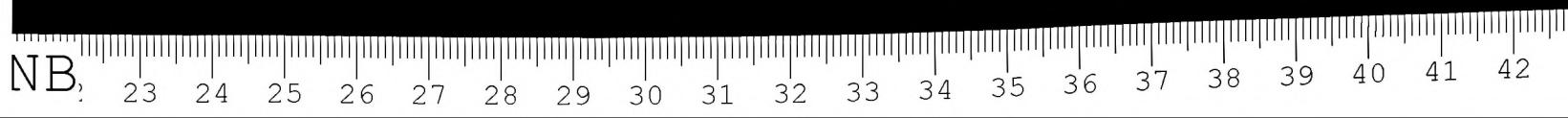
Maíra Ribeiro de Oliveira – Pesquisadora

Telefone para contato: (61) 33072625 – Ramal: 417

Endereço: Universidade de Brasília, Instituto de Psicologia, Laboratório de
Desenvolvimento Familiar. Campus Universitário Darcy Ribeiro - Brasília-DF - CEP:
70.910-900

Comitê de Ética em Pesquisa – CEP – telefone: 33073799

Brasília, _____ de _____ de _____.



APÊNDICE B

Questionário de Caracterização do Sistema Familiar¹⁰

I- Adaptado para a Geração Familiar 1 (GF1)

(a ser respondido pelo avô e/ou avó)

Data de realização: _____

Local de aplicação: _____

Aplicador: _____ Data: ___/___/___

Início: ___hs ___min Término: ___hs ___min

I - IDENTIFICAÇÃO

1. Família: n° _____
2. Respondente: () avô () avó
3. Cidade: _____
4. Endereço: _____
5. Residência: Área urbana _____ Área rural _____
 centro (especificar)
 periferia _____ (especificar)

Há quanto tempo reside nesta localidade? _____

II - DADOS DEMOGRÁFICOS

1. Nome da avó (iniciais): _____ Data de nascimento: _____

Nome do avô (iniciais): _____ Data de nascimento: _____

2. Estado civil:

a) casados vivem juntos

b) Há quanto tempo você vive com o seu marido/companheiro atual? (anos e meses)

c) 1º companheiro 2º companheiro
 3º companheiro 4º companheiro ou +

d) Quantos filhos você teve? _____ Gênero e idades: _____

e) quantos netos você tem? _____ Gênero e idades: _____

3. Idade (anos, meses):

Avó: _____ Avô: _____

¹⁰ Adaptado de Dessen (2009).

4. Escolaridade:

Avó:

- Completo: Primeiro Grau Segundo Grau Graduação
 Incompleto: Primeiro Grau Segundo Grau Graduação
 Outros _____

Avô:

- Completo: Primeiro Grau Segundo Grau Graduação
 Incompleto: Primeiro Grau Segundo Grau Graduação
 Outros _____

5. Religião

a) Qual a religião predominante em sua família?

Qual? Católica Evangélica Espírita Outras

Quem? Casal e filhos somente o casal somente os filhos

Outros

Observações: _____

b) Frequência: mensalmente esporadicamente (pelo menos uma vez por ano)

quinzenalmente não freqüentam

semanalmente

6. Ocupação atual ou antes da aposentadoria:

CATEGORIAS	Avó	Avô
1-Serviços Básicos		
Administrativos		
Serviços técnicos em geral		
Serviços de comércio e venda		
Operacionais gerais		
Serviços de beleza		
- Profissionais Liberais		

3 – Profissionais da educação		
4 - Trabalho em casa		
5- Outros (especificar) _____		
6 – Desempregados		

a) Avó:

Há quanto tempo trabalha ou trabalhou neste emprego? _____ Horas de trabalho por dia: _____

Quantos dias na semana: 2ª à 6ª 2ª à sábado 2ª à domingo trabalho por escala

Se aposentado, possui atividade remunerada? Qual? _____ Horas de trabalho por dia: _____

b) Avô:

Há quanto tempo trabalha ou trabalhou neste emprego? _____ Horas de trabalho por dia: _____

Quantos dias na semana: 2ª à 6ª 2ª à sábado 2ª à domingo trabalho por escala

Se aposentado, possui atividade remunerada? Qual? _____ Horas de trabalho por dia: _____

7. Renda Familiar ATUAL (por mês):

Avó = R\$ _____ Avô = R\$ _____

Outros (que contribuam) : Quem ? _____ Valor = R\$ _____

TOTAL= R\$ _____ Em salários mínimos: _____

Obs. Valor do salário mínimo vigente na ocasião da coleta de dados = R\$ _____

8. Moradia

a) Tipo de moradia: Casa Apartamento Barraco

Sem teto

b) Situação da moradia: Própria Alugada Invasão

Outros



c) Condições de moradia:

- Móveis (listar os móveis disponíveis):

. Cozinha: () armário () mesa () cadeiras () bancos () outros: especificar no verso

. Sala: () sofá () mesa () estante () outros: especificar no verso

. Quarto(s): () cama () guarda-roupa () outros: especificar no verso

- Aparelhos Domésticos/Eletrônicos

() geladeira () fogão () TV () som () vídeo () computador

() outros: _____

d) Quem mora na casa? Há quanto tempo (anos; meses)?

 filhos _____

Parentes por parte do avô

Parentes por parte da avó

Não familiares

 irmão _____ irmão _____ Enfermeiro _____ irmã _____ irmã _____ _____ Outros _____ Outros _____ _____**III – CARACTERIZAÇÃO DO SISTEMA FAMILIAR**

1. Quanto às atividades de lazer da família

a) Local

LOCAL	ATIVIDADES
Dentro de casa	
Na vizinhança	
Residência de parentes/amigos	
Locais Públicos	

b) Tipo de atividades

ATIVIDADES SOCIAIS	FREQUENCIA				
	Nunca	Menos que uma vez por mês	1 a 3 vezes ao mês	1 vez por semana	Diariamente
Religiosas					
Grupos de estudo /					

assistência à comunidade					
Missas/ cultos em geral					
Eventos sociais / festas					
Encontros sociais com familiares / amigos					
Visitas					
Comemorações em geral					
Encontros em locais públicos / alimentação					
Culturais					
Festas típicas					
Cinema, teatro					
Visitas a centros culturais					
Não participa de atividades de lazer					

Nota: marcar com "" as atividades realizadas com os netos.*

c) Quando as atividades de lazer são realizadas?

Durante os Finais de Semana

Durante a Semana

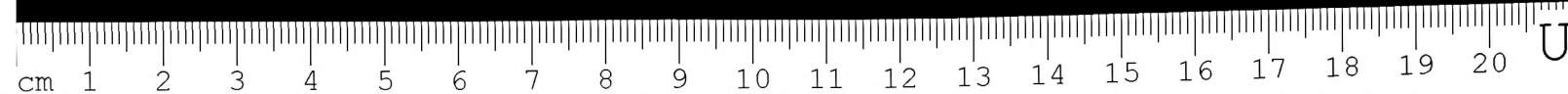
d) Qual a importância das atividades de lazer para a sua família?

2. Rotina da família

a) Atribuições

Quais os cuidados com os netos usualmente realizados?

Avó Avô Empregada



Avó Avô Empregada

- Cuidados com o neto

Alimentação/banho	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Levar à escola	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ler/contar estórias	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Levar à atividades de lazer	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Colocar a criança para dormir	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outros (especificar)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Quais tarefas domésticas avô e avó realizam?

Tarefas Domésticas

a) Limpar a casa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
b) Cozinhar	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
c) Lavar/passar roupas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
d) Comprar comida	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
e) Orientar a empregada nas tarefas domésticas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Apenas no caso de a família contar com a ajuda de empregada doméstica

. Há quanto tempo tem empregada doméstica? _____

. Período de trabalho: tempo integral parcial diarista

. Qual o envolvimento da empregada doméstica na vida da família?

b) Há necessidade de cuidados especiais?

Avô- Qual? _____

Avó- Qual? _____

c) Doenças, uso de substâncias e atendimento na família

	Avô	Avó
Doenças		
Cardiovascular		
Transtornos mentais e de comportamento		
Respiratórias		
Osteo-musculares		

Gástricas		
Alergias		
Endócrina/ hormonal		
Deficiências/ síndromes		
Outras		
Uso de substâncias		
Cigarro		
Álcool		
Drogas		
Atendimentos		
Médico		
Psicológico/psiquiátrico		
Outros		

d) Características da rede social de apoio da família

OBS.: Colocar a ordem de importância nos quadradinhos correspondentes e responder a questão sobre o tipo de participação e envolvimento na vida familiar, caso seja de interesse da pesquisa.

MEMBROS FAMILIARES

filho filha genro nora neto

Por parte da avó: irmão irmã mãe pai outros__

Por parte do avô: irmão irmã mãe pai

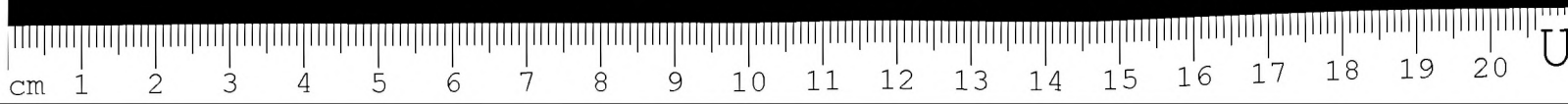
outros__

. Qual a participação de cada uma das pessoas listadas na vida da família?

REDE SOCIAL NÃO-FAMILIAR

amigos vizinhos empregada babá outros_____

. Qual a participação de cada uma das pessoas listadas na vida da família? (suprimir a questão referente à empregada e/ou babá, caso ela já tenha sido respondida no item sobre "Divisão de Tarefas Domésticas")



INSTITUIÇÕES/PROFISSIONAIS

cuidador

médico

centro de saúde

outros _____

. Qual a participação de cada uma das instituições listadas na vida da família?

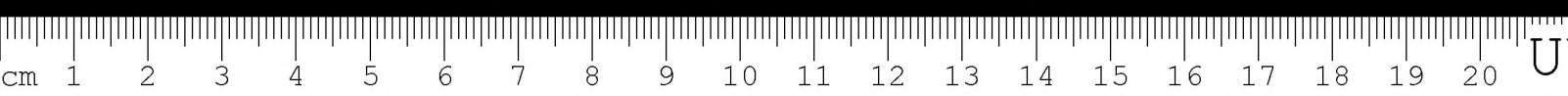
. Qual a participação de cada um dos profissionais listados na vida da família?

e) Sobre os principais eventos ocorridos com a família

Quais eventos aconteceram e quando?

EVENTO	nos últimos 6 meses	de 6 a 12 meses	Há mais de um ano (especifique)	nunca acontece u
Mudança de cidade				
Perda de emprego (especificar)				
Problemas financeiros				
Hospitalização ou enfermidade na família: a) avô b) avó				
Morte na família (especificar)				
Separação ou divórcio dos filhos				

<p>Conflitos/Brigas entre os avós sem agressões físicas com agressões físicas</p>				
<p>Outras experiências que tiveram impacto na vida da família? Liste-as e assim por diante</p>				



APÊNDICE B (Continuação)

Questionário de Caracterização do Sistema Familiar¹¹

II- Adaptado para a Geração Familiar 2 (GF2)

(a ser respondido por pai ou mãe)

Data de realização: _____

Local de aplicação: _____

Aplicador: _____ **Data:** ___/___/___

Início: ___hs ___min **Término:** ___hs ___min

I - IDENTIFICAÇÃO

6. GF: () A- casada () B- divorciada Família: n° _____

7. Respondente: () pai () mãe

8. Cidade: _____

9. Endereço: _____

10. Residência: Área urbana _____ Área rural _____

centro _____ (especificar)

periferia _____ (especificar)

Há quanto tempo reside nesta localidade? _____

II - DADOS DEMOGRÁFICOS

1. Nome da mãe (iniciais): _____

Nome do pai (iniciais): _____

Nome do responsável (iniciais): _____

2. Estado civil atual:

a) casados vivem juntos

b) 1º companheiro 2º companheiro

3º companheiro 4º companheiro ou +

c) Há quanto tempo você vive com o seu marido/companheiro atual? (anos e meses) _____

d) Quantos filhos teve com cada companheiro?

1º companheiro _____ 2º companheiro _____

3º companheiro _____ 4º companheiro ou + _____

¹¹ Adaptado de Dessen (2009).

3. Idade (anos, meses):

Mãe: _____ Pai: _____

4. Escolaridade:

Mãe:

Completo: Primeiro Grau Segundo Grau Graduação

Incompleto: Primeiro Grau Segundo Grau Graduação

Outros _____

Pai:

Completo: Primeiro Grau Segundo Grau Graduação

Incompleto: Primeiro Grau Segundo Grau Graduação

Outros _____

5. Religião

a) Qual a religião predominante em sua família?

Qual? Católica Evangélica Espírita Outras

Quem? Casal e filhos somente o casal somente os filhos

Outros

Observações: _____

c) Frequência: mensalmente esporadicamente (pelo menos uma vez por ano)

quinzenalmente não freqüentam

semanalmente

6. Ocupação atual:

CATEGORIAS	Mãe	Pai
1-Serviços Básicos		
Administrativos		
Serviços técnicos em geral		
Serviços de comércio e venda		
Operacionais gerais		

Serviços de beleza		
- Profissionais Liberais		
3 - Profissionais da educação		
4 - Trabalho em casa		
5- Outros (especificar) _____		
6 - Desempregados		
7 - Aposentados		

b) Mãe:

Há quanto tempo trabalha neste emprego? _____ Horas de trabalho por dia: _____

Quantos dias na semana: 2ª à 6ª 2ª à sábado 2ª à domingo trabalho por escala

c) Pai:

Há quanto tempo trabalha neste emprego? _____ Horas de trabalho por dia: _____

Quantos dias na semana: 2ª à 6ª 2ª à sábado 2ª à domingo trabalho por escala

7. Renda Familiar ATUAL (por mês):

mãe = R\$ _____ pai = R\$ _____

Outros (que contribuam) : Quem ? _____ Valor = R\$ _____

TOTAL= R\$ _____ Em salários mínimos: _____

Obs. Valor do salário mínimo vigente na ocasião da coleta de dados = R\$ _____

8. Moradia

a) Tipo de moradia: Casa Apartamento Barraco

Sem teto

b) Situação da moradia: Própria Alugada Invasão

Outros

c) Condições de moradia:

- Móveis (listar os móveis disponíveis):

. Cozinha: () armário () mesa () cadeiras () bancos () outros: especificar

no verso

. Sala: () sofá () mesa () estante () outros: especificar no verso

. Quarto(s): () cama () guarda-roupa () outros: especificar no verso

- Aparelhos Domésticos/Eletrônicos

() geladeira () fogão () TV () som () vídeo () computador

() outros: _____

- Avaliação qualitativa das condições de moradia (se necessário)

() excelente () muito boas () boas () razoáveis () precárias

Obs.: este item pode ser preenchido tanto pelo aplicador quanto pelo respondente.

d) Quem mora na casa? Há quanto tempo (anos; meses)?

Parentes por parte de pai	Parentes por parte da mãe	Não familiares
<input type="checkbox"/> avô _____	<input type="checkbox"/> avô _____	<input type="checkbox"/> Babá _____
<input type="checkbox"/> avó _____	<input type="checkbox"/> avó _____	<input type="checkbox"/> _____
<input type="checkbox"/> tio _____	<input type="checkbox"/> tio _____	<input type="checkbox"/> _____
<input type="checkbox"/> tia _____	<input type="checkbox"/> tia _____	<input type="checkbox"/> _____
<input type="checkbox"/> Outros _____	<input type="checkbox"/> Outros _____	<input type="checkbox"/> _____

9. Constelação familiar:

a) Número de pessoas na família: _____

b) Crianças residentes: _____

c) Atualmente, onde os filhos estudam, em que período e desde que idade?

• Tipo de Escola: (1) Creche (2) Pré-escola (3) Escola Formal

• Instituição: (1) Pública (2) Privada

• Período: (1) Integral (2) Parcial

FILHOS	Tipo de Escola	Instituição	Período	Idade	Sexo
Primogênito					
Segundo					
Terceiro					
Quarto					
Outros					

e) Há alguma criança que não está freqüentando creche ou instituição escolar?

(especificar motivo)

f) Há alguma criança morando com parentes ou amigos?

(especificar motivo)

III – CARACTERIZAÇÃO DO SISTEMA FAMILIAR

1. Quanto às atividades de lazer da família

a) Local

LOCAL	ATIVIDADES
Dentro de casa	
Na vizinhança	
Residência de parentes/amigos	
Locais Públicos	

b) Tipo de atividades

ATIVIDADES SOCIAIS	FREQUÊNCIA				
	Nunca	Menos que uma vez por mês	1 a 3 vezes ao mês	1 vez por semana	Diariamente
Religiosas					
Grupos de estudo / assistência à comunidade					
Missas/ cultos em geral					
Eventos sociais / festas					
Encontros sociais com familiares / amigos					
Visitas					
Comemorações em geral					

Encontros em locais públicos / alimentação					
Culturais					
Festas típicas					
Cinema, teatro					
Visitas a centros culturais					
Não participa de atividades de lazer					

Nota: marcar com "" as atividades realizadas com avô e/ou avó.*

c) Com quem a família compartilha as atividades de lazer?

- | | | | |
|--------------------------|-------------------------------------------------------------|--------------------------|----------------------------|
| <input type="checkbox"/> | Todos os membros da família
(que residem no mesmo local) | <input type="checkbox"/> | Toda família com avó |
| <input type="checkbox"/> | Apenas mãe e filhos | <input type="checkbox"/> | Toda família com avó |
| <input type="checkbox"/> | Apenas pai e filhos | <input type="checkbox"/> | Toda família com avô e avó |
| <input type="checkbox"/> | Toda família com amigos | <input type="checkbox"/> | Toda família com avô e avó |

d) Quando as atividades de lazer são realizadas?

- | | | | |
|--------------------------|-----------------------------|--------------------------|------------------|
| <input type="checkbox"/> | Durante os Finais de Semana | <input type="checkbox"/> | Durante a Semana |
|--------------------------|-----------------------------|--------------------------|------------------|

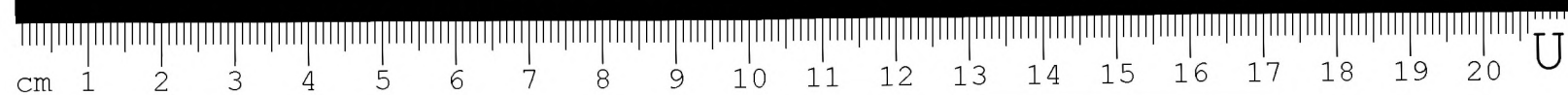
e) Qual a importância das atividades de lazer para a sua família?

2. Rotina da família

a) Divisão de tarefas domésticas: Atribuições

Que pessoas fazem as atividades abaixo:

	M	P	I	Â	Á	Em	Vz	O	S
- Cuidados com o(s) filho(s)									
Alimentação/banho	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	___	<input type="checkbox"/>
Levar à escola	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	___	<input type="checkbox"/>



Ler/contar estórias	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	___	<input type="checkbox"/>
Levar à atividades de lazer	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	___	<input type="checkbox"/>
Colocar a criança alvo para dormir	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	___	<input type="checkbox"/>
Outros (especificar)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	___	<input type="checkbox"/>

- Tarefas Domésticas

a) Limpar a casa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	___	<input type="checkbox"/>
b) Cozinhar	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	___	<input type="checkbox"/>
c) Lavar/passar roupas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	___	<input type="checkbox"/>
d) Comprar comida	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	___	<input type="checkbox"/>
e) Orientar a empregada nas tarefas domésticas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	___	<input type="checkbox"/>
Outras (especificar)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	___	<input type="checkbox"/>

→ Legenda: M= mãe; P= Pai; I= irmãos; Â= avô; Á= avó; Em= empregada; Vz= vizinhos;
O= outros; S=Sozinho

Quanto aos cuidados dispensados aos filhos

Quem cuida dos filhos quando a criança não está na pré-escola/escola?

mãe pai irmãos avô avó babá empregada doméstica
 vizinhos outros _____

Em que local?

- Na própria residência da criança
 na residência de quem cuida da criança
 outros

Apenas no caso de a família contar com a ajuda de empregada doméstica

. Há quanto tempo tem empregada doméstica? _____

. Período de trabalho: tempo integral parcial diarista

. Qual o envolvimento da empregada doméstica na vida da família?

b) Características da rede social de apoio da família

OBS.: Colocar a ordem de importância nos quadradinhos correspondentes e responder a questão sobre o tipo de participação e envolvimento na vida familiar, caso seja de interesse da pesquisa.

MEMBROS FAMILIARES

esposa marido primeiro filho segundo filho terceiro filho + 4 _____

Por parte da mãe: avô avó tio tia outros _____

Por parte do pai: avô avó tio tia outros _____

. Qual a participação de cada uma das pessoas listadas na vida da família?

REDE SOCIAL NÃO-FAMILIAR

amigos vizinhos empregada babá outros _____

. Qual a participação de cada uma das pessoas listadas na vida da família? (suprimir a questão referente à empregada e/ou babá, caso ela já tenha sido respondida no item sobre "Divisão de Tarefas Domésticas")

INSTITUIÇÕES

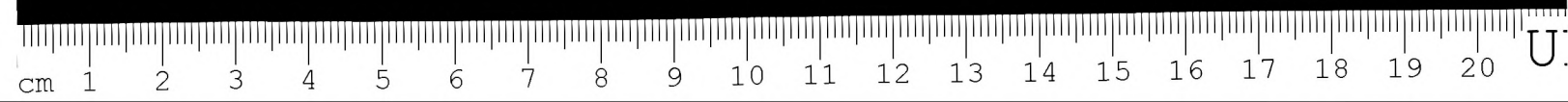
- berçário/creche
 pre-escolar (criança de 2 a 6 anos)
 escola de ensino fundamental
 centro de saúde
 outros _____

PROFISSIONAIS

- cuidador
 médico
 professor
 outros _____

. Qual a participação de cada uma das instituições listadas na vida da família?

. Qual a participação de cada um dos profissionais listados na vida da família?



c) **Dados de saúde da família**

Doenças na família

DOENÇAS	Avô / Avô	Mãe	Pai	Filho s (as)	Tios(as)/ Sobrinhos(as)	Outros (especificar)
Cardiovascular						
Transtornos mentais e de comportamento						
Respiratórias						
Osteo-musculares						
Gástricas						
Alergias						
Endócrina/ hormonal						
Deficiências/ síndromes						
Outras						

- Tipo de atendimento às famílias

TIPOS DE ATENDIMENTO	Avô / Avó	M ãe	P ai	Filhos(a s)	Tios(as)/ Sobrinhos(as)	Outros (especificar)
Médico						
Psicológico / Psiquiátrico						
Outros						

2. Uso de substâncias na família

TIPO DE SUBSTÂNCIA	Avô / Mãe	Pai	Filhos (as)	Tios(as)/ Sobrinhos(as)	Outros (especificar)
Cigarro					
Álcool					
Drogas					

- Tipo de atendimento às famílias

TIPOS DE ATENDIMENTO	Avô / Mãe	Pai	Filhos (as)	Tios(as)/ Sobrinhos(as)	Outros (especificar)
Médico					
Psicológico / Psiquiátrico					
Outros					

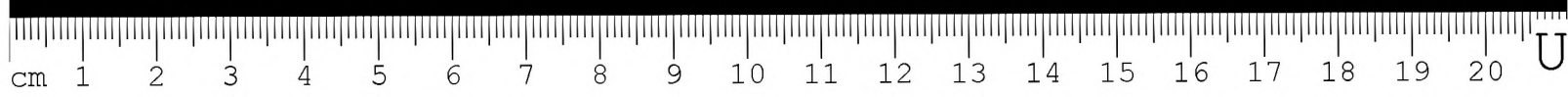
d) Sobre os principais eventos ocorridos com a criança e com a família

Quais eventos aconteceram na vida da criança alvo e quando eles aconteceram?

EVENTO	nos últimos 6 meses	de 6 a 12 meses	Há mais de um ano (especifique)	nunca aconteceu
- Diretamente relacionados à criança-alvo				
Mudança de escola				
Repetência na escola				
Suspensão da escola				
Nascimento de um irmão				
Agressão por parte de: a) mãe ou pai b) madrasta ou padrasto				

c) irmão ou irmã c) avós e) crianças da vizinhança f) professores da pré-escola g) outros				
Outras experiências que tiveram impacto na vida da criança? Liste-as e assim por diante				
- Eventos relacionados ao grupo familiar Mudança de cidade				
A mãe começou a trabalhar fora de casa				
Perda de emprego de um dos genitores (especificar)				
Problemas financeiros				
Hospitalização ou enfermidade na família: a) criança b) pais c) irmãos d) outros				
Morte na família: a) ou companheiro b) mãe ou pai c) madrasta ou				

<p>padrasto</p> <p>d) irmão ou irmãs</p> <p>e) avós</p> <p>f) amigos íntimos</p> <p>g) outros</p> <p>(especifique)</p>				
<p>Separação ou divórcio dos pais</p> <p>Motivo:</p> <p>.....</p>				
<p>Conflitos/Brigas entre os pais</p> <p>sem agressões físicas</p> <p>com agressões físicas</p>				
<p>Problemas de saúde</p> <p>do pai: <input type="checkbox"/> físico <input type="checkbox"/></p> <p>mental</p> <p>da mãe: <input type="checkbox"/> físico <input type="checkbox"/></p> <p>mental</p>				
<p>Consumo de álcool</p> <p>Quem?</p> <p>.....</p>				
<p>Consumo de drogas ilegais</p> <p>Quem?</p> <p>.....</p>				
<p>Violamento de leis:</p> <p>Quem?.....</p> <p>....</p> <p>Quais?.....</p> <p>....</p>				
<p>Outras experiências que tiveram impacto na vida da família?</p> <p>Liste-as</p> <p>.....</p> <p>e assim por diante</p>				



APÊNDICE C

Lista para Assinalar (*checklist*): Atividades compartilhadas por avós e netos

Família: _____ avô avó

Data de realização: _____

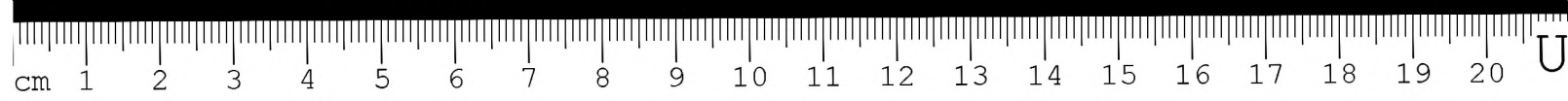
Nos últimos 15 dias:

Encontrei meu neto	Nenhuma vez	
	1 ou 2 vezes	
	3 ou 4 vezes	
	5 ou 6 vezes	
	7 ou 8 vezes	
	9 ou mais vezes	

Nos últimos 15 dias (marque todas as alternativas cabíveis):

		Apenas eu e meu neto	Outros netos estavam conosco	Outras pessoas estavam conosco (quem?)
Os encontros em locais privados aconteceram	Na minha residência			
	Na residência do meu neto			
	Na residência de outros familiares			
	Na residência de amigos			
Os encontros em locais públicos aconteceram	Em parques			
	Em lanchonetes ou restaurantes			
	No cinema			
	Em clubes			
	Em outros locais. Quais?			
As atividades em locais públicos foram:	Fomos ao cinema			
	Fomos ao parque			
	Fomos ao parque de diversões			
	Fomos a restaurantes ou			

	lanchonetes			
	Fomos ao teatro			
	Fomos à piscina			
	Outros. Quais?			
As atividades em casa foram:	Assistimos à televisão			
	Arrumamos a casa juntos			
	Cozinhamos juntos			
	Fizemos artesanato			
	Fomos à piscina			
	Brincamos com bonecas ou bonecos			
	Brincamos com jogos			
	Brincamos com animais de estimação			
	Usamos o computador			
	Fizemos brincadeiras com o corpo, como dançar, brincar de cavalinho, etc.			
	Outras atividades. Quais?			
Dentre as atividades diárias de meu neto, participei de:	Levei e/ou busquei na escola			
	Ajudei nas tarefas escolares			
	Levei e/ou busquei nas atividades extra-escolares			
	Servi alguma das refeições			
	Outros. Quais?			



APÊNDICE D

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA – GF1

Data de aplicação: _____

Local de aplicação: _____

Início e Término: _____

Identificação

Nome: _____ () avô () avó

avós paternos avós maternos

PARTE 1 – Concepções de família, avô, avó e neto

A. Concepções de família de origem:

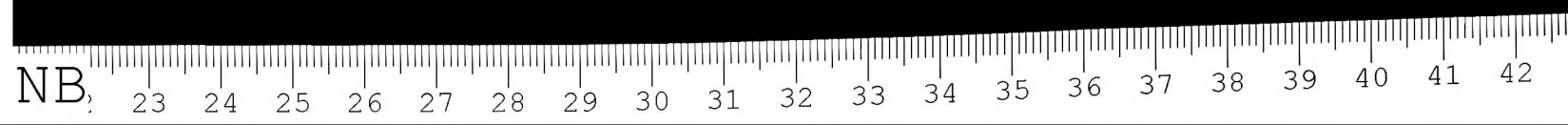
1. Como você cresceu em sua família? O que você se lembra?
2. Você se lembra de seus avós? Conte sobre eles.
3. Como foi a sua vivência como neto?

B. Concepções da família atual:

4. Como é hoje em sua família? Como você se sente?
5. Como foi, para você, tornar-se avô/avó?
6. O que é uma família para você?
7. O que é ser avô/avó para você?
8. O que é ser neto?

PARTE 2 – A relação avós-netos

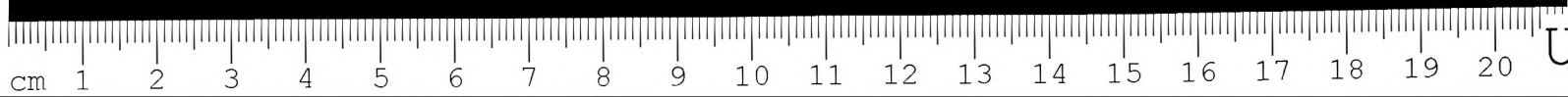
9. Descreva seu neto. Como você o percebe?
10. O que você mais gosta de fazer com seu neto?
11. Há alguma atividade que você faz com seu neto, mas que não gosta de fazer? Por quê?
12. Há algo que você gostaria de fazer com seu neto, mas não faz? Por quê?
13. Você vê características suas no seu neto?
14. Quando você e seu neto não podem se encontrar, vocês se comunicam de alguma outra maneira? Qual?



15. Quais valores você considera importante transmitir a seus netos?
16. Qual a sua maior contribuição na vida de seu neto?

PARTE 3 - As relações GF1-GF2

17. Como você vê a sua participação na vida de seu filho?
18. Como você vê a sua participação na vida de seu genro/nora?
19. Como é sua relação com os outros avós do seu neto?
20. Qual é a maior contribuição que você dá para a família deles?
21. Qual a maior contribuição que você recebe da família de seu filho?
22. E na opinião deles, qual você imagina que seja a maior contribuição atribuída à você?
23. Você concorda com a educação dada a seus netos?



APÊNDICE D (Continuação)

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA –

GF2

(Aplicação individual)

Data de aplicação: _____

Local de aplicação: _____

Início e Término: _____

Identificação

Nome: _____ () pai () mãe

Os avós são: () sogros () pais

PARTE 1 – Concepções de família, avô, avó e neto**A. Concepções de família de origem:**

1. Como você cresceu em sua família? O que você se lembra?
2. Conte-me um pouco sobre seus avós.
3. O que é ser avô/avó para você?
4. Como foi a sua vivência como neto?
5. O que é ser neto para você?

B. Concepções de família atual:

6. Como é sua família hoje? Como você se sente?
7. O que é uma família para você?

PARTE 2 – A relação avós-netos**A. Avô (em questão)**

8. Como é a relação do avô com seu filho?
9. Qual a maior contribuição do avô na vida de seu filho?
10. Você gostaria que o avô fizesse algo diferente?

B. Avó (em questão)

11. Como é a relação da avó com seu filho?
12. Qual a maior contribuição da avó na vida de seu filho?
13. Você gostaria que a avó fizesse algo diferente?

14. Quais semelhanças e diferenças você vê no seu pai como pai e avô, e na sua mãe como mãe e avó?

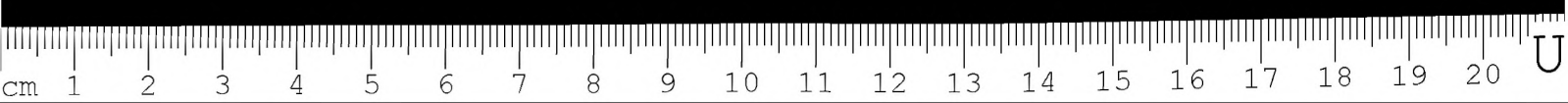
PARTE 3- As relações GF1-GF2

15. Qual é a maior contribuição que os avós dão para sua vida em família?

16. Como são as relações deles com os avós por parte de mãe/pai?

17. Você acha que os avós pensam como você quanto às contribuições?

18. Você gostaria que os avós fizessem algo diferente? O quê?



APÊNDICE D (Continuação)
ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA –
NETO

Data de aplicação: _____

Local de aplicação: _____

Início e Término: _____

Identificação

Nome: _____ Família: _____

PARTE 1 – Concepções de família, avô, avó e neto

A. Concepções de família:

1. Como você vê sua família? Você poderia descrevê-la para mim?

B. Concepções de avô, avó e neto:

2. Conte-me um pouco sobre o que é ser avô para você.
3. Conte-me um pouco sobre o que é ser avó para você.
4. Conte-me um pouco sobre o que é ser neto para você
- 5.

PARTE 2 – A relação avós-netos

A. Avô

6. Conte sobre o que você e seu avô fazem juntos.
7. O que você mais gosta de fazer com o seu avô?
8. O que você gostaria de fazer com ele e que ainda não faz?

B. Avó

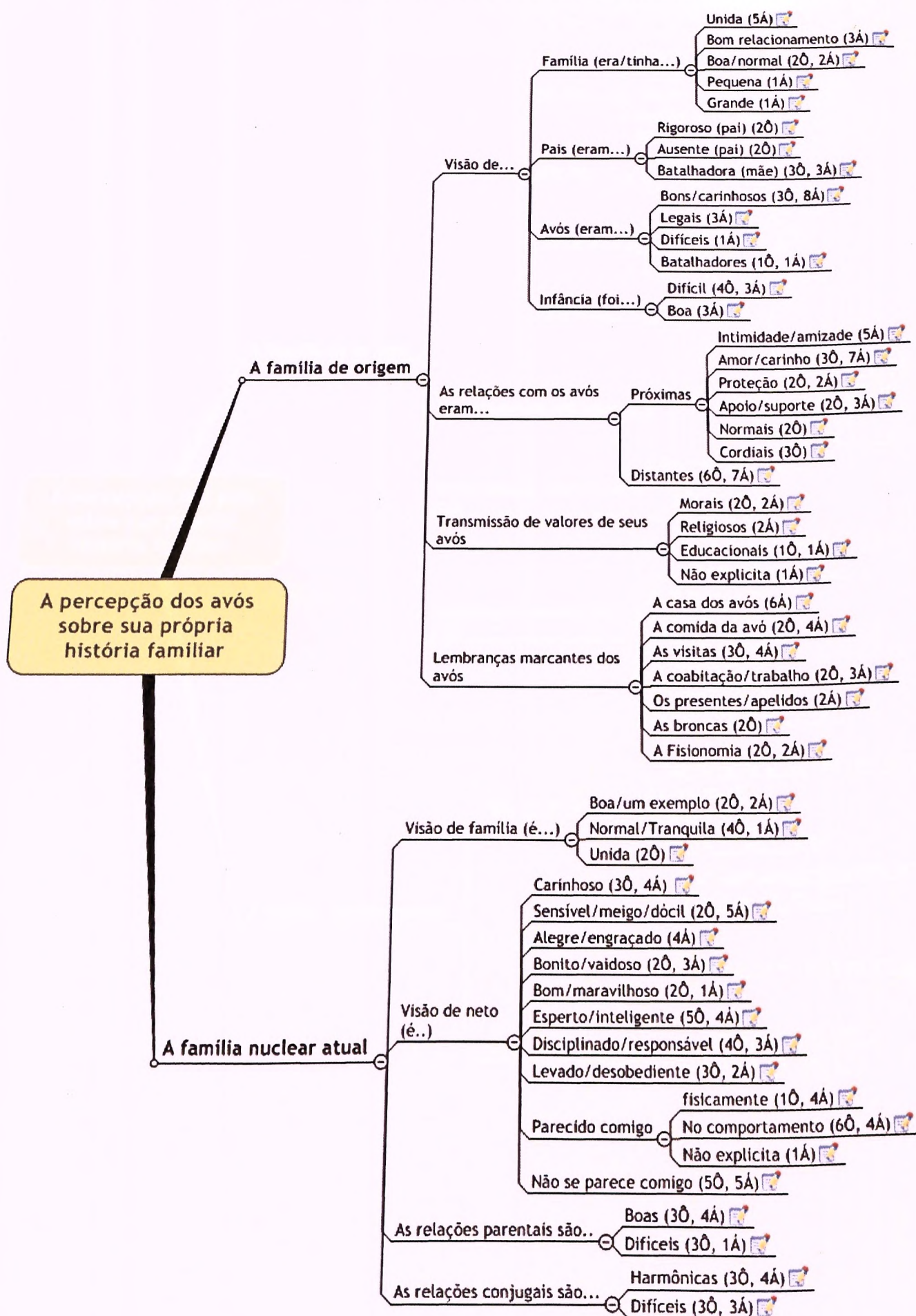
9. Conte sobre o que você e sua avó fazem juntos.
10. O que você mais gosta de fazer com a sua avó?
11. O que você gostaria de fazer com ela e que ainda não faz?

C. Avô e avó

12. O que você aprende com seus avós?
13. O que você ensina para eles?

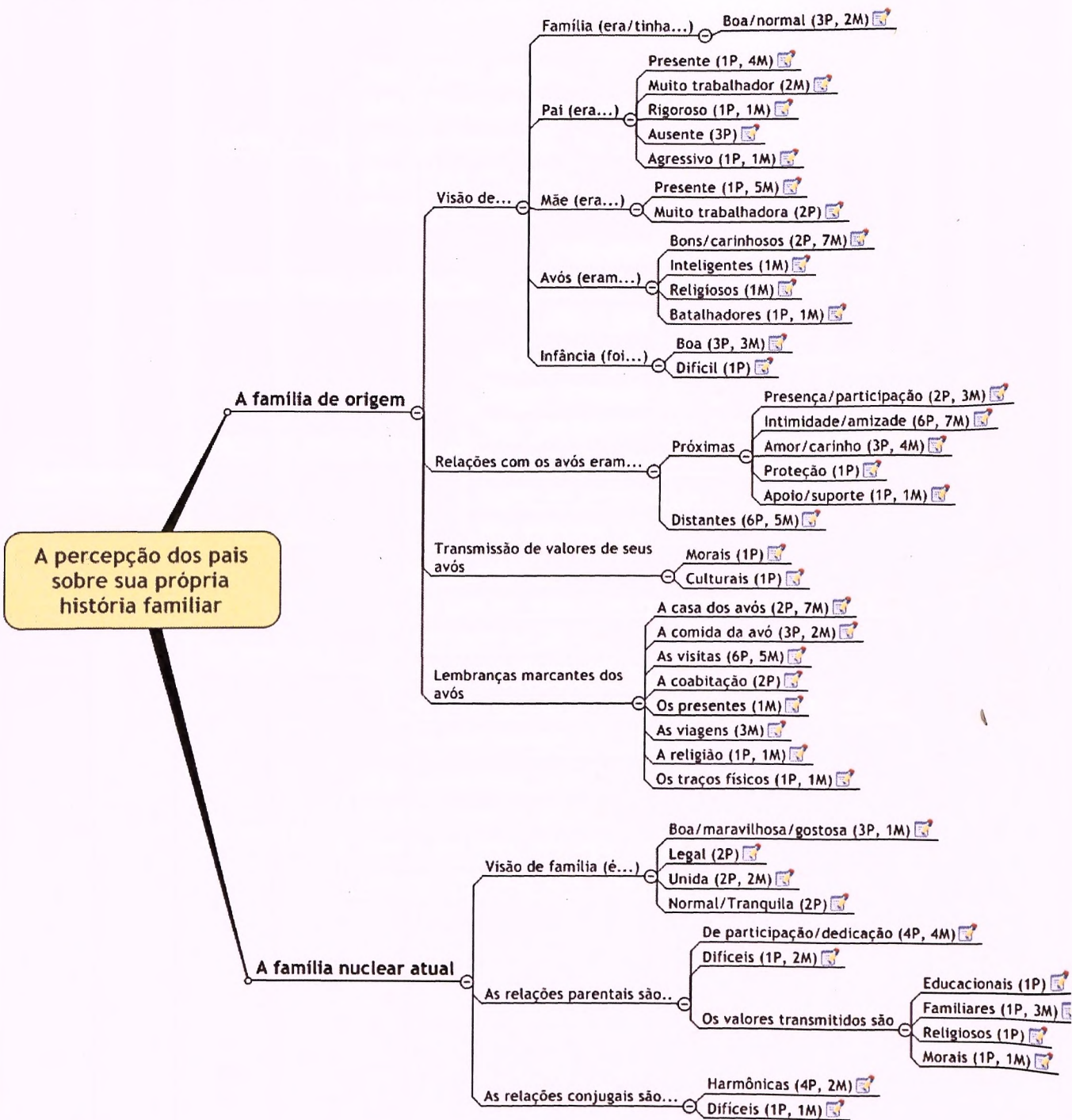
APÊNDICE E

Sistema de Categorias: a Família de Origem e a Família Nuclear Atual dos Avós (GF1)



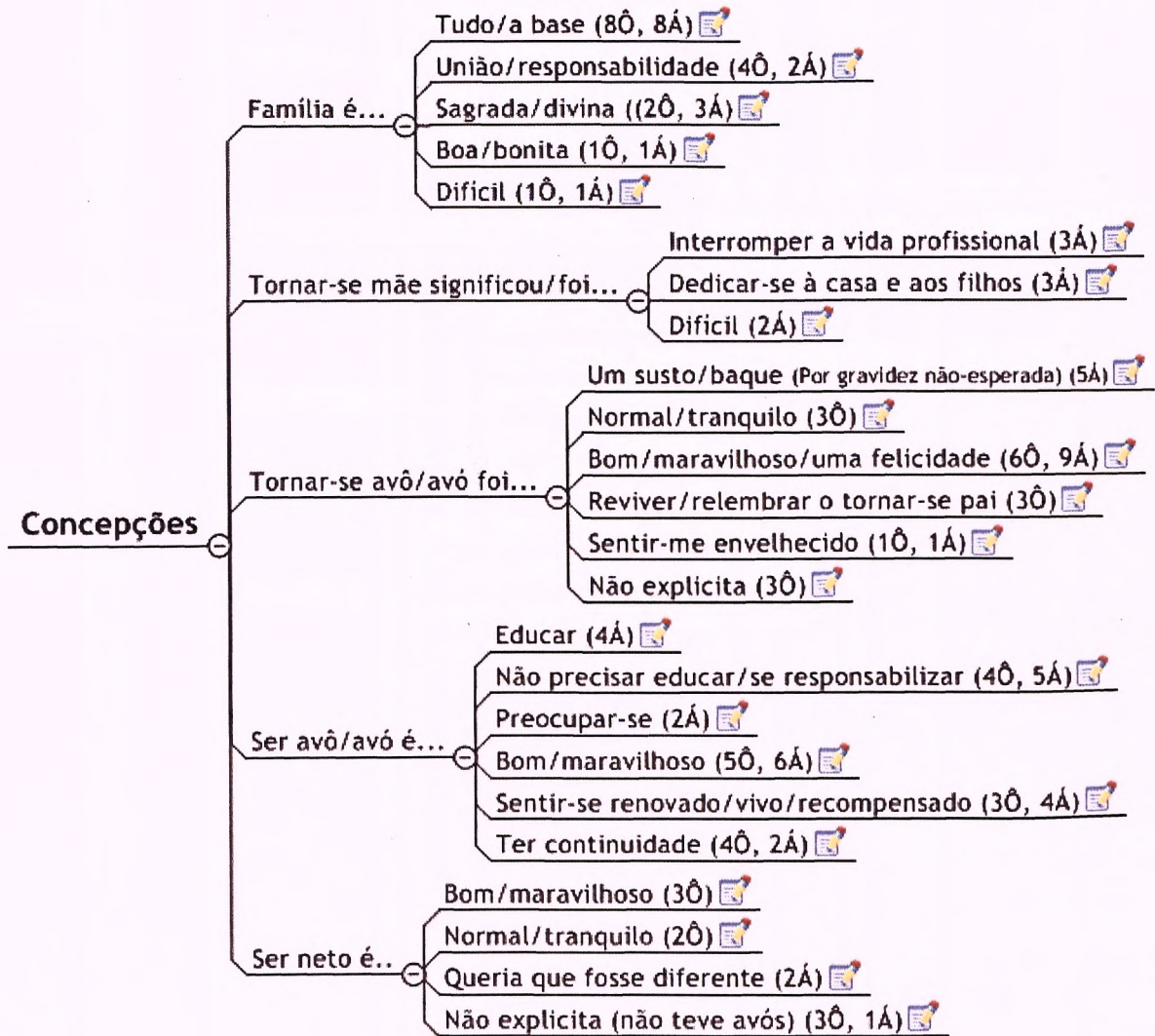
APÊNDICE F

Sistema de Categorias: a Família de Origem e a Família Nuclear Atual dos Pais (GF2)



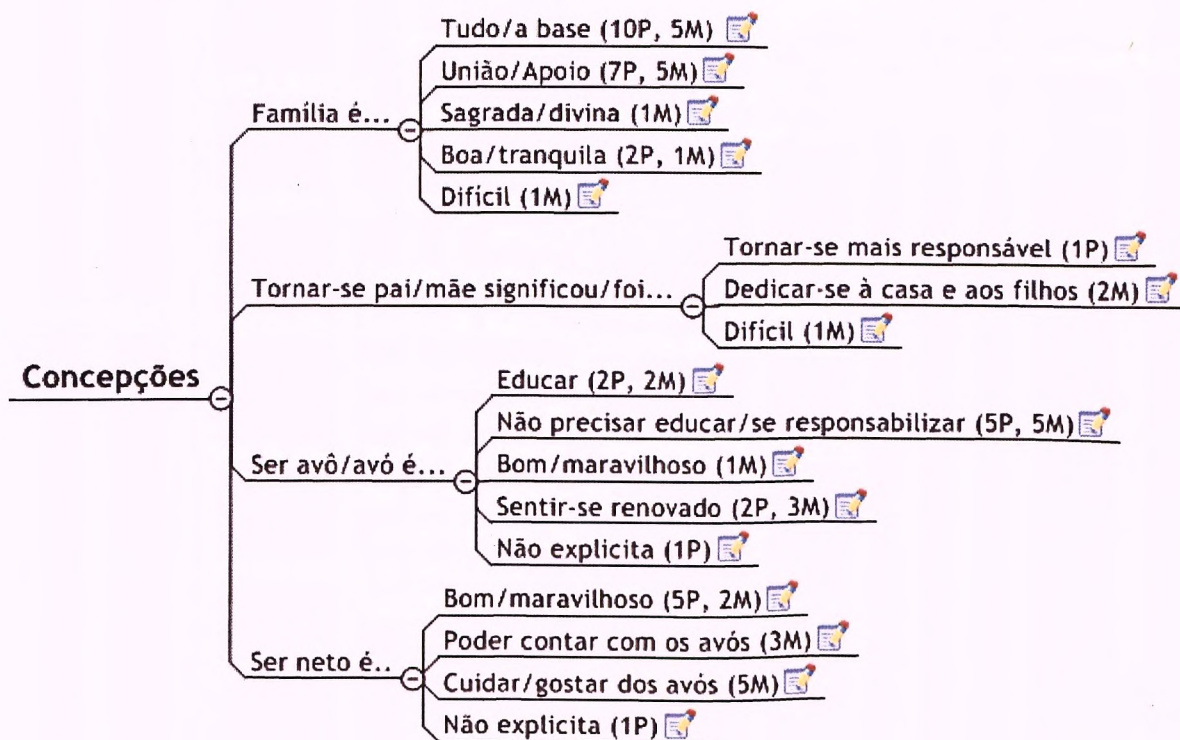
APÊNDICE G

Sistema de Categorias: as Concepções da GF1 sobre Família, Avô e Avó



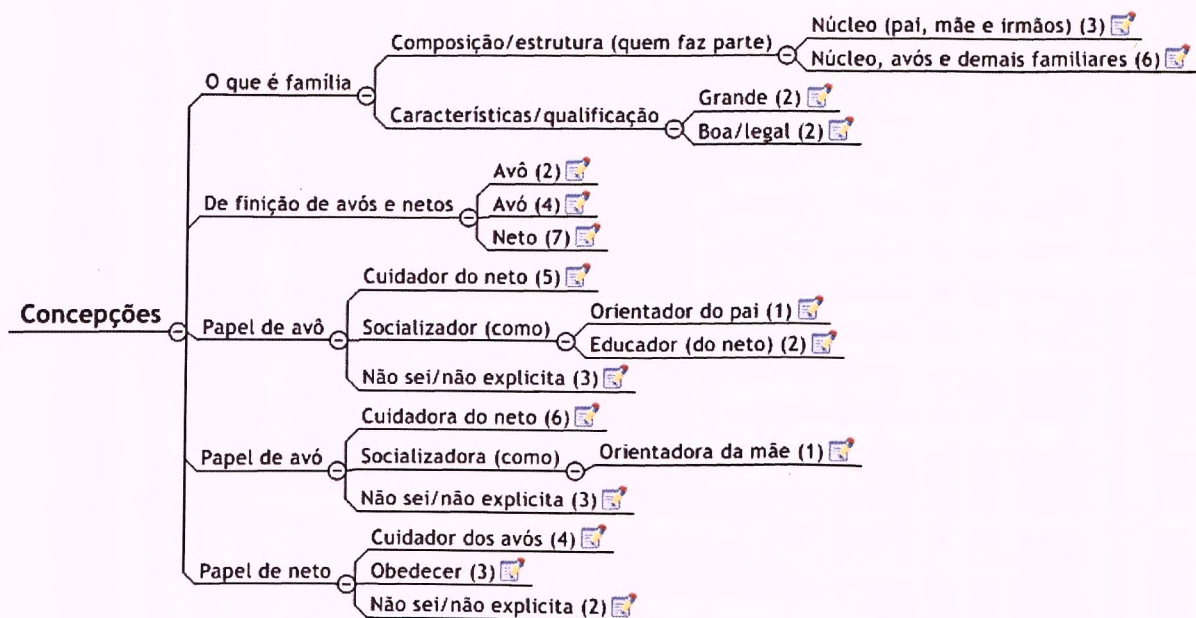
APÊNDICE H

Sistema de Categorias: as Concepções da GF2 sobre Família, Avô e Avó



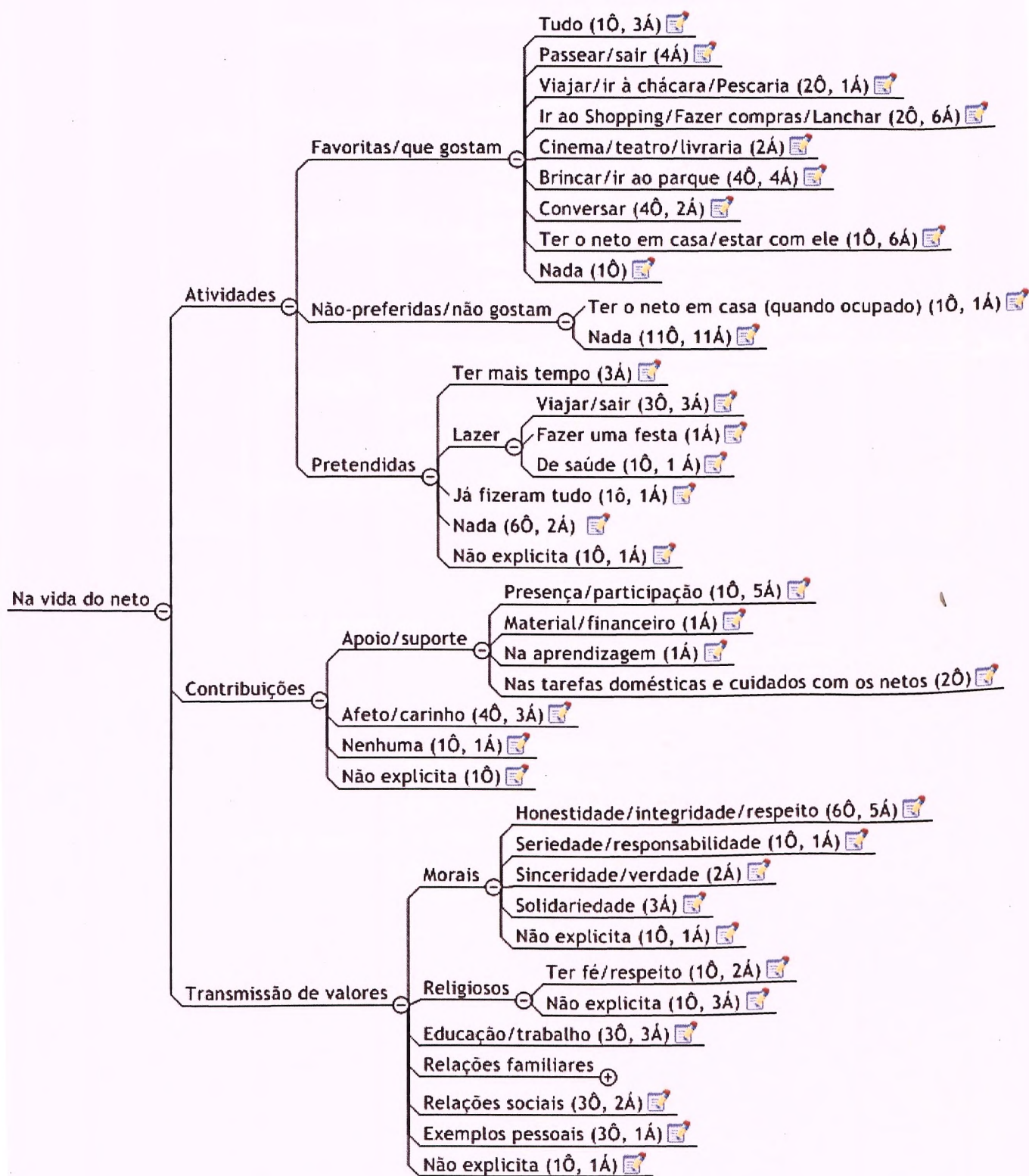
APÊNDICE I

Sistema de Categorias: as Concepções da GF3 sobre Família, Avô e Avó



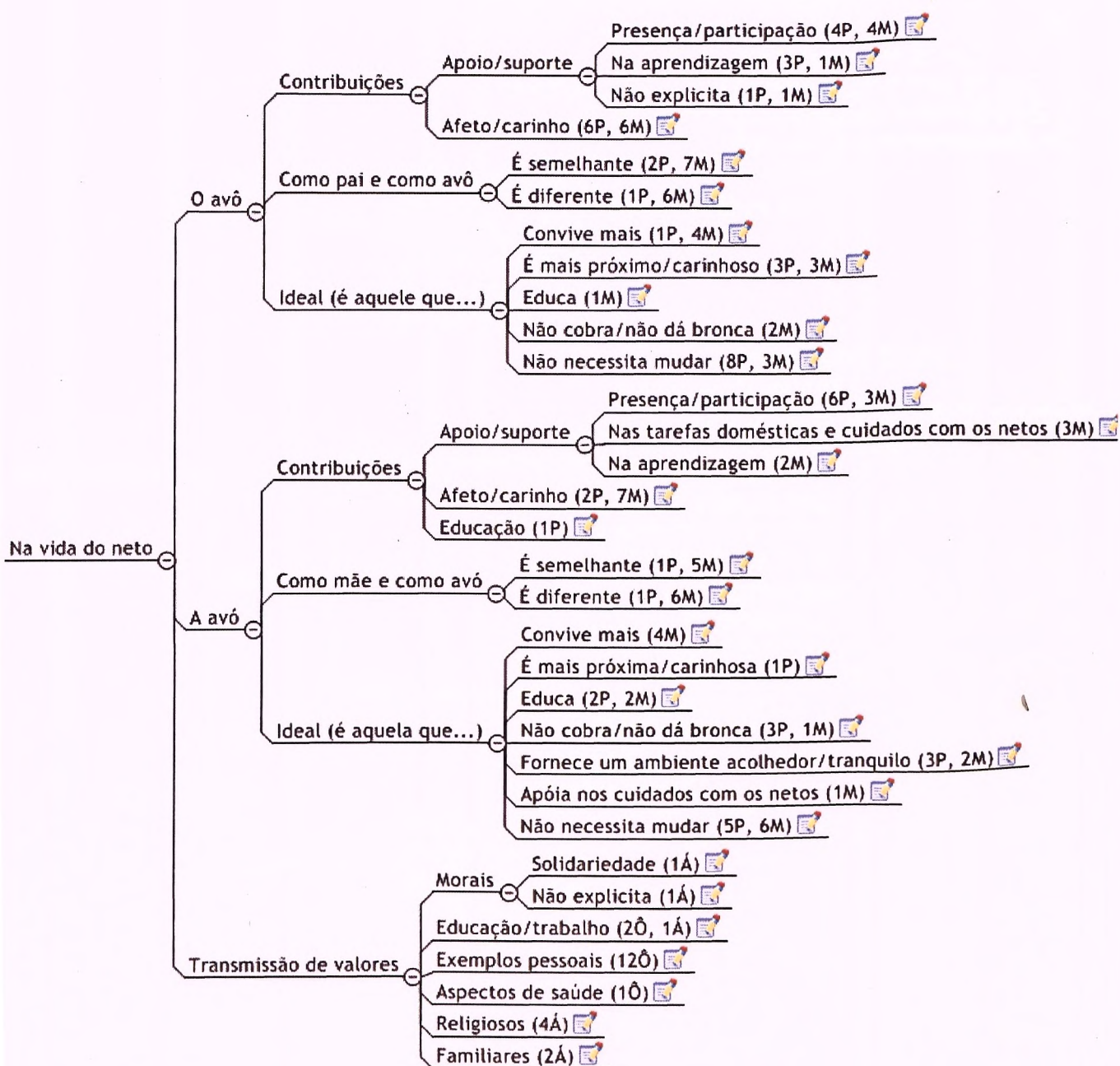
APÊNDICE J

Sistema de Categorias: a Participação dos Avós na Vida do Neto, Segundo a GF1



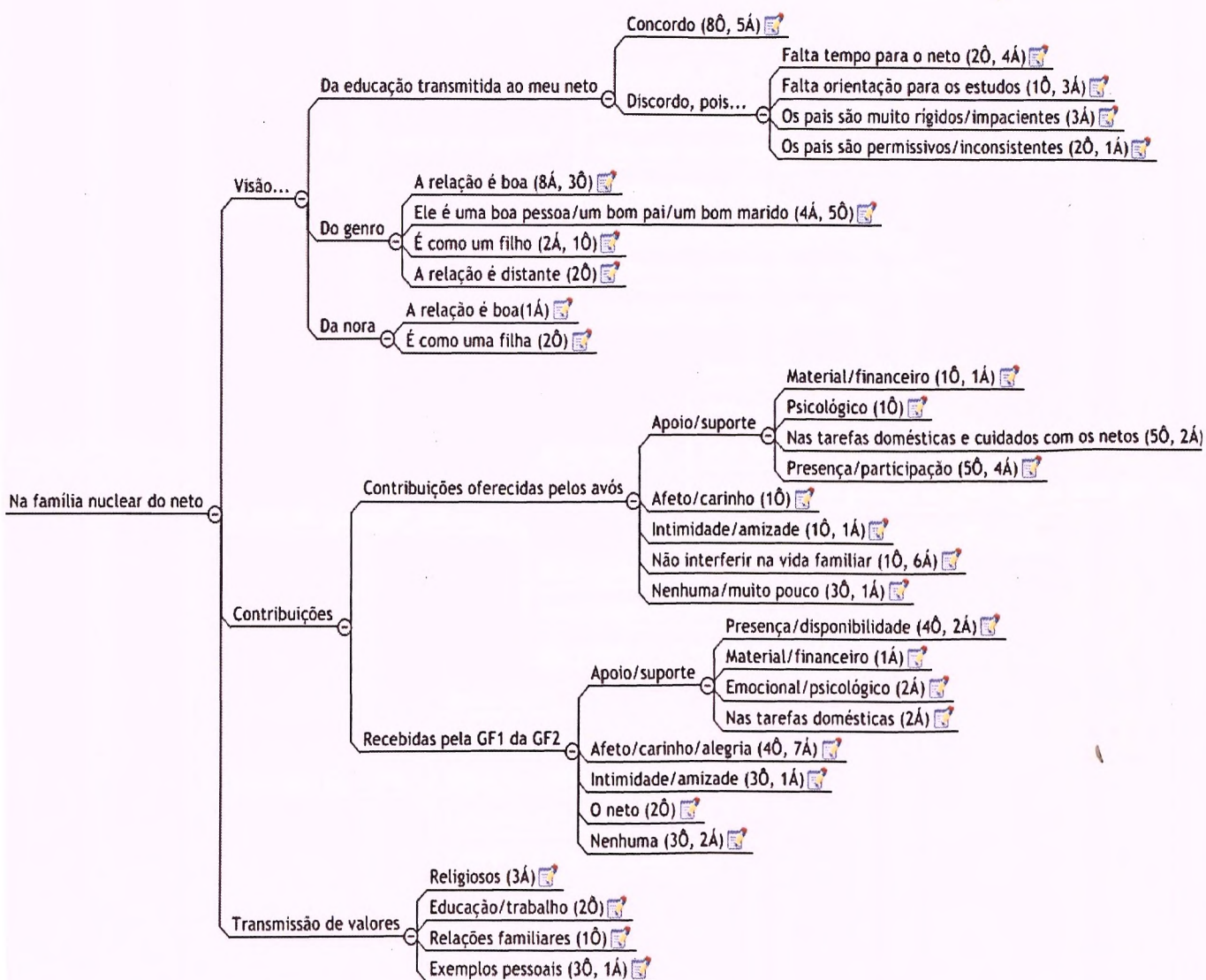
APÊNDICE K

Sistema de Categorias: a Participação dos Avós na Vida do Neto, Segundo a GF2



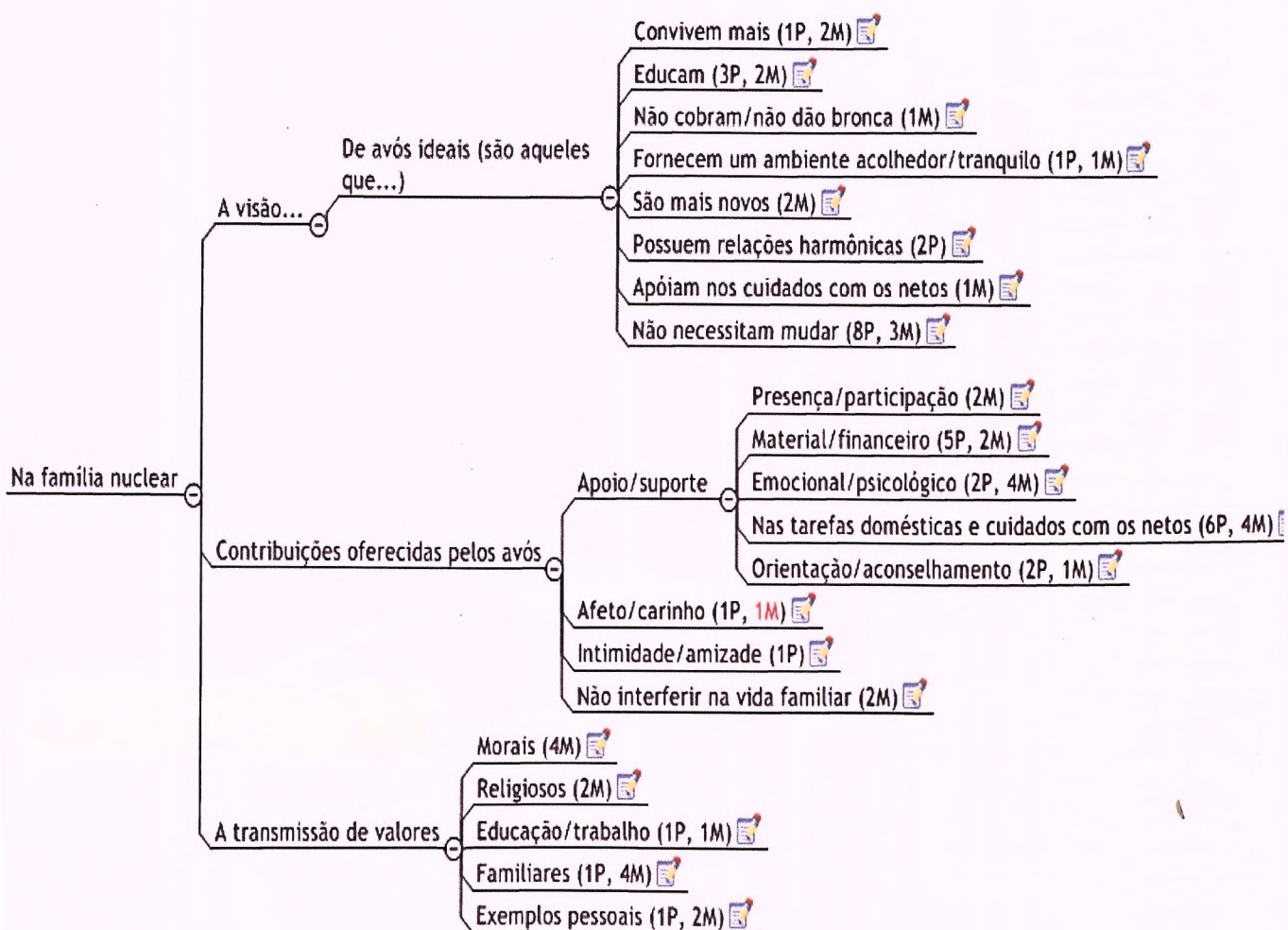
APÊNDICE L

Sistema de Categorias: a Participação dos Avós na Família Nuclear, Segundo a GF1



APÊNDICE M

Sistema de Categorias: a Participação dos Avós na Família Nuclear, Segundo a GF2



APÊNDICE N

Sistema de Categorias: a Participação dos Avós na Família, Segundo a GF3

